UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

OMAIR GUILHERME TIZZOT FILHO

Positivismo e Educação na Obra de José Feliciano de Oliveira

São Paulo
2017

OMAIR GUILHERME TIZZOT FILHO

Positivismo e Educação na Obra de José Feliciano de Oliveira

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do titulo de Doutor em Educação.

Área de Concentração:
História da Educação e Historiografia.

Orientador:
Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior.

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37(09) Tizzot Filho, Omair Guilherme

S586m Positivismo e educação na obra de José Feliciano de Oliveira / Omair Guilherme Tizzot Filho; orientação Bruno Bontempi Júnior. São Paulo: s.n., 2017.

171 p. ils.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Positivismo 2. Republicanismo 3. Magistério (Aspectos históricos) (São Paulo) 4. História da educação (São Paulo) 5. Nacionalismo I. Bontempi Júnior, Bruno, orient.

Nome: TIZZOT Filho, Omair Guilherme

Título: Positivismo e Educação na Obra de José Feliciano de Oliveira

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do titulo de Doutor em Educação.

Área de Concentração:
História da Educação e Historiografia.

Orientador:
Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Clarice Saliby Tizzot por todo o suporte oferecido ao longo de todo o curso de doutorado.

Ao meu orientador Professor Doutor Bruno Bontempi Júnior pelo acompanhamento ao longo da elaboração da tese.

À Professora Doutora Dislane Zerbinatti Moraes e ao Professor Doutor Mauro Castilho Gonçalves pelas importantes observações no exame de qualificação e diálogo ao longo do percurso.

À Professora Doutora Maurilane de Souza Biccas por toda a atenção e comentários sobre o objeto de pesquisa.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Intelectuais da Educação Brasileira: formação, ideias e ações, pela oportunidade de absorver novos conhecimentos e estabelecer diálogos construtivos.

Às valiosas equipes das bibliotecas do Instituto de Estudos Brasileiros, Faculdade de Educação, Faculdade de Direito e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sem as quais a pesquisa não poderia ter sido executada.

Ao arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, em especial à Elisabete Marin Ribas pelo incentivo à pesquisa.

Ao Leonardo Tizzot pelo suporte fotográfico e técnico essencial para a finalização do trabalho.

RESUMO

Tizzot Filho, Omair Guilherme. **Positivismo e Educação na Obra de José Feliciano de Oliveira.** Tese (Doutorado em Educação). 2017, 171 p. ils. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

O objeto da pesquisa é a vasta produção textual de José Feliciano de Oliveira, abolicionista, positivista e professor da Escola Normal de São Paulo no final do século XIX e início do XX. Os objetivos gerais do trabalho consistem na análise da vida e obra do autor de forma a situá-lo nos campos da instrução pública brasileira e do positivismo brasileiro e francês, além de esclarecer aspectos de sua atuação de forma a compreender seu pensamento educacional como um mestre de vocação positivista em ação na história republicana brasileira. Para a análise, o conjunto da obra foi categorizado conforme a classificação de gêneros textuais de Dolz e Schneuwly e dividido em três agrupamentos principais: construção da nacionalidade brasileira, doutrina positivista e educação. As fontes consultadas foram as obras bibliográficas, artigos para a imprensa, notadamente em *O Estado de S. Paulo*, e correspondência, tendo o autor se dedicado a escrever obras sobre personagens exemplares para a sociedade brasileira, como Tiradentes, Santos Dumont e José Bonifácio. Voltado à escrita de uma história de integração luso-brasileira, filiado a instituições como o IHGB, tratou de temas clássicos como o descobrimento do Brasil e a bandeira nacional. Nos escritos sobre o positivismo, abordou tanto os princípios da doutrina quanto as disputas que ele protagonizou no campo, notadamente com a liderança carioca da Igreja Positivista do Brasil e com a direção da *Maison d'Auguste Comte* de Paulo Carneiro. Como educador, defendeu a regeneração social através do ensino, com a incorporação do negro, do índio e do proletariado, e a preparação adequada para a vida moral em sociedade, possibilitada pelo ensino integral. O professor deveria ser para ele um exemplo de comportamento voltado à pátria, que incentivasse os alunos a se comportarem com urbanidade a fim de que pudesse haver progresso. Como testemunha entusiasmada e protagonista na Escola Normal do início da República, preocupou-se também com a elaboração memorialística do que havia vivenciado na instituição. A inserção institucional de Feliciano, anterior à organização universitária brasileira, não foi suficiente para que sua obra fosse devidamente lembrada pelas gerações seguintes. O mestre paulista procurou o reconhecimento social de sua obra ao mesmo tempo em que precisava lidar com os limites impostos pela doutrina positivista que condenava a ênfase no individualismo.

Palavras-chave: 1. Positivismo 2. Republicanismo 3. Magistério (Aspectos históricos) (São Paulo) 4. História da educação (São Paulo) 5. Nacionalismo.

ABSTRACT

Tizzot Filho, Omair Guilherme. **Positivism and Education in the Work of José Feliciano de Oliveira.** Thesis (Doctorate in Education). 2017, 171 p. Ils. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

The object of the research is the vast textual production of the abolitionist, positivist and teacher of the Normal School of São Paulo José Feliciano de Oliveira in the late nineteenth and early twentieth centuries. The general objectives of the work are to analyze the author's life and work in order to situate him in the fields of Brazilian public education and Brazilian and French positivism, as well as clarifying aspects of his work understanding his educational thinking as a master of positivist vocation during Brazilian republican history. For the analysis, the whole of the work was categorized according to the classification of textual genres of Dolz and Schneuwly being divided into three main groups: construction of Brazilian nationality, positivist doctrine and education. The sources consulted were bibliographical works, press articles notably in *O Estado de S. Paulo* and correspondence. Aimed at writing a history of Portuguese-Brazilian integration, affiliated with institutions such as the IHGB, he dealt with classical themes such as the discovery of Brazil and the national flag, devoting himself to writing works on exemplary characters for Brazilian society, such as Tiradentes, Santos Dumont and José Bonifácio. Considering his writings on positivism, he dealt with both the principles of doctrine and the disputes he played in the field, notably with the leadership of the Positivist Church in Brazil and with the direction of *Maison d'Auguste Comte* by Paulo Carneiro. As an educator, he defended social regeneration through education, with the incorporation of the black, indigenous people and the proletariat, adequately preparing for moral life in society made possible by integral education. Furthermore, in his view, the teacher should be an example of behavior toward the homeland, which would encourage students to behave with civility so that progress could be made. During the Republic's first years, he was witness and protagonist in the Normal School, posteriorly worring about the memorialistic elaboration of what he had experienced in the institution. The institutional insertion of Feliciano, prior to the Brazilian university organization, was not enough so that his work was properly remembered by the following generations. The São Paulo master sought the social recognition of his work while dealing with the limits imposed by the positivist doctrine that condemned the emphasis on individualism.

Key words: 1. Positivism 2. Republicanism 3. Magisterium (Historical Aspects) (São Paulo) 4. History of education (São Paulo) 5. Nationalism.

Sumário

1.INTRODUÇÃO 10

1.1. Apresentação 10

1.2. José Feliciano de Oliveira na história do positivismo e da educação 13

1.3. A pesquisa 16

CAPÍTULO 1. A OBRA TEXTUAL DE JOSÉ F. DE OLIVEIRA 25

1.1. Categorização da obra bibliográfica 26

1.2.Expressão pela imprensa 29

1.3.A correspondência com os letrados 29

1.4.Circularidade da obra e autocitação 30

1.5.A construção da história nacional republicana 31

CAPÍTULO 2. FELICIANO E A EDUCAÇÃO PARA O PROGRESSO DA SOCIEDADE 68

2.1. A presença de Comte e dos pensadores integrados à ciência e à moral 69

2.2. Os temas essenciais do pensamento educacional de Feliciano 81

2.3. A memória de Feliciano na educação: rememorar pela verdade dos fatos 95

CAPÍTULO 3. POSITIVISMO COMO RAZÃO E PAIXÃO: UMA VIDA DEDICADA À DOUTRINA 101

3.1. A defesa da universalidade da doutrina 102

3.2. Positivismo x Positivismo - o combate de Feliciano para o esclarecimento público 115

CONSIDERAÇÕES FINAIS 158

BIBLIOGRAFIA 162

A Educação das raças e dos povos deverá finalmente eliminar as hostilidades com que se oprimem, os dissídios com que ferinamente se gladiam para alcançar uma fictícia hegemonia. Todas as raças, todas as variedades e espécies animais são educáveis, são mesmo civilizáveis, desde que uma opressão teimosa e má lhes não tolha os movimentos, lhes não calque os instintos, as qualidades de aperfeiçoamento[...]

Na educação universal, fomentou ela essa falsa opinião da inferioridade do negro, agravou a má concepção das raças humanas. Foi um grave erro mental e uma funda ingratidão. Rebaixavam, oprimiam, e depois increpavam os resultados do rebaixamento, da opressão. A jurisprudência, às vezes, fazia envergonhar a civilização nossa ante à civilização romana.

(Trecho do discurso de José Feliciano de Oliveira intitulado "A Educação e a Liberdade dos Cativos", publicado em 13/05/1908 em *O Estado de S. Paulo*, por ocasião da comemoração dos vinte anos de assinatura da lei aúrea).

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

A revolução industrial, o movimento iluminista, o enciclopedismo e a revolução francesa trouxeram grandes modificações na história da Humanidade. Ao mesmo tempo que o homem foi capaz de realizar invenções poderosas que transformariam a escala de produção e de abrir caminho para o conhecimento científico e de liberdade de expressão, houve desequilíbrios que trouxeram grandes distúrbios sociais. A doutrina positivista, nascida no século XIX através da expressão de Auguste Comte foi organizada sob uma perspectiva histórica, que almejava entender o que a Humanidade havia vivenciado. O pensamento de Comte procurou conjugar o progresso científico e industrial com a moral, ciência suprema. A sociologia passaria a ser objeto de estudo a partir dele, que entendeu a necessidade de introdução dos estudos sociais ao analisar a problemática de seu tempo. Para o positivismo, o mundo humano, os valores espirituais e a consciência seriam fenômenos mais complexos que os da ordem física, mas pertenceriam à mesma natureza; os fenômenos sociais e psíquicos seriam regidos pelo mesmo determinismo que afeta o movimento dos astros e as combinações químicas que organizam os corpos (BARROS, 1959, p. 111). A doutrina positivista trouxe um ideal de organização para uma Humanidade que se encontrava em profundos embates; em função de todos os conflitos que ocorriam, era necessário que houvesse o entendimento do papel de cada um na sociedade, sem o apelo a revoluções. O proletariado deveria se incorporar de forma digna na sociedade, sem subverter a hierarquia social, realizando o papel que lhe cabia na produção. Ao mesmo tempo em que rejeitava a ideia de revolução, Comte era convicto de que a intelectualidade humana deveria passar por grande reforma, com o fornecimento de ferramentas para o estabelecimento de novos hábitos de pensamento que estivessem de acordo com o progresso científico (GIANNOTTI, 2000, p.8).

Para Comte, era preciso entender o que havia ocorrido na Humanidade e atuar em direção da ordem, a fim de que fosse possível o progresso pelo estabelecimento do estado positivista, no qual o homem pudesse viver em sociedade de forma plenamente moral, sem a necessidade de culto a um deus, seja ele qual fosse. Dessa forma, o positivismo seguia uma lógica do despertar histórico, o mundo humano não era mais dado como algo que é, mas como o que viria a ser; era a incorporação da história à natureza (BARROS,

1959, p.113). A evolução humana passaria de um estado teológico, de crença em divindade superior para a compreensão dos fenômenos ao redor, para o metafísico, baseado em ideias ou forças que substituiriam a vontade divina, até chegar finalmente no estado positivo, que subordinaria a imaginação e a argumentação à observação (GIANNOTTI, 2000, p.9). Como doutrina de origem rigorosamente científica, o que importava era a observação dos fenômenos terrestres, a fim de que fosse possível o seu entendimento. Para Comte, era necessário que o homem abandonasse as tentativas vãs de entendimento das grandes questões que a ele escapavam, concentrando-se no que realmente importava ao progresso da vida terrena. Após a fase inicial de organização do pensamento científico, a doutrina de Comte sofreria uma guinada após o relacionamento não consumado com Clotilde de Vaux, que fez com que o filósofo se voltasse à sensibilidade feminina, e chegasse à conclusão de que era preciso instituir uma religião para a propagação da doutrina. A atividade religiosa nessa concepção seria feita por meio do cultivo do sentimento e do culto à Humanidade, a fim de que o positivismo pudesse progressivamente se consolidar na sociedade, solidificando uma ordem mais adequada a tempos tão revoltos. O encontro com Clotilde de Vaux motivou que o positivismo caminhasse no sentido da harmonização dos conceitos de ideia, sentimento e ação, com a meta de alcançar o aperfeiçoamento da existência interior e exterior humana (LEPENIES, 1994, p.21).

Conforme Cruz Costa (1956), em *Contribuição à História das Ideias no Brasil*, nos anos setenta do século XIX correntes filosóficas europeias como o positivismo, o naturalismo e o evolucionismo já circulavam na realidade brasileira, o que contribuía para o estabelecimento do espírito crítico no país. O surgimento de aglomerações urbanas no Brasil teria possibilitado o desenvolvimento das novas ideias em meio a uma nova classe burguesa, originada a partir de famílias de comerciantes e burocratas. O positivismo brasileiro, de característica abolicionista, surgiria como um dos grupos da geração 1870 que contestaram a ordem imperial saquarema, ao entrar em contato com outras formas de organização política-administrativa, vivenciar a crise da economia agrária e a ampliação da cidadania (ALONSO, 2002, p.146). Nesse período, uma nova forma de burguesia assumiria um papel maior de importância notadamente no setor intelectual, composta por militares, médicos e engenheiros, que teriam se aproximado naturalmente da doutrina positivista pelo interesse no conhecimento científico (COSTA, 1956, p.127).

Outra interpretação para o interesse nacional pela doutrina de Comte seria o apreço pelo cultivo de valores tradicionais mediante uma ordem moral, atualizados pelo positivismo de acordo com os tempos de progresso vividos, o que seria de conformidade com os propósitos de uma classe burguesa que havia ascendido socialmente (Ibidem, p.129). O posicionamento dos positivistas abolicionistas seria, assim, alinhado com a antiga tradição imperial saquarema, de característica conservadora, no que se referia à concepção da política e da sociedade em termos hierárquicos rígidos, com ênfase na estrutura familiar (ALONSO, 2002, p. 249-250).

A partir de 1837, já era observável a presença de brasileiros que se dirigiam a Paris a fim de seguirem, na Escola Politécnica, os cursos livres de Auguste Comte. A primeira indicação da presença de Comte no Brasil teria surgido em 1844, em uma tese de Justiniano da Silva Gomes, intitulada *Plano e Método de um Curso de Fisiologia*, na qual o autor se referia a Comte, ao método positivo e à lei dos três estados (COSTA, 1956, p.130). Pereira Barreto escreveria a primeira obra de divulgação da doutrina positivista em 1874, denominada *As Três Filosofias*, em que afirmava que era preciso criar no Brasil uma nova aristocracia com base na virtude cívica, na inteligência e no saber, refletindo os anseios da burguesia naquele momento (Ibidem, p.140). A publicação dessa obra em São Paulo, somada à adesão pública de Miguel Lemos e Teixeira Mendes em 1875 no Rio de Janeiro à doutrina positivista deram início à consistência grupal de sua propaganda (BOSI, 2004, p.21).

Em 1º de abril de 1876, foi fundada a primeira sociedade positivista brasileira, que tinha por objetivo organizar uma biblioteca doutrinária de acordo com as indicações de Comte e, posteriormente, realizar cursos científicos. Os fundadores da associação foram Antônio Carlos de Oliveira Guimarães, Benjamin Constant, Joaquim Ribeiro de Mendonça, Oscar de Araújo, Alvaro de Oliveira, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Foram fundados jornais e revistas e realizadas conferências para a propagação da doutrina, que naturalmente também recebeu críticas. Os pioneiros teriam tido grande entusiasmo em sua defesa; seria a primeira vez no Brasil que haveria espaço para um movimento intelectual que abarcasse a totalidade dos aspectos humanos (COSTA, 1956, p.150-151). Gradativamente, a doutrina positivista de Comte e seguidores passou a repercutir no meio letrado, alcançando os estabelecimentos de ensino secundário e superior, a imprensa e o parlamento, ao apresentar um cunho pragmático que poderia solucionar questões como a abolição, a república e a educação (LINS, 1964, p.399).

Os sucessores de Comte variaram o sentido da doutrina de acordo com os próprios temperamentos; além da dissidência de Émile Littré, que negara a obra religiosa do mestre ainda quando o filósofo de Montpellier era vivo, apareceriam outras formas de heterodoxia. As disputas entre os diferentes grupos se acirrariam com o tempo, cada qual se posicionando como o legítimo representante do pensamento de Comte e do verdadeiro espírito de sua doutrina. Em meio às querelas sobre a doutrina, que se refletiam no Brasil, o grupo brasileiro comandado por Miguel Lemos tomaria uma posição de "curioso e significativo rigorismo ortodoxo" (Ibidem, p.154). Em 11 de maio de 1881, Ribeiro de Mendonça passaria a direção da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro a Miguel Lemos, que havia tido contato direto com a doutrina na França e aspirava ao sacerdócio da Humanidade. A transformação da sociedade em Igreja Positivista do Brasil foi consequência da nova liderança, que organizaria movimentações para divulgar a doutrina, estabelecer o culto à Humanidade e realizar intervenções oportunas nos negócios públicos (Ibidem, p.166-167).

A ação positivista em São Paulo ainda não foi suficientemente estudada, bem como suas relações com a liderança no Rio de Janeiro, deixando uma série de lacunas a serem preenchidas em futuras pesquisas históricas. Ainda que no final do século XIX São Paulo fosse uma cidade bem menos populosa que a capital carioca, havia núcleos difusores da doutrina notadamente na Faculdade de Direito e Escola Normal. A ação dos professores normalistas da capital paulista para a divulgação do positivismo, bem como sua relação com o núcleo carioca foi estudada por Carlos Monarcha, que se debruçou sobre a ação do trio positivista atuante na instituição na década de 1880: Silva Jardim, Godofredo Furtado e Cypriano de Oliveira. A sua forma de pensar e agir foi vista como consequência da mudança de orientação do positivismo brasileiro na década de 1880, com a fundação da Igreja Positivista do Brasil, na qual teria se acentuado o caráter utópico e messiânico, acompanhado de sua ascensão doutrinária e política (Monarcha, 1999, p.124). Foi nesse ambiente paulista, em que circulavam ideias positivistas, que José Feliciano de Oliveira (1886-1962), natural de Jundiaí, formou-se na Escola Normal e absorveu as ideias do positivismo ortodoxo, aceitando o conjunto da obra de Comte.

1.2 José Feliciano de Oliveira na história do positivismo e da educação

Citado por autores que se debruçaram sobre a história do positivismo e da educação paulista, José Feliciano foi objeto da dissertação de mestrado *A Ideia de*

Educação em José Feliciano de Oliveira de Norma Lopes da Silva (1988). A autora, que não tinha a intenção de maior aprofundamento no conjunto de sua obra, destacou as qualidades individuais excepcionais de Feliciano, testemunhadas por depoimentos de ex-alunos. Segundo a autora, o professor,

> Filho de seu tempo, porém com uma visão além dele, fez de sua obra um relato de sua experiência educacional, de sua maneira de ver o mundo, sob a perspectiva positivista. Consciente da decadência da educação no Brasil, e da crise de valores que a seguiu, José Feliciano realizou um estudo positivista para fazer frente a esta crise e desenvolver uma educação integral, enciclopédica, capaz de moldar o homem brasileiro, segundo a cosmovisão educacional preconizada por Augusto Comte. (SILVA, 1988, p.102)

Para Silva, as qualidades de Feliciano não foram suficientes para a transposição das barreiras impostas à prática pedagógica positivista que defendia. Apesar de ter tentado "reformular e modernizar o ensino no Brasil", ele teria sido excluído da história da educação brasileira (Ibidem, p.102).

Denice Catani (1994), em "O Poder do Relato e o Relato do Poder na História da Educação", artigo sobre a profissionalização do magistério e o processo de constituição do campo educacional, mostra Feliciano como um memorialista crítico, disposto a revelar os bastidores das disputas e discórdias internas ao campo do professorado. Sua escrita teria se direcionado para um caminho oposto ao da ilusão de uma construção harmônica da instrução pública paulista, ao contrário do professor João Lourenço Rodrigues, voz devidamente autorizada por sua proximidade com o governo paulista. Além disso, salientou que Feliciano não foi incluído nos textos de homenagem, dedicados aos professores de destaque na construção da história da instituição e incluídos na *Poliantéia Comemorativa do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946)*. Enquanto Feliciano foi esquecido nesta publicação destinada a sedimentar a memória escolar, nomes como Oscar Thompson, Gabriel Prestes, Caetano de Campos, e João Lourenço Rodrigues, dentre outros, tiveram os seus méritos reconhecidos. Lembrou ainda das derrotas sofridas por Feliciano diante da política vigente, tais como a extinção da cadeira de Astronomia em que atuava, em 1904, e o desaparecimento, em 1932, da tiragem impressa de sua obra memorialística sobre a instrução pública paulista. Além disso, o mestre paulista teria se expressado de forma pessimista sobre os rumos tomados pela educação após a saída de Gabriel Prestes da direção da Escola Normal, com o afastamento da política das necessidades efetivas da instrução pública e teria defendido a importância do

fortalecimento da organização do professorado como classe comprometida, a fim de que o ensino progredisse (CATANI, 1995, p.73-80).

Ao abordar a doutrina positivista em São Paulo, em *História do Positivismo no Brasil*, Ivan Lins apontou que desde a juventude Feliciano dedicou sua vida intelectual à propagação do positivismo, o que o acompanhou durante toda a vivência posterior na França. Sua produção bibliográfica teria se caracterizado pela variedade dos assuntos, abordados com entusiasmo por mais de setenta anos. O autor destaca, ainda, a atuação de Feliciano na Execução Testamentária de Comte e sua longa colaboração com *O Estado de S. Paulo* e com a *Revue Positiviste Internationale*, além da atuação como conferencista em Paris e o empenho que teve em localizar o túmulo de Odorico Mendes, tradutor maranhense dos clássicos gregos e latinos para o português, em Londres (LINS, 1964, 154-155).

Para Angela Alonso, Feliciano teria sido membro da geração de 1870, tendo sido um positivista abolicionista. Esse grupo teria agido sob a liderança de Miguel Lemos e participado ativamente do debate político e intelectual no Império, aliando o pensamento científico europeu com a tradição nacional e recuperando a história ibero-brasileira, personificada notadamente em Camões, nas letras, e em José Bonifácio, na política; em São Paulo, o grupo teria gravitado em torno da Escola Normal (ALONSO, 2002, p.205, 206, 346).

Leonor Tanuri (1979), na tese *O Ensino Normal no Estado de São Paulo (1890-1930)*, utilizou-se das reminiscências de Feliciano sobre a Escola Normal para corroborar informações oriundas de documentos oficiais, reforçando sua validade, ainda que o texto do mestre esteja carregado de saudosismo (TANURI, 1979, p.99). Sua atuação se inclui entre as dos militantes do magistério na Escola Normal que defendiam o positivismo, em uma época em que inúmeros paulistas aderiram à doutrina. Nessa instituição, se posicionou ao lado de Godofredo Furtado, Silva Jardim e Cipriano de Carvalho, sendo o principal êxito do grupo a importância que passou a ser concedida aos estudos científicos nos currículos das escolas secundária e normal, dada a ideia de supervalorização da ciência como centro do saber humano (Ibidem, p.81).

Outro pesquisador da história da educação que resgatou a obra memorialística de Feliciano foi Casemiro dos Reis Filho, que a utilizou para esclarecimentos sobre a reforma paulista da instrução pública, realizada em 1892. Reis apresentou, do ponto de

vista de uma personagem que acompanhou os fatos, uma visão negativa do projeto de reforma da instrução pública paulista de 1892, proposto por Bueno de Andrade, e apontou a intervenção decisiva de Gabriel Prestes. Feliciano considerou, em retrospectiva, que a proposta substitutiva de Prestes era adequada aos interesses da instrução pública naquele momento. No trecho selecionado por Reis, Feliciano qualificou o projeto reformista de Bueno de Andrade de confuso e mal organizado, devido à pressa com que teria sido concebido, o que reforçava as péssimas condições do ensino público, apontadas por Gabriel Prestes. Reis utilizou, ainda, a argumentação de Feliciano de que que o processo de reversão da proposta inicial de reforma teve a participação decisiva do jornal *O Estado de S. Paulo*, que publicou as opiniões de Prestes favoráveis à melhoria da instrução pública, conforme as mais altas aspirações republicanas (REIS, 1981, p.79-81).

Carlos Monarcha (1999), em *Escola Normal da Praça*, caracterizou a atuação de Feliciano no final do século XIX como a de um "professor normalista, positivista ortodoxo e membro da Sociedade Positivista de São Paulo e uma das lideranças do magistério primário" Atualizado com as ideias de seu tempo, os textos de Feliciano abordariam de forma exaltada os temas do magistério público, esclarecendo práticas pedagógicas, denunciando um penoso cotidiano escolar para os professores dedicados e chamando a atenção para a necessidade de olhar de verdade para a instrução pública sem demagogia (MONARCHA, 1999, p.182). Na década de 1890, teria atuado sob a direção de Gabriel Prestes e a companhia de Godofredo Furtado na defesa dos pilares da doutrina comteana, como a lei dos três estados, a organização sociológica e a classificação das ciências positivas, não obstante divergências conforme o momento. Era um esforço em prol da religião positivista, vista como de livre pensamento em relação à católica, cuja atuação estava estritamente aliada à política. (Ibidem, p. 201). No mesmo ano da exoneração de Gabriel Prestes, em 1898, Feliciano teria se envolvido em "querela obscura" com Miguel Lemos; sem o apoio de Godofredo Furtado e outros positivistas, retirou-se à biblioteca da Escola Normal para, anos depois, abandonar o magistério (Ibidem, p. 215).

1.3. A pesquisa

Assim como a ação positivista em São Paulo necessita de estudos aprofundados, a ação educativa e a obra de Feliciano permanecem como um vasto campo de pesquisa a ser explorado. Entre os autores que o mencionam, há clara tendência de enfatizar suas

reminiscências da Escola Normal, publicadas em 1932. É instigante a indagação sobre o esquecimento que sobre ele recai, e que perdura na historiografia há três décadas, após a indicação de Silva (1988), de uma notável personalidade que deixou vasta obra a ser analisada. A ausência de reconhecimento é antiga, pois o fato de ter sido professor de destaque na Escola Normal de São Paulo por cerca de vinte anos, como salientou Catani (1995, p.73-80), não foi suficiente para ele fizesse parte da memória oficial consagrada no centenário da instituição e materializada na *Poliantéia Comemorativa do I Centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946),* o que sugere que tenha colecionado fortes opositores ao longo do percurso profissional.

Alfredo Bosi forneceu uma pista sobre o motivo do esquecimento da obra dos positivistas de uma forma geral, o que poderia ser utilizado no exemplo específico da atuação de Feliciano. Em texto de 2004, Bosi salientou o baixo prestígio que os pesquisadores das ciências humanas imputaram ao positivismo há pelo menos três gerações. O positivismo ignoraria "o drama das relações intersubjetivas" e, notadamente, o "movimento contraditório da história" defendido por Hegel e Marx. A doutrina positivista "seria a hegemonia da coisa especializada, mensurável, impenetrável, portanto, opaca e inerte" (BOSI, 2004, p.17). Feliciano, profundamente identificado com a doutrina, teria sido vítima do enterro intelectual daquilo que defendeu ao longo da vida, o que teria posto por terra os cuidados para que sua vida e obra fossem lembradas. A profundidade e força de sua atuação intelectual não teriam sido suficientes para resistir ao processo de descrédito enfrentado pelo positivismo no interior dos estudos acadêmicos voltados às Humanidades. Foi apontada por Lins (1964, p.11) a necessidade de desconcentrar a pesquisa sobre o positivismo brasileiro do eixo mais estudado, composto pelos fundadores da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. A análise da obra de Feliciano com maior nível de detalhamento pode testar essa hipótese, bem como contribuir para o incentivo aos estudos de outros personagens partidários da doutrina que se destacaram na história republicana brasileira.

Não ser lembrado, com absoluta certeza, era algo contra o qual Feliciano lutou até o fim da vida, até porque o desconhecimento de sua obra caminharia no sentido inverso ao princípio de Comte (2000, p.135), pelo qual os mortos governam os vivos e por isso devem ser cultuados. Sua biblioteca, tão prezada ao longo da vida, foi objeto de uma série de ações para que fosse trazida intacta da França ao Brasil, e teve a importância pública reconhecida ao ser incorporada, em 1977, ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP

(IEB), contabilizando 7.794 volumes. A proposta de doação, feita pela família do professor Gabriel Oscar de Antunes, diplomado pela Escola Normal em 1890 e membro instalador do centro positivista de São Paulo, liderado por Feliciano, foi aceita por unanimidade pelo Conselho de Administração do IEB-USP, "com voto unânime de louvor ao elevado espírito de cooperação cultural apresentado pela família doadora", conforme Rosemarie Horch. A mesma pesquisadora salientou, ainda em 1977, que faltava "uma biografia aprofundada deste homem de valor inegável para a cultura brasileira, e também um levantamento geral de tudo o que escreveu para que se possa avaliar o que representou no seu próprio tempo" (HORCH, 1977, p.149). Estão disponíveis neste acervo autores importantes para o estudo das referências de formação positivista e da obra escrita de Feliciano. Há obras de pensadores iluministas como Montesquieu, Diderot, Voltaire, Molière, Cervantes, Montaigne; de autores positivistas, desde Comte a Clotilde de Vaux, Émile Littré, Émile Corra, Georges Audiffrent, Georges Henry Lewes, Henry Edger, Jean Robinet, Juan Enrique Lagarrique, Pierre Laffitte, Richard Congreve; além de positivistas brasileiros, como Benjamin Constant, Miguel Lemos, e Teixeira Mendes e clássicos da literatura ocidental, como Balzac, Dante Alighieri e Victor Hugo.

A pesquisa foi exploratória, tendo se concentrado no levantamento, organização e análise inicial da extensa obra escrita de Feliciano, de forma a construir uma interpretação coerente, sem a pretensão de exauri-la dada a limitação temporal de apresentação da tese. A pergunta que preside o trabalho é por qual motivo a obra de Feliciano foi relegada nas pesquisas históricas? A hipótese é que a institucionalização de Feliciano foi insuficiente para a perpetuação acadêmica, com a permanência no exterior no momento de ascensão universitária no Brasil, além do investimento no campo positivista marcado por disputas que o enfraqueceram, somado ao posicionamento na contramão da celebração do modernismo pedagógico em São Paulo. As obras selecionadas para a escrita foram contextualizadas conforme a atuação do autor ao longo da vida como professor e divulgador da doutrina positivista em momentos históricos diversos. Procurei levantar fontes que permitam analisar as particularidades de Feliciano como um educador positivista que defendeu um modelo de ensino voltado à mudança social, de forma a situá-lo adequadamente no campo intelectual, na história da educação brasileira e percebê-lo no contexto histórico do positivismo brasileiro e francês nos séculos XIX e XX.

Os objetivos gerais do trabalho consistem na análise da vida e obra de Feliciano de forma a situá-lo nos campos da instrução pública brasileira e do positivismo brasileiro e francês, além de esclarecer aspectos de sua atuação de forma a compreender seu pensamento educacional como um mestre de vocação positivista em ação na história republicana brasileira. Como objetivos específicos, a tese pretende realizar o levantamento, a organização e a análise da obra de Feliciano; a introdução ao conteúdo dos artigos em jornais, notadamente em *O Estado de S. Paulo*; o aumento de conhecimento sobre o tema para pesquisas futuras em jornais franceses; o entendimento das relações de Feliciano com positivistas brasileiros e franceses; a exploração inicial de aspectos essenciais de sua vivência na *Maison d'Auguste Comte*; a aproximação com o conteúdo da biblioteca do mestre paulista depositada no IEB-USP.

Dessa forma, o trabalho de pesquisa consistiu no levantamento, classificação e interpretação dos escritos de Feliciano, contextualizando-os nos lugares e tempos diversos em que atuou. Para a análise de uma obra bibliográfica vasta e diversificada como a do mestre paulista, foi realizado um agrupamento em três conjuntos principais: construção da nacionalidade brasileira republicana, educação, doutrina positivista. Tendo em vista vez que Feliciano sempre se expressou como professor, é importante ressaltar que os conjuntos não são estanques e se comunicam, tendo sido formados para possibilitar uma análise mais ampla. Os textos foram cotejados com obras referenciais do positivismo no Brasil e na França e de história da educação geral e brasileira, a fim de situá-los no contexto de sua produção. Além disso, pretendeu-se introduzir o mapeamento da rede de relações estabelecidas por Feliciano no Brasil e na França, como professor da Escola Normal da Praça e divulgador da doutrina positivista. A elaboração da tese partiu da consideração de que, desde a juventude, Feliciano empenhou-se em adquirir e divulgar o conhecimento mais completo da doutrina de Comte, que fazia parte de um repertório comum ao ambiente letrado que convivia, ou seja, de um conjunto de recursos intelectuais disponível à sua geração (ALONSO, 2002, p.39). Ao longo da atuação como positivista, Feliciano se envolveu em conflitos com outros partidários da doutrina e se reposicionou dentro do campo, realizando movimentos de aliança e exclusão, que implicaram em consequências para a continuidade de seu percurso, o que a pesquisa pretendeu demonstrar. Por meio da análise das decisões tomadas por Feliciano para obter maior reconhecimento no campo positivista é possível entender as divisões e brigas

captadas nos textos do mestre paulista, o que facilita um entendimento mais amplo da condução histórica da doutrina ao longo do tempo.

É um complexo desafio abordar a obra de uma personalidade intelectualmente atuante, que deixou inúmeros escritos em jornais e revistas, e produziu uma série de obras bibliográficas que buscaram o esclarecimento de temáticas variadas. Entende-se, nesta pesquisa, que não é suficiente a análise pura, exegética, dos discursos, sendo necessária a compreensão de sua prática, inserida na estrutura das relações de poder presentes no espaço social em que tem lugar (Ibidem, p.40). É considerado na análise da obra de Feliciano que a construção da racionalidade das representações do mundo social não é neutra, sendo produto de interesses do grupo que as produz (CHARTIER, 1990, p.17). Foi incorporada também a perspectiva de que a história intelectual não deve cair na ilusão de que os campos de discursos ou de práticas se constituem eternamente da mesma forma, sem variações. É preciso considerar as descontinuidades que ocorrem, conforme as épocas, os saberes e os atos (Ibidem, p.65). Em relação às publicações estudadas, foi dada a devida importância à materialidade da publicação em conjunto com o conteúdo propriamente dito, de forma a procurar entender como a obra foi posta em circulação, de acordo com o proposto por Chartier (2007, p.11). Para a análise da posição de Feliciano como membro do magistério da instrução pública, bem como de positivista paulista que atuou na divulgação da doutrina tanto no Brasil como posteriormente na França, tendo se envolvido em notáveis disputas ao longo da trajetória, foi utilizado o conceito de campo, definido como "espaços de jogo historicamente constituídos, com suas instituições específicas e suas leis próprias de funcionamento" (BOURDIEU, 2004, p.126). Também foram incorporados os conceitos de capital social e capital cultural, sendo o primeiro relacionado à inserção em um grupo em uma rede durável de relações nas quais é possível o reconhecimento entre si (Idem, 1998, p.67), enquanto o segundo se refere à aquisição de cultura por um sujeito e sua assimilação como *habitus*, tornando-se um estado incorporado. A interiorização cultural se traduz na produção de obras que explicitam o estado objetivado, sendo o reconhecimento do capital cultural obtido institucionalmente denominado estado institucionalizado (Ibidem, p.74-78).

É importante, além disso, dar a devida atenção ao variado suporte e confecção das obras em conjunto com o conteúdo do texto, ou seja, a materialidade que as acolheu, fundamental para uma análise mais abrangente (CHARTIER, 2002, p.62). A materialidade dos escritos bibliográficos do autor abrangeu desde a impressão de simples

brochuras a livros de organização editorial mais elaborada, de acordo com os objetivos que pretendia atingir e as possibilidades materiais de cada momento. Alonso (2002, p.126) chamou a atenção para a tradição de radicalismo fomentada entre os positivistas no período imperial pela opção pelo panfleto em vez dos tratados; sendo uma publicação para consumo imediato, procurava justificar de forma direta a necessidade urgente de reformas. No caso de Feliciano, uma quantidade expressiva de publicações foi direcionada à produção e circulação rápidas e com baixo custo, para atender a exigências circunstanciais de posicionamento, o que possivelmente teria dificultado ao longo dos anos a conservação do conjunto documental e a consequente memória da obra do produtor. Foi comum em sua obra a utilização de textos originalmente preparados para publicação em jornais, com o objetivo de registro em suportes mais perenes, a fim de obterem maior amplitude e longevidade. No final da vida do mestre pode ser observado um maior engajamento com a produção bibliográfica voltada ao lançamento editorial, movimento que continuou alguns anos depois de sua morte, pela organização de textos de diferentes períodos segundo temas pela filha adotiva, Dolores Feliciano de Oliveira. Sendo a escrita uma arma contra o medo do esquecimento, a escolha do suporte mais adequado no qual a memória pudesse ser fixada sempre foi um desafio ao homem letrado, ao mesmo tempo que a proliferação exagerada de textos também poderia levar ao esquecimento pela superexposição (CHARTIER, 2007, p.9).

Integrada à obra bibliográfica de Feliciano está a sua longevidade como colaborador jornalístico especialmente em *O Estado de S. Paulo*, relacionamento iniciado em São Paulo que prosseguiu longamente durante o período de residência na França, que incluiu a publicação das “Cartas de Paris”. Como estratégia de proteção da efemeridade da escrita jornalística, vários dos escritos de Feliciano destinados à imprensa diária foram incorporados a seus livros. Há inúmeros artigos por ele escritos a serem explorados em futuros estudos, relacionados a temas diversos de seu interesse, como história, geografia, política, economia, sociologia, educação, sempre abordados sob a perspectiva positivista. A esse respeito, Moacyr Campos, autor de pequena biografia sobre Feliciano, transcreveu o texto publicado em *O Estado de S. Paulo* em 1952, em comemoração aos 84 anos de idade do mestre, momento em que ele se encontrava em São Paulo, mas ainda residente na França: “Dos mais antigos colaboradores desta folha, onde durante cerca de quarenta anos espalhou os frutos do seu saber em artigos e ensaios sobre os mais variados

assuntos, o eminente professor tem a sua vida intelectual intimamente ligada à vida deste jornal.” (OESP apud CAMPOS, s.d., p.21).

Conforme Miceli (2001, p.17), a vida intelectual na república velha era dominada pela grande imprensa, que gerava a produção cultural mais importante e por consequência proporcionava aos autores projeção no meio letrado e as gratificações respectivas. A abordagem para análise dos textos jornalísticos de Feliciano considera que a utilização pelo historiador do jornal como fonte deve levar em conta a responsabilidade pela linha editorial do veículo, a verificação dos colaboradores mais assíduos, as escolhas dos títulos e textos programáticos, bem como a observação da materialidade e do conteúdo, que são aspectos de investigação nem sempre óbvios devido ao fato de necessitarem de pesquisa para além das páginas (LUCA, 2008, p.140).

O desenvolvimento da carreira no magistério da Escola Normal lhe trouxe reconhecimento, expresso nos convites que recebeu para ser orador nas solenidades da instituição a que tanto se dedicava. A preparação para esses eventos inspirou discursos com conteúdo voltado para a reflexão sobre a educação de base positivista, que dialogavam com autores e ideias que então circulavam na elite da cultura letrada paulista e nacional. Por esse motivo, os discursos em solenidades foram considerados como fontes importantes para a decifração, tanto de seu credo positivista em educação, quanto das posições que assumiu no campo do positivismo brasileiro e internacional.

O trabalho memorialístico de Feliciano, presente em obras como o *Ensino em São Paulo. Algumas Reminiscências*, e *Mon Action Positiviste a Paris*, além dos artigos para *O Estado de S. Paulo*, como os elaborados por ocasião do centenário da Escola Normal, pode ser analisado à luz da perspectiva proposta por Sérgio Miceli. Para ele, o investimento na produção de uma obra memorialística é proporcional ao receio de que o autor participante daquilo que se propõe a escrever tenha de não ser devidamente reconhecido. A escrita memorialística seria, assim, uma possibilidade de consagração da importância do autor em relação àquilo que se esforçou para recuperar a memória dos acontecimentos vividos. É comum, na escrita memorialística, que o autor procure explicitar os conflitos da época vivida, demonstrando o jogo de forças como alguém que se via participando à margem, excluído do núcleo principal. (MICELI, 2001, p.21).

A tese contém três capítulos: “A Obra Textual de José Feliciano de Oliveira”, “Feliciano e a Educação para o Progresso da Sociedade”, e “Positivismo como Razão e

Paixão: uma vida dedicada à doutrina". O primeiro se dedica à classificação do conjunto da obra, expressão pela imprensa, correspondência com os letrados, ênfase no caráter de circularidade e autocitação frequente e análise de obras selecionadas que foram voltadas à construção nacional republicana. Foi evidenciada a opção de Feliciano de operar as escolhas que julgou apropriadas, de acordo com o repertório disponível, para a internalização na sociedade dos símbolos, heróis e acontecimentos que deveriam ser cultuados pela pátria brasileira. O segundo capítulo aborda uma seleção de textos de Feliciano que trataram diretamente das ideias do mestre paulista sobre educação, notadamente relacionadas ao período de magistério na Escola Normal, apresentando uma categorização que permite entender o essencial do que é contemplado em sua proposta. Adicionalmente, é apresentada a escrita memorialística do mestre paulista escrita na França, referência importante para o entendimento da instrução pública paulista nas duas primeiras décadas republicanas. Os textos estão diretamente relacionados à busca de consagração e são úteis para a reflexão pedagógica pela qualidade do conteúdo presente, tendo sido utilizados por outros educadores. O terceiro capítulo apresenta os textos doutrinários de Feliciano sobre o positivismo, bem como as obras que documentaram as duas principais disputas no campo do positivismo que se envolveu na vida: com a liderança carioca da Igreja Positivista do Brasil representada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes e com a direção da *Maison d'Auguste Comte* personificada por Paulo Carneiro. Por meio dos textos foi possível reconstituir aspectos importantes da trajetória do mestre paulista no positivismo, uma vez que seu posicionamento ao longo das disputas que o envolveram direta ou indiretamente foi documentado. Ficou claro que sua ascensão no campo do positivismo de forma a ser eleito como membro da execução testamentária de Comte foi cuidadosamente organizada, com atividades de agregação e exclusão e que as disputas, somadas ao declínio da divulgação da doutrina na Europa, afetaram o reconhecimento do trabalho realizado.

Fig. 1. Retrato de Feliciano na juventude.

Fonte: Oliveira, 1889-1890, *O Novo Regime*, acervo pessoal do autor.

CAPÍTULO 1. A OBRA TEXTUAL DE JOSÉ FELICIANO DE OLIVEIRA

O conjunto da obra textual de José Feliciano de Oliveira manifesta seus vários interesses, interligados pelo fio condutor da doutrina positivista. A produção de um polígrafo, que procurou estudar e escrever de forma científica sobre temas diversos como geometria, astronomia, história, economia e política é evidência de um momento anterior à especialização universitária no Brasil, em que os homens que se apoderaram da cultura letrada adentraram diversos campos do conhecimento. Desde os primeiros tempos republicanos, pelo menos até os fins dos anos 1950, a diferenciação disciplinar no Brasil era muito incipiente, sem condições de dirigir a atuação dos intelectuais de destaque, nem de estabelecer currículos próprios, objetos e metodologias de pesquisa específicas (MICELI, 2001, p.13). Os escritos de Feliciano espelham os acontecimentos brasileiros e universais por ele vivenciados, caracterizando-se como a expressão de um homem do seu tempo, do ponto de vista do pensamento positivista e da referência cultural francesa.

Feliciano foi testemunha de um mundo em rápido processo de transformação, cada vez mais conectado pelos meios de comunicação e transporte, mais densamente povoado e repleto de situações conflituosas e desordenadas, no qual era necessária a proposição de um modelo de organização da sociedade (HOBSBAWN, 2007, p.31). A consolidação do conhecimento científico, a escolarização como desafio universal, a construção do nacionalismo, a luta pelo abolicionismo brasileiro, a defesa do republicanismo, a expressão da cultura letrada pela imprensa, a propagação dos valores da civilização francesa são aspectos que estavam presentes na juventude de Feliciano e que impactaram a construção de sua trajetória de forma definitiva.

O gosto pela cultura letrada o acompanhou desde a juventude; a escrita de Feliciano foi a expressão do conhecimento acumulado mediante a leitura de autores que circulavam nos ambientes que frequentou. O conjunto de sua obra compôs um diálogo com as ideias e escritos do tempo vivido, que demonstrou preocupações comuns sobre a evolução humana, em um mundo cujas nações se relacionavam e recebiam informações de forma cada vez mais intensa. Feliciano foi adepto da polêmica, tendo aderido à tradição em que o positivista Pereira Barreto havia investido com fervor na defesa das ideias positivistas em São Paulo; *A Província de São Paulo*, na época porta voz do partido republicano, contratou Pereira Barreto como colaborador a partir de 1876, devido

à fama alcançada pelo conhecimento científico e habilidade como clínico e cirurgião (LINS, 1964, p.56). A repercussão de textos jornalísticos polêmicos à época explica o estilo de escrita absorvido pela geração de Feliciano.

> Era São Paulo nessa época uma cidade de perto de quarenta mil habitantes, sem divertimentos nem maiores atrativos, de sorte que as atenções dos estudantes e da parte culta da população convergiam para os artigos doutrinários publicados em jornais, deleitando-se especialmente com as polêmicas que, por isto mesmo, eram extremamente frequentes, pois os contendores, apresentavam-se por esse tempo, perante o público ledor, como hoje, perante as grandes massas os pugilistas. Estabelecida uma polêmica, imediatamente formavam-se dois grupos de partidários dos campeões, tal qual hoje em dia os "torcedores". (Ibidem, p.56).

1.1. Categorização da obra bibliográfica

Para a organização da análise, é possível categorizar o conjunto da obra bibliográfica de Feliciano com base na classificação de gêneros textuais, proposta por Dolz e Schneuwly (2004, p. 51-52). A adoção do esquema em confronto com as obras contemplou as categorias seguintes de domínio social de comunicação: documentação e memorização de ações humanas, discussão de problemas sociais controversos e transmissão e construção de saberes

1) Domínio social de comunicação – documentação e memorização de ações humanas.

Capacidade de linguagem dominante – RELATAR – representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.

Gênero: testemunho

Obras: *O Ensino em São Paulo. Algumas Reminiscências* (1932-1962).

2) Domínio social de comunicação – discussão de problemas sociais controversos.

Capacidade de linguagem dominante – ARGUMENTAR – sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.

a) Gêneros: discurso de defesa e discurso de acusação.

Obras: *O Partidarismo Positivista em São Paulo* (1898), *A Propaganda Positivista em S. Paulo. Explicação decisiva aos amigos e correligionários* (1898), *Les Habiletés de M.*

Lemos - À Nos Coreligionnaires Étrangers (1899), *Mon Action Positiviste a Paris - A propos de la Maison d'Auguste Comte* (1951).[1]

b) Gêneros: texto de opinião.

b1) Obras sobre a doutrina positivista: *O Supremo Par* (1891), *A Ditadura Republicana* (1889), *O Novo Culto. A Mulher e a Arte* (1899), *Voeux et Voeux* (1905), *L'Humanité* (1939), *Le Positivisme Religieux* (1957). b2) Obra sobre educação: *O Ensino – Notas Esparsas* (textos de 1907, 1910, 1911). b3) Obras de pesquisa histórica - *O Descobrimento do Brasil* (1900), *Tiradentes e a Educação Cívica* (1907), *José Bonifácio e a Independência* (1955), *Os Pais da República e seus Primeiros Dias* (1958), *Tiradentes. O Herói da Independência Brasileira* (1966, edição post-mortem, coletânea de textos reunidos por Dolores Feliciano de Oliveira), Os Precursores da Aviação (Seus Pais e seus Avós) (1966, com as mesmas características citadas na obra anterior). b4) Obras sobre a atuação política no Brasil: *O Novo Regime* (1889-1890 - reproduzido em 1963), *A Reforma Constitucional* (1907-1908), *Notas Civilistas* (1910 - reproduzido em 1963)

2) Domínio social de comunicação: transmissão e construção de saberes

Capacidade de linguagem dominante: EXPOR – apresentação textual de diferentes formas dos saberes

Gênero: Resumo de textos "expositivos" ou explicativos.

Obras: *O Barão Julio César e o Jornalismo* (1886), *Os Cometas, Bólides e Estrelas Cadentes* (1900-1902), *A Geometria de Clairaut* (1892-1908), *Os Índios Cherentes* (1896 – reproduzido em inglês em 1912), *Notas Camoneanas* (1964, edição post-mortem, coletânea de textos reunidos por Dolores Feliciano de Oliveira)

Gênero: Conferência.

Obra: *A Educação e a Urbanidade* (1902 - reproduzido em 1952 e 1963), *A Revolução Francesa e a Educação Universal* (1906), *A Bandeira Nacional* (1907), *Inauguração da Universidade Popular de Piracicaba. Vulgarização do Ensino*. (1910)

---

[1] A obra *Les Conditions Positives d'une Véritable Union* (1934) – citada em algumas obras, mas com exemplar não localizado até o momento, não foi devidamente classificada.

Como os próprios autores do esquema anunciam, os agrupamentos definidos não são estanques, e os gêneros propostos não são absolutos e as obras possam conter elementos de mais de um gênero (Ibidem, p.50). O limite entre um texto explicativo de Feliciano e uma conferência por ele proferida, por exemplo, é tênue e difícil de delinear. Outro aspecto a salientar é que o esquema classificatório permite entender onde a obra de Feliciano praticamente não penetra, ou seja, na cultura literária ficcional: o narrar, de forma a criar uma "mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil" (Ibidem, p.51). Em função da citada profundidade de união da obra do mestre paulista com a doutrina positivista, por ele considerada como a mais adequada para a organização e o desenvolvimento da sociedade, os textos refletem a vocação de relatar, argumentar e expor o que deveria ser mais bem conhecido e interiorizado por todos. Apesar da tendência discursiva apontada, na juventude, quando já havia ingressado no curso de formação da Escola Normal de S. Paulo, Feliciano foi responsável pela edição da *Revista dos Novos*, em 1885/86, na qual reuniu companheiros para discutir temas da atualidade e publicar poesias, contos e crônicas literárias, sendo alguns textos ficcionais de autoria do próprio mestre. A finalidade da publicação proclamada no primeiro número seria puramente literária, o que não excluiria a possibilidade de discussão de temas relevantes, um dos pilares de sustentação da produção textual posterior.

A ênfase de Feliciano nos domínios sociais de comunicação em documentação e memorização de ações humanas, a discussão de problemas sociais controversos e a transmissão e construção de saberes pode ser vista sob a ótica da característica da sociedade brasileira em que se formou. Para que houvesse progresso na penetração social da doutrina positivista no Brasil, seria necessário um enorme esforço para avançar no entendimento de uma ideologia baseada em aspectos como sociabilidade, altruísmo, planejamento e observação, missão de alta envergadura que requereria contínuo e exaustivo esforço. Como apontou Carvalho (1987, p.24-25), com o advento da república os positivistas julgaram que havia chegado o momento de exercer "a tutela intelectual sobre a nação".

1.2 Expressão pela imprensa

Além da citada colaboração editorial com *O Estado de S. Paulo,* outros jornais com os quais Feliciano colaborou necessitam de aprofundamento em futuras pesquisas, como *O Correio Paulistano*, o *Jornal do Comércio, O Democrata* e os franceses *Le Mond*e e *Le Figaro*. Em *O Estado de S. Paulo* ocorreu a publicação de inúmeros artigos, dado o longo período de colaboração, estando presentes os temas que se enquadravam na lógica de pensamento de Feliciano. Além dos assuntos posteriormente incorporados na produção bibliográfica, como a escrita sobre Tiradentes, há temas relevantes que não tiveram essa oportunidade. São exemplos de trabalhos não publicados em livro a análise, em 1901, da delimitação de fronteira entre o Acre e a Bolívia; as considerações históricas sobre o Império Otomano, em 1909; os artigos comemorativos do centenário do abolicionista Luiz Gama, de 1941. Os artigos oriundos da França expressam seu interesse na análise de questões políticas, históricas, geográficas e econômicas do cenário mundial e o esclarecimento sobre sua interferência na realidade brasileira.

1.3 A correspondência com os letrados

Igualmente merecedora de investimento intenso em pesquisas futuras é a atuação de Feliciano como produtor de correspondência com os pares eruditos da cultura letrada; historiadores, mestres, políticos, líderes positivistas, dentre outros, prática comum no meio social em que convivia. Feliciano ingressou em instituições como a Escola Normal de São Paulo, o Instituto Geográfico Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Geográfico Histórico e Geográfico de São Paulo, a Academia Paulista de Letras, a Igreja Positivista do Brasil, L'Union Positiviste pour le Culte a la Humanité que possibilitaram sua inserção em uma rede elitizada de pensadores em seu tempo. Miceli (2001, p.17) reforçou a importância de inserção institucional na república velha, para que entre os letrados houvesse a possibilidade de acesso aos mecanismos de consagração.

Foram localizadas correspondências de Feliciano com Plínio Barreto, primeiro presidente da Ordem dos Advogados do Brasil e diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*; Raul Soares de Moura, presidente de Minas de 1922 a 1924; o educador Sud Mennucci; os historiadores Basílio de Magalhães e Virgílio Alves Correia Filho; os diplomatas Oswaldo Aranha e Oliveira Lima e os líderes positivistas Emile Corra e Paul Edger. Em função da longa vivência no exterior, de 1911 a 1958, interrompida por uma única visita ao Brasil em 1951, a troca de correspondências era uma estratégia para evitar o

esquecimento e obter fontes históricas para o desenvolvimento dos escritos, como relatado no texto datado de 1932, intitulado "Tiradentes na Sorbonne – comemoração – 1932", selecionado posteriormente para a publicação do livro *Tiradentes*, em 1966.

> Por agora, limito-me a pedir aos autores e editores que daí me enviem, com urgência, os últimos livros sobre S. Paulo e suas bandeiras, Sei que Afonso Taunay publicou e publica muita coisa a esse respeito. Depois da guerra, nada mais recebi de sua amabilidade, que costumava praticar o que devia ser a regra entre autores que se ocupam de assuntos aparentados: - "a troca mútua de seus livros". Para isso é necessário que se tome o hábito de responder às cartas que se recebem. Aí não há esse costume. Não se respondem mesmo as cartas amáveis de felicitação pelos trabalhos lidos (lidos em exemplares que os autores não remeteram). Não se enviam os livros pedidos. Já disse que o mesmo grande, meritório, venerando "Instituto Histórico", do Rio, (onde sou sócio remido há 28 anos) não me envia a sua ou...a "minha" Revista... (OLIVEIRA, 1966, p.104).[2]

1.4. Circularidade da obra e autocitação

O conjunto da obra de Feliciano tem por característica a circularidade, ou seja, uma constante retomada de temas cultivados ao longo da vida. Um exemplo relevante é a exaltação da figura de Tiradentes, desprezado no período imperial, pelo que representava como símbolo de emancipação da coroa portuguesa, mas posteriormente defendido por personalidades republicanas, como Silva Jardim. Observa-se na obra de Feliciano a autocitação, a rememoração de textos já escritos sobre determinado tema, a fim de compor uma unidade de pensamento que deveria ser preservada. Em outras palavras, está presente um constante acessar da memória do que foi realizado, a fim de que sua obra não caísse no esquecimento dos contemporâneos e pudesse ser conhecida por gerações mais novas. Foi nessa direção que ocorreu comumente o aproveitamento de textos elaborados inicialmente para jornais serem incorporados posteriormente em obra bibliográfica.

A preocupação com a notoriedade após a morte, coerente com o culto positivista aos mortos, é evidente no estilo de escrita. Certamente, sua preocupação com o conhecimento público da obra pelos compatriotas se acentuou ao longo dos anos, em função do voluntário distanciamento físico do Brasil, na França, iniciada em 1911. O momento da mudança à Europa foi noticiado em *O Estado de S. Paulo* em 14 de junho do referido ano, que destacou as autoridades presentes, mencionando a presença na Estação

---

[2] Os textos em português escritos por Feliciano selecionados para a tese, bem como de outros autores a ele contemporâneos, foram adaptados para a ortografia atual da língua.

da Luz de nomes como Bernardino de Campos, Américo de Campos Sobrinho, Mario de Campos, Ramos de Azevedo, Ciridião Buarque, Gabriel Ortiz, Rangel Pestana, Ruy de Paula Souza, além de funcionários e alunas da Escola Normal. A nota demonstra o capital social que Feliciano detinha quando decidiu iniciar um novo ciclo de vida. Na fase europeia, fez questão de salientar nos textos o contínuo empenho pessoal na pesquisa e divulgação dos temas brasileiros na França, o que naturalmente precisava sempre de reforço pela opção pessoal de uma longa permanência no exterior, com regresso temporário em 1951. Dessa forma, situar cronologicamente as obras publicadas requer minuciosa investigação, pois elas frequentemente são compilações de textos escritos em diferentes datas no Brasil e na França, muitas vezes bastante distanciadas do ano da efetiva edição da obra.

A característica de utilização da autorreferência da escrita, aliada à republicação de textos sobre temas já abordados faziam parte de um movimento em busca da rememoração e aprofundamento do que fora escrito, mas que permanecia vivo como assunto a ser defendido. Era uma forma de lembrar o realizado e buscar reconhecimento do capital cultural acumulado, em uma nação em que o domínio da cultura letrada estava longe de ser massificado. Como exemplo dessa característica, no livro *Tiradentes. O Herói da Independência Brasileira*, edição *post-mortem* de 1966, consta um texto de Feliciano cuja data de publicação é apontada como sendo de 23 de setembro de 1927, em *O Estado de S. Paulo*. O referido texto faz referência à escrita, em 1892, de uma série de artigos para o *Correio Paulistano* sobre o herói republicano, posteriormente reunidos por Basílio de Magalhães para publicação no volume no. 2 do *Clube Republicano* de Campinas, em 1904. Compondo o mesmo livro, há ainda o artigo de cerca de dez anos mais tarde, datado de 27 de abril de 1914 e publicado em *O Estado de S. Paulo* com o título de “Seu Julgamento Cívico e o Nosso”, no qual Feliciano fazia um apelo para que fossem disponibilizadas para pesquisa as fontes históricas ainda não trabalhadas sobre a inconfidência mineira.

1.5. A construção da história nacional republicana

A construção histórica mundial dos estados nacionais pelas elites locais foi um movimento característico do século XIX, no qual os governantes procuraram organizar os elementos necessários para a constituição da nação, o que incluía a incorporação das tradições (HOBSBAWN, 1998, p.27). Disputando com o liberalismo à americana e o

jacobinismo à francesa (CARVALHO, 2011, p.9), os positivistas se dedicaram a construir símbolos e mitos nacionais para a legitimação da nascente república brasileira.

> [...]Os temas do interesse do indivíduo e de grupos, da nação, da cidadania, encarnados na ideia de república, estavam no centro das preocupações dos construtores da República brasileira. Como país exportador de matérias-primas e importador de ideias e instituições, os modelos de república existentes na Europa e Na América, especialmente nos Estados Unidos e na França, serviriam de referência constante aos brasileiros. (Ibidem, 2011, p.18).

Conforme Alonso (2002, p.207), o movimento de reunião de "heróis nacionais e de reformistas brasileiros inspirados ou aparentados com o positivismo" foi iniciado por Miguel Lemos para o fortalecimento da identidade do grupo positivista local. Através da comunhão das ideias era mais fácil para a liderança carioca mobilizar os simpatizantes para as atividades práticas relacionadas ao proclamado objetivo de regeneração da sociedade. Tendo absorvido tais ideias na juventude, como característico de outros homens letrados de seu tempo que compartilhavam do ideário republicano, Feliciano se dedicou a escrever obras históricas sobre personagens exemplares da história brasileira que teriam dedicado suas vidas a construir a pátria. Dessa forma, acompanhou o movimento de positivistas abolicionistas e novos liberais de formação de uma tradição nacional pela recuperação da história ibero-brasileira, que teve em Camões nas letras e José Bonifácio na política os representantes mais importantes (Ibidem, 2001, p.209). Exemplo importante no início deste período, de autoria republicana para a construção nacional, foi o de Teixeira Mendes, que se dedicou a obras como *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do fundador da república brasileira* e a *Bandeira Nacional*. Tratava-se de um contexto intelectual em que os positivistas ortodoxos procuraram estabelecer uma visão totalizante da evolução brasileira e se direcionaram para elaborar uma ideologia da modernização (MONARCHA, 1999, p. 133).

Os textos citados sobre Tiradentes são amostras de um tema que Feliciano se engajou vivamente para celebrar o ideal comemorativo republicano, que deveria ser retomado em ciclo anual por ocasião do aniversário da morte do personagem histórico. O mártir da inconfidência mineira foi um exemplo de herói de perfil republicano, criado sob a orientação carioca de Miguel Lemos para o fortalecimento da identidade positivista (ALONSO, 2002, p.207). A elevação desse personagem a herói republicano foi um movimento de domínio bem mais amplo do que o realizado pelo círculo dos positivistas

brasileiros, que abraçaram apaixonadamente a causa, incentivados pela liderança da Igreja Positivista do Brasil. Outro aspecto é a notável preocupação de Feliciano, em suas obras históricas, de mencionar enfaticamente o estudo de documentação quando esta se fazia necessária para a defesa de uma proposição junto a um público leitor elitizado, procurando provar a importância das personalidades que considerava fundamentais e exemplares para a pátria, bem como defender a clareza na interpretação dos acontecimentos cruciais para a história brasileira.

A atuação do mestre paulista, neste particular, era plenamente coerente com a tradição fundada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no qual se incentivou a coleta de documentos para a formação da história nacional, o que incluiu a realização de concursos, congressos, expedições e buscas em arquivos principalmente em Portugal e na Espanha (SCHWARCZ, 1995, p.108). Era a construção da escrita de uma história baseada na pesquisa arquivística e voltada à interpretação de documentos, como no caso dos textos que procuraram estabelecer a verdade dos fatos da história brasileira, ou seja, estabelecer a justiça para com os protagonistas de acontecimentos como o descobrimento do Brasil, a elaboração da bandeira nacional, a reforma republicana da Escola Normal, José Bonifácio, Tiradentes, Santos Dumont, dentre outros. Este empenho histórico foi considerado pelo próprio Feliciano na obra *José Bonifácio e a Independência*, ao refletir em uma perspectiva de visão de maturidade sobre o conjunto de sua obra, um "quixotismo" (OLIVEIRA, 1964, p.39). Agir como o personagem Dom Quixote de La Mancha seria, nesse caso, buscar de forma incansável nos textos documentais da história brasileira os argumentos para elaborar a escrita do que acreditava sem hesitação valer a pena ser resgatado e defendido. A identificação com a criatura literária de Cervantes é uma pista para o estudo do conjunto de uma obra histórica que se ateve ao esclarecimento de significativos acontecimentos relacionados à formação nacional, bem como de atuações exemplares de personalidades brasileiras, tudo com base em análise que se pretendia exaustiva da prova documental. Nas palavras de Foucault (2002, p.63-66),

> Dom Quixote não é "o homem da extravagância, mas antes o peregrino meticuloso que se detém diante de todas as marcas da similitude. Ele é o herói do mesmo. Assim como de sua estreita província, não chega a afastar-se da planície familiar que se estende em torno do análogo.[...] Seu ser inteiro é só linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas; é escrita errante no mundo em meio à semelhança das coisas.[...] A verdade de Dom Quixote não

> está na relação das palavras com o mundo, mas nessa tênue e constante relação que as marcas verbais tecem de si para si mesmas.

Ao longo do século XIX, estabeleceu-se o ponto de vista positivo da escrita da história, de caráter empírico e objetivo, de forma que as provas documentais apresentadas nos textos deveriam conduzir o leitor pelo caminho da verdade histórica. Em um contexto no qual não havia organização universitária no Brasil para disciplinar a escrita da história, o IHGB assumiu um papel estruturante nacional, o que certamente foi decisivo para a escrita de letrados como Feliciano, que desejavam incorporar-se à instituição como reconhecimento do trabalho realizado em um meio intelectual ainda incipiente. O IHGB foi criado no período imperial, em 1838, e consolidou-se como lugar de levantamento de documentação e escrita da história da pátria, como forma de exaltá-la (SCHWARCZ, 1995, p.104), tradição que Feliciano incorporou e procurou consolidar.

Em 1895, foi publicado na *Revista do IHGB* o texto Indicações sobre a História Nacional, escrito por Tristão de Alencar Araripe, político, magistrado e historiador, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. É um bom exemplo da expressão que passou a vigorar na instituição após a proclamação da república, que incorporou, além dos temas políticos tradicionais como a independência e o descobrimento, a problemática da nação, explorando aspectos que saíam do quadro idílico inicial proposto pelo IHGB, a partir da postura crítica inaugurada por Euclides da Cunha (Ibidem, p.114-115). O texto de Araripe, de caráter abrangente, foi a expressão de um letrado autorizado pela instituição destinada a fundamentar a historiografia no Brasil em um contexto histórico republicano de uma nação em processo de construção. No início do texto há uma série de considerações sobre a utilidade da história, relacionando-a ao fortalecimento do culto à pátria, pensamento que remete fortemente ao conjunto bibliográfico de Feliciano, sempre preocupado com a fidelidade em relação aos personagens e acontecimentos notáveis da história nacional. Para Araripe (1895), o historiador teria a nobre e útil missão de esclarecer sobre o passado para iluminar a ação para o futuro, sendo primordial para uma nação a construção escrita da história respectiva, a fim de que não se isolasse da convivência universal.

> E quem pode satisfazer a nossa justa e conveniente interrogação? Somente a história o pode fazer; somente ela nos pode dizer quais os elementos concorrentes para o presente estado de nossa pátria, quais as cenas aí passadas, e qual a expansão dos sentimentos dominantes e produtores dos bens e males existentes[...].

> Para que porém a história satisfaça os seus verdadeiros intuitos cumpre, que ela se escreva com critério, apontando os fatos em relação aos sentimentos morais, às paixões, às maravilhas da indústria, à cultura da inteligência, e a tudo quanto nos instrui acerca do proveito das grandes ações de patriotismo, e nos adverte contra os perigos dos erros políticos e das ambições mal sofridas.
>
> As ciências, o comércio, a indústria, e a política deverão ser na história representadas em sua eficiência com os fatos, em que primaram e se desenvolveram; dando-nos a conhecer o benéfico influxo das virtudes sociais, e a repulsa merecida pelo vício depravador do homem social[...] (ARARIPE, p.259-260).

O texto de Araripe procurou estruturar o que se deveria esperar do trabalho de pesquisa de um historiador brasileiro nos primeiros anos republicanos. Para ele, a história poderia contribuir decisivamente para a regeneração e melhoria social, seguindo o exemplo do velho continente europeu (Ibidem, p.260). Para a análise da obra histórica de Feliciano o texto é de notável relevância, uma vez que nele estão referenciadas uma série de questões de que o mestre paulista trata em sua produção bibliográfica de caráter histórico ou doutrinário. Feliciano seguiu à risca a ideia de que deveriam ser objeto de pesquisa as grandes personalidades brasileiras, a fim de que fosse consagrada a grandeza moral da atuação para a construção da história nacional, ao mesmo tempo em que se posicionou diante dos problemas da formação social brasileira. A escrita histórica dos grandes personagens nacionais que deveriam ter o caráter exemplar imitado contribuiria muito com a "glorificação do patriotismo" (Ibidem, p.273). Era inerente ao papel do historiador trazer os grandes personagens à tona, a fim de que seu caráter exemplar fosse reconhecido: "Será um dos sagrados deveres do historiador brasileiro apresentar à veneração dos pósteros a memória dos varões beneméritos, que engrandeceram esta pátria com proezas generosas, invenções úteis e obras excelentes" (Ibidem, p.273). Feliciano empenhou-se para realizar vários estudos nesta linha, bem característica da instituição, tendo se dedicado a defender e divulgar a atuação patriótica de personagens que considerou relevantes para a construção da nacionalidade brasileira, como Tiradentes, José Bonifácio, Santos Dumont, Gabriel Prestes, Demétrio Ribeiro e Manuel Odorico Mendes. Para Schwarcz, esta era uma forma honrosa do letrado apresentar-se ao lado de grandes personalidades, o que se traduzia em prestígio no IHGB (1995, p. 111).

Outra característica presente no referido texto de Araripe para o IHGB, foi a crítica da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, autor da *História Geral do Brasil*, também realizada por Feliciano. Apesar do reconhecido pioneirismo, aquela obra foi considerada por Araripe imprópria para a construção de uma verdadeira história nacional,

pela despreocupação com o uso rigoroso das fontes históricas. O autor procurou diferenciar o tipo de escrita histórica que se deveria seguir no Brasil daquela praticada nos tempos imperiais por Varnhagen, cujo mérito pela iniciativa na descoberta de documentos não foi negado, mas que não teria tido a devida preocupação com a comprovação material dos fatos:

> Francisco de Varnhagen, que teve o título nobiliárquico de Visconde de Porto Seguro, conferido pelo governo do segundo imperador do Brasil, escreveu sem crítica e sem estilo, consumindo largas páginas com fatos somenos, quando deixava nas sombras de ligeiros traços acontecimentos notáveis, dignos de mais desenvolvida notícia.
>
> É porém autor de grandes serviços de investigação; foi ele quem despertou a necessidade, e mostrou o proveito da pesquisa de antigos documentos em bem da história nacional. Dos arquivos nacionais e europeus desencavou precisos textos, que formam rica contribuição para os nossos fastos primitivos. Se como investigador de fontes históricas tem mérito, como historiador as suas obras *História Geral do Brasil* e *Holandeses no Brasil* o não realçam. (ARARIPE, 1895, p.288-289).

A preocupação em demonstrar no discurso o rigor na pesquisa e explicitar um esforço incessante na busca documental esteve constantemente presente nos textos históricos de Feliciano, que apreciava expressar as dificuldades encontradas devido ao pouco tempo disponível para escrever adequadamente uma obra. A crítica a Varnhagen foi incessante, por considerar que o historiador mais prestigiado do Império não tinha suficiente cuidado na abordagem das fontes históricas, do que decorria cometer erros ao escrever sobre personagens históricos exemplares.

> Tudo isto é de Varnhagen que, na História da Independência, passa por José Bonifácio como um "encarregado" de pasta ministerial sem importância, - depois de ter sido funcionário remisso, a receber propinas ou ordenados que lhe não pertenciam. Quem conhece a vida impoluta dos Andradas e a desambição, o desapego de José Bonifácio, em coisas de dinheiro (Uma vez se privou da mensalidade ministerial, porque a deixou no chapéu, exposta aos gatunos); quem isto conhece e lê as diatribes de Varnhagen, dificilmente conterá sua indignação. E lamenta que Rio Branco, - a quem tudo isto devia ser conhecido, - animasse um manuscrito de Varnhagen, sem o corrigir energicamente em suas notas. A *História da Independência* manuscrita, e em mãos de Rio Branco muitos anos, merecia uma nota, que deixo para depois, - talvez para as calendas... (OLIVEIRA, 1964, p.52-53)

A escrita da história brasileira realizada por Varnhagen foi composta com base na matriz de pensamento lusitana, que consequentemente via de modo positivo a colonização. Tratava-se de um posicionamento contrário à visão de Southey, de que a

degeneração dos costumes, da religião e da moral no Brasil causada pela escravidão e falta de agricultura, frutos da mentalidade da colonização portuguesa, poderiam comprometer o futuro nacional (REIS, 2006, p.23). Varnhagen possuía a pretensão de escrever a história do Brasil, sendo o perfil de intelectual que caracterizou a produção intelectual do IHGB no período imperial; admirador da Casa de Bragança, defensor da monarquia e da colonização, convicto da necessidade histórica da escravidão (SCHWARCZ, 1995, p.107).

Ainda que voltados à construção de um novo projeto moral para a sociedade brasileira, que questionava a escravidão e a monarquia, os positivistas também incorporaram a tradição lusitana no movimento de construção de uma história nacional apropriada (ALONSO, 2002, p.209, 210). Foi neste contexto de reconstrução nacional que Feliciano alinhou-se às ideias de Southey sobre a degeneração moral brasileira, que necessitaria de uma correção de rumos que a adesão ao pensamento positivista poderia proporcionar. Como expoente da abordagem polêmica na escrita, a expressão crítica a autores famosos foi uma constante em sua obra. Nas palavras de maturidade, presentes no livro *José Bonifácio e a Independência*, expôs a visão sobre o cuidado com a escrita da história:

> Desde meu livro sobre o Descobrimento do Brasil (1900) e meus trabalhos sobre Tiradentes (1892) e sobretudo (1907), não me canso de pugnar por um modo melhor de fazer *História exata*...Quem quiser escrever História, deve ir às fontes ou pelo menos aos escritos que das fontes se derivam. Sem documentos e trabalhos fontanais, o que sai ou vai saindo nos compêndios, nos estudos de revistas, nos artigos de jornais é quase sempre falho ou mesmo falso: - uns repentes, umas ressuntas, repetições ou dissertações genéricas. Às vezes com afirmações genéricas e fogos de vista, mais ou menos estilados, que deslumbram os olhos mais lidos ou empoeiram os olhos obscuros dos leitores comuns. (OLIVEIRA, 1964, p.39).

A crítica a Varnhagen estendia-se aos que o apoiaram ou mesmo consideraram seu legado fundamental para a construção da história nacional. Até mesmo Capistrano de Abreu, cuja obra marca sua libertação à estreita amarração com a herança colonial portuguesa, ao inserir o povo brasileiro como soberano na história nacional (REIS, 2006, p.17), foi alvo de repreensão por Feliciano. Em texto dedicado á defesa de Tiradentes, Feliciano não deixou esquecido o fato de Capistrano ter considerado relevante para a história nacional a obra de Varnhagen, além de ter opinado sobre a figura de Tiradentes de forma diminutiva, sem haver consultado o conjunto da documentação pertinente.

> Nunca pensei encontrar-me com o nosso caro Capistrano, - talvez o mais eminente, estilado e disperso erudito que tem tido nossa história, em preparação. Ainda não experimentara seu quilate individual, ou o *Eu* do erudito, com meus dois paredros (paredroi) Tiradentes e José Bonifácio. Em 1907, quando respinguei Varnhagen, Capistrano anotava sua 'História Geral" em nova edição, da qual eu já vira os primeiros fascículos. E então notei: "A nova edição da "História Geral", anotada pelo erudito, distinto escritor Sr. Capistrano de Abreu, dá-nos esperanças de ver clareadas as Máculas de Varnhagen. A parte já publicada faz-me porém, recear que se esteja considerando Varnhagen como o "sincretizador" autorizado de nossa história, e não como "um ardente investigador, um infatigável ressuscitador de crônicas" na frase de Oliveira Lima. (Na frase de Homem de Melo, Varnhagen era "investigador laborioso e incansável, mas um medíocre cronista").
>
> Capistrano justificava sua erudição dispersiva, com dizer que uma história completa do Brasil não era possível, enquanto os arquivos dos jesuítas se não patenteassem livres aos eruditos. Nos últimos tempos alguns de seus íntimos revelaram que ele dissipava ou despendia generosamente seus cabedais de erudição com principiantes de história, à cata de reputação mais reforçada. Repotreado numa rede, com o preferido néctar do Porto, era ele familiarmente uma inesgotável fonte de informação histórica... (OLIVEIRA, 1966, p.106).[3]

Feliciano dedicou a obra sobre Tiradentes ao amigo Basílio de Magalhães, com quem compartilhava ideias sobre a escrita histórica. Magalhães, autor de *Expansão Geográfica do Brasil até os fins do séc. XVII* em 1915, foi um historiador, professor e poeta mineiro que pertenceu como ele à Academia Paulista de Letras e ao IHGB, e que o teria estimulado desde 1907 a prosseguir com a pesquisa sobre a atuação de Tiradentes na Inconfidência Mineira. Basílio ressaltou em artigo a importância da obra de Feliciano sobre Tiradentes para estabelecer a exatidão histórica sobre o tema.

Na abordagem histórica de Tiradentes, Feliciano procurou destacar nos escritos a atuação moral benemérita do personagem que buscou iluminar, pensamento central para os seguidores da doutrina positivista, uma vez que filósofo de Montpellier pregava o aperfeiçoamento moral como o grande objetivo da existência humana (COMTE, 2000, p.123). A defesa do caráter do homem de grandeza moral é claramente perceptível na

[3] Reis (1998, p.81) apresenta percepção diferente, ao tratar da relação autoral entre Capistrano e Varnhagen. Ainda que o primeiro teria se aproximado do segundo pelo fato de ainda realizar uma história factual, com feitos dos portugueses, nomes e datas, teria havido a introdução de um pensamento profundamente diferente. Enquanto Varnhagen teria se preocupado com uma história oficial de Estado plena de marcos da colonização portuguesa, Capistrano se dedicaria a uma visão cultural e social, ressaltando a contribuição do povo brasileiro mestiço para a colonização. Nesse aspecto, apesar de admirá-lo, Capistrano seria um anti-varnhageniano, que o diferenciaria do enquadramento do IHGB e do próprio Varnhagen, voltado à história político-administrativa e biográfica.

estrutura de obras como as dedicadas a José Bonifácio e Tiradentes. Como exemplos da construção nos textos da defesa da moralidade encontram-se a organização do primeiro capítulo do livro *José Bonifácio e a Independência*, com o título "As Ideias, Os ideais e a Ação de José Bonifácio", e a primeira parte da obra *Tiradentes, o Herói da Independência Brasileira*, onde são desenvolvidos os títulos "Tiradentes e a Educação Cívica" e "A Moralidade de Tiradentes". Os personagens que Feliciano exaltava, utilizando-se de evidências documentais, foram elaborados como exemplos de comportamento em sociedade a serem cultuados pela dedicação à formação da pátria.

O nacionalismo de Feliciano não era exclusivo da escrita positivista, mas uma expressão comum aos intelectuais de seu tempo, que se dedicaram à ampliação do entendimento das características da nação brasileira mediante o conhecimento científico. Desde o segundo reinado havia o movimento de reunir a experiência nacional com o repertório político-intelectual europeu, tendo a elite imperial definido a identidade brasileira (ALONSO, 2002, p.56). A admissão de Feliciano no IHGB, em fevereiro de 1904, foi consequência, dentre outros fatores, da escrita da obra *O Descobrimento do Brasil*, uma das temáticas centrais da instituição. Ao pesquisar a chegada dos portugueses, os historiadores ligados ao IHGB atuavam no resgate do marco de origem, episódio remoto e ideal conformador da identidade nacional, trabalhado por autores como Varnhagen, Gonçalves Dias, Taunay e Gonçalves de Magalhães (SCHWARCZ, 1995, p.114). Antes de Feliciano, o tema fora abordado em provas de erudição. Foi este o caso de Capistrano de Abreu em 1883, que tratou do assunto para o ingresso no magistério do Colégio D. Pedro II, tendo explorado a reivindicação de Portugal, Espanha e França de terem descoberto a nova terra.

São vários os exemplos de autores republicanos que retomaram os temas do período imperial e se dedicaram à exaltação nacional, como Manuel de Oliveira Lima, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, diplomata, historiador e colaborador de *O Estado de S. Paulo*, com quem Feliciano manteve correspondência e a quem considerava como referência para a pesquisa histórica brasileira. Oliveira Lima deixou o legado para a construção nacional em obras como *Sete Anos de República* (1896), *O Reconhecimento do Império* (1902), *La Langue Portugaise*, *La Littérature Brésilienne* (1909), *D. João VI no Brasil* (1909), *Formation historique de la nationalité brésilienne* (1911), *Evolução Histórica da América Latina comparada com a América Inglesa* (1914), *O Movimento da Independência* (1922), *D. Pedro e D. Miguel* (1925). Na obra

sobre a formação da nacionalidade brasileira, Freyre (2000, p.10) salientou a tendência de Oliveira Lima de abordar demasiadamente acontecimentos políticos, às vezes com sacrifício da análise econômica e sociológica, o que teria sido apontado como tendência geral dos historiadores brasileiros pelo próprio autor; para Freyre ainda, Oliveira Lima teria reconhecido Capistrano de Abreu como um dissidente desse grupo ao introduzir aspectos sociológicos na história brasileira, o que teria gerado seguidores como ele próprio, que procurou continuar essa linha de investigação que abrangeu aspectos sociológicos, econômicos, antropológicos e geográficos. Outra característica comum aos letrados do período, já abordada na introdução em relação a Feliciano, foi a paixão pela formação de uma biblioteca pessoal; a de Oliveira Lima, com cerca de 58 mil livros, foi doada em vida à Universidade Católica de Washington.

O texto de Feliciano sobre o descobrimento, elogiado por Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, procurou defender a ideia central da intencionalidade da expedição comandada por Pedro Alvares Cabral. Seu ingresso no IHGB prova que o mestre paulista se enquadrava no perfil desejado pela instituição nos primeiros anos republicanos. A escolha do tema do descobrimento mostrou-se adequada, ao contribuir com um tema que tinha atendido inicialmente aos interesses imperiais, mas que interessava também ao novo regime, pois era preciso organizar a visão republicana da história brasileira.

Pela recorrência persistente dos temas históricos nacionais em diferentes fases da vida de Feliciano e importância para constituir como exemplo desta característica de sua obra foram escolhidas para análise mais aprofundada, além da citada temática do descobrimento do Brasil, a bandeira nacional, Santos Dumont e Tiradentes, conjunto que representa adequadamente a estrutura narrativa voltada à construção nacional brasileira republicana sob a ótica positivista.

1.5.1 O descobrimento do Brasil

Como apontado, o tema recorrente entre os historiadores brasileiros havia sido abordado por historiadores do porte de Varnhagen e Capistrano de Abreu para os propósitos de formação nacional. Feliciano utilizou como base para a argumentação do assunto a carta do descobrimento de Pero Vaz de Caminha, ou seja, procurou integrar um texto português a uma interpretação histórica brasileira possível em sua época.

O texto surgiu a partir de uma conferência na Escola Normal elaborada para fins comemorativos no ano de 1900 a pedido do alunado, tendo sido publicado no mesmo ano, denotando a importância dada na instituição às festividades cívicas que lembravam os marcos da história brasileira, no caso o do descobrimento. Tais atividades se irradiavam também para os grupos escolares paulistas, onde alunos e professores cultuavam os símbolos nacionais: a bandeira, o hino , o brasão republicano e o panteão dos heróis fundadores da nacionalidade (MONARCHA, 1999, p.231).

O texto se organiza em três partes, mais a conclusão, intituladas: “a época do descobrimento”, “o descobrimento”, “questões a esclarecer”. Censurou, na ocasião do discurso proferido em 3 de maio, a frieza com que a data comemorativa foi tratada em São Paulo, apesar da importância que teve para a história brasileira. Para Feliciano, o pedido dos alunos para tratar do tema era muito bem vindo e ia ao encontro do que se deveria esperar do magistério na defesa da pátria.

> Os professores, que ensinam os mestres de futuros cidadãos, devem representar a patriótica intelectualidade que aclara o civismo e dá exemplos de seu amor à Pátria. Este salutar apego ao torrão natal é a primeira qualidade de todos os homens convergentes, que antes de tudo devem ser cidadãos, preparados pela Família e completados pela Humanidade. (OLIVEIRA, 1900, p.5).

Logo no início do texto, Feliciano transcreveu um texto de Comte, no qual apontou as expedições de Cristóvão Colombo e Vasco da Gama como consequências do progresso industrial possibilitado pela decomposição espontânea do regime católico e feudal. A organização de exércitos profissionais, por outro lado, contribuiu para que a população pudesse se dedicar à indústria, e o consequente avanço da navegação trouxe um conhecimento mais amplo do planeta. A construção do texto é toda integrada, coerente com os princípios enciclopédicos de base comteana que se pretendia aplicar à época na Escola Normal, ainda sob efeito da direção de Gabriel Prestes (MONARCHA, 1999, p.208). É perceptível o exercício convicto de enquadramento histórico do tema nos moldes da doutrina positivista, que pretendia demonstrar que o descobrimento do Brasil não fora algo fortuito, mas uma consequência lógica da evolução humana.

> A expansão industrial, que multiplica as relações; a propagação do laço espiritual, que vinculara no Ocidente as populações temporalmente separadas; um vago sentir fraterno, ainda envolto nas faixas de um estreito proselitismo, de um insaciável domínio, -- tudo incita a explorar o planeta, a comum habitação, para formar a Humanidade, a pátria comum, a família universal. (OLIVEIRA, 1900, p.16).

Feliciano declarou sua fiel observância à carta de Pero Vaz de Caminha para a narrativa da descoberta, reforçando a importância do documento que intencionava popularizar. Pela leitura das notas é possível observar o cuidado do autor com a pesquisa para a escrita histórica, procurando explorar ao máximo os detalhes, o que incluía a exatidão da tradução da língua portuguesa da época. Ao mesmo tempo, utiliza-se da carta de Caminha para realizar uma interpretação histórica coerente com o discurso positivista. É abundante a referência ao encontro da "decadente" religião católica com os indígenas, em oposição à expectativa de Caminha de que os habitantes da terra recém-descoberta viriam a ser ótimos cristãos, " [...] na verdade era decadente a fé que ia presidir à conquista de tão belo torrão. Eram frustrâneas as esperanças de Pero Caminha". (Ibidem, p.55). Ao invés de um verdadeiro sentido religioso, Feliciano denunciou características bem menos nobres que teriam presidido desde os primeiros contatos a colonização da nova terra.

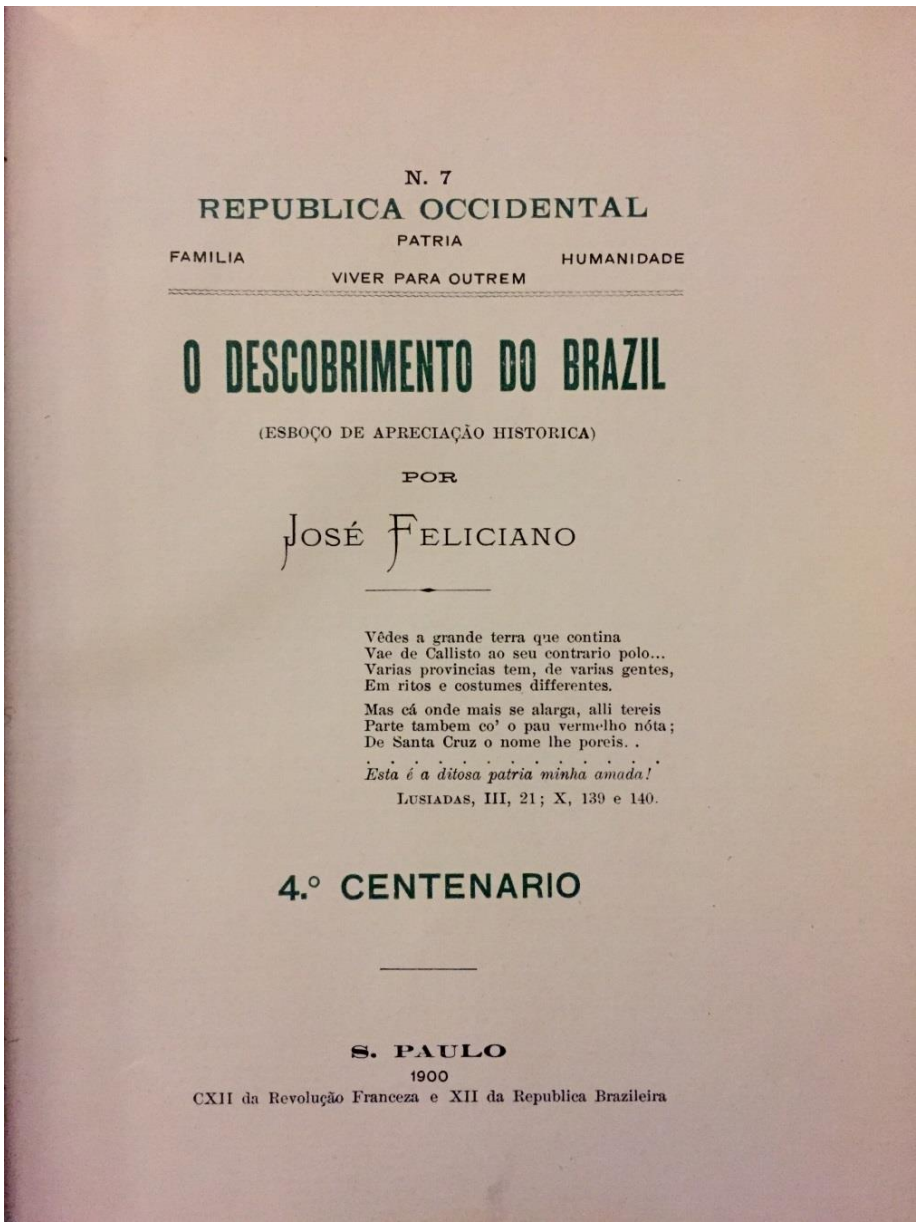
> 1.o) *Da cobiça desenfreada*, nos dão indícios as cenas do colar e do castiçal.
>
> 2.o) *Da destruição e escravização dos índios*, se tem uma antevidência no desembaraço com que se tomaram os dois primeiros indígenas e se fizeram pajens de outros, que acompanharam a bordo os portugueses.
>
> 3.o) *Da corrupção da família*, há logo um triste pressentimento na maneira de analisar as mulheres indígenas.
>
> 4.o) *Da hipocrisia e fingida catequese dos caçadores de índios*, são antemostra ou anteato as cenas de disfarce para se impor aos indígenas, e a ideia de fazer de uns degradados seus primeiros catequistas.
>
> 5.o) Finalmente, e em compensação, temos aí prenúncios, indículos da ação de religiosos verdadeiros, da ação dos jesuítas ignacianos. Mostram-no bem as cenas da segunda missa, a folgança e boas avenças com os indígenas, que por seu lado foram também muito bondosos, muito pacíficos. (Ibidem, p.55-56).

A decadência religiosa que presidia o momento da descoberta poderia ser atestada pela prevalência do nome Brasil, em vez de Vera Cruz, como inicialmente o território fora denominado, demonstração do domínio dos negócios sobre o sentido religioso. Por outro lado, o procedimento de Cabral foi elogiado, pois teria sido um líder que soubera respeitar o encontro com a civilização indígena.

> Não sei de terra nenhuma que tenha sido descoberta com tanta solenidade. Cenas típicas de trato amical, de trato mercantil, de comunhão religiosa, - tudo em dez dias se expande festivamente, caracterizando o contato de duas civilizações que, para se entenderem,

> só dispunham da mímica elementar. Se o enérgico, se o bondoso Cabral em grande número tivesse tido imitadores, não deploraríamos agora a extinção de robustas e numerosas nações indígenas, que podiam ser assimiladas pela raça dominante. Segundo o testemunho de alguns cronistas, o próprio mensageiro de Cabral, longe de suas vistas, já não o imitou e foi carregando gente da terra, para mostrar a El-rei. Falhou assim em grande parte um dos altos fins da civilização, embora a Humanidade, nesta parte da América, gemesse muito menos do que nas possessões espanholas, onde a chacina humana ultrapassou todas as raias de elementar piedade. Aqui ao menos houve colonização, houve mesmo muitos elementos assimilados, que se coaram através das monstruosas malhas da escravidão. (Ibidem, p.56).

Fig. 2. Capa de *O Descobrimento do Brasil*.



N. 7

REPUBLICA OCCIDENTAL

PATRIA

FAMILIA HUMANIDADE

VIVER PARA OUTREM

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(ESBOÇO DE APRECIAÇÃO HISTORICA)

POR

JOSÉ FELICIANO

Vêdes a grande terra que contina
Vae de Callisto ao seu contrario polo...
Varias provincias tem, de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co' o pau vermelho nóta;
De Santa Cruz o nome lhe poreis. .

. . . . . .

Esta é a ditosa patria minha amada!

LUSIADAS, III, 21; X, 139 e 140.

4.° CENTENARIO

S. PAULO

1900

CXII da Revolução Franceza e XII da Republica Brazileira

Fonte: acervo pessoal do autor.

Na terceira parte da obra, intitulada “questões a esclarecer”, Feliciano levantou uma série de narrativas históricas de autores eruditos desde Pero de Magalhães Gandavo até Francisco Varnhagen, que apontavam que o Brasil teria sido descoberto no dia de Santa Cruz, dia 3 de maio, data da conferência proferida na Escola Normal. O mestre paulista esclareceu que em pleno ano de 1900 não havia mais dúvida que a data do descobrimento fora 22 de abril, mas que a exatidão da data só teria começado a vir à tona quando a carta de Caminha fora publicada pela primeira vez, em 1817, por Ayres de Casal (Ibidem, p.59). A precisão da determinação da data do descobrimento era essencial para Feliciano, por estar diretamente ligada à importância da comemoração do acontecimento. No caso em questão, o mestre paulista tinha um entendimento à frente do estabelecido na instituição a respeito e procurou corrigir o fato de que na Escola Normal ainda era considerada a data de 3 de maio para a comemoração. Aproveitou-se do objeto para afirmar que a observação rigorosa dos fatos seria uma base fundamental para a exatidão histórica, a fim de que se pudesse progredir de forma consistente. O conhecimento exato da ordem exterior, no exemplo em questão a data de 22 abril, era importante para que a sociedade brasileira comemorasse um feito real, anteriormente falseado por apontamentos subjetivos dos historiadores anteriores que não chegaram à data verdadeira. Seria muito ruim para organização social permitir que a subjetividade errônea permanecesse sem a menor justificativa social para tanto.

> Essa comemoração, em vez de útil, seria perniciosa, pois vinha consagrar a funesta tendência que nos leva a substituir o interior ao exterior. O homem, sobretudo antes de uma educada e completa madureza, tende sempre a ver mais com os olhos do espírito e das paixões. Se o conhecimento exato da ordem exterior não nos trouxer constantemente sujeitos, cada qual, inspirando-se em uma vã personalidade, virá inculcar suas construções em desacordo com os materiais objetivos. Uma nova espécie de mentira ficava assim permitida, sem que ao menos houvesse as peias[4] de um forte poder espiritual, que só consagrasse ficções úteis, isto é, poéticas construções que tendam ao aperfeiçoamento humano. (Ibidem, p.63).

Além de divulgar a data correta da comemoração do descobrimento, Feliciano esforçou-se em apresentar argumentos para refutar o seu caráter fortuito. Para ele, longe de ser um produto do acaso, a chegada ao Brasil fora um produto de uma série de ações praticadas pelos portugueses. Havia todo um histórico de navegações precedentes que

[4] impedimentos

tornou possível o que aponta como tendo sido um reconhecimento, e não um descobrimento.

> A época notável, em que se realizou o magno acontecimento, mostra que ele foi uma consequência forçosa da atividade portuguesa no XV século. Tudo quanto os portugueses em tal tempo descobrissem, estava na ordem de sua evolução, era o fruto visado por sua atividade predominante, estava dentro de seus projetos efetivos, entrava em suas intenções atuais ou atuantes. As navegações portuguesas traziam tão preparados os descobrimentos marítimos que o próprio Colombo é em grande parte um continuador dos portugueses. (Ibidem, p.67).

A conclusão da tese da intencionalidade da empreitada da esquadra conduzida por Cabral foi realizada de forma a esclarecer definitivamente o tema, por ele analiticamente estudado sob o prisma da doutrina positivista. Feliciano considerou a chegada ao Brasil como uma consequência natural da expansão do conhecimento da navegação no planeta, lógica que presidia comparativamente outras descobertas científicas.

> Em 1500, qual devia ser o meio mais adequado a descobrir nossa terra? Evidentemente era a continuação das navegações portuguesas no Atlântico, afastando-se mais e mais da costa africana. Ora, foi isso que intencionalmente fez Cabral. Afastou-se da África por vontade, esclarecida nos conselhos do Gama, afastou-se de propósito, com insistência e veio dar conosco, descobrindo o que não era conhecido, o que estava indeterminado, como as leis no domínio do Acaso. É assim que se descobrem leis novas, princípios e corpos novos na química ou novas plantas, novos animais, novas leis em biologia. (Ibidem, p.68).

A respeito da colonização portuguesa, Feliciano ponderou que foi um aspecto muito positivo que a doutrina fosse divulgada no Brasil pelos inacianos, em um contexto que a igreja católica fora diretamente afetada pelo movimento reformista. Em função da corrupção reinante no papado, que tanto desprestigiou a Igreja, teria sido uma grande sorte ter recebido no Brasil religiosos de elevado nível moral e intelectual para organizar a vida em sociedade por meio da educação, o que teria impulsionado decisivamente o avanço, apesar das adversidades locais (Ibidem, p.80). Como já visto, a profunda ligação com a doutrina positivista de Feliciano nunca se traduziu em oposição direta à atuação espiritual da Igreja católica, tendo reconhecido sua importância no Brasil.

> Eis como se pode considerar um grande bem que na colonização do Brasil houvesse um poder espiritual de resistência, a substituir o papado esmorecido, a contrastar as grosseiras paixões das tiranias locais. Que seria da nossa organização moral, e mesmo intelectual, se não houvesse os Anchietas, os Nóbregas, os Vieiras, a disciplinar os díscolos da metrópole e os mamelucos desregrados? Foram eles que conseguiram estender a esta parte do mundo os benefícios da grande religião medieva. Se mais não fizeram, foi porque estava muito adiantada a decadência de sua doutrina. (Ibidem, p.85).

O tom de Feliciano foi o de conciliação com a herança portuguesa, pois a colonização teria sido realizada da melhor forma que as condições do momento permitiram. A ênfase nos aspectos positivos da colonização portuguesa para a formação do povo brasileiro já estava presente no círculo dos positivistas brasileiros desde o livro de Aníbal Falcão, *A Fórmula da Civilização Brasileira*, de 1883, que salientou o progresso moral da civilização ibérica (ALONSO, 2002, p.217). Para Falcão, na tradição brasileira, fruto da colonização ibérica, estaria o futuro da Humanidade, pois ela salientaria os aspectos integrativos, participativos e afetivos, em oposição à anglo saxônica, cuja ênfase recairia no egoísmo, no materialismo e no conflito (CARVALHO, 1998, p.99).

Vista como um aspecto essencial da miscigenação na colonização portuguesa, a defesa dos indígenas foi motivo de preocupações manifestadas por Feliciano desde a juventude, e o respeito por sua cultura esteve presente em vários textos por ele elaborados. O cuidado com o indígena teria existido na colonização portuguesa, em que o governo procurou zelar por essa população, ao contrário da ação inglesa nos territórios sob seu controle. Na construção da nacionalidade brasileira, como síntese de três raças, o resgate do indianismo foi um traço comum entre os positivistas abolicionistas, enquanto que os novos liberais e federalistas científicos dele se afastavam (ALONSO, 2002, p.218). Feliciano defendeu que, ainda que o rígido controle comercial da metrópole sobre as colônias fosse comum às colonizações portuguesa e espanhola, em relação à primeira houve no modelo brasileiro condições favoráveis à mestiçagem entre as raças. Esta condição positiva teria contribuído decisivamente para que houvesse a aclimatação do branco e uma destruição menos acentuada do povo indígena (OLIVEIRA, 1900, p.94).

A mulher indígena e a africana tiveram espaço na narrativa, na qual Feliciano lembrou a incompreensão de que teriam sido vítima, sobretudo, no estabelecimento da relação da nudez com o pecado. Sendo a figura feminina central na doutrina positivista, Feliciano procurou demonstrar sua inocência em relação à nudez, bem como sua lealdade aos europeus que chegaram à América. Lembrou, por exemplo, que o celebrado padre Vieira, sequestrado por colonos em rebelião, foi alimentado em cativeiro por uma dedicada indígena. Apesar das suas qualidades, Feliciano lamentou que a mulher indígena não pudesse ter sido devidamente assimilada desde o início da colonização, tendo prevalecido o modelo da mulher europeia. Na exaltação da figura feminina que atuou na colônia portuguesa, não faltou o elogio à mulher africana:

> Nesta influência do elemento afetivo, é mister não nos deslembrarmos das míseras africanas, transplantadas de seu torrão natal para acudir às necessidades de nossas mães brasileiras. Basta recordar a inumerável multidão de nossas mamãs para sentir os ternos serviços que lhes devemos. Apesar das tristes condições, que tornavam incompletos muitos de seus extremos, podem-se juntar seus nomes aos das Bartiras e Paraguassús, para mostrá-las como anjos tutelares da família. Muitas destas últimas foram o centro afetivo, as deusas de nossos lares, e todas podiam entrar aí como outros tantos membros da família, graças à cultura afetiva da raça latina. (Ibidem, p.106-107).

Elemento central para o positivismo, o proletariado foi lembrado por meio de uma análise sobre como a força de trabalho foi utilizada na colônia. Feliciano analisou a situação dos colonos livres, dos degradados, dos indígenas brasileiros e dos africanos. A sua visão é acentuadamente crítica em relação à imigração europeia, pois ela traria desorganização à sociedade brasileira. De uma forma geral teriam vindo ao Brasil os imigrantes europeus que não eram aceitos em seus países, e para trazê-los, o governo brasileiro ainda desembolsava recursos de uma forma pouco inteligente. Desta forma, enquanto o continente europeu se aliviava de tensões e assim adiava as reformas necessárias, o Brasil, meio mais pacífico, devido à imigração enfrentaria questões que não haviam sido originadas no país (Ibidem, p. 111). Esta opinião foi coerente com o contexto de sua formação, uma vez que os positivistas ortodoxos brasileiros sempre se preocuparam em proteger os direitos dos trabalhadores, conforme a tradição comtista (BOSI, 2004, p.33). Para Feliciano, uma possível solução para a questão da mão de obra seria olhar com mais atenção para o indígena, que teria um histórico de serviços à sociedade e brasileira, ao contrário do que Varnhagen havia afirmado.

> Felizmente a verdade é que nós muito devemos ao elemento indígena, é que este foi nosso cooperador eficaz na formação da Pátria brasileira. Por mal nosso não o temos sabido aproveitar e o temos julgado ouvindo só as deposições de seus algozes, ou os engoiados informes de cronistas que tudo amoldavam a suas preocupações dominantes. Nestas enquadram os cronistas os atos do indígena. Nele encontram a gula, a impureza, a rapinagem, a crueldade conforme as inspirações que os movem. (OLIVEIRA, 1900, p.115).

Os portugueses muitas vezes erraram ao desrespeitar os povos indígenas e semear a destruição, bem como acirraram as disputas entre grupos rivais em função de seus interesses. Apesar destes equívocos, a colonização teria sido bem sucedida em trazer a civilização para as novas terras, pela atuação significativa de personagens como o governador Mem de Sá e o jesuíta Manuel da Nobrega. Os dois personificariam as qualidades do caráter mais humano dos latinos, em relação à orientação anglo-saxônica para o mercantilismo. Conforme Alonso (2002, p.219), era típico dos positivistas

abolicionistas o elogio do modelo de colonização portuguesa, devido ao incentivo à miscigenação racial. Na conclusão Feliciano defendeu que não se deveria louvar exageradamente o poder material, em desprezo do caráter afetivo e espiritual presente nos latinos. Através de um discurso cuja leitura original ocorreu na Escola Normal com a presença de muitas mulheres, reafirmou as ideias positivistas antifeministas de posicionamento materno, de comunhão patriótica de todos na sociedade, e voltadas ao que considerava que seria o progresso brasileiro.

> Pois bem! Sejamos de nossa época, de uma época generosa, consolidando na família brasileira o papel social da mulher como Filha, Esposa e Mãe, sem as desnaturais, sem as corruptas reformações feministas! Sejamos do século atual por suas aspirações e instruamo-nos realmente, completamente. Sejamos de nosso tempo, agindo como cidadãos esclarecidos, interessados pela grandeza da Pátria e cuidadosos dos destinos dos outros povos, terrícolas como nós e como nós combatentes do Bem! (OLIVEIRA, 1900, p.125).

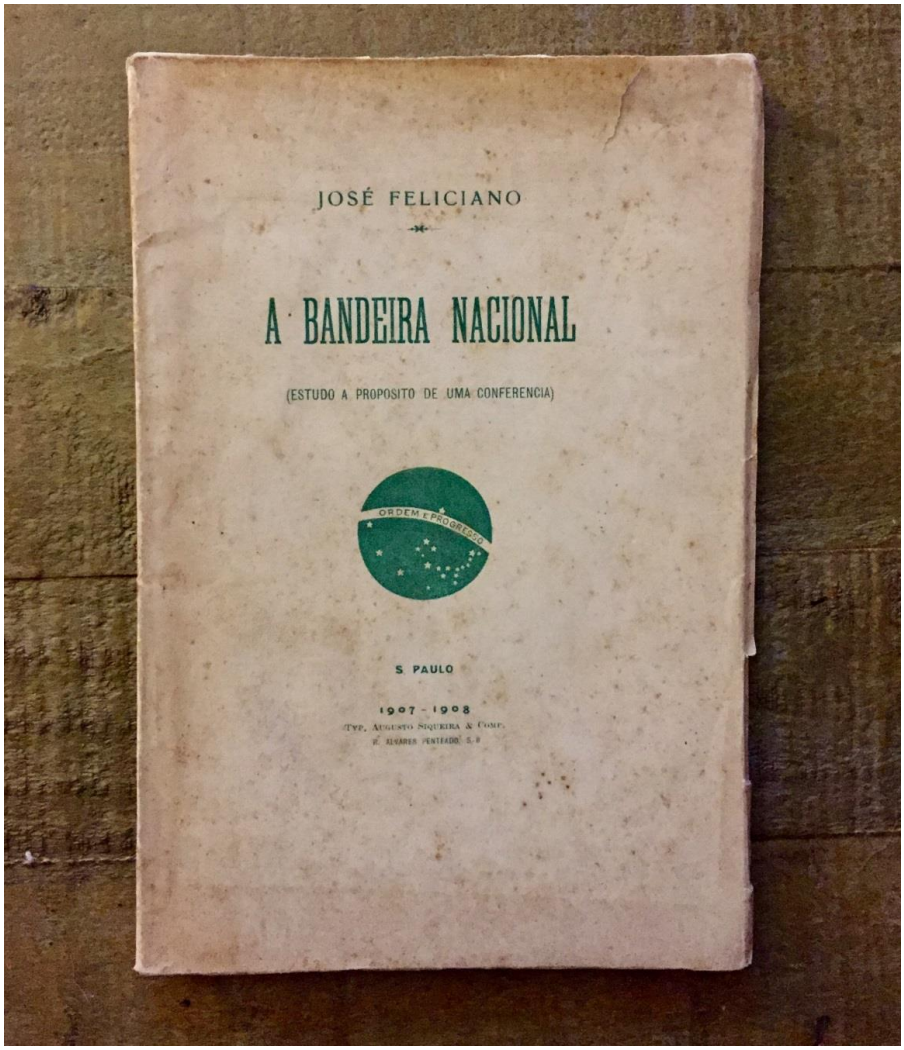
A boa aceitação no meio letrado dos argumentos presentes na obra sobre o descobrimento foi demonstrada pelo convite do Visconde de Ouro Preto para a integração de Feliciano ao quadro de sócios do IHGB em 1903. O capital cultural do mestre paulista gerador da obra foi reconhecido e capitalizado com o ingresso como estado institucionalizado. Na escrita, ao mesmo tempo em que se preocupou em esclarecer sobre a data correta na qual deveria ser comemorado o descobrimento e o caráter intencional do feito, Feliciano realizou cuidadosa operação de estruturação do texto a fim de que o objeto pudesse ser explicado à luz da doutrina positivista. Foi uma forma de organização pensada para que o positivismo pudesse penetrar naturalmente na sociedade, ao ser utilizado como estrutura para explicação de um tema bastante conhecido no meio ao qual se dirigia e de especial interesse para a história nacional.

1.5.2 Bandeira Nacional

Os distintivos da bandeira e das armas nacionais, selos e sinetes da república foram estabelecidos pelo decreto no. 4, de 19 de novembro de 1889. Desde a concepção inicial, houve uma ligação da doutrina positivista com a bandeira brasileira republicana, notadamente pela importância política de Benjamin Constant para o novo regime, o que possibilitaria a introdução das ideias positivistas no governo provisório do Marechal

Deodoro da Fonseca. Contribuiu muito para a vitória dos positivistas em estabelecer as suas ideias para a elaboração da bandeira, em meio às disputas entre os grupos republicanos, a incorporação de elementos que já vinham da tradição imperial, notadamente o losango amarelo inserido no fundo verde. (CARVALHO, 2011, p.109,121).

Fig. 3. Capa de *A Bandeira Nacional*.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Teixeira Mendes, responsável por sua idealização, sob a orientação de Miguel Lemos, optou pela adoção direta do dístico “Ordem e progresso”, proveniente das ideias de Comte. O desenho foi feito pelo pintor positivista Décio Villares, e o posicionamento das estrelas, pelo astrônomo e engenheiro Manuel Pereira Reis. A partir de então, textos sobre a bandeira republicana tornaram-se frequentes entre os adeptos do positivismo no

Brasil, o que foi iniciado pelo próprio Teixeira Mendes, que em 1899 publicou o texto "Apreciação Filosófica no Diário Oficial" e, no ano seguinte, organizou uma edição da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil a esse respeito. O tema foi objeto de polêmica por longo tempo, e tanto Mendes quanto Lemos defenderam o símbolo republicano até o fim de suas vidas (CARVALHO, 2011, p.109). Dentre as obras que trataram do tema da bandeira nacional, a única citada por Feliciano foi a do monarquista Eduardo Prado, que se referiu à edição de 1903 post mortem do texto elaborado em 1890. Prado foi um inimigo irreconciliável do regime republicano, que procurou ser insistente nos detalhes para apontar os erros de representação astronômica da bandeira (Ibidem, p.115). Foi o contraponto direto de Feliciano devido a este posicionamento contrário à bandeira, alvo de severas críticas na elaboração do livro do mestre paulista sobre o tema em 1907, igualmente denominado *A Bandeira Nacional*.

Chama a atenção na obra de Feliciano a inexistência de uma única referência a Teixeira Mendes, sendo a elaboração da bandeira republicana tratada genericamente como obra dos positivistas. O texto do então professor da Escola Normal foi fruto de conferência pronunciada na instituição a pedido do alunado para fins comemorativos deste tema específico, assim como havia sido solicitada a conferência sobre o descobrimento do Brasil. Em resposta às críticas à bandeira por parte de monarquistas e católicos, a obra publicada por Prado foi alvo direto do discurso de Feliciano desde o prefácio, por supostas enormes incorreções, que o próprio autor teria percebido. Feliciano procurou apresentar argumentação científica, apresentando-se como profundo conhecedor da astronomia, o que o habilitaria devidamente a tratar do tema. A relação dos positivistas com essa ciência era uma tradição que vinha desde a origem, pois o conhecimento astronômico fora profundamente incentivado por Comte a fim de instruir as classes populares (BARROS, 1971, p.131).

Desde a introdução, o discurso defendeu a organização da bandeira como símbolo nacional a ser respeitado, o que teria sido desqualificado por Prado. A bandeira seria parte indiscutível da simbologia de uma república brasileira que soube organizar a convivência do novo regime com a igreja católica, apesar da separação do Estado determinada constitucionalmente.

> A República presidencial, leiga e progressista, a que o lábaro novo preside, já se acha assinalada no mundo como havendo instituído o mais liberal dos regimes para a espiritualidade católica. Na imprensa do velho mundo, nos púlpitos da França, da Inglaterra nosso país tem

> sido por isso gloriosamente citado, como exemplar modelo às adiantadas civilizações. Assim começa a universal consagração de nossa divisa, que é a fonte desse liberalismo são e generoso. (OLIVEIRA, 1907-08, p.5).

Feliciano revelou que um ano antes havia tratado em Paris do tema da bandeira como encarnação da pátria, no *Hôtel des Societés Savantes*. Sua elaboração teria sido elogiada por franceses competentes, o que confirmaria sua argumentação favorável à bandeira, que deveria ser acima de tudo respeitada até mesmo por brasileiros que tivessem condição intelectual de criticá-la, em função da necessidade da união para o culto à pátria, o que traria o progresso da civilização.

> Bandeira é símbolo. Símbolo é sinal de afeição, de reconhecimento, de cooperação social, conforme o sentido dessa palavra na civilização grega. Bandeira implica, pois, condições de união no presente e de ligação ao Passado, -- condições de solidariedade e de continuidade. Daí vem nela encarnar-se a Pátria; daí a idolatria, o fetichismo que ela desperta. (Ibidem, p.10).

Feliciano partiu de uma argumentação das bases históricas, que destacou a exuberância da natureza descoberta pelos portugueses e reverenciada pelos indígenas, que viria a inspirar a elaboração da bandeira brasileira. Salientou os elementos presentes na bandeira elaborada para o Império, tais como o quadrilátero, a esfera e a utilização de estrelas para simbolizar as províncias e os estados. Lembrou que estavam presentes na bandeira imperial os símbolos dos ramos de café e tabaco, que representavam a riqueza gerada na terra e que posteriormente foram julgados inapropriados pelo movimento republicano, pela associação com o vício e a escravidão. Ao chegar à bandeira republicana, lembrou do simbolismo do céu presente no cruzeiro da noite de 15 de novembro, cenário natural que testemunhou o acontecido. Reforçou ainda a necessidade de que o lema “Ordem e progresso”, presente no interior da esfera, fosse defendido das críticas e olhares desconfiados de que seria obra de positivistas. Desde o início o dístico foi combatido pela acusação de representar uma seita religiosa, não sendo um símbolo nacional, o que foi insistentemente negado por Mendes, que reforçava o caráter universal da aspiração plenamente compatível com o povo brasileiro (CARVALHO, 2011, p.114). Para Feliciano, a legenda contemplava bem o espírito da nascente república e, como os positivistas tinham o direito de expressar-se para cumprir os deveres cívicos, assim como quaisquer outros cidadãos brasileiros, acertadamente sugeriram o dizer que completaria perfeitamente a bandeira da nação (OLIVEIRA, 1907-08, p.76).

A separação entre Igreja e Estado foi uma proposta tipicamente positivista incorporada à república, assim como a implantação do casamento e registro civil e a secularização dos cemitérios (BOSI, 2004, p.33). Para Feliciano, apesar dessa separação, o Brasil não deveria ser um lugar de radicalismo religioso que afetasse a importância do culto à bandeira. Na história brasileira, as perseguições políticas afetaram o clero, mesmo quando não motivadas por motivos religiosos. Adicionalmente, o povo brasileiro era naturalmente voltado ao catolicismo por razões históricas, o que reforçaria a argumentação de que a separação entre a Igreja e o Estado poderia ser feita de forma bem tranquila, sem ataques mútuos, e o cruzeiro continha a simbologia ao mesmo tempo científica e espiritual que conduziria à verdadeira civilização (OLIVEIRA, 1907-08, p.20-21). A república brasileira, tão bem representada pela bandeira, poderia formar uma quádrupla aliança defensiva, o que foi chamado em Paris pelo próprio Feliciano de "monroismo defensivo" ou "pacífico", abrangendo Brasil, Argentina, Chile e México, podendo incluir os Estados Unidos. Toda a simbologia presente na bandeira, plenamente justificada pela doutrina positivista, seria uma base para construir um futuro melhor.

> O sereno, pacífico aspecto de uma bandeira, que recorda a placidez do espaço celeste e a calma, invariável gravitação dos astros congregados,-- é essencialmente próprio a nos acenar com um futuro cheio das glórias de uma evolução beneficamente industrial.
>
> *Ordem e Progresso* – estão aí perpetuamente realizando os habitantes da zona planetária, onde brilha a legenda, com as cores da esperança sobre a alvura da inocência e da serenidade imaculada. A estrela *Spica*, um pouco deslocada pela faixa, como que avança para nos guiar, à maneira de uma nova estrela dos pastores, dos pastores de *greis* pacíficas, sujeitas às *leis* mais humanas de uma nova ordem para um progresso novo... (Ibidem, p.24).

Na segunda parte da obra, Feliciano dedicou-se a apresentar exaustivamente as provas empíricas que sustentaram a sua argumentação. Começou apresentando os elementos da bandeira portuguesa, ressaltando que as cores azul e branca estiveram presentes na representação nacional desde a sua formação, ao contrário do que afirmara Eduardo Prado, que as remeteu ao século XIX. A bandeira, para Feliciano, teria enfrentado menos mudanças para o regime republicano do que em sua transformação na

passagem da colônia ao império, e teria contemplado muito bem os aspectos históricos e geográficos da formação da nação brasileira.

> A faixa anular ressurgiu translúcida na esfera celeste e aí está projetada como num espelho horizontal, onde lembra nosso gigantesco Amazonas, o *Equador visível*. As estrelas todas, aumentadas apenas da pequenina *Sigma do Oitante* (para lembrar a situação da capital republicana e seu distrito), -- foram dispostas conforme as constelações que estavam no céu, a testemunhar a proclamação do novo regime. A cruz de Cristo, sempre veneranda, ainda mais se elevou nas celsitudes da nova esfera, e o *lignum vitae* da terra transformou-se em um emblema celeste, -- no eterno Cruzeiro, que simboliza nossos climas com a fixidez das coisas imperecíveis. (Ibidem, p.37-38).

Feliciano iniciou uma argumentação que trata dos erros imputados à bandeira nacional, referindo-se especialmente à obra de Eduardo Prado. Para a defesa da bandeira nacional utilizou-se do conhecimento astronômico, declarando que o suposto erro mais comentado seria que ela não representaria com exatidão o céu da noite de 15 de novembro, o que refuta. Feliciano procurou demonstrar a exatidão na bandeira da representação do posicionamento das vinte e uma estrelas e dos polos terrestres.

> Enquanto o mundo for mundo, o aspecto da bandeira lembrará os fundamentos celestes e terrestres de nossa querida Pátria. Nenhum 15 de novembro passará sem que o céu aí paire sobre nós, como indefectível benção, como sacro testemunho, a rever nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar. Nele temos o ideal modelo por que devemos mais e mais pautar a regularização de nossos atos privados ou cívicos, de nossas funções coletivas, de nossas relações universais... (Ibidem, p.64).

A bandeira brasileira era, portanto, perfeitamente adequada para Feliciano como símbolo nacional, e totalmente defensável dos pontos de vista histórico e astronômico. Sua organização estaria em plena harmonia com os princípios da doutrina positivista, em perspectiva universal. “O fato de anualmente viajarmos em translação no espaço, a perlustrar as constelações zodiacais, e sem nada sofrer em nosso arranjo terrestre, aí está perenamente mostrando que o movimento se concilia com a existência, que o progresso se harmoniza com a ordem.” (Ibidem, p.67). Não seria possível acusar que o dístico fora feito pelos positivistas e por isso não ter representatividade, uma vez que ordem e progresso seriam valores universais a serem perseguidos pela Humanidade.

> As palavras *sociologia* e *altruísmo*, que Augusto Comte especialmente construiu, e que têm por isso um cunho positivista, são hoje aceitas geralmente, em diversas línguas, sem adesão ao credo positivo. Porque, pois, se revoltar contra a divisa política, feita com palavras comuns, de sentido universal? Só um deslize vulgar de triste ignorância ou a malevolência de um partidarismo cego poderá atribuir

> ao lema da bandeira um simbolismo sectário, que o torne inaceitável a quem não seja positivista. (Ibidem, p.76).

Fig. 4. Feliciano e a bandeira nacional.

Fonte: Campos, s.d., acervo pessoal do autor.

Em síntese, Feliciano reuniu argumentos históricos, geográficos e astronômicos disponíveis no repertório da época para demonstrar a crença na suposta exatidão da bandeira brasileira como símbolo nacional. Rebateu com ênfase a suposta ocorrência de equívocos astronômicos e a suspeita de ter sido uma representação construída unicamente a partir do ponto de vista dos positivistas. Sem mencionar os líderes da ortodoxia positivista do Rio de Janeiro, uma vez que o texto foi elaborado após o rompimento com Miguel Lemos e Teixeira Mendes, estabeleceu em seu discurso a defesa da bandeira, o

que sempre fora objeto permanente de cuidado pela liderança carioca, dado ser objeto de várias controvérsias à época. Excluindo Mendes no discurso da autoria republicana do símbolo nacional, procurou firmar-se como grande conhecedor do tema.

1.5.3 Santos Dumont

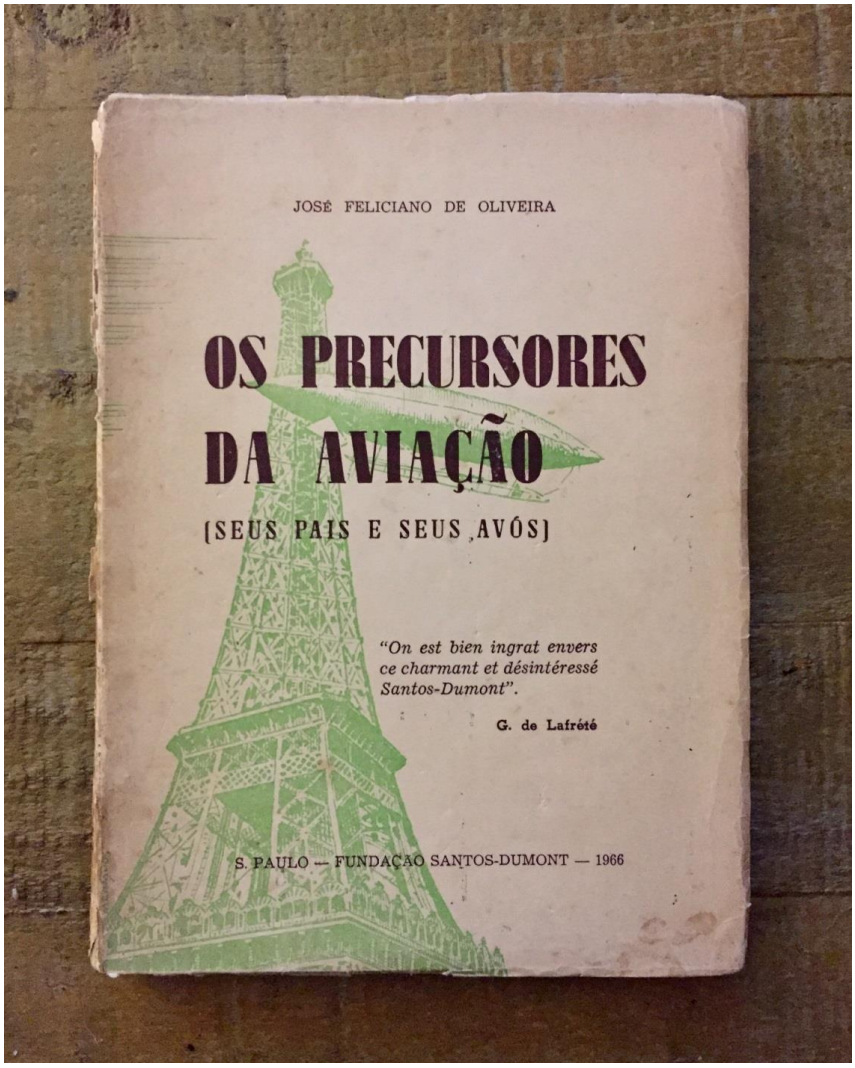
A defesa dos feitos de Santos Dumont é plenamente coerente com o ambiente no qual Feliciano se formou, marcado pelo federalismo científico paulista, no qual proprietários rurais e cafeicultores se diferenciavam dos antigos saquaremas pela preocupação em apropriar-se das descobertas científicas para a obtenção de maior produtividade[5] (ALONSO, 2002, p. 150). Santos Dumont, filho de importante cafeicultor paulista, era uma prova de como a elite oligárquica do estado poderia se utilizar do poder econômico para investir no progresso da ciência. A obra *Os Precursores da Aviação (seus pais e seus avós)* é uma coletânea organizada por Dolores de Oliveira ,publicada em 1966, após a morte de Feliciano, pela Fundação Santos Dumont. Em prefácio, Dolores lembrou que o interesse de Feliciano era provar que Santos Dumont fora o primeiro a realizar um vôo documentado, e que o tema fora objeto de dezenove artigos, publicados em 1925, em *O Estado de S. Paulo* quando residia na França, além de cartas dirigidas às autoridades francesas. Para ela, Feliciano procurou tornar público o fato de que Clément Ader não seria o "pai da aviação", como os franceses divulgavam, em desserviço à propagação da verdade. Feliciano teria, ainda, retomado o tema em 1933, em artigo de *O Estado de S.Paulo*, para denunciar que os franceses consideravam Santos Dumont um esportista, não um inventor. Voltando à carga em 1951, durante a visita ao Brasil, teria novamente procurado divulgar que o pai da aviação era Santos Dumont, tendo enfrentado uma série de dificuldades para a publicação de seu artigo, o que ocorreu somente em *A Gazeta*. Lembrou, ainda, o histórico de Feliciano em prol da reabilitação dos esquecidos ou caluniados, tendo citado os exemplos de Júlio César, Tiradentes, os Xerente, assim como a defesa da bandeira.

> [Feliciano] sempre se dedicou a reabilitar os "esquecidos" ou caluniados, desde Júlio César e seu balão (1884), na "Revista dos Novos", fundada e dirigida por ele; Tiradentes, maltratado por Varnhagen; nossos índios, os Cherentes (1896); a defesa da "Bandeira",

[5] Enquanto a elite federalista científica paulista se interessava em absorver conhecimentos que possibitassem o progresso local, os adeptos da tradição Saquarema se concentravam na manutenção dos privilégios imperiais.

> fazendo na Escola Normal comemorações seguidas, durante 12 anos, até que o governo paulista decretasse que esta comemoração se fizesse em todas as escolas e foi depois seguido nessa iniciativa pelo governo federal... Seria longo detalhar os resultados desse ensino, com a influência de alunos-professores, espalhados pelo Estado e pelo Brasil que levavam o entusiasmo que essas comemorações lhes tinham inculcado e a documentação de um livro completo sobre esse assunto – A Bandeira Nacional (1907). Vejam a respeito, o artigo do "Estado", "Em prol de um símbolo", a 9 de novembro de 1910.
>
> A verdade histórica sobre o Descobrimento do Brasil foi exposta e defendida por José Feliciano, muitos anos antes que em Portugal se apresentassem os mesmos argumentos em favor da premeditação. Seu livro foi publicado em 1900.
>
> Camões, esse grande desconhecido, foi lido e comentado por José Feliciano, como professor na Escola Normal, e o grande poeta tornou-se para as alunas, "nosso querido Camões" – tal era a lucidez e o interesse dessas aulas. (V. Notas Camoneanas, no "Estado", 1926 (OLIVEIRA, 1966, p.17).

Fig. 5. Capa de *Os Precursores da Aviação.*



Fonte: acervo pessoal do autor.

A conquista da capacidade humana de voar com autonomia foi um campo em disputa desde o final do século XIX, movimentando uma série de ações destinadas à finalidade de aperfeiçoamento da técnica respectiva. Feliciano tomou como verdade que inexistiam provas que pudessem comprovar que Clément Ader fosse o inventor do avião como propagandeado. O discurso construído e disseminado do pioneirismo do engenheiro francês no invento do avião teria ocorrido no contexto do nacionalismo francês fortalecido após a primeira guerra mundial. A aviação seria um campo em disputa com grandes interesses militares em jogo, o que teria dificultado a expressão pública daqueles que, como Feliciano, tentaram publicar em jornais notas em contrário. Seria um cenário com muita dificuldade para a liberdade de imprensa, devido ao comprometimento político e econômico com os grupos de apoio. Conforme Hobsbwan (1998, p.159), o período imediatamente posterior ao fim da primeira guerra mundial em 1918 foi marcado pelo declínio dos impérios europeus internacionais e a consolidação da vitória da Revolução Russa, o que provocou uma onda de intensificação do nacionalismo. Apesar do difícil contexto político de expressão, Feliciano declarou que insistia em demonstrar que somente em 1901 havia ocorrido um vôo de balão devidamente documentado, que teria servido de base para o projeto de Santos Dumont, o qual após exaustiva experimentação conduziria à criação da "Demoiselle".

> Exatamente cinco anos depois de sua decisiva proeza como aeronauta, a de 1901, -- Santos Dumont, aviador, fez autenticar sua nova descoberta pelos sábios da Academia, pelo Aero-Club, pelo público parisiense. Inventou em 1906 um aeroplano, subiu nele e o guiou, sem outro exemplo ou guia, sem nisso imitar ninguém. Aqui, com seus próprios recursos, sem catapultas que o lançassem, sem pilones, pesos, montes como Lienthal, Wright, Ferber. Ergueu-se automaticamente do solo, com sua máquina sem seguir nenhum inventor (sobretudo secreto...). Inventou o aeroplano depois de tentativas diversas, apropositadas, conscientes e conscienciosas. Criou um aparelho com motor e forma sua, cujo tipo essencialmente permaneceu o mesmo, sobretudo depois que ele admiravelmente o simplificou na elegante e formosa "Demoiselle", que deu fama e riqueza a muitos [...]
>
> Fez mais:- vôou, vôou muitas e muitas vezes. Fez mais ainda: - como zombavam dele e perguntavam rindo para que servia esse desporto (sport), com sua "Demoiselle", -- que fez ele? Um dia de revista, em Longchamp, o povo de repente levou os olhos da "atração" militar e aclamou nos ares o intrépido e simpático aviador, que vinha ver tudo, tudo "revistar" por cima, pelos ares... Queria demonstrar assim até a utilidade militar que a horrível guerra por demais nos mostrou depois. Os mesmo parisienses então eu entre eles, de dia e de noite, olhávamos para os ares sem nenhuma admiração, e fugíamos para as adegas e antros, a fim de evitar as bombas, porque os alemães

> "também" tinham "inventado" os "úteis" aviões e os dirigíveis "zeppelin"... (OLIVEIRA, 1966, p.24).

Feliciano associou Santos Dumont aos princípios positivistas, uma vez que ele realizava experimentações de forma científica, desinteressada e às claras, analisando os resultados obtidos a fim de progredir nos inventos. Clément Ader, ao contrário, teria realizado seu suposto voo em 1897 de forma completamente reservada, longe do público. A consagração de seu invento estaria a serviço de um estreito nacionalismo francês, ao qual Feliciano contrapunha o sincero amor à pátria. Seria muito difícil equiparar uma personalidade como Ader, que procurava estrategicamente amedrontar a sociedade, ao considerar que a França não se desenvolveria militarmente através da aviação se não acreditasse e investisse em suas ideias, com a de Santos Dumont, que privilegiaria a generosidade ao difundir suas descobertas. O esquecimento em que o inventor brasileiro fora deixado foi relacionado também à publicidade de que os irmãos Wright teriam realizado vôo registrado antes dele, bem como, pela apropriação militar dos progressos da aviação. Além disso, Santos Dumont não teria se preocupado em escrever o suficiente para divulgar os seus feitos, pensando na consagração do conjunto de sua obra técnica.

> E eis porque Santos Dumont não era mais interessante. Seu dirigível, com motor a petróleo, estava em mãos militares, e o monoplano, como o biplano, já a indústria francesa os adotara, dando-lhe logo, aperfeiçoamentos especiais, graças à nova, à imponente freguesia militar... Isso pode talvez explicar por que em Londres rasgaram noturnamente o balão de Santos Dumont, impedindo suas experiências lá... (Ibidem, p.107).

A defesa de Santos Dumont por Feliciano, tanto no Brasil quanto na França, foi parte da luta do mestre paulista pelo reconhecimento dos feitos das personalidades brasileiras notáveis, que contribuíram para o progresso. Para ele, Santos Dumont teria se utilizado da experimentação científica para o progresso da técnica de aviação, o que supostamente fortaleceu a nacionalidade brasileira perante a cultura francesa e o mundo ocidental. A defesa de Santos Dumont implicava, além disso, em defender o próprio positivismo no Brasil, uma vez que o inventor fora educado no estado de São Paulo, tendo frequentado o colégio *Culto à Ciência*, criado com base na inspiração da doutrina. Santos Dumont seria um exemplo a ser seguido por ter vencido o atraso cultural do país, tendo realizado o ideal da mentalidade cientificista no Brasil, na expressão de Barros (1959, p.111). Para Feliciano, ainda que Santos Dumont tenha realizado uma obra de progresso científico notável, uma rede de interesses nacionalistas e militares impediu seu reconhecimento universal, ainda que fosse um nome bastante lembrado na história da

aviação. A importância do inventor seria notável pela demonstração da capacidade de absorver a ciência europeia a partir do Brasil e empregá-la na própria Europa, o que seria o pleno êxito de integração do Brasil ao mundo ocidental mais avançado através da ciência.[6]

1.5.4 Tiradentes

A abordagem da vida de Tiradentes é intrinsicamente ligada à luta pela instalação e consolidação da república brasileira, indo muito além da abordagem dos partidários do positivismo, grandes estudiosos e defensores da vida do "mártir" da independência brasileira. Conforme Alonso (2002, p.240), o repertório político-intelectual do final do século XVIII foi essencial para a interpretação da sociedade brasileira pela geração de 1870. Os partidários da república consideravam que se vivia em uma organização imperial já ultrapassada, que necessitava de renovação, tendo a atuação de Tiradentes sido resgatada neste contexto. Prova da popularidade de sua personalidade entre os republicanos foi a fundação no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1881, ainda no período imperial, do Clube Tiradentes, que editava a cada ano uma folha comemorativa, com artigos e poemas que associavam o herói ao civismo e religiosidade, procurando a empatia popular através de imagens melodramáticas (MILLIET, 2001, p.47). A cada ano se consolidava a construção da versão republicana liberal positiva sobre a Inconfidência Mineira como movimento precursor da independência versus a posição monárquica absolutista de conspiração contra a Coroa (Ibidem,p.14). Dentre os republicanos que elevaram a figura de Tiradentes, os positivistas assumiram posição proeminente, com destaque para os discursos de Silva Jardim. A exaltação da vida de Tiradentes como exemplar para a pátria foi um tema de crucial importância para a Igreja Positivista do Brasil, que sugeriu ao governo republicano provisório que a data de 21 de abril se transformasse em feriado comemorativo. No primeiro ano de comemoração oficial, a marcha cívica realizada foi um sucesso e teve a sessão solene presidida pelo Marechal Deodoro da Fonseca, o que incentivou a propagação do culto ao herói, disputado pelas várias faces do movimento republicano, fossem jacobinos, positivistas ou democratas liberais (Ibidem, 2001, p. 47). A liderança de Miguel Lemos e Teixeira Mendes se esforçou muito para a divulgação da imagem heroica de Tiradentes, tendo o primeiro

---

[6] "Os cientificistas de então sentem-se integrados no mundo ocidental, comungando os seus ideais e lutas. Têm plena consciência do **caráter colonial** do país, caráter esse que o vincula ao destino do ocidente. O que querem não é construir à força uma vida e um pensamento originais, mas integrar plenamente a nação **numa civilização** que, no seu entender, é a **própria civilização**" (BARROS, 1959, p.165).

publicado como texto oficial do apostolado *Determinação do lugar em que foi supliciado o Tiradentes*, em 1892. Ao mesmo tempo em que se reforçava o caráter exemplar de Tiradentes, o pintor positivista Décio Villares foi o primeiro a elaborar a imagem republicana do herói. Formado nesta tradição de culto ao mártir da independência nacional, Feliciano abordou o tema por toda a vida desde a juventude, motivo pelo qual em 1966 foi publicada pela Livraria Martins Editora uma coletânea de textos publicados em jornais sobre o personagem histórico, de épocas bastante distintas, de forma a demonstrar enfaticamente o cuidado permanente com que o mestre paulista tratou do assunto.[7]

Os textos de Feliciano sobre a importância de Tiradentes para a Inconfidência Mineira tomaram um rumo a partir de 1892, com os estudos por ele realizados em arquivo no Rio de Janeiro nos autos de devassa da Inconfidência Mineira. Ao procurar evidências em prol de Tiradentes, Feliciano associou-o ao caráter de exemplaridade, de ação voltada à pátria e ao bem comum da sociedade, desprovida de individualismo, o que se encaixava perfeitamente com a doutrina positivista. Tiradentes era o exemplo de como se deveria viver em sociedade. Ao invés de valorizar festividades sem sentido claro, e notícias de escândalos e acontecimentos incomuns na imprensa, o pensamento da sociedade deveria se voltar para o caráter precursor de Tiradentes para a formação moral da pátria.

> A civilização da Pátria, seu nobre polimento avaliam-se pelo donairoso[8] conspecto de nossas damas, pelo porte varonil de nossos cavalheiros, pela compostura dos que se preparam a um destino sério. Avaliam-se pelos salões familiares, pelas câmaras deliberativas, pelos tribunais, pelos escritos de nossa imprensa, pela frequentação de nossas ruas, pelo nosso comércio; pela correção de nossos negócios, pela nobreza de nossos processos em geral e particularmente por nossa linguagem, pela distinção de nossas maneiras...
>
> Eis aqui o civismo prático, eis aqui o amor da Pátria de que em Tiradentes vamos ver um sublime exemplo. (OLIVEIRA, 1966, p.27).

Os textos sobre Tiradentes demostram a preocupação de Feliciano com a revisão historiográfica republicana do que havia sido escrito sobre ele na época imperial, notadamente por Varnhagen, que teria realçado as características negativas do personagem. Como aponta Milliet,

---

[7] Na referida obra a data de elaboração está presente em alguns textos, mas não em todos, o que requer aprofundamento na pesquisa para a localização exata da data.

[8] elegante

> [...] o aúlico Francisco Adolfo de Varnhagen – historiador-chave para o entendimento da historiografia do Império-, o primeiro a avaliar a conjura, também não lhe foi simpático. Sua recusa em admitir a importância do movimento mineiro para a formação da consciência nacional se insere num quadro maior: o historiador nega, reiteradamente, qualquer ação contrária aos interesses do poder instituído, já que encara o estado como mentor do processo político, condutor da evolução da Colônia independente. O Tiradentes, para ele, não passa de uma conspiração abortada. (MILLIET, 2001, p.23).

Feliciano procurou todas as informações disponíveis sobre Tiradentes, sempre com o intuito de elevá-lo moralmente e reforçar a sua dignidade como símbolo da luta pela formação da pátria brasileira. Dessa forma, combatia frontalmente as obras que o diminuíram, como a de Norberto de Sousa Silva, que trouxe uma carga negativa em torno do herói republicano quando escreveu a primeira obra cujo objeto era a inconfidência, denominada História da Conjuração Mineira (Ibidem, 2001, p.23). Ainda que Feliciano manifestasse apreço pela obra de Capistrano de Abreu, posicionou-se frontalmente contra ele em relação a Tiradentes, qualificando-o, neste particular, como "anotador de Varnhagen " (OLIVEIRA, 1966, p. 106).

A figura de Tiradentes era objeto de culto não somente pelos positivistas como por outros adeptos da construção da ordem republicana, e sua imagem deveria ser salientada como a de um líder, precursor desse novo período da pátria e não como um agente de desordem na sociedade, desqualificado e menos letrado em relação àqueles que estavam à sua volta no movimento pela independência.

> Vê-se por aí mais uma vez que Tiradentes era filho de família abastada, com uma herança que atualmente subiria talvez a muito mais de cem contos. Eram capazes seus pais de lhe dar educação cuidada, especialmente com irmãos que se destinavam a carreira sacerdotal e com primos ilustres, que frequentavam sua família assiduamente conforme sabemos por documentos autênticos.
>
> Sabe-se que aprendeu o latim e o francês, como depois mostrou, embora com a deficiência que todos podem ter na madureza, em relação às matérias que aprenderam na meninice. Redigia bem, com boa letra, segundo as normas e ortografia do tempo, em comparação com os letrados, seus ímbeles[9] companheiros na frustrânea jornada cívica. (Ibidem, 1966, p.43).

Ao mesmo tempo em que se debruçou sobre os documentos disponíveis sobre a Inconfidência Mineira, procurou despertar emotivamente a associação entre o sacrifício

[9] Belicosos

de Cristo em prol da Humanidade e o suplício de Tiradentes a favor da pátria. O viver para outrem assumiria para Feliciano uma comovente forma positivista; o personagem dotado de elevada moralidade assumiria o caráter inteligente de herói humilde, mártir e justo, consagrado pela análise dos textos históricos e pela tradição popular. Tiradentes fora um homem educado na religiosidade católica e que recebeu a educação intelectual que o tornava apto a se relacionar com os mais letrados. No texto de juventude, intitulado *A Execução de Tiradentes*, extraído do folheto no.2 do Club Republicano de Comemorações Cívicas de Campinas, de 1904 (inicialmente escrito para o *Correio Paulistano*, em 1892) a similitude de seu martírio com o de Cristo é feita constantemente.

> Logo cedo o carrasco, que era o negro Capitania, foi á cadeia implorar ao Réu o perdão da morte que involuntariamente lhe ia dar. Tiradentes, plácido, em sublime humildade, que o exaltou extraordinariamente, respondeu ao algoz:
>
> - Ó MEU AMIGO, DEIXE-ME BEIJAR-LHE AS MÃOS E OS PÉS!
>
> E tendo-o feito, provocou admiração e lágrima do próprio empedernido executor.
>
> Ao despir-se para enfiar a alva e receber o baraço, tirou também a camisa, dizendo:
>
> -MEU REDENTOR TAMBÉM POR MIM MORREU NU! (Ibidem, p.52).

A associação entre os mártires de calvário enquadra-se na tradição criada pelo Clube Tiradentes, cujos artigos e poemas evocativos, de 1892 a 1904, insistentemente pretendiam realizar essa identificação (MILLIET, 2001, p.84). Ao mesmo tempo, Feliciano seguiu nos textos sobre o herói toda a tradição da ortodoxia positivista que viu em Tiradentes a personificação exemplar sobre como se deveria comportar de forma moral perante a pátria. A atividade do herói republicano, que poderia ser reconhecida pelos proletários através da educação, era um perfeito exemplo de conciliação com a inteligência dos filósofos e o sentimento da mulher, simbolizada por Clotilde de Vaux (BARROS, 1971, p.132). Através da ligação direta com os princípios positivistas, a defesa da memória do herói republicano era continuamente retomada, o que persistiu nos anos de residência de Feliciano na França. Isto era coerente com o seu pertinaz trabalho de propaganda da pátria brasileira. Pela possibilidade que o heroísmo de Tiradentes oferecia de elevar a doutrina positivista através do altruísmo, sua defesa foi intensamente realizada por Feliciano e outros positivistas brasileiros. Mediante a associação das

personalidades de Cristo e Tiradentes, evidencia-se em Feliciano a tendência em conciliar a doutrina positivista com a tradição católica nacional. Como aponta Milliet,

> Reside no lema positivista viver para outrem a afinidade moral entre Tiradentes e Cristo. Ambos padeceram por amor aos outros. Tanto para o cristão quanto para o positivista a ideia do mártir está associada à figura do herói altruísta e manso. A solidariedade enquanto manifestação coletiva pode ser entendida como a forma evoluída da caridade cristã: a renúncia individual em benefício do interesse social. Essa virtude se traduz na *Dedicação dos fortes pelos fracos*, cuja contrapartida, a *Veneração dos fracos pelos fortes*, acaba por configurar um sistema de interdependência. A ideia de proteção tutelar leva a reconhecer os homens ilustres como exemplos e guias da Humanidade e a dedicar-lhes um sentimento de reverência próximo ao votado aos santos do catolicismo. (MILLIET, 2001, p.147).

Tiradentes ocupou um lugar de destaque na produção textual de Feliciano, que sempre procurou associá-lo ao comportamento moral que os positivistas defendiam em sociedade. Coerente com a tradição dos republicanos que o antecederam de defesa do herói, notadamente os positivistas, procurou introduzir novas informações históricas de forma a buscar reconhecimento e tornar-se referência no tema. Investiu também no discurso de martirização do personagem em prol da formação da pátria brasileira, posição com a qual gostava de se referir a si mesmo quando havia oportunidade.

1.5.5 Outros temas abordados

Houve outros textos que trataram de questões brasileiras, como o de análise do povo indígena Xerente, incorporado à tradição indigenista formada no império que via esse elemento como crucial para a construção nacional. Este interesse pelo conhecimento dos povos indígenas foi compartilhado com outros estudiosos de seu tempo, tendo sido também trabalhado por Capistrano de Abreu em obras como *A Língua dos Baecaris* (1897) e *Dois Documentos sobre Caxinauás* (1911-1912). Alonso (2002, p.242) destacou o caráter renovador da geração 1870, que contestou, pela busca pelo conhecimento, a legitimidade da tradição saquarema de investir no romantismo indianista idealizado para a formação da nacionalidade. São exemplos de textos sobre vocabulário indígena elaborados anteriormente à primeira publicação do mestre paulista e publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:* Vocabulários Indígenas Coordenados, que abrangeu o povo Carajá, Caiapó, e Xerente (1893, Tomo LV, parte II,

p.) e outro dedicado especificamente ao povo Xerente (1907, Tomo LV, parte II, p.91-94), ambos pelo militar Eduardo Arthur Socrates. O estudo indígena do povo Xerente, por Feliciano, que incluiu como apêndice o registro de vocabulário, foi escrito em 1896 e reproduzido em 1912 para apresentação no *XVIII International Congress of Americanists* em Londres, no qual Oliveira Lima foi um dos delegados. A obra se ancorou na tradição de reconhecimento da importância dos povos indígenas para a formação da nacionalidade brasileira, que foi institucionalizada em 1910 com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, graças aos esforços de militares positivistas como Cândido Rondon, membro da Igreja Positivista do Brasil.

Fosse na defesa do civilismo em oposição ao militarismo, na argumentação em prol da ditadura republicana brasileira, do papel ministerial de Demétrio Ribeiro[10] no principio da república, na análise criteriosa sobre o território do Acre na questão territorial com a Bolívia, na atuação irrepreensível de José Bonifácio no processo da independência brasileira, a adesão ampla aos princípios positivistas do ponto de vista de um educador sempre esteve presente na construção nacional.

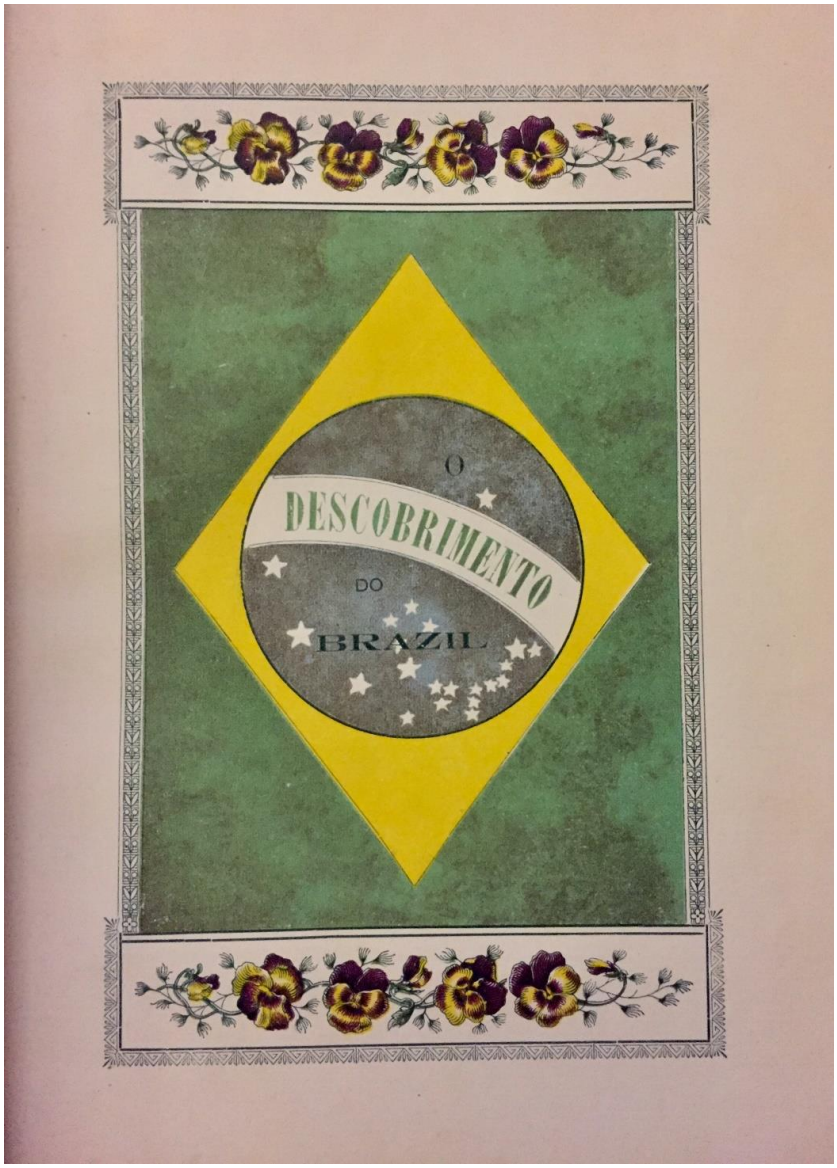
1.5.6 Conclusões sobre a construção nacional de Feliciano

As obras sobre o descobrimento do Brasil, a bandeira nacional, Santos Dumont e Tiradentes são representativas de um autor filiado à tradição luso-brasileira, conciliada aos princípios da ortodoxia comteana. Para o filósofo de Montpellier, de caráter antirrevolucionário, interessava a formação do cidadão que fosse capaz de seguir a ordem superior se inspirando nos modelos estabelecidos. Adepto da religião da Humanidade, Feliciano conciliou o culto das grandes personalidades à tradição católica, com abordagens que provocassem a inteligência e emoção do leitor, de acordo com os preceitos do catecismo de Comte. José Bonifácio, tido por Feliciano como protagonista da independência nacional, teria sido um caráter exemplar de homem da elite que dedicou a vida à construção da pátria. Todas as escolhas se enquadravam no sentido de construção

[10] Demétrio Ribeiro foi um positivista Ministro da Agricultura do governo provisório republicano que apresentou o projeto de separação entre igreja e Estado; a posição por ele conquistada seria para Feliciano um exemplo da importância do grupo para a organização da república. Lamentavelmente para o mestre paulista ele não teria tido o tempo necessário para atuar no governo de acordo com sua capacidade intelectual e moral.

de uma ordem nacional, realizando um trabalho educativo em prol do progresso, ordenado de acordo com os princípios positivistas, o que afastava Feliciano da formação do cidadão democrático (Ibidem, 1971, p.138).

Fig. 6. Ilustração da obra *O Descobrimento do Brasil*.

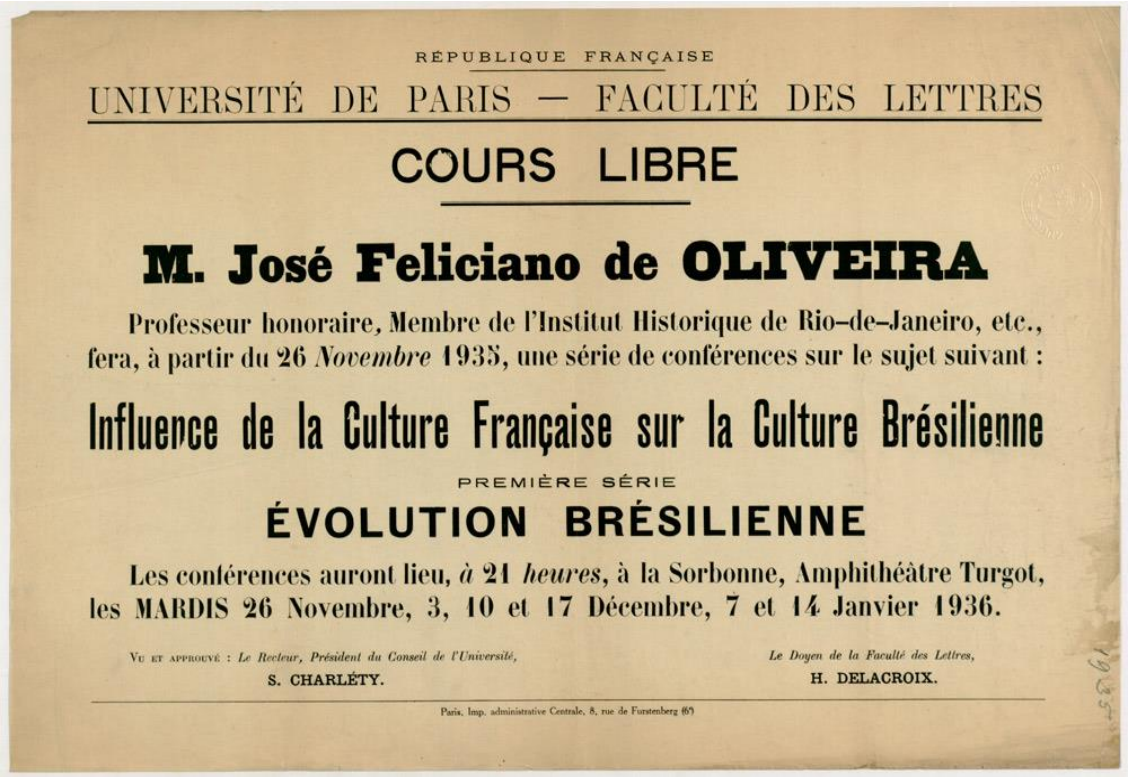


Fonte: acervo pessoal do autor.

A atenção de Feliciano na seleção de personalidades exemplares para contribuir com a formação nacional esteve intrinsecamente relacionada a sua atividade como educador de formação positivista, tanto no magistério na Escola Normal quanto nos

cursos livres em que divulgou o Brasil na França. Como exemplos, há a comemoração de Tiradentes, incentivada pelo mestre paulista anualmente e que se tornou uma tradição na Escola Normal, bem como o curso livre realizado na Université de Paris, em 1936, sobre a influência da cultura francesa sobre a brasileira. Além dos estudos sobre os personagens exemplares, escreveu textos sobre acontecimentos históricos relativos à pátria e sobre aspectos desejados para a organização nacional, do ponto de vista da doutrina positivista. A experiência e o conhecimento adquiridos na trajetória de positivista brasileiro foram objeto de várias exposições orais públicas na França.

Fig. 7. Cartaz do curso de 1936 na Université de Paris.


RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

UNIVERSITÉ DE PARIS — FACULTÉ DES LETTRES

COURS LIBRE

M. José Feliciano de OLIVEIRA

Professeur honoraire, Membre de l'Institut Historique de Rio-de-Janeiro, etc., fera, à partir du 26 *Novembre* 1935, une série de conférences sur le sujet suivant :

Influence de la Culture Française sur la Culture Brésilienne

PREMIÈRE SÉRIE

ÉVOLUTION BRÉSILIENNE

Les conférences auront lieu, *à* 21 *heures*, à la Sorbonne, Amphithéâtre Turgot, les MARDIS 26 Novembre, 3, 10 et 17 Décembre, 7 et 14 Janvier 1936.

Vu et approuvé : *Le Recteur, Président du Conseil de l'Université,* S. CHARLÉTY.

Le Doyen de la Faculté des Lettres, H. DELACROIX.

Paris, Imp. administrative Centrale, 8, rue de Furstenberg (6e)

Fonte: Maison d'Auguste Comte.

Uma preocupação comum às obras para a construção nacional foi a persistente preocupação em demonstrar que teria havido abundante apresentação de documentos para sustentar a argumentação histórica, enfatizando o suposto rigor e a veracidade das afirmações baseadas em provas. Lado a lado com os documentos, havia a intenção de sensibilizar emocionalmente o leitor para o culto de personagens construídos com elevada grandeza moral, que deveriam ter o exemplo de vida imitado.

Feliciano não estava isolado no papel de educador voltado à construção nacional. A ênfase nos elementos brasileiros presente na obra bibliográfica e jornalística de Feliciano foi compartilhada por um conjunto maior de educadores e pesquisadores de seu tempo. Esta convergência é observável em exemplos como o do professor Sud Menucci, com quem Feliciano se relacionou por correspondência, autor da obra *O Precursor do abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, editada em 1938. O personagem histórico também foi investigado pelo mestre positivista devido à relação com o abolicionismo e destacado pela atuação exemplar na história brasileira.[11] Ambos os educadores, além de ideias em comum, compartilharam o fato de terem trabalhado para *O Estado de S. Paulo*, tendo Mennucci iniciado a trajetória no jornal em 1925, quando Feliciano já estava há mais de uma década na França. A relação entre os dois estreitou-se alguns anos depois, quando, em 11 de fevereiro de 1928, Mennucci decidiu transcrever no jornal a íntegra da carta de Dolores Feliciano de Oliveira, em que enfatizava a importância da pesquisa de Feliciano para o resgate simbólico de Tiradentes, publicada em *O Estado de S. Paulo*. Anos mais tarde, no período de 1943 a 1945, Sud assumiria a direção do jornal, e prosseguiria a atuação de Feliciano como colaborador no exterior e pesquisador dos temas brasileiros.

[11] Em 1941, Feliciano escreveu para *O Estado de S. Paulo* uma série de artigos de resgate da memória de Luiz Gama.

CAPÍTULO 2 – FELICIANO E A EDUCAÇÃO PARA O PROGRESSO DA SOCIEDADE

Frutos da dedicação ao magistério, o mestre paulista produziu textos voltados às reflexões sobre educação, que abrangeram tanto características doutrinárias, elaborados para cerimônias institucionais, quanto memorialísticas, de grande importância para a reconstituição histórica da instrução pública paulista no final do século XIX e início do XX. Como evidência material da escrita memorialística sobre o vivido no magistério paulista, sua obra *O Ensino em S. Paulo: algumas reminiscências* foi publicada cerca de dois anos depois da escrita por João Lourenço Rodrigues, de quem foi professor na Escola Normal, intitulada *Um Retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo*. Em ambos estava presente a vontade de estabelecer a verdade dos fatos na instrução pública paulista, em relatos marcados pela nostalgia, com a lembrança de um tempo áureo vivido no final do século XIX (CATANI, 1994, p.74). Em 1946, ano de comemoração do centenário da Escola Normal de São Paulo, Feliciano procurou contrapor-se ao esquecimento imposto de seu nome como professor relevante na história da instituição pela comissão editorial da *Polianteia Comemorativa*. Paraninfo de várias turmas quando professor da instituição, dedicou-se a escrever artigos sobre a história da Escola Normal publicados em *O Estado de S. Paulo* no contexto do marco do centenário.

O movimento memorialístico pela escrita da história dos primeiros tempos republicanos da instrução pública paulista deu aos autores a consciência das dificuldades de organizar a memória do trabalho com educação, que tinha uma tendência a ser esquecido no Brasil em face de outros interesses. Ou seja, foi um esforço de valorização da carreira do magistério, ao qual tinham dedicado preciosos anos de vida. Ambos os educadores se destacaram na atuação como funcionários do estado e tiveram a oportunidade de expressar-se em jornais e periódicos. O que facilitou a permanência de João Lourenço Rodrigues como "guardião" da memória oficial no período foi a permanência de sua relação com o governo, exatamente o que dificultou a atuação de Feliciano, devido a seu afastamento da política imposta à instrução pública paulista, somada à decisão, realizada em 1911, de migrar para a França.

Os textos doutrinários de Feliciano sobre educação inserem-se na tradição de defesa da importância do investimento público e laico em educação, para superação do

atraso brasileiro em relação às nações mais desenvolvidas. Esse movimento teve um forte impulso inicial com Rui Barbosa, em 1882, na elaboração dos pareceres à Reforma Leôncio de Carvalho. Neles estava a constatação de que era indispensável que a educação se incorporasse à realidade do povo brasileiro, tendo sido Rui Barbosa um exemplo de intelectual com olhar europeu pautado na argumentação baseada em vasta literatura que sustentava a defesa do oferecimento de uma educação obrigatória de qualidade (VALDEMARIN, 2000, p. 86). A discussão da reforma educacional, tema consolidado nos pareceres, abriu caminho para uma série de manifestações de políticos e educadores, como foi o caso de Feliciano, que explorou criticamente o tema quando escrevia sobre educação. O tema das dificuldades na realização das reformas educativas, devido à ênfase nos aspectos políticos e seu distanciamento do cotidiano do magistério se tornou constante na trajetória do mestre paulista, que sempre voltava ao assunto quando julgava oportuno.

2.1. A presença de Comte e dos pensadores integrados à ciência e à moral

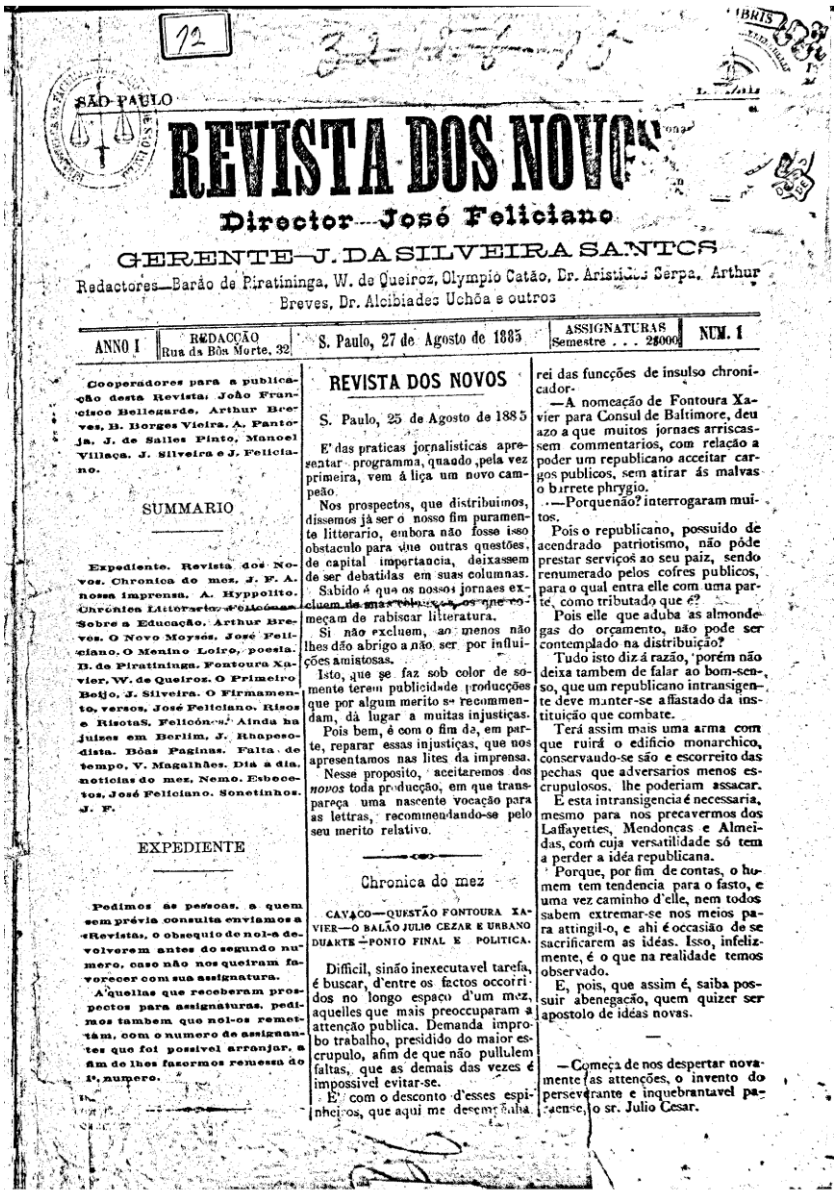
Desde sua juventude, Feliciano trilhou o caminho da erudição e começou a se destacar no restrito universo da expressão escrita paulista por meio da produção de textos que fez publicar em periódicos diversos. Em 1885, com apenas dezessete anos, então aluno da Escola Normal, já era diretor da *Revista dos Novos*, cujos colaboradores escreviam sobre temas contemporâneos variados como educação, política, sociedade, violência e papel da mulher na sociedade. A educação escolar era ainda um tema inovador, cujas referências eram trazidas das nações tidas como mais adiantadas. Com a ampla maioria de população analfabeta, o assunto despertava muita atenção dos mais letrados de todas as tendências ideológicas, o que gerou a produção de ideias sobre soluções para o aprimoramento da organização escolar nacional. Na citada *Revista dos Novos*, Feliciano pôde contar com a contribuição do normalista Artur Breves[12], que refletiu sobre o sistema de educação mais adequado à realidade brasileira da época.

O pioneirismo do estudo diagnóstico da educação no Brasil, elaborado por Rui Barbosa como parecer para a reforma proposta por Leôncio de Carvalho, foi de impacto significativo nas realizações escolares dos primeiros tempos da república no estado de São Paulo (Ibidem, p.184), acompanhadas pela geração de Feliciano. Rui Barbosa teve um papel importante na tradução de obras sobre educação norte-americanas, como

[12] Formado em 1884 pela Escola Normal de São Paulo, anos mais tarde, de 1904 a 1906, Arthur Breves foi Diretor da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo.

Primeiras Lições de Coisas de Calkins, que foram utilizadas em abundância pelo professorado (OLIVEIRA, 1932, p.9-10). A produção de Feliciano sobre a educação provém de suas leituras e experiências de juventude, somadas à atuação profissional no magistério e à inserção em uma rede de relações com letrados, o que abrangia a estratégia de inclusão institucional.

Fig. 8. Capa do primeiro número da *Revista dos Novos* – 27/08/1885.



SÃO PAULO

REVISTA DOS NOVOS

Director—José Feliciano

GERENTE—J. DA SILVEIRA SANTOS

Redactores—Barão de Piratininga, W. de Queiroz, Olympio Catão, Dr. Aristides Serpa, Arthur Breves, Dr. Alcibiades Uchôa e outros

ANNO I | REDACÇÃO Rua da Bôa Morte, 32 | S. Paulo, 27 de Agosto de 1885 | ASSIGNATURAS Semestre . . . 2$000 | NUM. 1

Cooperadores para a publicação desta Revista: João Francisco Bellegarde, Arthur Breves, B. Borges Vieira, A. Pantoja, J. de Salles Pinto, Manoel Villaça, J. Silveira e J. Feliciano.

SUMMARIO

Expediente. Revista dos Novos. Chronica do mez, J. F. A. nossa imprensa. A. Hyppolito. Chronica Litteraria. Sobre a Educação. Arthur Breves. O Novo Moysés. José Feliciano. O Menino Loiro, poesia. B. de Piratininga. Fontoura Xavier. W. de Queiroz. O Primeiro Beijo. J. Silveira. O Firmamento, versos. José Feliciano. Risos e Risotas. Felicóns. Ainda ha juizes em Berlim. J. Rhapsodista. Bôas Paginas. Falta de tempo. V. Magalhães. Dia a dia, noticias do mez. Nemo. Esbocetos. José Feliciano. Sonetinhos. J. F.

EXPEDIENTE

Pedimos ás pessoas, a quem sem prévia consulta enviamos a Revista, o obsequio de nol-a devolverem antes do segundo numero, caso não nos queiram favorecer com sua assignatura.

Aquellas que receberam prospectos para assignaturas, pedimos tambem que nol-os remettam, com o numero de assignantes que foi possivel arranjar, a fim de lhes fazermos remessa do 1º numero.

REVISTA DOS NOVOS

S. Paulo, 25 de Agosto de 1885

E' das praticas jornalisticas apresentar programma, quando pela vez primeira, vem á liça um novo campeão.

Nos prospectos, que distribuimos, dissemos já ser o nosso fim puramente litterario, embora não fosse isso obstaculo para que outras questões, de capital importancia, deixassem de ser debatidas em suas columnas.

Sabido é que os nossos jornaes excluem de suas columnas, os que começam de rabiscar litteratura.

Si não excluem, ao menos não lhes dão abrigo a não ser por influições amistosas.

Isto, que se faz sob color de somente terem publicidade producções que por algum merito se recommendam, dá lugar a muitas injustiças.

Pois bem, é com o fim de, em parte, reparar essas injustiças, que nos apresentamos nas lites da imprensa.

Nesse proposito, aceitaremos dos *novos* toda producção, em que transpareça uma nascente vocação para as lettras, recommendando-se pelo seu merito relativo.

Chronica do mez

CAVAÇO—QUESTÃO FONTOURA XAVIER—O BALÃO JULIO CEZAR E URBANO DUARTE—PONTO FINAL E POLITICA.

Difficil, sinão inexecutavel tarefa, é buscar, d'entre os factos occorridos no longo espaço d'um mez, aquelles que mais preoccuparam a attenção publica. Demanda improbo trabalho, presidido do maior escrupulo, afim de que não pullulem faltas, que as demais das vezes é impossivel evitar-se.

E' com o desconto d'esses espinhe[illegible]os, que aqui me desem[illegible]alha rei das funcções de insulso chronicador.

—A nomeação de Fontoura Xavier para Consul de Baltimore, deu azo a que muitos jornaes arriscassem commentarios, com relação a poder um republicano acceitar cargos publicos, sem atirar ás malvas o barrete phrygio.

—Porque não? interrogaram muitos.

Pois o republicano, possuido de acendrado patriotismo, não póde prestar serviços ao seu paiz, sendo renumerado pelos cofres publicos, para o qual entra elle com uma parte, como tributado que é?

Pois elle que aduba as almondegas do orçamento, não pode ser contemplado na distribuição?

Tudo isto diz á razão, porém não deixa tambem de falar ao bom-senso, que um republicano intransigente deve manter-se affastado da instituição que combate.

Terá assim mais uma arma com que ruirá o edificio monarchico, conservando-se são e escorreito das pechas que adversarios menos escrupulosos, lhe poderiam assacar.

E esta intransigencia é necessaria, mesmo para nos precavermos dos Laffayettes, Mendonças e Almeidas, com cuja versatilidade só tem a perder a idéa republicana.

Porque, por fim de contas, o homem tem tendencia para o fasto, e uma vez caminho d'elle, nem todos sabem extremar-se nos meios para attingil-o, e ahi é occasião de se sacrificarem as idéas. Isso, infelizmente, é o que na realidade temos observado.

E, pois, que assim é, saiba possuir abenegação, quem quizer ser apostolo de idéas novas.

—

—Começa de nos despertar novamente as attenções, o invento do perseverante e inquebrantavel paulense, o sr. Julio Cesar.

Fonte: Biblioteca da Faculdade de Direito da USP.

Uma referência importante também para os estudos dos textos sobre educação de Feliciano é a anteriormente citada relação como colaborador em *O Estado de S. Paulo*, o que lhe possibilitou estar atualizado sobre as discussões relacionadas ao tema, assunto vivamente incentivado pela direção do jornal desde o período imperial. Feliciano se alinhou à tradição iniciada por Rui Barbosa de que o Estado brasileiro deveria assumir a instrução pública, o que foi reforçado por intelectuais de peso como José Veríssimo em *A Educação Nacional*, obra escrita nos primeiros tempos republicanos. Crítico do andamento do início do novo regime pela ausência de efetivas mudanças, Veríssimo propôs um projeto de formação moral e cívica, uma vez que seria através da instrução pública que se chegaria ao conhecimento e à obediência às normas de conduta sociais, vencendo a ignorância para uma construção nacional eficaz (BONTEMPI JR., 2010, p. 5). A segunda edição da obra, de 1906, tem na contracapa a propaganda de outras obras da Livraria Francisco Alves, que são mais um indício do repertório que circulava nos primeiros tempos republicanos. Nela constam, dentre outros, *Da Educação* de Spencer, *Lições de Coisas* de Calkins e *Compendio de Civilidade*, oferecido às famílias e às escolas brasileiras por D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará.

Ainda que os espaços para a expressão sobre os assuntos da instrução não fossem amplos, era comum entre os mais letrados a vontade de expressar-se em prol do fortalecimento do magistério, como o seu colega de juventude Artur Breves, que publicou, em outubro de 1889, em *O Estado de S. Paulo* um artigo sobre o papel político da educação. Nesse texto, Breves declarou que a educação seria um meio poderoso para a melhoria do caráter nacional de um povo, sendo intimamente ligada à organização política.

Formado pela Escola Normal de São Paulo em 1887, Feliciano vivenciou na formação normalista o conflito dos professores positivistas Silva Jardim, Godofredo Furtado e Cypriano Carvalho com a burocracia monárquica e eclesiástica presente na instituição, comprometida com o governo imperial. Os referidos professores realizaram em São Paulo um trabalho de divulgação do positivismo como doutrina voltada ao progresso social, realizando conferências históricas, comemorações de datas cívicas e organização de cursos de astronomia para proletários (MONARCHA, 1999, p.137). Sua formação deu-se neste ambiente de difusão das ideias republicanas -- que proporcionaram a politização do magistério, através da atuação de Silva Jardim entre os normalistas (Reis, 1981, p.29) -- e das ideias positivistas em São Paulo.

As ideias absorvidas na formação, que trouxeram a consciência da inseparabilidade entre política e educação estiveram presentes em Feliciano desde a juventude, como no texto de 28 de fevereiro de 1890, intitulado “A Reforma do Ensino”, parte da obra *O Novo Regime*. Incomodado com a imobilidade então reinante, elaborou uma proposta que julgava adequada para a juventude dos novos tempos, procurando demonstrar como deveria ser organizada a estrutura do ensino republicana no Brasil sob o ponto de vista da matriz positivista, defendendo o governo de ditadura. Conforme Alonso (2002, p.243), o final do século XIX foi marcado por novos sentidos ao ideal de civilização romana, tendo os positivistas abolicionistas incorporado o romanismo de Comte, acompanhado da estratificação social e da república com executivo forte e centralizado, dirigida por um ditador. Para introduzir a ideia do projeto positivista para a educação, Feliciano expôs o caos social vivido naquele momento, que se refletia no ambiente escolar:

> Os alunos que hoje frequentam as escolas públicas são filhos de proletários em sua maior parte. E os proletários são uns desafortunados que enfrentam com todos os labores, e não alcançam ter residência fixa, ter lar confortativo, onde a esposa coroável possa incutir nos filhos os preconceitos de uma moral sã. Os alunos das escolas secundárias e superiores são filhos de burgueses, e só se reformarão quando seus pais se regenerarem, compreendendo a educação que lhes devem dar. (OLIVEIRA, 1889-1890, p.54).

A reflexão sobre a república brasileira, que precisava de parâmetros para a sua consolidação, era uma preocupação de intelectuais como Silvio Romero, que reconheceu a dificuldade em estabelecer politicamente na sociedade brasileira um modelo de governo originariamente europeu. Para que este transplante fosse bem sucedido, era necessário educar a sociedade, de forma a prepará-la para a república. Para Silvio Romero (1894, p. XVII, XVIII), não seria um falso constitucionalismo parlamentar controlado por uma minoria que viabilizaria o caminho para a república, mas uma construção sólida de consciência nacional republicana por meio da educação. Ainda que fosse um crítico do positivismo, associando-o ao incentivo ao domínio pela força militar, Silvio Romero compartilhava a visão do grupo defensor da importância da atividade educativa.

A educação em Comte ganhou uma nova dimensão, pois com o desenvolvimento do espírito do homem ocorreria a marcha da Humanidade na mesma direção (BARROS, 1971, p.138). Pensadores evolucionistas como Spencer, reconhecidos por intelectuais brasileiros não positivistas como Silvio Romero, foram incontestável fonte inspiradora dos textos de Feliciano. Spencer foi por ele considerado, em retrospecto, como um autor

moderníssimo, tendo lembrado de uma dissertação que havia feito em 1886 sobre a escola ativa, que guiaria a atividade do aluno de descobrir as coisas por si mesmo (OLIVEIRA, 1932, p.9). A presença de Comte nas reflexões de Feliciano sobre o tema ocorreu tanto de forma explícita, através das citações de frases do mestre, quanto implícita, na internalização da doutrina.

O folheto *A Educação e a Urbanidade. Aos professorandos de 1902 – discurso de paraninfo*[13], foi elaborado a convite da comissão de formatura, que elegeu Feliciano como paraninfo, quando ele se encontrava em Paris.[14] O discurso foi lido em uma solenidade com a presença de autoridades governamentais, formandos e familiares, e impresso em 1903 pela tipografia do Diário Oficial do Estado. A impressão do texto, realizada por órgão oficial, e a dedicatória ao Presidente de São Paulo, Dr. Bernardino de Campos, apontado como um "ilustre, bom e paternal amigo" e ao Secretário da Justiça, Interior e Saúde Pública de São Paulo, Dr. Bento Bueno[15], "prezado conterrâneo e amigo" (Idem, 1952, p. 11), indicam previamente que o discurso seria bem aceito entre os ouvintes. Partindo da definição de Comte, de que "toda educação humana deve preparar cada um a viver para outrem, a fim de reviver em outrem" (apud OLIVEIRA, 1952, p.20), Feliciano dirigiu-se aos formandos para dizer o que considerava mais importante como reflexão para atuar no magistério. Dividiu o discurso em três partes: a primeira sobre o ideal da educação, a segunda sobre os meios para alcançá-lo e a terceira sobre a necessidade de harmonização do professor para com a realidade em que atua. Concluiu com uma exaltação aos mestres para que praticassem a bondade, tão pregada por Comte: "sêde bons, sede ricos de coração. Os bens da vida material são perecedouros. As riquezas da vida moral não perecem nunca"(OLIVEIRA, 1952, p. 37).

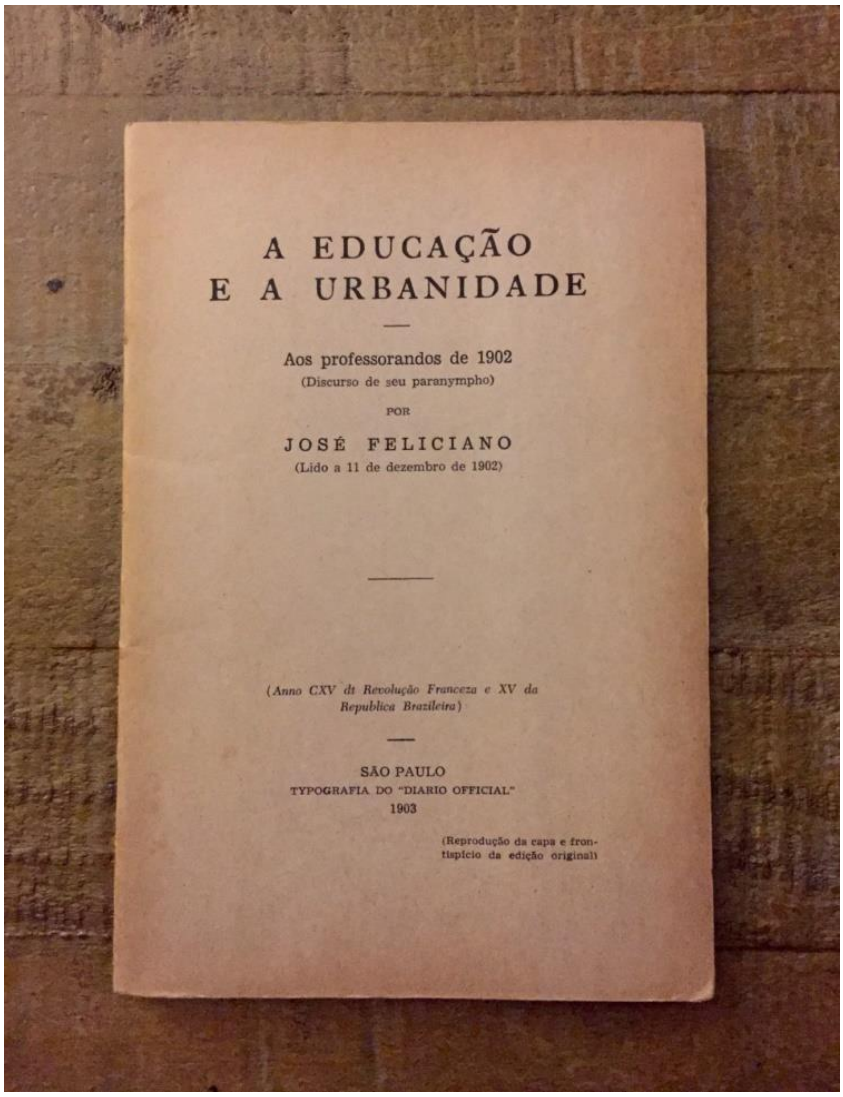
---

[13] Reproduzido novamente em 17/04/1952, tendo sido reeditado por um discípulo, João Marinho, Professor Emérito da Universidade do Brasil, quando se reuniam em São Paulo os reitores das universidades do Brasil para "assentarem normas comuns de educação à mocidade brasileira."

[14] O discurso foi dedicado à memória de Cesário Motta Júnior, a Bernardino de Campos, Bento Bueno e Gabriel Prestes.

[15] Bento Pereira Bueno foi sócio fundador, em 1894, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Fig. 9. Capa do folheto *A Educação e a Urbanidade.*



A EDUCAÇÃO
E A URBANIDADE

Aos professorandos de 1902
(Discurso de seu paranympho)

POR

JOSÉ FELICIANO
(Lido a 11 de dezembro de 1902)

(*Anno CXV da Revolução Franceza e XV da Republica Brazileira*)

SÃO PAULO
TYPOGRAFIA DO "DIARIO OFFICIAL"
1903

(Reprodução da capa e frontispicio da edição original)

Fonte: acervo pessoal do autor.

Na construção do discurso aos normalistas, além de Comte, Feliciano procurou dispor fartamente de símbolos que demonstrassem erudição e que fossem importantes para o universo intelectual dos presentes. Em um contexto no qual a cultura francesa era amplamente compartilhada, serviu-se do enciclopedista Diderot para firmar o conceito de polidez na alma humana: “uma inclinação doce e benfazeja, que torna o espírito atento”; “pura e inocente”; “essencialmente um bem” (Ibidem, p.26); recorrendo, ainda, a Petrarca e a Camões. As dificuldades que os formandos enfrentariam quanto ao respeito que deveria estar presente nas relações entre mestres, alunos e familiares foram salientadas, em comparação com o que ele próprio havia vivenciado em solo europeu: “Não dissimulo

as dificuldades com que, neste particular, tereis de enfrentar em nossa raça. Vi-as mais sensivelmente ao passar da polidíssima, civilizada França, da bela, polida, estética Itália para a nobre, altiva Espanha, para o bom e glorioso Portugal" (Ibidem, p.28). Como defensor da ilustração brasileira, Feliciano considerou que os obstáculos que os normalistas enfrentariam no cotidiano eram necessários para que o país cumprisse seu destino, superando o atraso cultural e acelerando a marcha para alcançar a parte da Humanidade que se encontrava em maior progresso (BARROS, 1959, p.24). Além de demonstrar aos ouvintes o conhecimento de outras realidades, Feliciano procurou reforçar a valorização de grandes símbolos da civilização ocidental, que os normalistas deveriam incorporar e defender pela transmissão do conhecimento do que era esteticamente importante:

> Como dilata nossa alma a contemplação entusiástica de uma senda da natureza, de um ocaso, de uma esplanada amplíssima, de uma serrania intérmina! Como encanta, faz-nos vibrar e nos eleva uma escultura de um Apolo, de Laocoonte, da severa Minerva ou da cândida Venus Capitolina! Uma virgem suavíssima de Rafael, uma virgem vaporosa de Murillo, uma cena doméstica de Greuze, uma festa popular de Goya! Como predispõem ao bem uma sonata de Beethoven, um lamento, uma melodia de Bellini, ou um tesouro, um mundo musical como o D. Juan de Mozart! Como entusiasta um trecho sublime de Bossuet, uma correção arguta de Vieira, um cântico de Dante, um soneto de Petrarca, uma ode, uma égloga, um canto, um soneto de Camões! (OLIVEIRA, 1952, p.31).

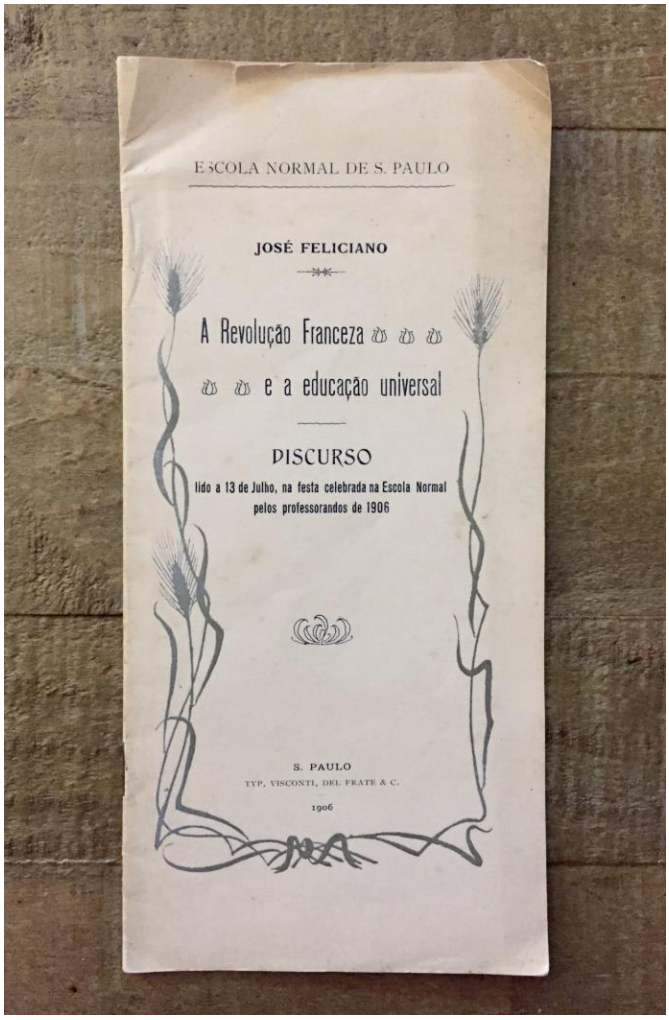
O texto *A Revolução Francesa e a Educação Universal* celebrou essa efeméride; foi um discurso pronunciado pela primeira vez em 13 de julho de 1906, por ocasião da festa organizada na Escola Normal. Feliciano constatou que o momento era de perturbação e desilusão, sendo preciso voltar-se ao passado para recolher exemplos de iniciativas voltadas a uma sociedade melhor. O contexto do discurso se relacionava à reformulação dos programas das matérias, implantada em 1905, através da qual o governo procurou impor ao magistério a racionalização da forma de ensinar, procurando aumentar o controle e diminuir as possibilidades de escolha do professor em sala de aula. Foram reduzidos conteúdos, mantendo-se as mesmas disciplinas, a fim de facilitar a imposição através de manuais dos métodos de ensino escolhidos pela cúpula da instrução pública, sem que o professorado fosse consultado, o que gerou severas críticas na *Revista de Ensino*, escritas por membros do magistério com maior poder de expressão, como Romão Puiggari e Arnaldo Barreto (SOUZA, 1998, p.188-190). Para Feliciano, não seria por meio de formas novas ou de novas aparências que se chegaria a bons resultados na educação, mas era preciso buscar os fundamentos da sociedade moderna, ao mirar-se o

acontecimento excepcional da Revolução Francesa, divisor de águas para a civilização ocidental. Novas forças teriam surgido com o abalo de uma estrutura antiga, o que modificara a própria concepção de educar. Baseado em Comte (2000, p. 330), que condenou a preponderância dos literatos e advogados no final do século XVIII, chamados de inconsequentes, Feliciano declarava que o começo da Revolução Francesa teria trazido um exagero na atividade legislativa para a organização da educação; seria preciso um estudo apurado das leis do mundo a fim de que não se estabelecessem direitos sem as correspondentes obrigações. A crítica do reformismo sem base sólida, que o entendimento e aplicação da doutrina positivista poderia ajustar é uma constante ao longo da vida de Feliciano, como ilustra sua crítica à atuação dos advogados, legistas ou bacharéis na ordem temporal:

> A crise ocidental, de que a nação francesa foi o abnegado órgão, veio a um tempo formular o problema da nova educação, da reconstrução moderna, e demonstrar a inanidade da crítica demolidora na governação do mundo. A predominância dos literatos e jornalistas, na ordem espiritual, e a dos advogados, legistas ou bacharéis, na ordem temporal, deixaram patente que outra e mui outra é a espiritualidade sólida, consistente que há de presidir à nossa regeneração educativa. (OLIVEIRA, 1906, p.9).

O prático Danton e o teórico Condorcet, considerado por Comte (2000, p.99) como poderoso pensador e reorganizador, foram personalidades lembradas por Feliciano pela atuação decisiva na fase da Convenção, que contribuíram para sua condução a um elevado patamar na história. Conforme Alonso (2002, p.208), os positivistas abolicionistas exaltaram os principais ativistas da Revolução Francesa como heróis fundadores da modernidade, com especial destaque para o papel de Danton no processo. Acompanhado da tradição romana, Comte reverenciou Danton em oposição ao despotismo de Robespierre, ao inspirar-se na experiência revolucionária francesa para a legitimação do ditador republicano como um governo de salvação nacional (CARVALHO, 2011, p.21). Os dantonianos, para Feliciano, teriam consolidado a educação moderna e assim superado a fase inicial da Revolução, caída na dupla ilusão do estabelecimento de direitos sem os reais deveres através do poder legislativo e de que a educação e os costumes poderiam ser mudados pela imposição de decretos. Surgiu um civismo religioso na sociedade, com o culto à pátria e à razão.

Fig. 10. Capa do folheto *A Revolução Francesa e a Educação Universal*.


ESCOLA NORMAL DE S. PAULO

JOSÉ FELICIANO

A Revolução Franceza e a educação universal

DISCURSO

lido a 13 de Julho, na festa celebrada na Escola Normal pelos professorandos de 1906

S. PAULO
TYP. VISCONTI, DEL FRATE & C.
1906

Fonte: acervo pessoal do autor.

> Depois de eliminar os últimos resquícios do regime teocrático, os dantonianos, em 1793, patentearam ao mundo a superioridade incontestável de uma educação universal, inspirada em bases reais, em relações acessíveis, que engendram deveres gerais, sem conferir subversivos direitos humanos ou retrógrados direitos divinos. (OLIVEIRA, 1906, p.10-11).

Após esse período, teria havido novamente na França um movimento de legislar de acordo com as paixões momentâneas, sem o entendimento da base da sociedade, e com a era napoleônica sobreveio um retrocesso. Apesar disso, a hereditariedade teocrática não mais conseguiu se estabelecer na nação, o que consolidou o regime estabelecido pela Revolução. Após essas considerações históricas de inspiração comtiana, Feliciano sintetizaria como tese educativa a seguinte tríade: o caráter republicano da moderna educação; o molde do espiritual na razão, esclarecida por uma cultura geral

baseada na experiência humana; a fraternidade universal, com a consciência moral da Humanidade em todo o planeta. Conclui que a educação seria a manifestação da bondade, baseada no sentimento da continuidade humana, que abraçaria a herança dos antepassados e a conduziria para seus descendentes, sendo que o homem necessariamente se educaria coletivamente pela comunhão social. A frase a seguir resume o comportamento adotado por Feliciano ao longo de toda a vida: "É para cuidar que a gente fica professor, fica cidadão ativo" (Ibidem, p.16).

O texto "O Ensino (Notas esparsas)", datado de julho de 1907, foi elaborado em um contexto que Feliciano considerava como de decadência do ensino, em função de sucessivas reformas que caminharam para a especialização das cadeiras e que teriam sido feitas sem maior reflexão sobre as reais necessidades educativas. Como professor da Escola Normal por mais de uma década, era mais uma reflexão corajosa frente à citada reforma efetivada na instrução pública em 1905 com a participação de Oscar Thompson, então Inspetor Geral da Instrução Pública, e Horace Lane, Diretor da Escola Americana (SOUZA, 1998, p.188-189). Os progressos obtidos na década passada, nos "áureos tempos" de Bernardino de Campos, Cezario Motta e Gabriel Prestes estariam sendo perdidos pela ação de legisladores distanciados das questões do ensino. Os republicanos paulistas procuraram posicionar desde o início do regime a escola como um marco de "institucionalização da nova ordem política" (CARVALHO, 2001, p.139) diferenciando-a na retórica do sombrio passado imperial para um luminoso período; na inauguração do Edifício da Escola Normal em 1894, foi destacada a associação entre a imponência do edifício e o alto nível de exigência que se pretendia alcançar com o aparelho escolar republicano (Ibidem, p.139). Feliciano, que vivenciou esse período de esforço político em prol da educação e se tornou membro destacado do magistério, tendo discursado na referida inauguração, lamentava exatamente a dispersão de objetivos que havia ocorrido com o tempo.

O texto foi escrito com a proposta de combater essa situação e conscientizar os legisladores da época[16] e a opinião pública a eles relacionada para a importância de que o ensino deveria ser ministrado de forma sólida e não superficial. Como contraponto à especialização, considerada caótica por pressupor que um aluno poderia aprender o que

[16] Em nota do texto, Feliciano indicou que a legislatura do momento lhe despertava "vivas esperanças". Em 15/07/1907 iniciou-se a presidência da Câmara do Congresso Legislativo de São Paulo, sob o comando de Carlos de Campos, filho de Bernardino de Campos, este último reverenciado em textos de Feliciano.

vários professores lhe ensinam, Feliciano propôs a adoção do ensino integral, em que o aluno aprenderia um conjunto de conhecimentos necessários em cada fase do aprendizado, através da atuação de um só mestre.

Evolução Moral e seus Aspectos Educativos (considerações gerais), publicado em *O Estado de S. Paulo* em 3 de dezembro de 1909, foi realizado a pedido para a cerimônia dos formandos da Escola Normal de São Paulo. Neste, a ênfase recaía sobre a inseparabilidade entre a educação e a moral, visto que a moralidade seria própria da condição humana, posição defendida por Comte (2000, p.123). Sem entrar no mérito da existência de um sistema de moral com leis, disciplina e sanção, Feliciano se preocupou com o patrimônio moral que deveria ser transmitido através das gerações. Citou o pedagogo francês Compayré[17], ao declarar que não transmitir o "quinhão moral" que caberia a uma geração seria negar a civilização e voltar à barbárie. Partindo de Comte (2000, p.285), lembrou a necessidade permanente de respeito à verdade e de cumprimento das promessas realizadas, o que resumiria a moral pública, sendo a traição e a mentira incompatíveis com a cooperação humana.

Em junho de 1910, Feliciano publicou o texto “Ensino Integral”, no qual reforçou os argumentos do escrito de 1907, *O Ensino (Notas esparsas)*. O enciclopedismo não deveria ser praticado por mestres isolados para as matérias únicas; era preciso tomar cuidado na adoção de reformas provenientes de modelos de nações mais avançadas, inapropriados ao contexto brasileiro. Era necessário integrar o ensino elementar e estimular o saber geral, de acordo com o conhecimento que se encontrava disponível na civilização humana.

Em setembro de 1910, foi publicada em *O Estado de S. Paulo* a conferência “A Vulgarização do Ensino”, proferida por ocasião da inauguração da Universidade Popular de Piracicaba, experiência filantrópica pioneira com viés positivista que duraria quatro anos e que pretendia levar à população o que era ensinado nos colégios e faculdades (NERY, VIEIRA, 2013, p.2). Logo na abertura, Feliciano chamava a atenção de que o tema não deveria ser confundido com a defesa de um ensino vulgar, com rebaixamento de nível. O verdadeiro ensino deveria abranger “a ciência, a filosofia, a moral, a religião feita de amor e de tolerância” (OLIVEIRA, 04/09/1910, p.3). Através da educação, dizia ele, se transmitiria a consciência dos deveres sociais, trazendo equilíbrio à sociedade. A

[17] Jules-Gabriel Compayré (1843-1913), político e professor de pedagogia na École Normale Supérieure de Fontenay-Saint-Cloud, escreveu várias obras sobre educação.

vulgarização do ensino deveria atender às necessidades da vida cotidiana, e as distinções de classes e privilégios não poderiam ser alimentados pelo conhecimento.

Para Feliciano, a razão kantiana teria sancionado uma hipocrisia coletiva, aceita de forma interessada por um "vão democratismo" que não seria suficiente para conter os ímpetos de um povo enganado. A vida prática seria alimentada pelos impulsos, ideias, leis, regras, meios de ação humanos; a mentira e a ficção deixariam a porta aberta para a injustiça e prejudicariam a sociedade. Kant foi também lembrado pelas observações sobre o quanto já teria havido de injustiça nas sentenças de juízes enquanto homens. Ao refletir com Gambetta[18], que declarou que não haveria só uma questão social, mas várias, Feliciano lembrou que são sociais todas as questões que a sociedade propõe, e que a evolução e o progresso caminham na direção de resolvê-las com o tempo. Conforme Carvalho (2011, p.20), a estreita ligação entre os positivistas franceses e os políticos da Terceira República facilitou a chegada ao Brasil do modelo por ela proposto, divulgado por políticos como Gambetta e Jules Ferry e que foi objeto de estudo de Benjamin Constant e, posteriormente, dos positivistas ortodoxos, que rejeitaram o governo parlamentar em prol da ditadura republicana.

O ensino oficial deveria focar-se no conjunto da sociedade, e não incentivar visões parciais, como a do proletariado; a criação de verdadeiras universidades populares caminharia no sentido da restauração da dignidade do saber, não contribuindo para que se formassem grupos como o do proletariado intelectual. O discurso de Feliciano se inseriu na tradição consolidada após a morte de Comte em 1857, na qual os positivistas procuraram colocar em prática a doutrina por ele proposta para a incorporação do operário na sociedade moderna. Isso teve repercussão na Igreja Positivista do Brasil, que lançou o boletim *A Verdadeira Política Republicana e a Incorporação do Proletariado na Sociedade Moderna*, no qual Teixeira Mendes reforçou a importância da defesa dos direitos dos trabalhadores (BOSI, 2004, p.32-33). O feminismo, tema de combate de Feliciano também em outros textos, era outra ameaça à ordem social, uma vez que não seria possível a igualdade entre os dois sexos. A preocupação com a inserção das mulheres no campo profissional com o abandono das tarefas próprias do ambiente doméstico familiar foi uma posição demonstrada por Feliciano desde muito jovem na

[18] Léon Gambetta (1838-1882) ocupou cargos diversos no governo da Terceira República, tendo sucedido no cargo de primeiro-ministro Jules Ferry (1832-1893), que introduziu na França por lei o ensino primário gratuito e obrigatório. Ambos foram apontados como participantes do denominado "grupo dos oportunistas" por Littré, líder dos positivistas não ortodoxos (CARVALHO, 2011, p.20).

direção da *Revista dos Novos*. Como exemplo, na edição publicada em 27 de dezembro de 1885, posicionou-se francamente contra o Ministro da Agricultura, que autorizara o Diretor Geral dos Correios a contratar mulheres para o trabalho nas agências. Na visão de Georges Deherme[19], citado por Feliciano, e também contra as ideias feministas de equiparação da mulher ao homem, posição defendida por Comte (2000, p. 111), a universidade popular seria um lugar próprio para a liberdade das ideias em cooperação, para que estimulasse os trabalhadores para a ação social, conforme um método próprio de educação, abarcando todas as crenças e condenando a exclusão. Os trabalhadores deveriam ser preparados e esclarecidos para o convívio social, e não contaminados por argumentações astuciosas.

A universidade, como "universalidade" poderia proporcionar um aprendizado de conjunto dos saberes necessários à vida humana. Para Feliciano, eram os seguintes os objetivos principais a serem atingidos: a universidade popular poderia contribuir com o impedimento de que o proletariado caminhasse para um "cosmopolitismo vago e imoral", em vez de um "civismo ativo", e que a mulher se afastasse do industrialismo e do feminismo político, concentrando-se na "família afetiva, dignificada, purificadora, mesmo no caso de ser forçada a um labor excepcional." Citou ainda Comte, para dizer que a felicidade real seria compatível com todas as condições, desde que fossem "honrosamente preenchidas e razoavelmente aceitas" (OLIVEIRA, 04/09/1910, p.3).

2.2. Os temas essenciais do pensamento educacional de Feliciano

A seguir, são apresentados aspectos essenciais e recorrentes nos referidos escritos de Feliciano, que permitem compreender a forma de pensar do mestre normalista, baseada nos princípios da doutrina positivista de Comte e na incorporação de textos que trataram do progresso da sociedade mediante a educação organizada pelo Estado. Os discursos de Feliciano serão posicionados em relação a seus autores de referência, utilizando-se dos próprios autores e comentadores. Pelo fato de comporem um sentido construtivo positivista quando integradas, foram selecionadas para a análise as categorias: moralidade; sociabilidade; universalidade; civismo e cidadania; urbanidade; tríade no ensino; integralidade do ensino; pátria.

---

[19] Georges Deherme (1870-1937), escultor, tipógrafo e autor francês, o foi fundador da primeira Universidade Popular em Paris. Feliciano citou o livro *Démocratie Vivante* como fonte de ideias para seu discurso.

2.2.1 Moralidade

A moralidade deveria ser inspirada na ideia de fraternidade universal, considerando como humanos e irmãos os habitantes do planeta, unidos a um destino comum. Feliciano reforçou a posição presente em Comte contra o direito individual, uma vez que em sua origem a doutrina positivista defendia que o ser humano deveria ter a consciência da obrigatoriedade da atuação voltada ao social (COMTE, 2000, p.284). A Revolução Francesa teria trazido o fim dos privilégios de direitos divinos, e com a primeira fase do movimento teria vindo a tentativa de estabelecer direitos humanos subversivos, sem o amparo da razão e o respeito às leis naturais.

O autoconhecimento foi colhido como fundamental na doutrina de Comte, a fim de aprimorar a educação moral, essencial para um ser humano que aspirasse a ser professor. Era preciso primeiramente conhecer-se bem e avaliar o comportamento próprio, a fim de poder se colocar em situação de aconselhar os demais. Este seria um valor a ser continuamente aperfeiçoado, pois a educação moral se aprimoraria quanto mais se conhecesse de si, a fim de que pudesse se tornar eficaz na relação com o outro. Para aprimorar a moralidade do indivíduo seria preciso recuperar a máxima “conhece-te a ti mesmo”, defendida por Comte para o aperfeiçoamento pessoal (Ibidem, p.204). O desafio de ensinar a moral laica na escola era tema de discussão na época, e foi tratado por pensadores do porte de Durkheim, que tratou do tema nas aulas da Sorbonne que ministrou no ano letivo de 1902-1903. Para o sociólogo, o ensino da moral era um enorme desafio para os professores desde a adoção da escola laica, havia cerca de vinte anos, na França, deixando para trás uma longa tradição de pautar a moral na religião (DURKHEIM, 2008, p.15).

Feliciano reforçou a posição de Comte de que a moral, antiga disciplina, seria inseparável da sociedade, tratando do respeito que deveria ser dedicado às autoridades, aos mais velhos e aos superiores hierárquicos. O cultivo da moral permitiria que fosse estabelecido o regime do mérito, cultivado pela educação, que busca o aperfeiçoamento contínuo do ser humano. Cada geração acrescentaria uma camada a mais no patrimônio moral da civilização que lhe é transmitido, sendo que um educador tem o dever de passar a seus alunos o quinhão devido. O aprendizado da moral, sendo ela inseparável da vida social, deveria estar sempre presente na escola, laica ou religiosa. Todo conhecimento deveria estar acompanhado do aspecto moral de sua aplicação na sociedade. O próprio ensino assumiria o aspecto moral, através da aplicação de exames com a respectiva

avaliação em função do aproveitamento obtido. No esforço coordenado para o cultivo da verdade, de uma consciência reta e de uma convivência social pautada pela cortesia, a educação moral nas escolas seria essencial. O respeito à verdade e ao cumprimento do que foi prometido se realizar são, portanto, um resumo da moral pública; a traição e a mentira não seriam compatíveis com a cooperação humana, como afirmado por Comte (2000, p.285).

A defesa da moralidade no magistério era uma conduta própria dos professores da geração de Feliciano que tinham acesso aos meios de expressão pública, independentemente da filiação ao positivismo. A *Revista de Ensino*, na condição de periódico organizado por professores, é um exemplo em sua primeira década de existência sobre como a moralidade era considerada essencial no trabalho pedagógico. Essa posição foi defendida por professores como Ramon Roca Dordal, que escreveu em 1902, primeiro ano da publicação, um editorial no qual reforçava ser necessário que fossem dadas aos professores as condições de elevação e dignificação da classe perante o conceito público, o que não era muito para quem se dedicava tanto à mocidade na esperança de uma sociedade melhor (CATANI, 1989, p. 116-117). Na obra *A Educação Nacional*, Veríssimo (1906, p. XV) reforçou que a instrução é uma atividade de ordem moral, sendo que os que a ela se dedicam devem ter mais do que capacidade técnica e zelo pelo cumprimento do dever, sendo necessária uma convicção filosófica sobre o trabalho, a busca de um ideal a ser atingido.

A moralidade deveria ser entendida sob uma perspectiva mais ampla, englobando a totalidade de atos, volições, ideias e sentimentos. De acordo com o que defendia Comte (2000, p.278), Feliciano declarou ser preciso que se harmonizasse a vida em torno de uma educação doméstica presidida afetivamente pela mulher, eliminando-se o que se opusesse a esse ideal. A Humanidade deveria prevalecer sobre a animalidade, que por sua vez deveria estar acima da cósmica materialidade. A dominação das necessidades materiais deveria ser atenuada “com instituições estéticas, educativas, civilizadas, finas...” A questão moral seria bem resolvida com a valorização da imagem da mãe, como afirmara Comte; a mulher deveria voltar-se ao lar, ser bem educada e cultivar o belo e fazer o que é bom e verdadeiro, sem voltar-se a trabalhos externos sem triunfo, a que muitas vezes o homem se dedica, como salientou Deherme (apud OLIVEIRA, 1910, p.17). A tentativa de igualar a mulher ao homem caminharia no sentido da imoralidade.

Feliciano, como outros letrados de seu tempo, buscou organizar a argumentação em prol da vida social e inspirar normalistas recém formados para que o magistério incorporasse a moralidade laica, para ensiná-la à sociedade de acordo com a necessidade do tempo vivido. Por outro lado, negou a possibilidade de que a mulher pudesse ingressar na sociedade de uma forma mais abrangente, vinculando a sua atuação moral ao zelo pelo lar e pela maternidade, o que reforçava a antiga tradição imperial saquarema. A moral, sendo a base de toda sociedade, deveria ser alvo da máxima atenção do mestre, considerado um exemplo para os alunos do comportamento correto, voltado à verdade. Por meio de uma adequada ação moral, o conjunto de uma sociedade bem educada aproveitaria bem o patrimônio cultural deixado pelas sucessivas gerações, conseguindo caminhar desta forma no sentido do progresso social. O educador não poderia furtar-se a passar o conhecimento que tivesse adquirido, de forma a incentivar que os alunos o absorvessem para a vida prática e evoluíssem pelo mérito de suas ações.

2.2.2 Sociabilidade

Feliciano valorizava enfaticamente a importância da educação para o cultivo da sociabilidade, tendo incorporado o pensamento de Comte (2000, p.123) de que o ser humano deveria viver de forma altruísta, voltado para o social e não para si mesmo. A educação seria uma fase preparatória para a vida em civilização, de caráter indispensável, pois o homem naturalmente era inclinado ao egoísmo, a viver para si e consigo. Teria por objetivo, conforme as ideias comtianas, a superação do desenvolvimento histórico lentamente conquistado pela Humanidade, economizando a experiência para que as aspirações e necessidades da Humanidade pudessem ser devidamente providas (BARROS, 1971, p.142). Sendo necessária a vida em sociedade, seria preciso que a educação o preparasse adequadamente; se houvesse falha, os ensinamentos seriam provenientes do próprio mundo, o que poderia trazer grandes inconveniências, como o desespero. Além disso, a educação organizada abreviaria enormemente o aprendizado para a vida social.

> Se o homem na sociedade não pode viver sempre como quer, insuportavelmente, perturbadoramente, a consequência é que deve ir para a vida social ao menos com a aprovação simples, com o grau sofrível ao menos. Eis aí o mister da educação sistematizada, regular, a substituir a educação, o ensino espontâneo, irregular que a sociedade, sem êxito muitas vezes, imprime no indivíduo. (OLIVEIRA, 1952, p.20).

Feliciano declarou que, sem a educação regular, o ser humano seria socialmente propenso ao egoísmo. Por meio da educação seriam aprendidos os movimentos, tradições e ensinamentos do passado para a atuação no presente e para as sucessivas gerações futuras. Reproduziu no texto a definição de Comte (apud OLIVEIRA, 1952, p.20): “toda educação humana deve preparar cada um a viver para outrem, a fim de reviver em outrem. Como em todos os tempos se fez, cada cidadão deve ser sempre educado para o serviço da sociedade e desta receberá ele a melhor recompensa, com a glorificação de seu nome”. A educação possibilitaria que o egoísmo fosse subordinado ao altruísmo e que a bondade pudesse prevalecer sobre a maldade. Para que isso acontecesse, a sociedade deveria se impor sobre o indivíduo e a vida coletiva deveria prevalecer sobre a individual. Momentos de abundância material, bem como de estabilidade política, facilitariam o trabalho educativo de exercício da sociabilidade, pois diminuiriam a propensão ao egoísmo. Para Comte (2000, p. 80), o espírito não era destinado a reinar, mas a servir à sociedade; não deveria através da personalidade procurar impor-se acima de todos, mas buscar a sociabilidade em prol do bem comum.

Ressaltou a importância da educação para a regeneração da vida em sociedade e a diminuição das mazelas sociais. Reforçou que a organização de uma sociedade moderna precisaria ser convenientemente trabalhada desde os fundamentos erguidos pela educação moral e intelectual. O aprendizado do cultivo do civismo seria essencial para que a sociabilidade resultasse em algo realmente útil. Uma educação melhor, fundamentada na disciplina e voltada ao social, permitiria o governo da sociedade pela sociedade, uma autêntica sociocracia a substituir a primitiva teocracia. O homem se educaria sempre coletivamente pelas relações sociais; não seria possível para um homem isolado da sociedade o aprendizado por meio da educação.

O ensino desviado da moral poderia trazer perigos para a sociabilidade, ao permitir que se entregassem diplomas sem contrapartida social. A consagração de ambições profissionais e a organização de exclusivismos e explorações pessoais pelo ensino possibilitaram que se criasse a estranha classe do proletariado intelectual. Apoiando-se no proletariado efetivamente trabalhador, ele o desviaria de sua missão e atrapalharia muito a vida social, pois seriam reivindicados direitos sem deveres, e as lideranças proletárias disputariam o poder sem regras nem princípios para o seu exercício digno.

A preocupação em demonstrar a importância da sociabilidade para pautar as ações humanas sempre esteve presente no discurso de Feliciano. Mesmo nos momentos em que se envolveu em disputas e se alinhou a posições políticas, como na defesa pela melhor opção presidencial representada pela campanha do civilismo de Rui Barbosa contra o militarismo de Hermes da Fonseca, sempre houve a justificativa para o engajamento de que seria o mais adequado para o conjunto da sociedade. Na abertura da obra *Notas Civilistas*, compilação de um conjunto de quarenta e três textos publicados em *O Estado de S. Paulo* entre janeiro e marco de 1910, foi manifestada a motivação do discurso em prol da cultura cívica, industrial e pacífica: "Sejam quais forem as preocupações de nossos grupos políticos, todos precisam convencer-se da gravidade excepcional de nossa crise. De civismo, de política, de finanças, de moral, - de civilização é a crise que nos vai carcomendo... (OLIVEIRA, 1910, p.3). O subjetivismo foi considerado muito prejudicial à convivência humana; o mestre deveria sempre incentivar que seus alunos se comportassem de forma a considerar as consequências de suas ações para o meio social em que vivessem. A tendência do homem em voltar-se para o egoísmo era algo a ser sempre combatido por meio da educação, que teria o poder de preparar para a vida em comum na qual as ambições desmedidas não teriam espaço para prosperar.

2.2.3 Universalidade

Sendo Feliciano um defensor incondicional da doutrina proposta por Comte com pretensão de aplicação universal, voltada a fornecer um modelo de enfrentamento dos desafios de um mundo em transição, o tema da universalidade se fez naturalmente presente. Para Comte, o positivismo era destinado a sistematizar dignamente o instinto universal (2000, p.285). A frase-síntese: "Surja entre os humanos um laço de Humanidade" (OLIVEIRA, 1952, p.15) refletiu a preocupação do mestre paulista de que houvesse uma comunhão universal pela consciência da condição humana. Ao dizer que "o problema da educação é o problema da vida humana" (Ibidem, 1952, p.20), Feliciano procurou conscientizar sobre a universalidade da educação, cujas questões seriam enfrentadas em qualquer lugar do planeta, na subordinação do indivíduo ao social: a vitória do altruísmo sobre o egoísmo, a sobreposição dos sentimentos bons aos maus e a vitória da bondade sobre a maldade.

Feliciano elogiou, ainda, o estágio a que a Humanidade finalmente havia chegado, no qual o mundo estaria em um processo voltado à construção de uma só educação

humana, que pudesse agregar todos os povos de uma forma pacífica. Essa prática educativa conduziria à tolerância construída pela civilização, o que levaria ao respeito às crenças do outro, ainda que essas fossem radicalmente diferentes, de forma que não houvesse imposição por considerar superior o que se acreditasse. A educação humana, para tanto, deveria ser trabalhada desde o feto.

A universidade foi considerada uma forma de universalidade, "abrangendo o conjunto essencial do saber humano", sendo a universidade popular uma forma de reagir contra o retalhamento do ensino. Seria uma reação contra a organização da instrução pública que estaria perdendo a condição de fornecer as noções fundamentais e universais para a atividade social exigida pela vida em sociedade. A vocação natural do ensino seria a disseminação universal da ciência positiva para o bem da sociedade.

Feliciano procurou contribuir com o estabelecimento de um ensino comum a todos, de forma que a Humanidade caminhasse de forma conjunta e coerente com o período vivido, no qual as nações se encontravam em estágios diferentes de avanço na organização de seus modelos pedagógicos. A aceitação das diferenças culturais para tanto era fundamental, assim como o acesso ao aprendizado, tendo ele defendido a universidade popular como forma de integração social. O educador foi posicionado como porta-voz da civilização, por meio da qual seria possível a convivência pacífica moldada no respeito aos valores do outro, ainda que radicalmente diferentes. Para que a Humanidade evoluísse, o magistério deveria insistir no ensinamento de que as diferenças jamais poderiam prejudicar o bem comum da sociedade.

2.2.4. Civismo e Cidadania

A finalidade da educação seria a transformação dos homens em verdadeiros cidadãos; uma visão republicana proposta por Comte, oriunda dos ideais da Revolução Francesa que combateram os privilégios de nascimento, em contraste à anterior educação monárquica, voltada a formar súditos e cristãos. Para Comte (2000, p.123), as relações domésticas e cívicas tenderiam a conter os instintos pessoais no processo de coexistência de conflitos entre os indivíduos. Feliciano reforçou que o civismo seria o mais abrangente sentimento social a que se poderia prender a existência humana. Ser um bom cidadão seria a forma mais importante de ser um bom homem, voltado à pátria e aos deveres cívicos. O cidadão ideal seria aquele que conseguisse cultivar a polidez, a urbanidade e a civilidade, o que abrangeria no conjunto uma vida cívica plena, em prol da civilização e

do progresso. Antecederam esta questão os pareceres de Rui Barbosa, ainda que as condições reais de vida e trabalho no Brasil não acompanhassem a vontade de evolução da sociedade pela educação por ele prescrita em 1882. O polímata defendeu a ideia ilustrada de que o Brasil necessitava superar o atraso e igualar-se ao modelo europeu de modo a difundir a instrução como forma de qualificação para o trabalho e preparação para a cidadania (VALDEMARIN, 2000, p.117).

As mazelas sociais brasileiras não seriam curadas mediante novas aparências ou formas, mas por uma educação voltada ao civismo, que possibilitaria a melhor base possível para a vida em sociedade. O civismo teria se fortalecido a partir da Revolução Francesa, voltado à mais sublime e justa defesa nacional, e com altares à pátria erigidos por toda a França. A educação para a harmonia cívica deveria afastar as críticas e destruições vulgares. O civismo implicaria o respeito aos governos e às autoridades. O professor exerceria sua profissão para cuidar, para ser um cidadão ativo. A efetivação de um sistema cívico de educação deveria abranger todas as situações da vida nos vários âmbitos: em casa, na escola, na cidade. A educação para o civismo estaria presente na organização, tanto das festas cívicas quanto nas domésticas.

A defesa do civismo e da cidadania cultivados através da educação ainda eram ideias avançadas no contexto da república velha brasileira. Feliciano se alinhou a outros mestres que consideraram o papel do magistério essencial nesse processo de construção cívica para a melhoria social, que deveria estar integrado às demais instâncias em que o ser humano era educado para que obtivesse o devido êxito. De caráter conservador, as ações cívicas defendidas por Feliciano alcançavam o limite na estreita obediência ao governo constituído e às respectivas autoridades. O civismo e a cidadania foram considerados inseparáveis da lealdade à pátria, devendo sempre ser cultivados nesta direção, sendo a atuação do magistério indispensável para a formação desta consciência comum.

2.2.5 Urbanidade

A educação foi associada ao cultivo da urbanidade, definida como a aptidão para a vida em sociedade, de forma a viver sem atrapalhar, nem ofender os cidadãos que compartilhassem o mesmo espaço. Para Feliciano, a urbanidade no Brasil não estaria desenvolvida, uma vez que desde a infância não havia a prática da sociabilidade doméstica, o cultivo das reuniões estéticas, o hábito de realização de festas regulares,

fossem elas familiares ou dedicadas a algum tema; o brasileiro se posicionaria, de forma geral, em um isolamento egoísta. Fiel à proposta de estabelecimento de um calendário festivo para a adoração universal da Humanidade (COMTE, 2000, p.186)[20], Feliciano sugeriu que se praticasse no Brasil o cultivo da urbanidade com entusiasmo, mediante ações comemorativas que exaltassem os homens que conseguiram grandes feitos, tendo chegado à morte com dignidade. A celebração das boas realizações dos mortos seria uma forma de estabelecer a urbanidade completa. O entusiasmo seria, talvez, a forma mais estética e acessível que a veneração poderia assumir, especialmente naqueles que já teriam uma predisposição para se impressionar.

Feliciano reforçou que o cultivo da urbanidade seria um componente essencial para a civilização e o progresso. Por uma questão de urbanidade social, todos deveriam respeitar o governo, sem críticas exageradas ou comparações irracionais, seja com modelos problemáticos ou ideais. Os fortes deveriam se dedicar aos fracos, e os fracos, venerar os fortes (Ibidem, p.287). Refratário à desorganização social, o pensamento comtiano preocupou-se com que o proletariado se integrasse à sociedade (Ibidem, p.72) e não se voltasse à organização da revolta contra os capitalistas, o que caminharia no sentido inverso da urbanidade. Feliciano reforçaria Comte ao declarar que o respeito próprio da urbanidade deveria estender-se às forças econômicas representadas pelos capitalistas, que estariam sendo alvo de ataque por “espíritos destruidores”. Comte defendia que os proletários teriam condições de abrandar o egoísmo dos capitalistas, eliminando os conflitos de classe através de uma ordem moral humanitária, conforme destacado por Giannotti, (2000, p.12), tendo Feliciano proposto no contexto nacional que o cultivo da urbanidade estimulasse o convívio entre as classes.

A urbanidade, conforme Feliciano, era um projeto árduo a ser atingido, dadas as características de constituição do povo brasileiro. O incentivo às festas cívicas para a integração social era uma ideia que o mestre paulista conseguiria concretizar melhor na França, berço do positivismo. Os positivistas abolicionistas tinham plena consciência das mazelas devidas à desigualdade social produzida pela escravidão brasileira, sendo a urbanidade algo a ser incentivado a fim de que os historicamente menos favorecidos pudessem se inserir na sociedade. A realização de festividades temáticas era uma forma prevista por Comte a fim de que por meio da expressão estética se pudesse progredir na

[20] Comte elaborou para a organização de festividades o quadro sociolátrico, que previa a realização de oitenta e uma festas anuais.

urbanidade. Esta ideia foi sempre defendida por Feliciano, que admitiu a dificuldade em aplicá-la no Brasil dada a necessidade de lutar contra as raízes culturais historicamente construídas.

2.2.6 A tríade do ensino

A estruturação de uma tríade na argumentação de um texto filosófico é constante na obra de pensadores do século XIX, estando presente, por exemplo, em Hegel e Spencer. Em Comte, ela aparece na lei dos três estados, na qual defendeu que as principais concepções da Humanidade, os ramos de conhecimento e percepções humanas teriam passado pelo estágio teológico ou fictício, continuando pelo estágio metafísico ou abstrato até chegar ao estado científico ou positivo (COMTE, 2000, p.22). Em consonância com a tradição da tríade, Feliciano defendeu que processo educativo deveria ser realizado em três etapas, na ordem seguinte: física e moral, estética, e intelectual, todas relacionadas às grandezas do passado. Essa ideia foi lançada pela primeira vez por Spencer na obra *Educação Intelectual, Moral e Cívica*, em 1861, e incorporada por Rui Barbosa, em 1883, no parecer sobre a reforma do ensino primário (SOUZA, 2000, p.5). Feliciano reforçaria mais uma tríade, baseada em Spencer, para a delimitação do aprendizado conforme a faixa etária do aluno, ainda que de forma preponderante e não exclusiva: a primeira fase seria a física e moral (até os sete anos), a segunda, estética (até os quatorze) e a terceira, intelectual (até os 21 anos). Enfatizou, com relação a essa organização, que se tratava de uma divisão didática e que, logicamente, o aprendizado moral e físico acompanharia o aluno em todo o seu percurso, reiterando o pensamento de Comte de que a presença permanente da moral na vida humana seria essencial, a fim de que se pudessem estabelecer noções reais e úteis. (COMTE, 2000, p. 205). A tríade educação física, intelectual e moral não era defendida isoladamente por Feliciano no magistério paulista; outros educadores ligados à *Revista de Ensino* também se posicionaram favoravelmente à educação científica baseada no modelo de Spencer, reforçando que o professor deveria estar alinhado ao método espontâneo de ensino, que minimizasse a fadiga ao alunado. (CATANI, 1989, p.172)

A educação moral, ou educação da vontade, seria para Feliciano o alicerce para o ensino posterior. Ao tratar de uma hipotética imitação da América do Norte como modelo, refletindo sobre leituras a respeito, julgava que seria muito difícil a implantação de organização similar no Brasil. Nos Estados Unidos, os esportes cumpririam de forma

muito eficaz o objetivo de educação da vontade, o que levaria o alunado a desenvolver características de coragem para a luta pela vida com caráter. Dessa forma, os Estados Unidos realmente conseguiam incentivar de forma adequada o altruísmo e o convívio social adequado ao ser humano.

Herdeiro da tradição ocidental, a tríade para a organização do ensino foi mais um exemplo da erudição que Feliciano absorveu e que procurou divulgar de forma a expressar o que considerava adequado para o aprendizado. Ao comparar a realidade brasileira com a americana, reconheceu o elevado grau de dificuldade que a educação da moral, básica ao ser humano conforme o modelo por ele defendido enfrentaria. A ordenação da sociedade almejada pelo positivismo devia ter uma educação progressiva, adequada ao que se almejava. Os limites do aprendizado humano de acordo com a faixa etária deveriam ser respeitados, a fim de que a educação para o bem comum tivesse o êxito esperado. A disciplina desejada através da consciência moral e preparo físico foi considerada a base fundamental para que se pudesse evoluir para o entendimento das manifestações estéticas, até chegar ao nível de elaboração intelectual mais avançado.

2.2.7 Integralidade do ensino

O ideal para o magistério seria a formação integral dos educadores, acompanhada do contínuo incentivo ao trabalho, de forma que fosse possível a implementação do ensino integral como o caminho mais apropriado para as necessidades de preparo do homem para a vida em sociedade. Feliciano reforçou a ideia de ensino integral elaborada por Spencer, que havia se tornado importante referência para os educadores brasileiros (SOUZA, 2000, p.5). A defesa do ensino integral não foi manifestação isolada de Feliciano, mas parte de um repertório que circulava entre os educadores mais inseridos na discussão dos temas do ensino. Exemplo disso foi a circulação do tema na *Revista de Ensino* sob a forma de denúncia da incompetência dos legisladores em tratar do assunto na instrução pública paulista, reiterando a necessidade de estabelecimento do ensino integral. A redação do periódico considerou que ao adotá-lo se partiria do princípio de que os homens eram iguais perante a ciência e que o espírito humano deveria desenvolver-se metodicamente, sendo necessária a equiparação entre o trabalho manual e intelectual, pois ambos eram destinados a servir à sociedade (CATANI, 1989, p.164,167). O tema foi defendido por educadores de outros estados, como Dario Velloso no Paraná e

Estevam Oliveira em Minas Gerais[21]. Nas duas primeiras décadas republicanas, a escola primária paulista procurou adaptar-se à racionalização da vida cotidiana, de forma que o conhecimento científico substituísse o senso comum; para a implantação do projeto de educação integral na instrução elementar houve a elaboração de um programa que levava em conta a psicologia e o universo infantis, com a utilização de coisas concretas que se encontravam ao redor das crianças (SOUZA, 1998, p.182).

Para Feliciano, o ensino integral seria, acima de tudo, a aplicação da universalidade da função educativa aos alunos que se encontravam em fase de evolução. Baseado em Spencer, reforçaria que o conhecimento não deveria ser transmitido de forma fragmentada, superficial, mas de forma sólida, definitiva, que contribuísse efetivamente para a evolução humana. Para tanto, não seria adequado o modelo de especialização, no qual vários professores deveriam ministrar conteúdos que somente um aluno como indivíduo deveria absorver; ou seja, uma turma de alunos deveria receber os conteúdos e ter seu aprendizado acompanhado somente por um mestre, e não por vários. Conforme o mestre paulista, se cada aluno representava um cérebro a aprender um conjunto de conhecimentos, necessariamente a transmissão deveria ser feita por uma só pessoa. Não seria possível supor que o aluno teria maior capacidade que o mestre, ao colocá-lo diante de vários mestres no processo de aprendizado.

A argumentação era a favor de um ensino de caráter enciclopédico, voltado para a utilidade na vida prática em sociedade. Francamente contra a especialização desmedida do ensino, defendeu que o Estado poderia organizar o trabalho educativo, de forma que o alunado recebesse uma educação mais completa, apropriada à realidade brasileira. Não haveria motivo para protestar contra a aplicação do enciclopedismo no ensino, uma vez que isso significaria estar aquém do século XVIII, que deu os moldes em que se formaram os Estados Unidos como nação. Enfatizou a ideia de que o conhecimento integral ou enciclopédico deveria ser ministrado por um só mestre devidamente formado a seus alunos, com o devido acompanhamento da evolução da turma, o que seria o encaminhamento natural das ideias defendidas por Spencer (1861, p.103), que incentivou a proximidade do mestre com o alunado para um melhor aprendizado.

A argumentação de Feliciano sobre o ensino integral foi plenamente coerente com as ideias de absorção da ciência no universo escolar, de forma que ela pudesse ser

[21] Ver GONÇALVES e BRITO (2012); CARVALHO e MACHADO (2011).

utilizada plenamente na vida cotidiana. O mestre paulista sempre se opôs ao ensino especializado, meramente curricular, que não se preocupava com o acompanhamento efetivo do aprendizado do aluno e a consequente melhoria do convívio social através do conhecimento. O professor não poderia permanecer afastado do cotidiano do aluno, se comprometendo somente com o ensino de uma determinada disciplina escolar. A atividade do magistério pressupunha o acompanhamento sistematizado e contínuo para que os objetivos fossem atingidos.

2.2.8 Pátria

A noção de pátria era especialmente importante para Comte, pelo fato de ser a necessária mediação entre a família e a Humanidade para o desenvolvimento da sociabilidade de forma instintiva, através do cultivo da convivência (CARVALHO, 2011, p.22). Em um país de população escassa e dispersa, no qual o sentimento patriótico era escasso, com identificação muito mais local que nacional, como foi apontado na época por Veríssimo (1906, p. LVII), cabia ao magistério fomentar o crescimento do patriotismo, muito presente nos discursos dos educadores com poder de expressão. Feliciano procurou trabalhar os fundamentos históricos da temática para incentivar seus discípulos a seguir adiante com a defesa da pátria, reforçando que a padronização de um modelo de educação universal pelos franceses, a partir da fundamental ação dos dantonianos, consolidou um civismo inseparável da defesa da pátria. Lembrava que a França estabeleceu o culto à pátria, com a edificação de altares a ela consagrados, além da realização de festas e cerimônias apropriadas ao cultivo de elevados sentimentos relacionados, de acordo com os preceitos comtianos. Para Feliciano, nessas celebrações cultivava-se a força da devoção à pátria; era muito valorizado o sentimento de que ela fosse defendida com todo o empenho, sendo os mortos que se privaram da vida em sacrifício pela pátria cultuados por seus feitos. O culto aos antepassados da pátria era fundamental para a manutenção da memória da grandeza do que foi realizado pelo bem comum a fim de que a vida social pudesse progredir até o presente.

Tanto a família quanto a pátria necessitariam de um sistema organizado de educação geral. Para o cultivo da educação voltada à pátria, era essencial que se cultivassem as comemorações históricas, de caráter cívico e geral, sem partidarismos, a fim de que se completasse a educação moral. O conhecimento transmitido pela educação deveria, necessariamente, ser útil à vida social voltada à pátria, assim como para a família e para o indivíduo.

O culto à pátria como fundamento para a vida cívica foi uma ideia amplamente defendida por Feliciano, que procurou continuar na França, ao escrever e realizar conferências sobre temas brasileiros, ainda que fisicamente distante. A história da pátria deveria celebrar os feitos importantes daqueles que ajudaram a construí-la de forma a valorizar o padrão moral de vida útil para a sociedade. Em uma nação em processo de formação como a brasileira, o desafio para o entendimento da necessidade de unificação através do envolvimento com a pátria era enorme, dado o tamanho do território e a identificação natural com a vida local cotidiana. Foi pressuposto que o magistério deveria sempre reforçar em sala de aula os exemplos de vida que deveriam ser cultuados como inspiradores da vida em sociedade voltada á pátria.

2.2.9 Considerações finais sobre a categorização

Nas oito categorias analisadas, que compõem a visão positivista de educação de Feliciano, foi possível observar tanto o alinhamento às ideias de Comte quanto sua inserção em um repertório de ideias que circulavam no meio letrado nacional. Dessa forma, Feliciano atuou nos discursos reflexivos sobre educação como um difusor das ideias do mestre francês no Brasil, especialmente em São Paulo, bem como procurou divulgar um modelo para a educação que propiciasse o progresso da sociedade republicana brasileira. Demonstrou-se que autores alinhados ao pensamento positivista, sendo Spencer um dos mais importantes, que eram de domínio dos educadores de maior expressão, também foram devidamente incorporados por Feliciano. Evidenciou-se a motivação para expressar a erudição que havia incorporado, a fim de expandir o entendimento da doutrina que tanto defendia, bem como para conscientizar a fim de que houvesse evolução na educação nacional.

Feliciano defendia a educação para uma vida adequada em sociedade, na qual a visão altruísta e um amplo senso de moralidade deveriam sempre prevalecer. Desde a família, o ideal era que o ser humano fosse educado para relacionar-se fraternalmente com os semelhantes e ser receptivo a confraternizações sociais que fortaleceriam o sentimento cívico de lealdade à pátria. A educação, baseada em valores universais, não foi feita para ser fragmentada e desvinculada da vida social; o nobre ato de ensinar deve ser sempre direcionado à atuação do ser humano da melhor forma possível no planeta. As ideias de reforma educativa que não observassem a premissa da formação do ser humano integral para ser útil à sociedade estariam destinadas ao fracasso.

2.3 A memória de Feliciano na educação: rememorar pela verdade dos fatos

Feliciano introduziu a obra *O Ensino em S. Paulo (algumas reminicências)*, com um desabafo a distância de defesa do trabalho realizado pela geração docente a que pertencia criticado por educadores que a sucederam:

> Há muito que minha geração docente e a de meus antigos mestres, sofrem dos moços alguns injustos reparos. Na verdade, fomos uns mestres muito defeituosos; e o tempo, em alguns pontos, ainda era muito defeituoso. Nisto pode cifrar-se nossa maior desculpa. Ninguém é responsável nem culpado, porque não vence forças superiores à sua... Mas isso é uma outra história. A nós só nos cabe legar documentos, testemunhos à minguada posteridade nossa, para que ela os tome em consideração e definitivamente nos julgue. Isto se ela achar que vale a pena se ocupar de nós. Nós é que não podemos esquecê-la, nem deserdá-la; - evidentemente não podemos carregar para o céu, ou para outro planeta, nenhum bem, nenhum resultado de nossos esforços...
>
> O que podemos deplorar na geração de hoje, feita posteridade para nos julgar, é que ela negligencie a colheita de muitos documentos conhecidos e fale de coisas que realmente não conhece. No caso nosso, a falta de arquivos e o descuido em conservar o que existe não facilitam a tarefa de nossos juízes. Mas como ninguém é obrigado a julgar sem documentos, nem a dissertar sobre o que ignora, - volto a deplorar que nossos críticos noveis, ou mesmo alentados críticos, andem a maldizer de um tempo que não estudaram. (OLIVEIRA, 1932, p.3).

Na França, passadas mais de duas décadas de sua saída da Escola Normal de São Paulo, Feliciano dedicou-se a escrever textos memorialísticos a respeito da atuação nos primeiros anos do período republicano da instituição. Fiel ao pensamento de viver às claras (COMTE, 2000, p.285), buscaria restaurar o que considerava ser a verdade dos fatos e o estabelecimento da justiça para com os personagens e acontecimentos. Foi o caso da obra *O Ensino em S. Paulo* (*algumas reminiscências*) publicada em 1932, de um conjunto de quatro textos publicados em *O Estado de S. Paulo* por ocasião das comemorações do Centenário da Escola Normal em 1946, e do texto publicado em 25/12/1946, em *O Estado de S. Paulo*, intitulado “Cartinha e Cartilha para Aprender a Ler (Reminiscências para o ensino verdadeiro)”.

Em *O Ensino em S. Paulo* (*Algumas Reminiscências*), Gabriel Prestes foi a personalidade mais citada por Feliciano, seguido de Caetano de Campos, Bernardino de Campos e Cezario Motta, em ordem respectiva de incidência. Seria injusto, para ele, que a consagração do trabalho realizado em prol da reforma da instrução pública paulista se

voltasse unicamente a Caetano de Campos, que teve o mérito de sua atuação lembrado e propagado ao longo das gerações de educadores. O trabalho de Gabriel Prestes, realizado entre os anos de 1892 a 1899, em favor da melhoria do ensino público necessitava ser devidamente reconhecido, e esta seria a principal missão da obra memorialística de Feliciano publicada mais de vinte anos após o ingresso na França.

Conforme Catani, o texto de Feliciano caminhou em sentido oposto ao de outra obra memorialística publicada cerca de dois anos antes, do professor João Lourenço Rodrigues, que tinha a pretensão de apresentar a memória oficial dos acontecimentos. Em *Um Retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo* João Lourenço procurou consagrar a importância da obra das principais personalidades que atuaram na instrução pública, como Caetano de Campos e Gabriel Prestes. Feliciano não teria ocultado as dificuldades e desavenças dentro do professorado (CATANI, 1994, p.75-78), reagindo à movimentação para a edificação de um monumento a Caetano de Campos, uma vez que não considerava justo que não se dedicasse outro à memória de Gabriel Prestes. Feliciano utilizou o termo "educacionista" para designar Prestes, segundo ele, o primeiro a merecer o qualificativo entre os paulistas, uma vez que o conceito de grande educador seria "dificilmente aplicável a nossos reformadores de ensino" (OLIVEIRA, 1932, p.20). Novamente ele expressou, nessa obra, dois aspectos que valorizou por toda a vida: a disposição permanente para o combate quando necessário, sem temor do conflito, e a luta em favor da verdade dos fatos, contra as injustiças.

Conforme Viñao (2004, p. 337), a narrativa subjetiva de um professor tem a especial importância de trazer à público um "refúgio forçado", aquilo que não poderia ter sido antes revelado por estar inacessível às pessoas que não participaram daquela experiência. Os movimentos para estabelecer a verdade dos fatos, dever tão defendido por Comte, e de fazer justiça à memória de Gabriel Prestes eram também uma forma de positivar a atuação dos primeiros educadores republicanos que se dedicaram à profissão com entusiasmo, sem esmorecimento diante da precariedade dos recursos e à custa de sacrifícios pessoais. A importância de Prestes também foi afirmada por Rodrigues (1930, p. 403), ao considerar que o tempo em que permaneceu na direção da Escola Normal foi o melhor momento da instrução pública em São Paulo, tendo sido o professor que mais realizou pelo engrandecimento da instituição. A publicação de *O Ensino em S. Paulo* (*Algumas Reminiscências*) ocorreu no mesmo ano do *Manifesto dos Pioneiros da*

Educação Nova, sendo que Feliciano procurou resgatar o valor do trabalho de toda uma geração de professores que estava sujeita a críticas. Feliciano não se conformava com o culto exagerado à memoria de Caetano de Campos, tampouco com o fato de a ascensão das ideias da Escola Nova ter contribuído para ofuscar o trabalho reformador de Gabriel Prestes.

A defesa do culto da memória de Prestes retornaria, cerca de doze anos mais tarde, no artigo "Cartinha e Cartilha para Aprender a Ler (reminiscências para o ensino verdadeiro)", no qual condenou mais uma vez a exagerada ênfase no mérito reformador de Caetano de Campos. A última década do século XIX, a que se referiu Feliciano, foi um período pleno de disputas pelo domínio da cartilha a ser utilizada na instrução pública, sendo que a de João de Deus havia sido introduzida e defendida pelo positivista Silva Jardim na Escola Normal de São Paulo, na década de 1880, como a mais adequada a um aprendizado em um contexto científico voltado ao progresso social (MORTATTI, 2000, p.25-26). Foi nesse contexto que Feliciano formou-se naquela instituição, tendo absorvido a crença na eficácia da cartilha de João de Deus para o aprendizado voltado à organização social que os positivistas almejavam. Por isso, abordou negativamente o surgimento do método americano de leitura, que havia ofuscado aquela cartilha, voltada à leitura sonorizada e que por isso fora rejeitada por Caetano de Campos e Oscar Thompson.

"Cartinha e Cartilha para Aprender a Ler (Reminiscências para o ensino verdadeiro)" foi publicado no mesmo ano da publicação da *Poliantéia Comemorativa do Centenário da Escola Normal*, para a qual Feliciano não fora convidado a colaborar, tampouco figurou dentre os mestres de destaque na instituição. Na *Poliantéia*, o maior espaço é dedicado à memória de Caetano de Campos, que já na capa aparece em primeiro plano; fato que Feliciano questionava:

> a exagerada alcandoração de Caetano de Campos, acima de seus méritos reais de reformador, fez acreditar que a cartilha de João de Deus era uma "borracheira". Era essa a irreverente e injusta expressão com que malsinava Caetano de Campos o elegante livrinho do grande poeta João de Deus. Caetano de Campos nunca praticou de verdade ensino real, efetivo, sobretudo ensino primário. E não estudou nem praticou a cartilha de João de Deus, como fez conscientemente Silva Jardim, que a propagou entusiasticamente em S. Paulo e no Espírito Santo. Desta condenação bizarramente injusta nasceu em S. Paulo o método americano do "gato" imposto por gente que mal sabia português ou não podia apreciar a bela sonoridade de nossa língua. Brasileiros professores, que o preconizavam, tinham muitas vezes uma pronúncia

> defeituosa... [...] Hoje são esses reformadores que fazem sombra a Gabriel Prestes e seus companheiros. O que vale tudo para os alcandoradores é o surtinho inicial Campos-Prudente. Mal falam dos áureos tempos da monumental reforma de Bernardes[22], Cezario Motta, com o auxílio de Prestes e alguns mais... a instrução, relativamente, era mais generalizada, como cultura, que a dominante em nossas escolas especializadas, a ensinar migalhas de letras e de ciências; escolas feitas para aprender a ganhar, para alcançar empregos. Outrora havia uma cultura desinteressada, para ser "gente" e não para ser, antes de tudo, botiqueiro ou empregado público etc... hoje não há escolas equivalentes para ensinar o que constitui nossa cultura. Para ensinar, numa instrução integral, tudo que convém para ser gente, bom cidadão e homem de nosso tempo... Sente-se aí o mal da especialização que fez abandonar a chamada educação geral ou liberal. (OLIVEIRA, 1946, p.6).

Nos textos memorialísticos, Feliciano foi um crítico fervoroso das reformas momentâneas, que considerava prejudiciais ao processo educativo. Conforme Comte (2000, p.87), era necessário evitar mudanças inconsequentes na estrutura que afetassem uma ordem natural maior. Ao realizar uma retrospectiva da atuação governamental na instrução pública, Feliciano estabeleceu clara oposição entre um período exemplar, do início da última década do século XIX a 1897, e o que ocorreu posteriormente. A crença de que a instrução pública paulista deveria recuperar seu período áureo era comum entre os mestres formados pela Escola Normal que pertenciam à Associação Beneficente doProfessorado Público de São Paulo e que se julgavam herdeiros de uma tradição que precisava ser recuperada (CATANI, 1989, p.65). Estava presente também o exemplo pioneiro de atuação política de Rui Barbosa em prol da reforma para a construção pelo estado de um modelo de educação que permitisse a evolução sem revolução (VALDEMARIN, 2000, p.91). A importância da educação para a sociedade mediante a ação do Estado permeava o meio letrado paulista e nos anos iniciais do regime republicano teria havido um esforço político em prol da instrução pública, com a atuação de políticos que efetivamente entendiam do tema e que estavam dispostos a batalhar para a sua melhoria, como Cezario Motta, Bernardino de Campos e Gabriel Prestes.

Feliciano considerava que, com o passar dos anos, teria havido o afastamento da política e do professorado, com a realização de reformas realizadas por políticos que desconheciam a realidade escolar e que, portanto, estavam fadadas à ineficácia, o que se aliou a uma falta de organização do professorado que pudesse fazer com que a profissão tivesse mais voz na sociedade. A escrita memorialística de Feliciano foi coerente com o que o professorado expressava no início do século XX, uma vez que havia a defesa na

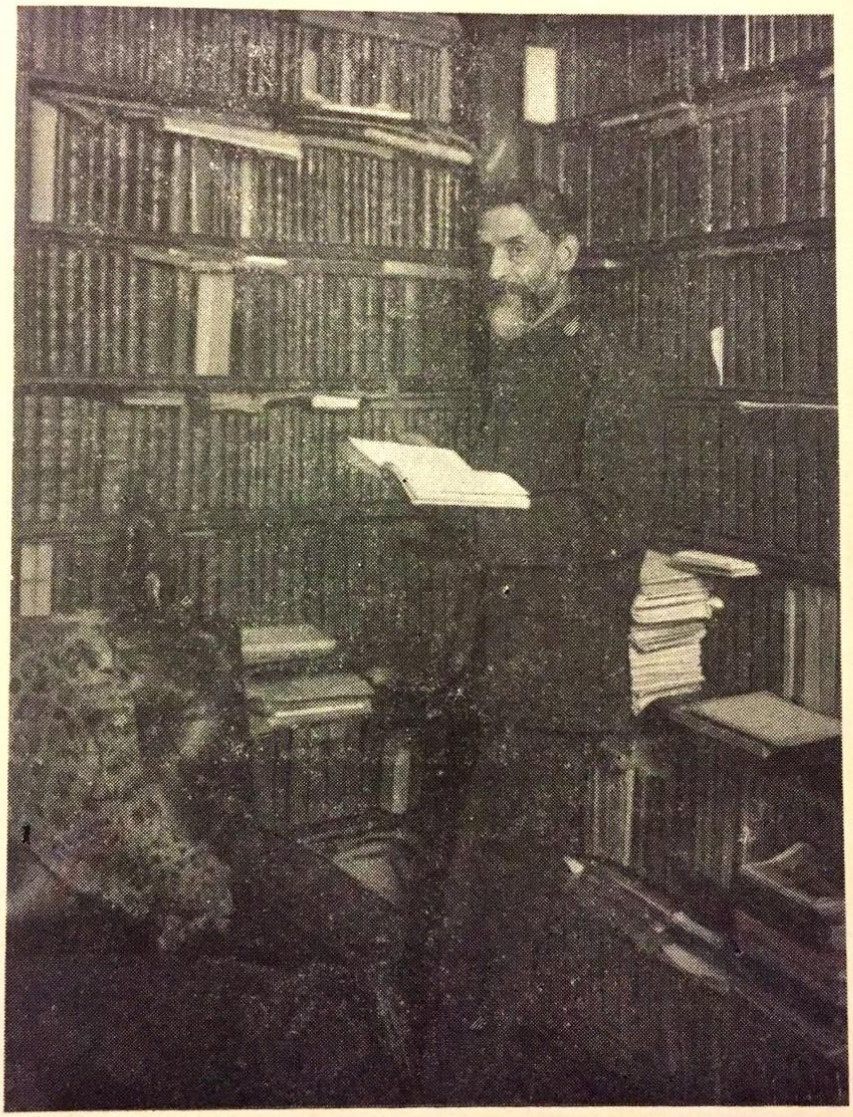
[22] Trata-se de Bernardino de Campos. Provavelmente, ocorreu um erro tipográfico.

Revista de Ensino de que os políticos não deveriam estar à frente das reformas na instrução pública, e sim os membros do magistério, como ocorreu nas manifestações da redação do periódico em 1903 de oposição à atuação da classe política (CATANI, 1989, p.102).

No primeiro dos quatro textos memorialísticos sobre a Escola Normal de São Paulo para *O Estado de S. Paulo*, em 02/06/46, Feliciano lembrava o quanto a instituição sofrera com a contínua prática do reformismo, mal que já perdurava havia mais de um século. Fez um relato histórico dos anos e periódicos nos quais já havia se manifestado a respeito, comprovando a persistência no trato do tema: desde a *Revista dos Novos*, em 1885, prosseguindo em 1887, na *Procellaria* de Julio Ribeiro, em 1907, na *Revista de Ensino* e, em 1931, na *Educação*. Nesta última, destacou que a ênfase das reformas não estava na adequação de métodos e programas, mas nos interesses e ideias de partidos, como o professorado com maior poder de expressão já denunciava no início do século XX, na *Revista de Ensino*. Sobre este exagerado reformismo, afastado da finalidade do ato educativo, lembrou que já afirmava havia cerca de sessenta anos que, em visão essencialmente comtiana, o mal que possibilitava tantas reformas residiria na ausência de harmonia social e na falta de doutrina.

É verificável nos textos memorialísticos sobre a instrução pública paulista a estruturação do discurso de forma a construir um sentido para sua obra no magistério, preocupando-se em não ser esquecido. Os textos foram escritos muito tempo depois da fixação da residência de Feliciano na França, o que possibilitou distanciamento de tempo e lugar. Ao elaborar a memória a respeito, coerentemente com o princípio comtiano de "vida às claras", Feliciano não se esquivou de apresentar os conflitos ao longo do processo vivido. Fiel ao pensamento positivista, e por isso mesmo à cartilha de Joao de Deus, e tendo progredido consideravelmente no magistério na época da direção da Escola Normal por Gabriel Prestes, Feliciano foi um crítico da "modernização" do ensino pelos métodos norte-americanos. O espaço para se manifestar sobre isto foi encontrado somente no inicio dos anos 30, ou seja, de fato o mestre paulista foi silenciado quando a hegemonia dos seguidores de Caetano de Campos prevaleceu.

Fig. 11. Feliciano na França.



O prof. José Feliciano de Oliveira num recanto da sua biblioteca em Paris.

Fonte: Campos, s.d., acervo pessoal do autor.

CAPÍTULO 3 – POSITIVISMO COMO RAZÃO E PAIXÃO: UMA VIDA DEDICADA À DOUTRINA

Este capítulo procura explorar dois aspectos importantes da trajetória de Feliciano em defesa da doutrina positivista. Primeiramente é feita uma análise dos escritos que buscavam a universalidade da aplicação do positivismo como experiência humana planetária. Em seguida, são abordados dois episódios documentados que envolveram a disputa pelo espaço social positivista, sendo o primeiro travado em São Paulo por Feliciano nos anos 1898 e 1899, em oposição à liderança da Igreja Positivista do Brasil, sediada no Rio de Janeiro e personificada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que havia solidificado a posição doutrinária em direção a um positivismo de rigor ortodoxo (COSTA, 1956, p.154). O segundo episódio ocorreu décadas depois, em solo francês, tratando-se de um desentendimento com Paulo Carneiro a respeito do direcionamento das atividades da *Maison d'Auguste Comte*, disputa documentada por Feliciano em 1951.

No conjunto da obra bibliográfica do mestre paulista verificam-se momentos em que prevaleceu a necessidade de explicar o porquê da defesa das ideias positivistas, ou dos caminhos trilhados no percurso positivista, no Brasil ou na França, ou ainda a defesa de uma linha política, como o civilismo brasileiro. A divulgação da doutrina positivista inseriu Feliciano em uma ampla tradição de engajamento dos homens letrados na América com a cultura francesa, que chegou ao continente a partir do século XVIII e inspirou modelos de independência e construção de nações, com importância nas esferas política, artística e cultural, conquistando a hegemonia no século XIX (PERRONE-MOISÉS, 2004, p.13). O interesse pelas ideias francesas civilizatórias envolveu uma série de aproximações com autores franceses e viagens para a França, como no caso da doutrina positivista com o próprio Feliciano e outros que o antecederam no movimento, como Miguel Lemos e Teixeira Mendes. A obra do mestre paulista possui várias referências a personagens e acontecimentos históricos franceses, o que era usual no repertório do público a quem se dirigia, fruto da longa ligação da classe culta luso-brasileira com a cultura francesa, reforçada pela farta presença material de livros franceses no Brasil. Bosi (2004, p.21) salientou que, dos quase seiscentos folhetos publicados pela Igreja Positivista do Brasil, diversos foram elaborados na língua francesa.

Feliciano começou a se destacar no meio letrado com o convívio no ambiente de formação na Escola Normal, o estudo dedicado da doutrina, a publicação de artigos na imprensa e a elaboração de obras na perspectiva positivista. À medida que consolidou os conhecimentos, ampliou a atuação e conquistou espaço no campo do positivismo[23], começaram a surgir desavenças internas com outros partidários de destaque. Em suas intervenções a esse respeito, Feliciano procurou documentar os conflitos que o envolveram no subcampo do positivismo, expondo o campo de lutas a fim de que os fatos fossem devidamente divulgados publicamente para o devido esclarecimento.

3.1. A defesa da universalidade da doutrina.

Na juventude de Feliciano, em que absorveu a base doutrinária que o acompanharia pela vida, estavam em debate soluções para os complexos problemas da pátria brasileira, como a questão da abolição da escravatura, a instituição da república e organização da instrução pública. O positivismo se apresentava como doutrina sedutora para uma possível síntese universal, que abarcaria a totalidade dos aspectos humanos e forneceria soluções pragmáticas às questões intelectuais e sociais que permitiriam o direcionamento das condutas privada e pública (LINS, 1964, p. 399). No Brasil, os positivistas foram o grupo republicano mais beligerante, sendo a palavra escrita e os símbolos cívicos as armas utilizadas com dedicação apostólica para a conquista dos objetivos, a ponto de serem chamados de fanáticos pelos inimigos (CARVALHO, 2011, p.129). A plena e apaixonada incorporação da doutrina positivista como solução para as questões complexas que afetavam o mundo, com amplo reflexo no Brasil, aparece em toda a obra de Feliciano.

No texto de juventude, denominado Reformas Antigas e Ainda Atuais, componente do livreto *O Novo Regime*, e escrito nos primeiros meses republicanos, Feliciano expôs na introdução o entusiasmo com a doutrina positivista, que considerava como uma solução para o progresso da nascente república brasileira.

> Estas páginas, escritas por um jovem professor de São Paulo, na aurora da República, no meio do entusiasmo que saudava a nova era de esperança de liberdade e progresso, baseiam-se na mais sólida construção de Sociologia que até hoje foi formulada. Sociologia esteada

[23] Foi considerado o conceito de campo de Bourdieu (2004, p.126), como “espaços de jogo historicamente constituídos, com suas instituições especificas e suas leis próprias de funcionamento.”

> na ciência enciclopédica, desde a matemática até o coroamento final da moral. (OLIVEIRA, 1889-1890, p.3).

Especificamente sobre o positivismo, encontram-se na produção de Feliciano as obras *O Supremo Par* (1891), *O Novo Culto – A Mulher e a Arte* (1899*), Vouex et Vouex (A mes amis de toute nuance et sans esprit de parti)* (1905) e *Le Positivisme Religieux – La Religion de L'Humanité)*, escrita ao final da vida (1957), ainda em Paris[24.] É importante lembrar que, embora a maior parte de seus escritos não tenha sido elaborada com o conteúdo diretamente voltado para a difusão do pensamento positivista, neles está sempre presente a defesa da doutrina, por sua incorporação ao assunto tratado ou pela recorrente menção a Comte. Para uma análise de conteúdo das obras em defesa do positivismo, foram agrupadas as incidências dos temas de moralidade do papel da mulher, governo de ditadura republicana, Humanidade e incorporação do proletariado.

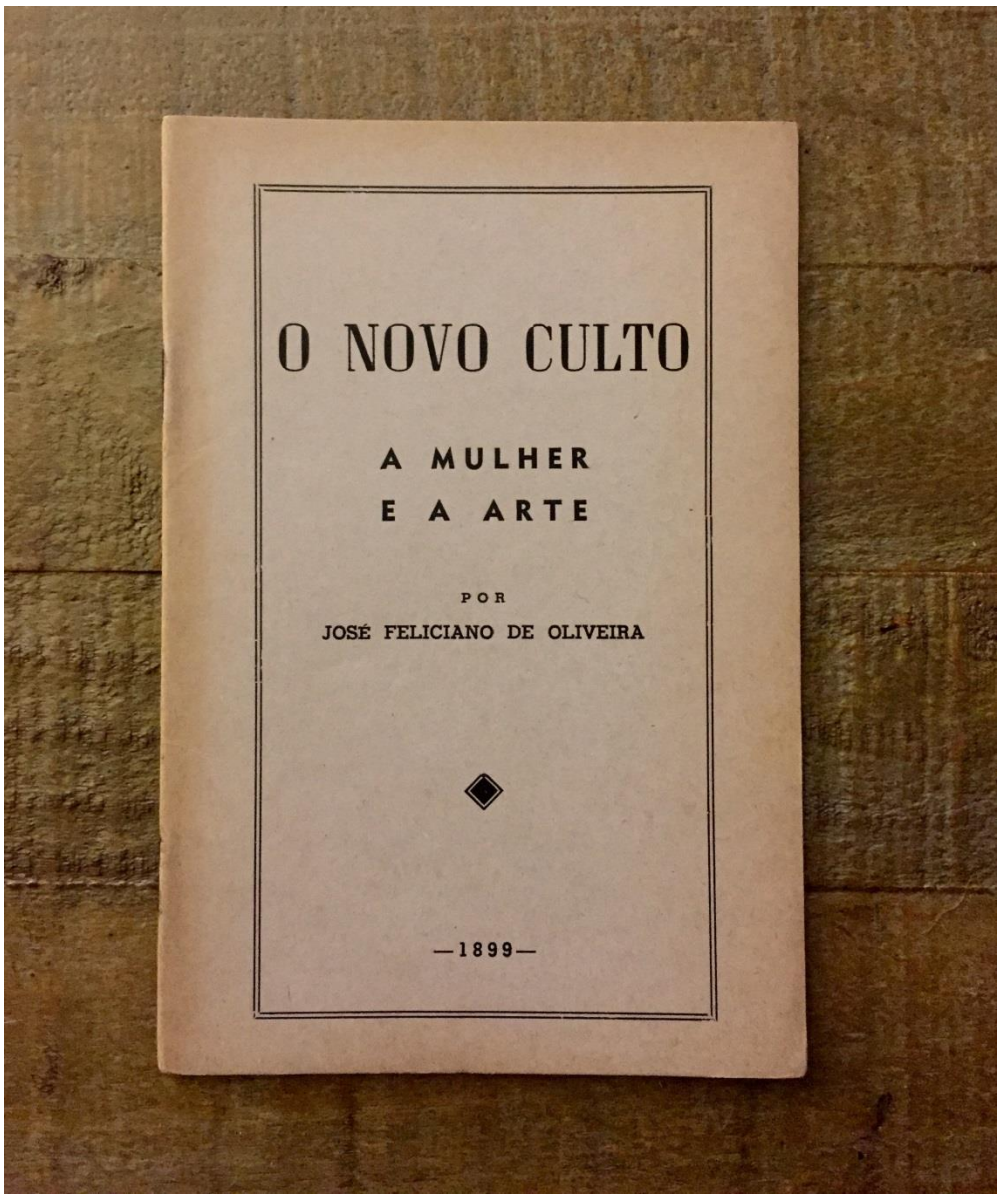
3.1.1. A moralidade do papel central da mulher.

Na doutrina de Comte, a figura feminina tem papel central, firmado no momento em que Clotilde de Vaux, mulher pela qual o filósofo de Montpellier se apaixonou profundamente, transformou-se em mártir pela morte prematura. Como consequência desse acontecimento trágico, Comte conduziu o positivismo a uma doutrina religiosa, reconhecendo a importância da emoção para a Humanidade. Para Lepenies (1994, p.22), o encontro de Comte com Clotilde de Vaux, paixão não consumada, mudou a forma de pensamento do filósofo, que teria passado a dar a mesma importância ao sentimento à que concedia ao intelecto; essa transformação teria modificado a continuidade de sua obra, que se tornou mais equilibrada, com o devido espaço para a expressão emocional. A mulher, para Comte, era quem melhor representava o sentimento de altruísmo, sendo essencial para inspirar a convivência em uma sociedade sem Deus; o símbolo mais perfeito que resumiria a mulher era o da virgem-mãe, pela capacidade de reprodução sem interferências externas (CARVALHO, 2011, p.80).

---

[24] Feliciano citou em *Le Positivisme Religieux, La Religion de La Humanité*, a obra *Conditions Positivistes d'une Véritable Union*, de 1934, escrita no momento em que fora escolhido como porta-voz dos diversos grupos positivistas de Paris, visando a um amplo entendimento. Não foi localizado no Brasil nenhum exemplar disponível desta obra.

Fig. 12. Capa do folheto *O Novo Culto. A Mulher e a Arte.*



Fonte: acervo pessoal do autor.

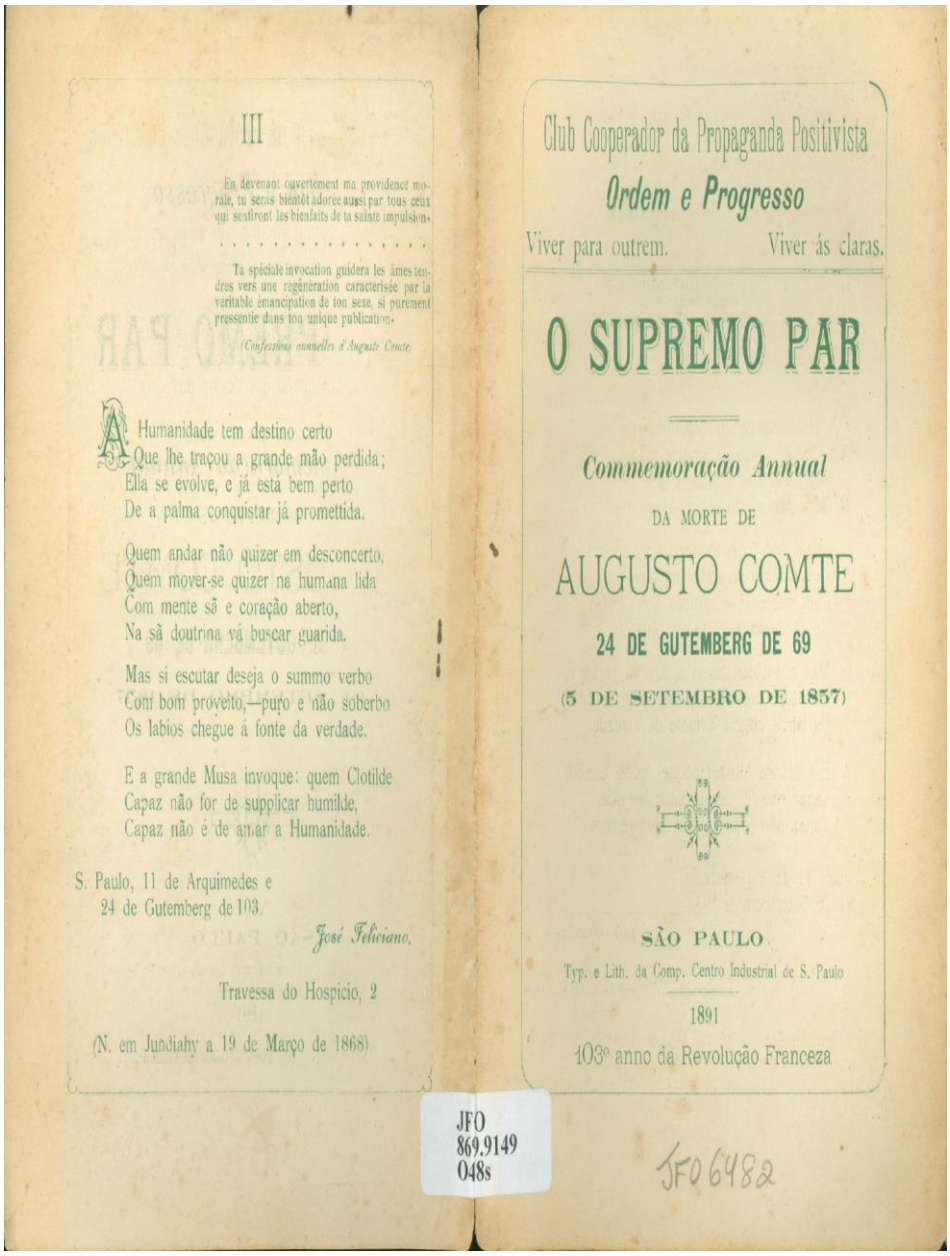
No Brasil, houve manifestações estéticas no campo das artes que procuraram materializar as ideias de Comte sobre a reverência à figura feminina. Décio Villares e Eduardo de Sá foram exemplos de militantes positivistas que atuaram nas artes plásticas criando pinturas, esculturas e monumentos que associavam principalmente a mulher à Humanidade, e às vezes à pátria (Ibidem, 2011, p.84). No folheto *O Supremo Par*, de 1891, obra de juventude publicada pelo Club Cooperador Positivista e datada segundo o

calendário positivista, foi adotada por Feliciano a estética da poesia para a divulgação da doutrina, com exaltação a Auguste Comte na primeira parte e a Clotilde de Vaux na segunda, pelo reconhecimento de sua importância na modificação da forma de expressão do filósofo. Há, ainda, uma terceira parte, dedicada à Humanidade. Constava, ainda, o estatuto do Club Cooperador da Propaganda Positivista[25], associação fundada por Feliciano em 1891, que recebeu conferências comemorativas à obra de Comte. O folheto foi produzido para a comemoração anual do falecimento de Comte, sendo fundamental a importância da figura feminina de Clotilde de Vaux para que o positivismo se tornasse uma religião celebrada em tempos fortemente nebulosos.

Que amante mais que tu já foi constante?
Quem mais que tu teve os amargores
De um íntimo sofrer de todo o instante
E de todas as dores?
Salve, Immortal, rebento mais prestante
De quantos o Humano Ser nos haja dado!
Sem ti, como visar Porvir distante,
Como olhar o Passado?
Como olhar o presente anarquisado?
Como nos guiar neste caos profundo?
Como ter tudo quanto nos foi dado
Por teu saber fecundo? (OLIVEIRA, 1891, p.4)[26]

[25] As informações disponíveis sobre a associação são escassas, estando presentes nessa obra e no livreto *A Propaganda Positivista em S. Paulo*, também escrito por Feliciano, em 1898.
[26] Grafia original

Fig. 13. Capa e contracapa de *O Supremo Par*.



III

En devenant ouvertement ma providence morale, tu seras bientôt adoree aussi par tous ceux qui sentiront les bienfaits de ta sainte impulsion.

. . . . . .

Ta spéciale invocation guidera les âmes tendres vers une regénération caracterisée par la veritable émancipation de ton sexe, si purement pressentie dans ton unique publication.

(*Confessions annuelles d'Auguste Comte*)

A Humanidade tem destino certo
Que lhe traçou a grande mão perdida;
Ella se evolve, e já está bem perto
De a palma conquistar já promettida.

Quem andar não quizer em desconcerto,
Quem mover-se quizer na humana lida
Com mente sã e coração aberto,
Na sã doutrina vá buscar guarida.

Mas si escutar deseja o summo verbo
Com bom proveito,—puro e não soberbo
Os labios chegue á fonte da verdade.

E a grande Musa invoque: quem Clotilde
Capaz não for de supplicar humilde,
Capaz não é de amar a Humanidade.

S. Paulo, 11 de Arquimedes e
24 de Gutemberg de 103.

José Feliciano.

Travessa do Hospicio, 2

(N. em Jundiahy a 19 de Março de 1868)

Club Cooperador da Propaganda Positivista

Ordem e Progresso

Viver para outrem. Viver ás claras.

O SUPREMO PAR

Commemoração Annual

DA MORTE DE

AUGUSTO COMTE

24 DE GUTEMBERG DE 69

(5 DE SETEMBRO DE 1857)

SÃO PAULO

Typ. e Lith. da Comp. Centro Industrial de S. Paulo

1891

103º anno da Revolução Franceza

JFO
869.9149
048s

JFO 6482

Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

No folheto *O Novo Culto – A Mulher e a Arte*, datado de 16 de abril de 1899, encontra-se uma exaltação positivista à valorização da mulher, rigorosamente nos moldes pensados por Comte (2000, p.112), que propôs uma digna subordinação da razão masculina ao sentimento feminino. A partir do *Catecismo Positivista*, obra que

transformou a doutrina em religião, Feliciano reproduzia que o culto à Humanidade seria possível mediante a veneração da figura feminina, o que implicaria sua permanente presença doméstica a influir na conduta familiar. Para ele, “o triunfo do positivismo é o triunfo da mulher, da mãe única, da única esposa.” (OLIVEIRA, 1899, p.9). A mulher possibilitaria o cultivo do sentimento, essencial ao positivismo, e seria o principal elemento inspirador da estética, de forma a realizar a arte em favor da regeneração universal.

> A missão religiosa da mulher consiste, pois, na formação da Família, onde se desenvolve e se sistematiza “a influência espontânea” do sentimento feminino sobre a atividade masculina”. Tal missão foi-se tornando mais e mais relevante com o desenvolvimento espontâneo da sociedade. A evolução humana reage na mulher e nela se concentra como um verdadeiro estalão que avalia o grau de nosso aperfeiçoamento. [...]Mas o justo e supremo ascendente da mulher não será alcançado, enquanto não for perpétua a constituição doméstica. A monogamia completa, a viuvez eterna purificará o sexo afetivo no máximo grau, tornando a Mulher o órgão perfeito da Humanidade, a única Mãe, a esposa única, a influir imaculadamente em seus filhos e em seu esposo. A mulher será assim a mediadora entre o homem e a Humanidade. (Ibidem, p.7).

O tema da sacralidade feminina como guardiã da moralidade, indispensável ao aperfeiçoamento do homem, é inerente à obra de Feliciano, sendo persistentemente trabalhado nos textos. Na época da proclamação da República, a participação pública da mulher era majoritariamente considerada como prostituição, sendo altamente impróprio que participassem da política, tarefa que cabia aos homens (CARVALHO, 2011, p.92). O magistério, desde o final do século XIX, viria a se constituir um dos primeiros campos profissionais respeitáveis em que a mulher podia atuar, sendo reforçada a natural aptidão maternal para cuidar, o que era conveniente ao Estado, devido à necessidade de recrutamento de um elevado número de pessoal a custo baixo (SOUZA, 1998, p. 62-63). A defesa do papel da mulher no centro da família já estava presente no jovem Feliciano desde a *Revista dos Novos*, ainda no período imperial, quando protestou contra a nomeação de mulheres para cargos públicos, realizada pelo diretor dos correios sob autorização do Ministro da Agricultura. Citando um precedente na companhia telefônica, procurou sensibilizar que a tendência de aumento do emprego feminino levaria ao abismo da constituição familiar, sendo um severo ataque à formação moral na sociedade.

> Depois da companhia telefônica, mais esta medida ainda vem concorrer para a dissolução duma das mais sublimes instituições sociais, da base fundamental das sociedades, da unidade social, da família, enfim, Tudo isso nos fará dizer da família coisas que a pena repugna aqui traçar. (OLIVEIRA, 1885, p.2)

No mesmo ano, também na *Revista dos Novos*, o pensamento fora compartilhado pelo conterrâneo positivista Antonio Hippolyto de Medeiros, ao tratar de uma notícia do *Diário de Sorocaba* que havia exaltado o êxito de uma jovem órfã no aprendizado do ofício da tipografia, que culminou em um emprego no jornal (MEDEIROS, 1885, p.4). Era esta uma reação irônica a um comportamento feminino não desejado. Na época da proclamação da República, as características mais salientadas do feminino eram a sensualidade, a beleza e a fragilidade (CARVALHO, 2011, p.95). Em 1957, várias décadas depois, Feliciano tornou público um texto escrito trinta anos antes, que tratou exatamente da missão moral de Clotilde de Vaux como exemplo de comportamento feminino. Em um mundo marcado pela violência das guerras, a mulher teria um papel fundamental de transformação do homem para a convivência pacífica, com espírito de cavalheiro.

> Or, il faut que les femmes comme Clotilde de Vaux, - les femmes qui redressent l'homme, - soient plus nombreuses, soient plus honorées partout, afin de dévelloper em nous des moeurs plus chevaleresques. Ce n'est pas en Ibérien obscur que je parle. August Comte lui même a reconnu que chez les populations ibériques "la femme a le mieux conservé son influence chevaleresque". Il disait que "le doux enthousiasme des Espagnoles", peut-être, procurerait à Clotilde "la tardive reconaissance des Françaises". Cet enthousiasme, - réel chez nous, - se manifesta ici même à la égard de Clotilde, par l'achat de la maison oú elle est morte...(OLIVEIRA, 1957, p.21).[27]

Como apontou Carvalho (2011, p.31), a elevação da figura da mulher e da vida familiar pelos positivistas ortodoxos se encaixava bem na tradição patriarcal brasileira, sendo de natureza conservadora. Feliciano acompanhou em seus escritos o lugar da mulher, prescrito por Comte e adotado pelos positivistas brasileiros; como mestre na Escola Normal, aceitou a incorporação das mulheres ao magistério pela possibilidade de

---

27 Ou, é preciso que mulheres como Clotilde de Vaux - mulheres que coloquem o homem no lugar, - sejam mais numerosas, sejam mais respeitadas em toda parte, a fim de desenvolver em nós modos mais cavalheirescos. Não é na Ibéria obscura que eu falo. O próprio Auguste Comte reconheceu que no território das populações ibéricas "a mulher preservou melhor sua influência cavalheiresca". Ele disse que "o doce entusiasmo dos espanhóis", talvez, proporcionaria a Clotilde "o tardio reconhecimento dos franceses". Esse entusiasmo – real entre nós - se manifestou aqui mesmo no respeito por Clotilde, para a compra da casa onde ela faleceu. (tradução nossa)

contribuição à educação devido ao natural instinto maternal e ao aceite pela sociedade como profissão respeitável.

3.1.2 Governo de ditadura republicana

A fundamentação por Comte de um governo de ditadura está presente na abertura do prefácio do *Catecismo Positivista*. A proposta política do filósofo de Montepellier foi plenamente defendida pelos positivistas ortodoxos brasileiros, posição que Feliciano incorporou.

> Vimos, pois, abertamente libertar o Ocidente de uma democracia anárquica e de uma aristocracia retrógrada, para constituirmos, tanto quanto possível, uma verdadeira sociocracia, que faça concorrer sabiamente para a regeneração comum todas as forças humanas, aplicadas sempre conforme a natureza de cada uma. Com efeito, nós, sociocratas, não somos nem democratas nem aristocratas. Aos nossos olhos, a massa respeitável destes dois partidos opostos representa empiricamente, de um lado, a solidariedade, do outro, a continuidade, entre as quais o positivismo estabelece profundamente uma subordinação necessária, que substitui enfim o antagonismo deplorável que as separava. (COMTE, 2000, p.97).

A proposta da ditadura republicana para a pátria brasileira foi veementemente defendida por Feliciano em texto preparado para pensar a situação nacional pós-proclamação da República, intitulado “O Novo Regime - Ordem e Progresso - A Família, A Pátria, A Humanidade - A ditadura Republicana”. A ditadura temporal para o mestre paulista seria o melhor caminho a ser seguido para o governo republicano, de forma que a ordem de comando pudesse ser preservada, a fim de que houvesse progresso para o conjunto da sociedade. A democracia com poder legislativo no parlamento não seria uma forma de governo aceitável, pois esta estrutura teria certamente uma natureza conservadora, avessa a realizar as reformas que não fossem de conveniência política, e que buscaria em primeiro lugar preservar seus interesses. A crença na ditadura republicana como a alternativa mais viável para o governo era comum entre os positivistas abolicionistas, que acreditavam na lógica de proteção dos fracos pelos fortes e no caráter normativo da política, onde o regime deveria prezar pela moralidade pública (ALONSO, 2002, p.255-256). Como exemplo histórico das dificuldades que os parlamentares criavam para o progresso, Feliciano lembrou das dificuldades enfrentadas com o poder legislativo para a aprovação da abolição, que teria ocorrido tardiamente.

> A concentração do poder legislativo e do executivo nas mãos de um só homem, é na verdade o único governo progressivo e ordeiro que desde muito deviam ter os países que sofreram a influição da Grande Crise de 1789.
>
> O Brasil é um desses países, e hoje mais que nunca sua melindrosa situação exige um governo afeiçoado ao molde ditatorial.
>
> [..]Um tal governo deve ser enérgico, deve ser guiado por uma boa doutrina, a fim de exercer a autoridade sem exorbitar, sem desservir a causa pública, sem prejudicar a liberdade.
>
> Esse governo há de reunir em uma só mão o poder legislativo e o executivo, há de ser ditatorial, sem se confundir com uma ditadura imperial ou uma autocracia qualquer. (OLIVEIRA, 1889-1890, p 9-10).

O poder dado ao parlamento para a elaboração das leis seria equivocado, por ser uma cópia do modelo criado na Inglaterra e propagado por influência francesa. Seguindo a tradição dos positivistas abolicionistas de que a representação política adequada não seria pelo regime representativo, mas pelo simbolismo da aclamação popular (Ibidem, p.256), Feliciano considerou que a adoção, na República brasileira, do parlamentarismo implicaria em uma série de problemas:

> 1) É contra a filiação sociológica.
> 2) É a sistematização da desconfiança pública.
> 3) É nulo quando se promulgam grandes leis.
> 4) É nocivo ao progresso atrasando a solução das questões.
> 5) É um governo anti-republicano.
> 6) É um corrilho[28] feito ao grado da burguesia.
> 7) É um governo descontínuo, um governo de alternativas.
> 8) É governo anti-econômico.
> 9) Separa a elaboração empírica das leis de sua correlativa execução.
> 10) É finalmente um sistema de governo puramente monárquico, porque é quase hereditário e consagra a irresponsabilidade coletiva, a mais danosa das irresponsabilidades. (Ibidem, p.18,19).

A redução do parlamento ao mínimo, que votaria somente o orçamento, com todo o poder de decisão concedido ao executivo não significava para os positivistas o mando absoluto do Estado sobre a sociedade; os temas relacionados à educação, cultura, religião e profissões seriam discutidos e desenvolvidos com liberdade na sociedade a partir do núcleo básico familiar (BOSI, 2004, p.37).

Em um momento de disputa pela hegemonia política republicana, liberais de inspiração norte-americana, positivistas e jacobinos procuraram impor o seu modelo político (CARVALHO, 2011, p.22). Feliciano procurou deixar registrada a sua visão

[28] Conluio de intrigantes.

sobre como a nova forma de governar deveria ser conduzida, de modo que se caminhasse para o êxito do movimento de transformação do império à república.

3.1.3 Humanidade e liberdade espiritual

Feliciano pronunciou, em 7 de janeiro de 1939, um discurso intitulado *L'Humanité*, no Collège Libre des Sciences Sociales, em Paris. O texto, publicado pela *Societé Positiviste Internationale* sob a forma de brochura traz uma série de reflexões sobre o conceito de Humanidade na concepção positivista. Feliciano persistia em provar que a doutrina seria capaz de unir o conjunto da Humanidade, a fim de que a vida na terra evoluísse da melhor forma possível, o que incluiria todos aqueles que tinham outras crenças religiosas sinceras. Em um momento de agudas tensões no continente europeu, que resultariam no início da segunda guerra mundial, era um apelo à união com base em uma doutrina que aspirava à paz universal.

> La Terre ainsi devient um être tout-puissant, parce qu'elle est um composé de tous les phénomènes du monde, de la vie elle-même, moins les phénomènes nerveux et intellectuels. C'est l'Humanité qui les possède tous, universellement tous. C'est donc l'Humanité l'être le plus complexe, le plus harmonique: c'est un véritable Grand—Être. "Un être à qui rien ne manque". (Bossuet).
>
> Essentiellement, il n'y a que deux véritables êtres complets, "éminemment composés": la *Terre*, dans le ciel, avec les astres, comme appendices; et l'*Humanité*, sur la Terre, avec ses auxiliaires, les animaux associables et le végétaux utiles. Hors de là, il n'y a que des êtres imparfaits ou l'absolu "oiseux ou inaccesibles", donc parfaitement négligeable, dans l'échelle générale des êtres, dans uns synthèse subjective, dans une Religion humaine. (OLIVEIRA, 1939, p.4).[29]

---

[29] A Terra se torna assim um ser todo-poderoso, porque é um composto de todos os fenômenos do mundo, da própria vida, menos os fenômenos nervosos e intelectuais. É a Humanidade que tem todos eles, universalmente todos. É portanto a Humanidade o ser mais complexo, o mais harmônico: é um verdadeiro Grande Ser. "Um ser que não falta nada." (Bossuet).

Essencialmente, existem apenas dois seres reais completos "compostos eminentemente": a *Terra* no céu, com as estrelas, como apêndices; e a *Humanidade*, na Terra, com seus auxiliares, animais associados e plantas úteis. Fora disso, nada mais há que seres imperfeitos ou o absoluto "ocioso ou inácessível", portanto perfeitamente insignificante, na escala geral de seres, em uma síntese subjetiva, em uma religião humana. (Tradução nossa).

A ideia de tolerância à liberdade espiritual para que a Humanidade pudesse conviver em harmonia já estava presente na formação de juventude. Os positivistas ortodoxos sempre tiveram bastante cuidado ao evitar discursos agressivos ou incompatíveis com o catolicismo, considerando a sua importância na formação brasileira (CARVALHO, 2011, p.139). No contexto brasileiro imediatamente posterior à proclamação da República, Feliciano posicionou-se contra a união do Estado com a Igreja, como exposto no livreto *O Novo Regime*. A verdadeira manifestação religiosa não deveria ser confundida com os assuntos de Estado, tampouco imposta como religião oficial. O positivismo triunfaria naturalmente pela superioridade da doutrina em relação às demais religiões.

> Garanta-se primeiro uma completa liberdade de exposição e de discussão a todas as doutrinas que se digladiam por obter o predomínio social. A reorganização das opiniões e dos costumes, que fique assim entregue à livre concorrência das doutrinas capazes de a realizar. A verdadeira religião há de predominar por sua evidente superioridade sobre as outras doutrinas, visto que cada uma tem liberdade plena de pugnar por seus princípios.
>
> Só ao absolutismo teológico e à anarquia metafísica é que repugna o regime de completa liberdade espiritual. Suas doutrinas não comportando discussão, só a força poderá por algum tempo mantê-las com aparência de vida. Nosso código criminal consagra muitas medidas coercivas que felizmente não tem sido postas em prática, já por um uso oposto, já pela própria incúria dos executores da lei. (OLIVEIRA, 1889, p.35).

O projeto de separação entre o Estado e a Igreja, acompanhado da liberdade de culto foi apresentado pelo Ministro da Agricultura, o positivista Demétrio Ribeiro, em reunião do Governo Provisório ocorrida em 9 de dezembro de 1889; Miguel Lemos e Teixeira Mendes estariam dando o suporte a essa demanda, transformada em decreto de 7 de janeiro de 1890, e que foi levada adiante na primeira constituição republicana de 1891, com uma aliança entre positivistas e católicos (LINS, 1964, p.344).

Feliciano procurou conciliar nos discursos a tradição católica brasileira, na qual foi educado, com a crença religiosa da doutrina positivista. Desde a proclamação da república, quando era preciso frisar que a intenção era separar a Igreja do Estado e não se voltar contra o culto católico, esta foi a posição estabelecida. Para ele, a superioridade do positivismo como solução para a Humanidade venceria naturalmente, sem a necessidade de obstruir outros cultos, por ser a melhor doutrina para a sociedade.

3.1.4 A incorporação do proletariado à sociedade

A preocupação com a incorporação do proletariado na sociedade, aspecto essencial da doutrina positivista, foi um tema de intensa reflexão e ação por parte de Feliciano. Comte considerava absolutamente necessária a ação educativa em prol dos menos favorecidos, tendo utilizado o *Discurso sobre o Espírito Positivo*, de 1844, na introdução do curso de astronomia popular; através da educação o proletariado se tornaria um aliado em potencial para a expansão da doutrina (BARROS, 1971, p.131). A incorporação social deveria ser feita preferencialmente pelo reconhecimento por parte dos ricos de seu dever de proteger os pobres, mediante uma nova mentalidade que afastasse o conflito de classes; os positivistas ortodoxos brasileiros apresentaram outras propostas de eliminação dos conflitos, como a abolição da escravidão, a defesa dos índios e o posicionamento contra as leis que criminalizavam a vagabundagem (CARVALHO, 2011, p.31). Desde a juventude, no papel de educador, Feliciano absorveu essas ideias e dedicou-se a escrever e a levar conhecimento ao proletariado, a fim de diminuir a desigualdade social e os riscos de desordem nela embutidos. O tema já estava presente na obra *O Novo Regime*, como fundamento para a organização da ordem republicana brasileira, e estava fortemente relacionado à questão da preservação do papel da mulher na sociedade.

> Na reorganização social inclui-se forçosamente a incorporação do proletariado, porque o regime positivo tende a melhorar a indústria, tende a regenerar seus chefes, firmando a regeneração humana pelo estabelecimento do verdadeiro poder espiritual. A condição principal de uma digna incorporação dos proletários na sociedade moderna, consiste em libertar a mulher de todo trabalho exterior, consiste em libertá-la da miséria e prostituição. (OLIVEIRA, 1889-1890, p.34).

Os poderosos deveriam trabalhar a serviço da ordem e progresso republicanos, de modo a organizar a sociedade sem a exploração injusta da força de trabalho. Os proletários não deveriam acreditar no ilusório conceito democrático de governo do povo, uma vez que para haver ordem e progresso deveria ser organizada de forma lógica e natural a atuação de governantes e governados.

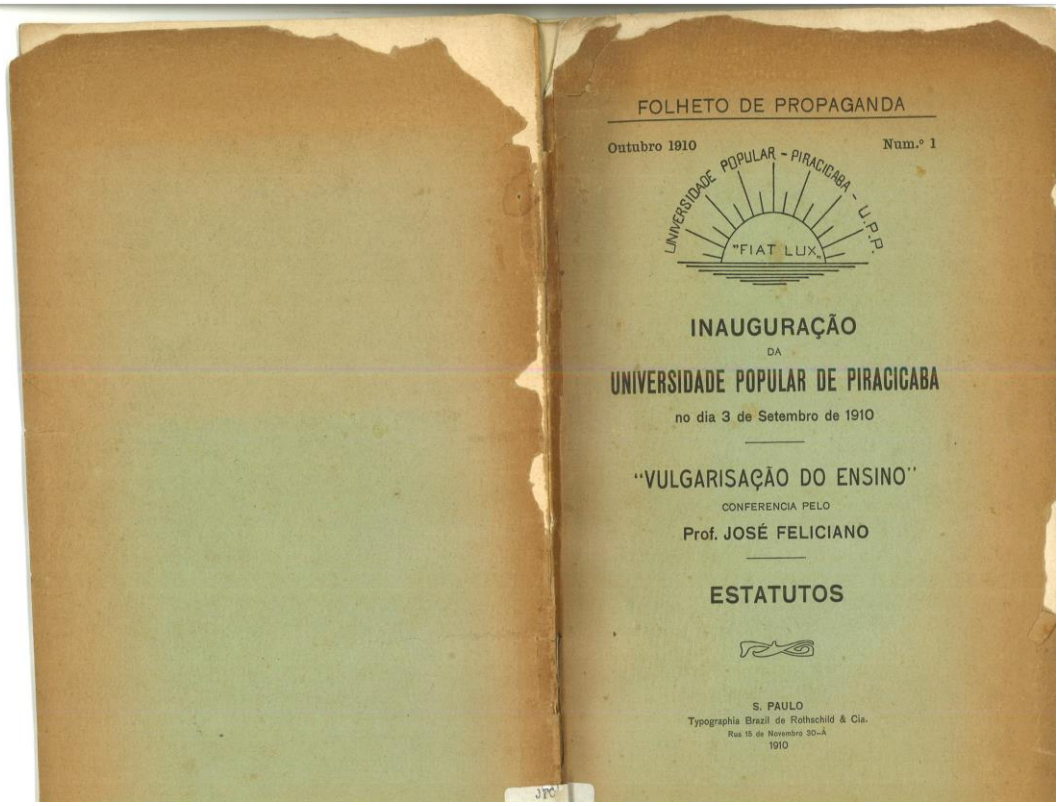
> Olhem os proletários que almejam melhoria da situação, que aspiram à felicidade há muito sonegada pela exploração burguesa. O problema é temeroso; as greves sucedem-se, há descontentamento geral, há exigências forçosas, há crises sociais iminentes.

> E vós proletários, com a longanimidade[30] habitual, mourejai pela Pátria, não vos deslumbreis com o palavreado vazio dos burgueses, e auxiliai a ditadura que vos há de felicitar. (Ibidem, p.45).

No discurso de inauguração da Universidade Popular de Piracicaba, publicado em 4 de setembro de 1910, em *O Estado de S. Paulo*, Feliciano manifestou preocupação quanto a uma duvidosa educação para o proletariado que acirrasse o conflito de classes, em vez da conciliação harmônica. O ensino deveria prestar esclarecimentos sobre a vida popular, sem que fosse fomentada a discórdia social devida às diferenças.

> O mesmo ensino desviado, a consagrar ambições profissionais, a sistematizar exclusivismos, explorações pessoais, criou por outra parte a estranha classe do proletariado intelectual. Este complica o problema social, porque se apoia no proletariado ativo e o desvia com suas declamações, com seus políticos, eleitorais sofismas. A vida social volteia assim num tempestuoso renhir em que a onda popular reclama direitos sem deveres, seus guias fazem oposição, disputam o poder, sem ter regras, princípios para o exercer dignamente...(OLIVEIRA, 04/09/1910, p.3).

Fig.14. Folheto de inauguração da Universidade Popular de Picacicaba.


FOLHETO DE PROPAGANDA

Outubro 1910 Num.º 1

UNIVERSIDADE POPULAR - PIRACICABA - U.P.P.

"FIAT LUX"

INAUGURAÇÃO

DA

UNIVERSIDADE POPULAR DE PIRACICABA

no dia 3 de Setembro de 1910

"VULGARISAÇÃO DO ENSINO"

CONFERENCIA PELO

Prof. JOSÉ FELICIANO

ESTATUTOS

S. PAULO

Typographia Brazil de Rothschild & Cia.

Rua 15 de Novembro 30-A

1910

Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

[30] Alguém que possui a característica ou qualidade de grandeza de ânimo, uma pessoa que encara com coragem as adversidades a favor de alguém. Termo relacionado com o ato de ser bondoso ou generoso.

Em *L'Humanité*, de 1939, Feliciano abordou uma vez mais o pensamento de que os proletários deveriam se esclarecer por meio da educação. Devidamente instruídos, não estariam à mercê de manipulação por parte de líderes que atuariam contra a ordem social, fomentando os conflitos na sociedade.

> Le devoir des prolétaires, de ceux qui suivent des meneurs sans lumiéres, qui ont besoin d'être menés, c'est de s'instruire d'abord, avant de formuler des opinions. Sans être docteurs, ils peuvent ainsi arriver à comprendre la necessite d'une préparation scientifique, logique, de philosophie positive, pour imposer à tous ceux qui s'érigent en chefs spirituels des masses. Les femmes aussi, surtout par l'influence morale, doivent s'y ranger, doivent s'instruire, en dehors du féminisme électoral, qui les éloigne encore plus de leur rôle, comme "suprêmes arbitres privés de l'éducation".
>
> La paix de l'Europe, de l'Occident, de l'Humanité tout entière parviennent à se "convaincre que leurs prétendus guides spirituels sont radicalemnet incompetentes, envers les hautes élaborations qu'on leur confie aveugléments". (Ce sont les propes mots d'Auguste Comte, que je suis, que je répète toujours) (OLIVEIRA, 1939, p.10).[31]

O foco do aprendizado do proletariado estaria para Feliciano na absorção dos conhecimentos úteis para a incorporação digna da vida em sociedade. Foi objeto de crítica tanto o exagerado esforço no investimento intelectual de lideranças da classe, o que fomentaria a discórdia social, quanto a falta de preparo científico para emitir posicionamentos que pudessem causar desequilíbrios por terem sido feitos sem a aquisição do devido conhecimento.

3.2. Positivismo x Positivismo – o combate de Feliciano para o esclarecimento público.

O positivismo foi marcado por disputas pela liderança na divulgação da doutrina entre os seus seguidores mais notáveis, o que prejudicou a coordenação necessária para a pretendida expansão universal. A semente para a dissidência interna ao grupo ocorreu quando Comte ainda era vivo; seu mais famoso discípulo, Émile Littré, não aceitou a

---

[31] O dever do proletariado, daqueles que seguem os líderes sem luzes, que têm a necessidade de serem conduzidos, é aprender primeiro antes de formular opiniões. Sem ser doutores, eles podem muito bem vir a compreender a necessidade de uma preparação científica, lógica, de filosofia positiva, para impor a todos aqueles que se colocarem como líderes espirituais das massas. As mulheres também, especialmente por influência moral, devem fazê-lo, devem aprender, fora do feminismo eleitoral, que as afasta ainda mais de seu papel como "árbitros supremos da educação privada" [...]

A paz da Europa, do Oeste, de toda a Humanidade sucede a se "convencer de que os seus chamados guias espirituais são radicalmente incompetentes, ao invés das altas elaborações nas quais se confia às cegas " (Estas são as palavras do próprio Comte, que faço minhas, que eu sempre repito). (tradução nossa).

parte religiosa da obra do mestre, o que teria contribuído para o seu desencanto e solidão (GIANNOTTI, 2000, p.8). Desta forma ocorreu a primeira grande divisão original dos discípulos diretos, com a ramificação entre Pierre Laffitte, que incorporou o conjunto da doutrina, e Littré. Enquanto o primeiro, acompanhado de seus seguidores, aceitou o positivismo religioso e liderou o grupo dos chamados ortodoxos, o segundo prosseguiu somente com a obra científica, formando com seus seguidores a vertente dos heterodoxos. Foi o início de um movimento no qual os grupos se encerravam em si mesmos, tendendo a se considerar como os autênticos representantes do pensamento de Comte (COSTA, 1965, p.154). Conforme Gentil (2002, p-21-38), o positivismo viveu um momento áureo entre 1857 e 1870, sob a liderança de Laffite, em que havia grande esforço intelectual dos discípulos na divulgação da obra do mestre, sem grandes conflitos internos, o que uniu os positivistas e expandiu a divulgação da doutrina após a morte de Comte. Laffite era contra a realização sistemática de culto para a união positivista, conforme previsto por Comte, o que incentivava intelectualmente através da comunhão das ideias. Sua liderança, pautada pela resistência ao dogmatismo religioso, enfrentou a dissidência iniciada em 1878 pelo pastor anglicano Richard Congreve, que teve o reconhecimento de franceses como seu líder espiritual, organizando um centro em Paris próximo à *Maison*, e com os graves rompimentos ocorridos com os brasileiros e chilenos, que se proclamaram defensores do positivismo ortodoxo e da religião da Humanidade.

Como diretor do positivismo por 46 anos, de 1857 a 1903, Laffitte privilegiou a atividade de ensino para a divulgação intelectual da obra de Comte, o que estaria de acordo com a sua vocação de pedagogo e com seu perfeito conhecimento da doutrina do mestre. Robinet, amigo de Laffitte, teria declarado que ele realizava os cursos de divulgação da doutrina sem pretensão de ser o primeiro, sem a busca por brilhar, sem produzir grandes barulhos, de forma modesta e trabalhadora (Ibidem, p. 21-38). A atuação e a obra de Laffitte certamente inspiraram Feliciano tanto na escrita como no trabalho didático realizado para a exposição do positivismo, dada a convergência da formação de ambos, voltada à educação e das ideias nas quais acreditavam. Estão presentes na biblioteca de Feliciano depositada no IEB as seguintes obras de Laffitte: *Cours de philosophie première*; *Les grands types de l'humanité : appréciations systematique des principaux agents de l'evolution humaine/ leçons redigées par le Dr. Buisson*; *Cours de morale pratique : ou traité d'éducation*; *Cours de morale théorique*; *Calcul arithmétique*; *La révolution française (1789-1815)*; *De la morale positive : sa*

nécessité actuelle, ses caracteres fondamentaus, ses principales applications; *Cours philosophique sur l'histoire générale de l'humanité : discours d'ouverture.*[32]

Como fruto das disputas internas à doutrina, Feliciano se firmou como positivista afastando-se do dogmatismo religioso, experimentado quando estava subordinado à liderança de Miguel Lemos. Sua opção por divulgar o positivismo em cursos e reuniões cívicas e de aprofundar-se no conhecimento da obra de Comte aproximou-o do modelo de atuação de Laffitte, a quem defendeu por ocasião do rompimento com Lemos, em 1898. Sua posição foi a de um positivista que aderiu à totalidade da obra de Comte, aceitando a religião da Humanidade como complemento à obra científica do filósofo. Mesmo que tenha sido adepto do positivismo religioso, demonstrou não querer cultivar desavenças com os positivistas que não pensassem como ele, notadamente após os conflitos relacionados à expulsão da Igreja Positivista do Brasil. O caminho por que optou na maturidade foi o de agregação com os positivistas que considerava "bons", o que certamente contribuiu para o seu aceite no núcleo do positivismo francês, ainda que não deixasse de se expressar de forma combativa para defender os aspectos que julgava necessário tornar públicos e se posicionasse de forma excludente em relação à liderança do Rio de Janeiro e seguidores.

Desde a juventude, Feliciano se voltou, como elemento da divulgação da obra do mestre de Montpellier, à organização de eventos voltados à tradição de rememorar anualmente as datas de seu nascimento e falecimento. Além disso, dedicava-se às comemorações das datas de 7 de setembro e 15 de novembro, em que eram exaltadas respectivamente as figuras de José Bonifácio, como patriarca, e Benjamin Constant, como fundador da República (CAMPOS, 1959, p.10). Miguel Lemos, no primeiro contato pessoal entre eles, conforme relatado em *A Propaganda Positivista em S. Paulo*, teria sugerido que Feliciano assumisse o posto de presidente do Club Cooperador Positivista em São Paulo, uma vez que sua posição de professor primário não o colocaria em posição de constrangimento civil. Ele teria a princípio rejeitado, por julgar que a pouca idade, prestígio e posição social atrapalhariam, mas por fim assumiu a liderança da

---

[32] Primeiro curso de filosofia; Os principais tipos da humanidade: apreciação sistemática dos principais agentes da evolução humana/ aulas escritas pelo Dr. Buisson; Curso de moral prática: ou tratado sobre a educação; Curso de moral teórica; Aritmética; A Revolução Francesa (1789-1815); Da moral positiva: sua atual necessidade, seus personagens fundamentais, suas principais aplicações; Curso filosófico sobre a história geral da humanidade; Discurso de abertura. (tradução nossa).

associação (OLIVEIRA, 1898, p.57-58). Desta forma se iniciou a trajetória de Feliciano na divulgação do positivismo em São Paulo.

3.2.1. O conflito com a Igreja Positivista do Brasil

Feliciano ingressou na Igreja Positivista do Brasil em 31 de agosto de 1892, tendo declarado a intenção de trabalhar em prol da doutrina (OLIVEIRA, 1951, p.8). Na continuidade do trabalho de divulgação em São Paulo foi criado, em 1895, um centro positivista local. Conforme a contabilidade do próprio Feliciano (Idem, 1898, p.34), estiveram sob sua liderança vinte e dois contribuintes, instaladores da associação, e de mais seis, que ingressaram posteriormente.[33] O positivismo brasileiro, como os demais campos, apresentava suas próprias relações de força e de lutas, que visavam a transformar ou a conservar posições (BOURDIEU, 2004, p.170). Pela leitura dos textos dos principais envolvidos na disputa, é possível levantar a hipótese de que a condução da propaganda positivista em São Paulo, em que Feliciano teria agido com autonomia desconfortável para a liderança do Rio de Janeiro, culminaria em sua exclusão da Igreja Positivista do Brasil, em 1898. Sendo Feliciano um novato em relação a Lemos, com ambições de reconhecimento entre os positivistas, naturalmente recaiu sobre ele o peso do ingresso em um campo em disputa.

O desentendimento de Feliciano com a liderança do Rio de Janeiro foi documentado em três folhetos elaborados para rápida divulgação, sendo os dois primeiros oferecidos aos interessados brasileiros, e o terceiro, aos franceses: *A Propaganda Positivista em S. Paulo (Explicação decisiva aos amigos e correligionários)*, de maio de 1898, *O Partidarismo Positivista em São Paulo*, de outubro de 1898 e *Les Habiletés de M. Lemos (À nos Correligionaires Étrangers*), de maio de 1899. Essas publicações, com forte preocupação documental de registro de atividades para o exercício de defesa, são valiosas para o entendimento sobre como a doutrina era divulgada em São Paulo. Do lado carioca, o desentendimento foi documentado aos brasileiros pelo folheto de Teixeira Mendes *A Direção do Positivismo no Brasil. Carta Dirigida ao Cidadão Godofredo Furtado*, de junho de 1898 e pela *Circular no. 181 da Igreja e Apostolado Positivista do*

[33] Além de Feliciano, foram nominados Gabriel Antunes, Jeronymo Azevedo, Alcibiades Moreira, A.H. de Medeiros, Godofredo Furtado, Alberto Souza, Sebastião Hummel, João Camargo, Oscar Corrêa, F.M. Germano, Silvio de Almeida, Julio Souza, Francisco Vianna, Felicio de Oliveira, Florisbello Leivas, Ernesto Dias de Castro, Basilio Magalhães, Eugenio Gastaldetti, Franklim Vianna, Augusto Baillot e Vicente de Carvalho. Contribuíram posteriormente J.A. Paula Costa, José Portugal Freixo, João Portugal Freixo, Fernando Bonilha Junior, Joaquim da Cunha Barros, e Domin. Tupinambá Godinho [sic].

Brasil, denominada *Circular e Documentos relativos à Exclusão de um Membro de Nossa Igreja*, redigida por Miguel Lemos e datada de julho de 1898. Foi elaborado ainda o folheto *Bulletin nº. 4*. uma publicação de Lemos direcionada aos positivistas estrangeiros, que foi objeto de resposta por Feliciano por meio da publicação *Les Habiletés de M. Lemos (À nos Correligionaires Étrangers*). Os protagonistas e simpatizantes das duas partes envolvidas utilizaram-se várias vezes da imprensa para fomentar a polêmica, ao expressar a sua posição, notadamente na *Seção Livre* em *O Estado de S. Paulo*.

A motivação do livreto *A Propaganda Positivista em S. Paulo* foi a compreensão de Feliciano de que seria necessário apresentar publicamente os argumentos de defesa em face da decisão tomada por Miguel Lemos de expulsão do mestre paulista do grêmio fluminense. Antes do início das explicações, Feliciano publicou um poema em homenagem a Comte, em busca de despertar a emoção do leitor, ao associar as dificuldades vivenciadas por Comte na luta pela doutrina em prol da Humanidade com as agruras pessoais de quem sofrera pesadas acusações. O ataque contra a honra, que poderia supostamente atrapalhar as atividades de Feliciano em São Paulo, teria em Comte a inspiração para a resistência.

> Tantas, tão rudes nesta vida foram
> As penas que curtiste, mestre amado,
> Que é bem possas viver recompensado
> Nos corações daqueles que te adoram (OLIVEIRA, 1898, p.3).

A intenção proclamada por Feliciano seria esclarecer os fatos, pois era necessário expor os motivos pelos quais não mais realizaria cursos sobre a doutrina positivista, dada a extinção do centro de propaganda de São Paulo. Para Feliciano, a expulsão teria sido motivada por duas cartas por ele escritas a Miguel Lemos, tendo a última solicitado providências de organização do centro paulista, apresentando protesto contra intervenções desorganizadoras sem o seu prévio conhecimento. Godofredo Furtado, considerado hostil por Feliciano, fora escolhido em São Paulo como intermediário da Igreja fluminense para as ações necessárias após o desligamento. Teixeira Mendes escreveu *A Direção do Positivismo no Brasil. Carta Dirigida ao Cidadão Godofredo*

Furtado, exatamente para provê-lo de argumentos suficientes contra eventuais ataques à Igreja Positivista que a expulsão pudesse provocar.

Furtado, professor de matemática, aderira à Sociedade Positivista de São Paulo em 1881, quando de uma visita apostólica de Miguel Lemos à cidade. Seu ingresso na escola Normal deu-se em 1883, tendo participado com Silva Jardim e Cypriano José de Carvalho, na Sociedade Positivista de São Paulo, da divulgação da doutrina com conferências históricas e da comemoração de datas cívicas, além da propagação de biografias de grandes homens e da realização de cursos de autonomia para proletários. Esse conjunto de realizações constituía um verdadeiro repertório de ações para os positivistas, em seu intuito de divulgar a doutrina e promover adesões. Esse grupo de professores difundiu as ideias do positivismo ortodoxo na Escola Normal de São Paulo na década de 1880. (MONARCHA, 1999, p.137). Para Alonso (2002, p.144), os membros do grupo paulista positivista tinham o perfil de serem pessoas interessadas na ascensão social pela escola, o que foi decisivo na formação normalista de Feliciano.

No texto *A Propaganda Positivista em S. Paulo*, Feliciano silenciou sobre o histórico de relacionamento com Furtado, não mencionando a vivência que teve na Escola Normal com as ideias positivistas defendidas por aqueles que o precederam. O afastamento dos dois professores, em 1898, foi apontado, mas pouco explorado na obra *Escola Normal da Praça*, de Monarcha (1999, p. 215). Foi no contexto da atuação dos mestres positivistas que Feliciano formou-se na instituição, fato que ocultou em sua obra, procurando difundir publicamente uma relação direta com a doutrina do mestre de Montpellier. No discurso de esclarecimento da disputa, reivindicou para si o papel de autêntico defensor da doutrina positivista; teria havido a tentativa de sua parte, após a ruptura, de que a chefia da Igreja fluminense indicasse um substituto para a sua função no centro paulista, o que não ocorreu. Dado o suposto silêncio a respeito, Feliciano teria se visto obrigado a encerrar a divulgação sistemática da doutrina, dada a alegada impossibilidade de seguir com os trabalhos em função das atitudes tomadas pela direção fluminense. Declarando-se sincero e fiel aos ensinamentos de Comte, afirmou não pretender continuar, a não ser que fosse absolutamente necessário para a defesa do trabalho realizado. O discurso caminhou para o despertar da emoção do leitor de que supostamente estaria sendo vítima de grande injustiça, pois seu intuito verdadeiro era servir à Humanidade, e não engrandecer seu nome como literário ou filósofo. Formado no

catolicismo, o seu papel na vida seria defender uma doutrina que naturalmente preenchera as necessidades espirituais de que necessitava para a vida.

> Não abracei a Religião da Humanidade como derivativo ou como alimento a uma vã tendência literária e filosofista. Tendo sido criado no seio do catolicismo,-por uma piedosa e terna mãe,-ao emancipar-me de seus dogmas sobrenaturais, busquei outros que cimentassem bastantemente as necessidades orgânicas de minha alma... Não podia ser mais feliz encontrando o positivismo. Não só encontrei uma doutrina real, útil, certa, precisa, orgânica e relativa, mas sobretudo deparou-se aí exabundantemente justificada a cultura dos sentimentos, que até o catolicismo as várias religiões tinham gradualmente visado. (OLIVEIRA, 1898, p.18).

Em frontal oposição às declarações de Feliciano de que ele havia se utilizado de uma estratégia de apelo à emoção do leitor para se mostrar como uma vítima da injustiça, mártir da causa positivista, Teixeira Mendes procurou apresentar sua versão a respeito na obra pública dirigida a Furtado. Reforçou a ingratidão de Feliciano em relação ao pioneirismo e à natural liderança de Lemos, que abrira caminho para a regeneração social brasileira pelo positivismo em um contexto político muito desfavorável. Para Mendes, eram acentuadas as divergências entre Feliciano e a liderança da Igreja Positivista quanto à aplicação da doutrina, o que causaria grandes divergências. Reconhecendo a inteligência de Feliciano, afirmou que ela estaria sendo utilizada para produzir uma série de informações distorcidas a fim de prejudicar as relações e atividades da instituição.

> [...] Por isso não tenho a mínima dúvida acerca do êxito do seu perverso intento: é sobre sua cabeça mesmo que cairá a odiosa e invejosa tempestade em que a sua monstruosa ambição me quis envolver.
>
> Este fato nos vem mostrar, porém, com quanto empenho nos devemos esforçar para vencer os preconceitos pedantocráticos acerca do modo de apreciar não só o mérito intelectual, mas também o valor real da inteligência no conjunto dos atributos humanos. Pois que foi contando com esses preconceitos, que o difamador do Miguel ousou planejar e realizar o seu invejoso e odiento ataque. Do seu folheto ressalta logo que, para ele, o característico principal do apóstolo ou do sacerdote está em fazer exposições da doutrina ou formular os seus corolários abstratos. Se assim não fosse, ele não se atreveria a apregoar-me como o único apóstolo da nossa Igreja a preconizar a minha *eminência*, quando contesta as qualidades do Miguel para a função que exerce e que bem poucos padres da Humanidade serão capazes de exercer melhor, segundo a minha profunda convicção. (MENDES, 1898, p. 10).

Além da carta dirigida a Furtado, Mendes anexou como apêndice que compõe a maior parte da obra trechos do conteúdo de quatro correspondências enviadas a Feliciano em 1895 e 1896, nas quais se evidencia que as origens das desavenças entre ambos eram anteriores ao ato de desligamento da Igreja Positivista. É importante salientar que nesta publicação a íntegra das cartas de Feliciano foi silenciada, tendo sido interpretadas à luz da personalidade de Mendes. Há abundância de declarações acusativas de que o mestre paulista valorizava a perfeição no conhecimento intelectual da doutrina de Comte em detrimento da ação para a regeneração social propriamente dita, o que seria inaceitável para um discípulo da Igreja Positivista do Brasil.

> Quanto á aplicação que fiz e que farei de juízos análogos a mim e ao nosso chefe, *ela é fatal*; não depende da vontade nossa, nem de ninguém. Porque nenhum de nós presume satisfazer os requisitos intelectuais que a nossa Doutrina e o nosso Mestre normalmente exigem dos chefes. Nenhum de nós tem a preparação teórica de um padre positivista. Podemos supor que conhecemos melhor a nossa fé e a vida do Fundador do que os nossos confrades; podemos pensar que o conjunto de nossa conduta demonstra que não há de nossa parte presunção em tal pensar; mas não fornecemos as provas que nosso Mestre e a nossa Doutrina prescrevem para isso, e nem temos ninguém que afiançasse a nossa capacidade teórica e moral para as supremas funções sociais que temos de fato exercido.
>
> Se, portanto, para aplicar o Positivismo na vida privada e pública fosse indispensável uma instrução normal, o nosso chefe como eu não podíamos nos ter entregado de corpo e alma ao apostolado a que nos votamos. *Agir por afeição, e pensar para agir*, - eis o resumo de toda vida real. Nós somos Positivistas, e o somos não porque tenhamos do nosso dogma o conhecimento que possuía nosso Mestre ou que as gerações futuras hão de ter; mas porque o pouco que sabemos desse dogma bastou para convencer-nos de que no Positivismo estava a solução de todos os problemas humanos. O que manda desde então o sentimento? que sigamos o Positivismo em tudo que pudermos e como pudermos. Para isso é preciso conhecer cada vez melhor o nosso dogma; tratemos de conhecê-lo; mas não esqueçamos jamais que, segundo a nossa fé, o dogma é *meio*, não é fim. O fim é a ação, é o devotamento efetivo à Família, à Pátria, e à Humanidade. Logo, são os nossos deveres que nos cumpre conhecer antes de tudo e não a demonstração desses deveres. (MENDES, 1898, p.23,24).

Mendes reproduziu um pequeno trecho de carta de Feliciano, no qual este afirma que teria vontade de instituir o culto privado, mas que a ideia teria sido demovida pessoalmente pelo primeiro. Para Comte (2000, p.159), na quarta conferência do *Catecismo Positivista*, o culto privado seria a base sólida a ser desenvolvida para uma adoração sincera, o que necessariamente refletiria nas celebrações coletivas. O culto íntimo consistiria na “adoração cotidiana das melhores personificações que nos seja dado

assinalar à Humanidade, à vista do conjunto de nossas relações privadas" (Ibidem, p.159). Mendes negou que teria desincentivado Feliciano para a atividade, reforçando que o exercício do culto privado deveria estar estritamente vinculado ao aperfeiçoamento pessoal, sem que houvesse espaço para que se tornasse uma manifestação de vaidade intelectual.

> Sempre pensei e preguei que *todo* o culto positivista devia ser esboçado desde já, na medida das forças de cada crente e de cada igreja positivista. Não me recordo de vos haver dito coisa alguma em contrário desse meu invariável modo de ver. Tenho reconhecido e confessado com sinceridade a dificuldade de instituir um culto privado normal e não oculto que até hoje foi-me impossível realizar tal *desideratum*. (MENDES, 1898, p.27,28).
>
> [...] Eu via, ou parecia-me ver, que alguns positivistas eram levados a desconhecer o caráter sintético da nossa religião e o seu fito prático, confundindo o fundo do culto com as suas fórmulas especiais. De sorte que, em vez de fazer consistir essencialmente o culto no exercício preponderante dos instintos altruístas, o tornavam sobretudo dependente de certas cerimônias, fórmulas, etc., que de fato não são senão o culto reduzido à *expressão*. Desde então, esses confrades sentiam-se propensos a considerar a prática dessas cerimônias como sendo mais eficazes para tornar-nos religiosos, isto é, *altruístas* do que os *atos* de apego, de veneração, e de bondade, que constituem a vida social, quer pública, quer privada. (Ibidem, p. 32,33).

A fé suprema na doutrina positivista era indispensável para Mendes (1898, p.29-30), sendo a convicção independente da demonstração; era preciso saber como aconselhar quando necessário, tendo em vista a regeneração social pela qual se lutava. Mendes ponderou, ainda, as considerações de Feliciano que o apontavam como o mais preparado positivista brasileiro; o fato de Lemos considerar a vocação apostólica de Feliciano como algo fora do padrão foi interpretada por Mendes em nota de rodapé como a forma pela qual o chefe manifestava sua prevenção contra ele (Ibidem, p.30). A diferença entre ambos era apontada por Mendes em termos da demasiada importância que Feliciano atribuía à fidelidade ao texto doutrinário, quando deveria envolver-se com maior ênfase nas atividades práticas cotidianas de altruísmo, as quais de fato poderiam modificar a sociedade.

> Sei que o Sr. Lemos pensa que sois vós o único dentre os que tem formado a propaganda que ele dirige, que tem manifestado até hoje vocação apostólica [...]. Quanto à minha propaganda integral do Positivismo, tem se cifrado na exposição do Catecismo. Nunca fiz uma só exposição do conjunto do nosso dogma segundo os planos traçados por nosso Mestre para a iniciação teórica. Tenho nessas matérias a aprovação pedantocrática que muitos outros possuem, e até mais completa sobre os domínios mais importantes. Se o Sr. Lemos me tem

> confiado o exame das questões mais delicadas é sem dúvida por julgar-me mais preparado do que outros, mas não por supor que tenha eu realizado o tipo teórico instituído por nosso Mestre[...] Ora, para vulgarizar os seus ensinos e aplicá-los à vida individual e coletiva se carece por ventura de possuir essa plenitude teórica que imaginais? Eu não creio. Não quero dizer que não se deva procurar adquirir os conhecimentos científicos e a preparação estética que caracterizam o sacerdócio normal. O que afirmo é que essa preocupação deve estar subordinada ao conjunto da regeneração social, e que as necessidades práticas do apostolado podem tornar impossível para muitas naturezas verdadeiramente sacerdotais a satisfação de semelhante ideal (Ibidem, p.30,31).

Em resumo, pesou sobre Feliciano a acusação de usar o intelecto para fins diferentes dos que eram orientados pela Igreja Positivista do Brasil. Apesar das várias tentativas de esclarecimento, para que agisse de acordo com a disciplina requerida para a ação, o acirramento da tensão com Lemos levou à tona o histórico de divergências que culminou na expulsão. Mendes concluiu, considerando que a infelicidade do episódio deveria servir de exemplo para o positivismo no avanço contra a exploração social.

> A verdadeira capacidade intelectual é infinitamente rara, e a real superioridade afetiva ainda mais excecional, sobretudo entre os homens. Por outro lado, a instrução, teórica ou estética, tem sido distribuída, até hoje, a esmo, e por um número diminutíssimo de indivíduos, quase que exclusivamente do sexo masculino. Compreende-se pois que as mediocridades, de espírito e coração, devem constituir a generalidade das classes letradas. São elas que, depois de ter tornado tempestuosa a dissolução do Catolicismo, estorvam agora duplamente o ascendente do Positivismo. Com efeito, este aí encontra fatalmente as duas espécies dos seus piores inimigos. Uns combatem abertamente a religião da Humanidade, caluniando a doutrina e os seus Fundadores; outros a deturpam com miseráveis sofismas ou com uma conduta tartufesca (MENDES, 1898, p.54).

Na defesa contra o suposto demérito do trabalho realizado por Lemos, Feliciano reforçou, em *A Propaganda Positivista em S. Paulo*, o cuidado de anexar um resumo financeiro de novembro de 1895 a março de 1898, dispondo a lista de contribuintes do centro paulista, 28 no total[34], com os respectivos donativos, sendo ele o maior doador; completou a informação com um quadro de despesas e receitas do período. Procurou ressaltar seu caráter altruísta ao relatar que, após a dissolução do centro, teria recebido uma carta de D. José Segundo Florez, octogenário, que fora discípulo direto de Comte e

---

[34] Além dele próprio, Feliciano listou como contribuintes instaladores Gabriel Antunes, Jeronymo Azevedo, Alcibiades Moreira, A.H. de Medeiros, Godofredo Furtado, Alberto Souza, Sebastião Hummel, João Camargo, Oscar Corrêa, F.M.Germano, Silvio de Almeida, Julio Souza, Francisco Vianna, Felicio de Oliveira, Florisbello Leivas, Ernesto Dias de Castro, Basilio Magalhães, Eugenio Gastaldetti, Franklin Vianna, Augusto Baillot, Vicente de Carvalho e como outros contribuintes: J.A.Paula Costa, José Portugal Freixo, João Portugal Freixo, Fernando Bonilha Junior, Joaquim de Cunha Barros e Domin. Tupinambá Godinho. (OLIVEIRA, 1898, p.35).

divulgador da doutrina na Espanha e região, e que se encontrava em precária situação financeira em Paris. Após ter tomado conhecimento do infortúnio, teria proposto aos amigos o envio de um subsídio mensal mínimo de cem francos a Florez. Concluiu o folheto de forma a articular a defesa de sua atuação como positivista ao ataque à ação de Lemos, que considerava abusiva e contrária à doutrina de Comte.

Carvalho (2011, p.136, 138), salientou a interpretação nada ortodoxa que Lemos tinha da realidade brasileira, o que requeria uma forte união religiosa de um grupo de ativistas homogêneo e disciplinado para atender às demandas de urgência da ação política necessária para as transformações sociais. Neste contexto, Feliciano procurou demonstrar que agia corretamente tendo em vista os ensinamentos do positivismo, e que Lemos não tivera a mesma postura no processo de desligamento, tampouco na continuidade da propaganda positivista em São Paulo. Reforçou seu caráter altruísta e de defensor autêntico do positivismo, que não desejava a cisão entre os adeptos da doutrina, em oposição àqueles que a deturpavam. Tratava-se de uma disputa na qual Feliciano se posicionou como vítima para sensibilizar os leitores, procurando preservar o seu espaço como positivista na luta pela liberdade de expressão das ideias em que acreditava. Em seu discurso, ele aparece como uma vítima injustiçada de Lemos, por sua vez representado como um chefe abusivo e sem consideração para com o esforço alheio, e que era apoiado por seus seguidores, notadamente Mendes no lado fluminense e Furtado em São Paulo. A rigidez de Lemos não encontraria respaldo nos ensinamentos de Comte, sendo desnecessária para o exercício do poder do positivismo no Brasil. Conforme Feliciano, o próprio Richard Congreve, líder da igreja positivista britânica, rompido com a direção de Laffite, nunca concordou com a linguagem violenta que partia de Lemos nas referências ao chefe do positivismo francês, uma vez que acreditava que a fraternidade entre os positivistas deveria ser mantida acima de tudo (OLIVEIRA, 1898, p.15).

A resposta de Lemos viria cerca de dois meses depois, através da *Circular 181*, intitulada “Circular e Documentos Relativos à Exclusão de um Membro de Nossa Igreja”, logo após a manifestação pública do folheto de Mendes. Não era usual para a liderança do positivismo carioca a elaboração de uma circular com esse tipo de temática, na qual foram apresentadas as justificativas para a decisão de expulsar Feliciano, o que foi chamado de “necessária depuração”, justificada conforme os preceitos de Comte. Pelo fato de ter sido um texto elaborado no processo de rompimento, trouxe uma série de acusações e apontamentos de má conduta por parte de Feliciano.

> A injustificável revolta de um falso irmão e as insidiosas arremetidas que se lhe seguiram vieram provar mais uma vez que o positivismo, como qualquer outra doutrina, está exposto a servir de alimento, não só às divagações da pedantaria soez, como à imposturas dos tartufos adiantados. E a este propósito devo completar a citação que o Sr. Teixeira Mendes fez de um trecho de Augusto Comte, em que o nosso Mestre, referindo-se a um falso discípulo (Blignières)[35], assinala a "triste faculdade de expor o que não se entende". (LEMOS, 1898, p.6).

Para Lemos (1898, p. VII), Feliciano possuía "gravíssimos defeitos", e desejava que um dia ele pudesse se arrepender e reparar a "negrura de sua conduta". A decisão de desligamento teria sido tomada pela atitude do mestre paulista diante de um pedido de esclarecimento de Lemos sobre o caso do engenheiro José T. Portugal Freixo Jr.[36] , que protestara contra sua eliminação, conduzida por Feliciano, do centro positivista de São Paulo. O conteúdo das queixas de Freixo, cuja identidade foi preservada na publicidade da correspondência de ambos como Sr. P., foi exposto de forma mais clara somente ao fim da publicação, em nota de rodapé constante na carta de Lemos ao positivista paulista Joaquim da Silveira. Tratou-se de desavenças de ordem material, tendo Freixo solicitado que Lemos intercedesse a fim de que Feliciano pagasse um muro de delimitação dos terrenos de propriedades de ambos, que o primeiro precisou construir em suposto momento de apuro financeiro.

O líder carioca considerou, fundamentado nos textos das cartas reproduzidas no folheto a seu mando, que Feliciano teria se abstido de entrar em detalhes sobre a desavença para dar os devidos esclarecimentos. De fato, nas cartas de Feliciano se evidencia um tom de ruptura, como a se livrar de uma incumbência que não mais desejava prosseguir. Nos trechos publicados das cartas de Feliciano a Lemos, constam queixas contra um suposto cansaço devido à execução das atividades a ele incumbidas pela direção fluminense, solicitando que fosse poupado de encargos pesados e reiterando que deveria ser merecedor de confiança a respeito das decisões tomadas. As principais tarefas requeridas eram: administração financeira das contribuições, manutenção de boas relações com os contribuintes para as atividades em comum, elaboração e distribuição de publicações, organização do espaço da sala e cuidado com os objetos de culto, bem como a divulgação da doutrina propriamente dita. A esquiva do mestre paulista em responder ao pedido de esclarecimento sobre sua conduta teria sido o estopim que rompeu a tensa

---

[35] Comte, já no final da vida, desentendeu-se com Blignières, a quem acusou de ser um falso positivista.

[36] Na Circular n. 181º o engenheiro é citado nos documentos como Sr. P; Feliciano o citou expressamente de forma negativa em *O Partidarismo Positivista em São Paulo*, obra imediatamente posterior à referida Circular (OLIVEIRA, 1898, p.24).

ligação que os unia. Em carta a Feliciano, publicada no folheto, Lemos como chefe proclamou a sentença de desligamento de seu subordinado, deixando-o livre para atuar conforme desejasse em relação à doutrina:

> Isto posto, não deveis estranhar que eu vos comunique que resolvi desligar-vos inteiramente do nosso grêmio e da minha autoridade, restituindo-vos vossa inteira independência de ação. Liberto assim dos tropeços que, segundo vós, eu criava continuamente ao desenvolvimento de vossos préstimos e serviços, podereis prosseguir por conta própria a vossa carreira positivista. E esta solução é tanto mais apropriada ao caso presente quanto eu sempre admiti em princípio que se pode ser positivista e propagar o positivismo fora de nossa igreja e apostolado, que sempre considerei como uma livre tentativa de propaganda e de organização positivistas, muito afastada da exclusivista pretensão de que fora do nosso grêmio não há salvação possível. Emancipado de minha autoridade, que tanto vos pesa e tolhe, desejo que sejais mais bem sucedido daqui por diante em vossos tentames de propagandista, ficando eu, porém, convencido, sinceramente vô-lo digo, que só não naufragareis se vos corrigirdes dos gravíssimos defeitos para cuja emenda nunca deixei de esforçar-me com paternal empenho. Mas no dia em que reconhecerdes esses defeitos e encetardes verdadeiramente a sua reforma, nesse dia terá soado também para vós a hora do arrependimento. Assim seja!(LEMOS, 1898, p.17).

A circular de Miguel Lemos foi complementada por uma carta redigida ao positivista Joaquim da Silveira em resposta às considerações positivas recebidas a respeito de Feliciano, cujos eventuais erros e defeitos para o último seriam perdoáveis e poderiam ser corrigidos. Lemos foi enfático na devolutiva de que a ligação entre os dois havia se rompido e que não haveria a menor possibilidade de seu retorno à Igreja, tendo em vista o julgamento definitivo após sua reflexão sobre o histórico da relação pessoal. Sem economizar adjetivos negativos que caracterizassem Feliciano, tampouco comparar a importância dos dois personagens para o positivismo ao mencionar Laffitte, deste se lembrou para afirmar categoricamente que não hesitaria em romper com quem quer que fosse caso isto fosse necessário ao cumprimento do dever de chefe.

> Ora, eu estou hoje no pólo oposto. Depois de prolongadas relações em que me foi dado perscrutar o mais íntimo de sua natureza; depois de uma séria de imparciais observações, rematadas pelas evidências de suas últimas cartas, cheguei a um juízo firmíssimo, extremamente desfavorável ao vosso amigo. E quero mesmo poupar à vossa amizade a exposição pelo miúdo desse meu juízo. Basta que saibais que hoje tenho pela sua pessoa o maior desapreço, e que, portanto, e que, portanto, não só não lhe reconheço os dotes que lhe atribuis, como até acho muito difícil que ele volte um dia ao nosso grêmio, como esperais, porque não me parece capaz de operar em si mesmo a reforma moral que essa volta supõe. Também não posso, pelos mesmos motivos, explicar os seus erros e defeitos pelo modo que o fazeis, sobretudo a sua atitude para comigo; e só o afeto que lhe

> consagrais é que pode inspirar-vos tamanha indulgência neste particular, pois que nem sequer tendes um qualificativo para as cartas que ele não trepidou em endereçar-me. Pareceis não ver em semelhante atitude senão um arrebato de momento, desses a que estão sujeitas as naturezas ardentes e francas. A meu ver, e no de todos quantos têm apreciado o caso, o homem que se revelou nesses documentos está julgado, e só, repito, a vossa situação especial é que vos faz destoar dessa unanimidade[...] estou convencido de que nos vimos livres de um grande trapalhão e de que a propaganda lucrou muito com isso; porque o que pode lucrar esta com ter à sua frente pessoas incompetentes não só moral mas mesmo intelectualmente?[...] O que gera no público o ceticismo em relação ao positivismo não é o conhecimento por parte dele de tais rompimentos, porque aí ao menos o público vê que o chefe cumpriu com o seu dever. O que produz o ceticismo nas pessoas estranhas à nossa fé é verem indivíduos que se dizem positivistas e que assumem até publicamente o papel de propagandistas dar de si a triste cópia que deu o Sr. José Feliciano. Isso, sim, é que mantém a descrença em torno de nossa tentativa regeneradora. (LEMOS, 1898, p. 22,23).

Foram adicionadas à publicação outras manifestações de envolvidos no episódio, escritas por Teixeira Mendes, Godofredo Furtado, P. Lacalde e de Jeronimo Azevedo, todas carregadas de acusações de erros cometidos por Feliciano. A manifestação de Mendes teve posicionamento similar à carta a Godofredo Furtado, abordando a suposta falta de cuidado com que Feliciano trataria a aplicação cotidiana da doutrina. O argumento apresentado com insistência contra o mestre paulista é o de supervalorizar o conhecimento do texto doutrinário em detrimento do trabalho social cotidiano nela baseado. A ênfase na demonstração erudita de fato gerou uma tensão observável no conjunto da obra de Feliciano, onde está presente o difícil equilíbrio entre a necessidade de explicitar o quanto ele conhecia de determinado tema a fim de ser reconhecido com referência e o risco de exteriorizar uma vaidade intelectual que poderia ser criticada pelo fato de não ser coerente com a doutrina positivista.

> O Sr. José Feliciano considerou-me o único apóstolo da Igreja Positivista brasileira porque foi a mim que coube a função subalterna de expor verbalmente a religião da Humanidade. Ele mostra assim desconhecer que a maior dificuldade de uma religião [...] em aplicar a doutrina à conduta, pública e privada, e não em repetir as fórmulas construídas ou mesmo tirar os seus *corolários abstratos*. Assim, aquele que pretendia dirigir o Positivismo em S. Paulo revela de fato que é ainda vítima do preconceito pedantocrático que faz consistir o maior mérito na *capacidade intelectual* apreciada independentemente das aplicações sociais e morais das concepções. Ora, o nosso Mestre provou que justamente nessas aplicações reside a melhor demonstração da verdadeira força e da verdadeira profundeza mentais, como da real elevação moral, dos dignos diretores espirituais. Pois que é só assim que se patenteia haver percebido convenientemente a harmonia entre a teoria e a prática, que é a origem e o fito das construções mentais positivas. (MENDES apud LEMOS, 1898, p. 31).

Furtado (1898, p. 32-37) considerou “inqualificável” o ataque pessoal a Lemos, “produto de uma vaidade alucinada e de um orgulho desmedido”. Feliciano seria um falso positivista, que não teria tido a menor solidariedade pela causa ao relatar as economias investidas no centro positivista paulista, integralmente restituídas por ordem de Lemos. Azevedo (1898, p.34-35) denominou o folheto de Feliciano de “sinistro” e o autor, de “ardiloso”, reiterando a “confiança inabalável” na chefia de espiritual de Lemos. O argentino Lacalde (1898, p.36) salientou que nada havia de justificável na apreciação do folheto, produto de uma vaidade inconsciente e sem limites. Reconhecendo o talento de Feliciano, lamentou a atuação como trapaceiro e presunçoso, que chegaria ao verdadeiro delírio. Torceria para que a má conduta de Feliciano não prejudicasse a posição legitimamente alcançada por Lemos, nem a ação dos jovens positivistas por ele resgatados das mazelas da civilização ocidental.

Para Ivan Lins (1964, p. 399), Lemos exigia de seus aderentes total subordinação à direção espiritual determinada. Isso teria acarretado frequentes manifestações de intolerância, condenações sem apelo e explosão de conflitos que atrapalhavam a missão apostólica a que se dedicava. Pela análise das publicações em torno deste caso, verifica-se que Feliciano teve muitas dificuldades em permanecer na estreita disciplina demandada sob o comando de Lemos, levando-o a se recusar à plena subordinação e seguir a trilha que culminaria no trabalho pela divulgação da doutrina positivista de outras formas. As atividades de professor, funcionário público e escritor, executadas por Feliciano, não combinavam com o espírito ditado pelo Rio de Janeiro, voltado estritamente ao desenvolvimento do culto, à organização do ensino positivista e à intervenção oportuna nos negócios públicos (COSTA, 1956, p. 171). Além disso, a austeridade e inflexibilidade dos Estatutos da Igreja Positivista do Brasil não permitiam a colaboração com a imprensa (LINS,1964, p.402), o que caminhava em um sentido oposto à tradição positivista paulista de Pereira Barreto, que Feliciano incorporou para expressar suas opiniões. Os exageros de intransigência e intolerância da liderança do Rio de Janeiro, apesar da integridade moral e valor intelectual de Lemos e Mendes prejudicaram a divulgação da doutrina, que foi ridicularizada na capital; Audiffrent, discípulo direto de Comte, condenou publicamente os exageros por eles cometidos em nome da fidelidade ao filósofo (Ibidem, 1964, p.409).

Estopim da disputa entre a liderança carioca e Feliciano, o engenheiro José Portugal Freixo também se manifestou publicamente contra este último na *Seção Livre* do *O Estado de S. Paulo*, em tom bem áspero, referindo-se à ação que faria de exposição pública e oral, com apresentação de documentos comprometedores que esclareceriam a opinião pública sobre quem seria, de fato,Feliciano..

> Depois de fazer o que acabo de anunciar o senhor José Feliciano de Oliveira ficará sentindo sua incapacidade para *continuar a citar* frases de imitação, dos santos Ambrosios, Salles, S. Paulo, Augusto Comte e etc.; ficará sabendo que apesar de minha justa indignação, não disse muitas outras verdades para não infringir inutilmente a lei da piedade e que não mais deverá confundir a larga generosidade com a franqueza.
>
> E os que tiverem a bondade de examinar os meus documentos e de me ouvir dirão que cumpri um árduo dever em subir à frente do IMPOSTOR para obrigá-lo a sumir-se inteiramente, usando dos meios mais dignos e mais rápidos que a situação permite. (FREIXO, 30/06/1898, p. 2)

No dia seguinte, Freixo prosseguiu nos ataques na *Seção Livre* do jornal, em tom ainda mais acirrado. Feliciano teria se alinhado a Vicente Huet de Bacelar, superior de Freixo na Superintendência de Obras Públicas do Estado, a quem demitiu por alegado descaso com o serviço público, para destruir completamente sua imagem através do jornal. Um simples pedido delicado de Freixo, que estaria pesadamente endividado, de que Feliciano pagasse a sua parte da despesa com os muros que precisou construir teria provocado uma resposta altamente desproporcional e violenta. Os documentos apresentados por Freixo foram colocados à disposição do público para quem quisesse examiná-los.

> Alguns retoques da fotografia que ontem neste jornal o senhor José Feliciano de Oliveira fez de si mesmo ou algumas correções de suas últimas blasfêmias antes de entrar para o inferno.
>
> [...] Estava ele então atarefado com os exames da Escola Normal, propaganda positivista, biblioteca da escola, e com suas aulas particulares e para não perturbar essas funções esperei entrasse em férias.
>
> Quando estas chegaram retruquei-lhe dizendo que só podia explicar esse seu desastre pelo orgulho e vaidade excessiva que então o torturavam. Procurei nesta mesma carta chamá-lo à realidade: trouxe a sua memória o seu anti-positivista cartão circular em que comicamente marcava aos amigos os dias e horas precisos em que ele havia por bem dar audiências e etc.
>
> Como tréplica me *expulsou* das reuniões positivistas e *proibiu-me* de voltar à sua casa.

> Na sua fotografia de hoje ele dá como uma das razões de minha eliminação em 8 de dezembro as mesmas que motivaram minha demissão da superintendência em 15 de março. Ou ele já esteve em dezembro ligado ao seu igual Vicente Huet de Bacelar ou então... enganou-se. (FREIXO, 01/07/1898, p. 2).

Ainda em 1898, no mês de outubro, Feliciano publicou o folheto *O Partidarismo Positivista em São Paulo*, em tom mais acentuado de defesa, recheado de acusações contra Lemos e Mendes e em busca de aproximação com a liderança do positivismo francês.[37] O mestre paulista lembrou que, apesar das enfáticas reprovações à imprensa escrita, ambos dela se utilizaram quando conveniente para combater sua atuação no positivismo paulista.

> Os homens que no Brasil excomungaram o jornalismo, sem "limites, nem exceções, nem condições", recorreram à condenada instituição para difamar um confrade da véspera, depois de haverem grosseiramente devolvido os exemplares que por delicadeza lhes enviei. (OLIVEIRA, 1898, p.4).

Desfeitas, segundo ele, as derradeiras ilusões sobre a relação com a chefia carioca após a publicação da *Circular 181*, acusou abertamente Miguel Lemos de procurar ser o novo Comte do positivismo, o homem a quem os partidários da doutrina mais deveriam louvar. Ao procurar realizar uma análise baseada em fatos, Feliciano replicaria que o avanço do culto positivista no Rio de Janeiro era demasiadamente limitado. Citou Comte, ao lembrar que conflitos e divergências nas relações humanas seriam naturais, sendo uma grande heresia a proclamação da fidelidade sem limites, exceções ou condições. Em tom bem mais ácido do que no folheto anterior, em que dissera que os exageros da rigidez de Lemos não encontravam amparo na doutrina, Feliciano declarou abertamente:

> O sr. Miguel Lemos é um homem de todo em todo intratável quando se lhe fere o destampado orgulho e a presunção invasora. Ou havemos de mentir, forjando teorias abstrusas e sofismas para consagrar sua preeminência, ou temos que romper com ele abertamente, rijamente, para não sermos arrastados às gemônias[38] de uma caricata excomunhão de ódio pessoal, de negra raivença. Quem o desagrada fica às súbitas um *infeliz*, um *sujeitinho*, um *ex-indivíduo* da espécie humana. Perde o nome, perde a personalidade e toma uma alcunha molieresca. Assim foi

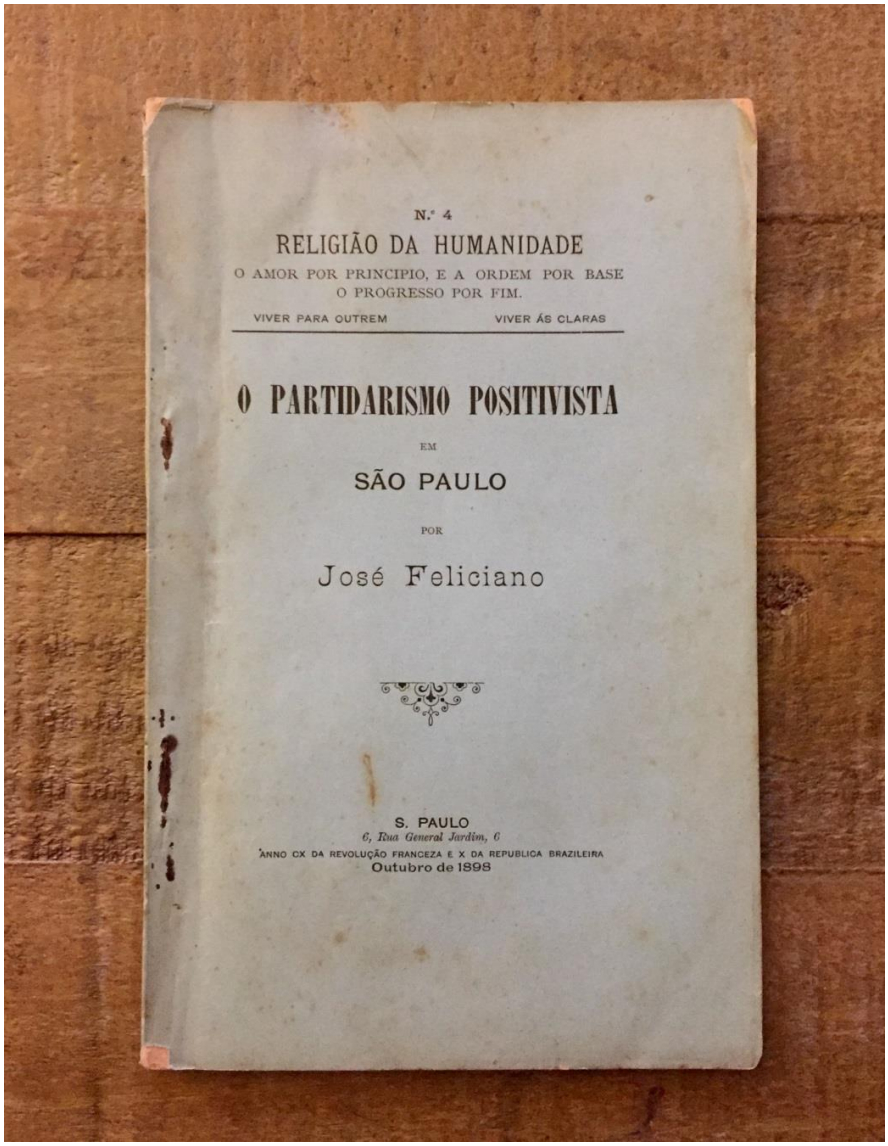
---

[37] Feliciano declarou em nota de rodapé sobre a dupla Miguel Lemos e Teixeira Mendes: " Quando estes homens atacaram Laffitte, semi-cego e doente; quando atacaram o eminente Audiffrent, quase octogenário, por acaso me deram lições dignas de ser seguidas? (Oliveira, 1898, p.5)

[38] As Escadas Gemônias eram um Lugar na Roma antiga onde o corpo dos condenados ficava exposto ao público apodrecendo após a execução.

> com Laffitte, *tartuffo e trissotino*... assim foi com Audiffrent, o *solitário de Marselha*, assim foi com outros e assim é comigo atualmente (OLIVEIRA, 1898, p.10).

Fig. 15. Capa do folheto *O Partidarismo Positivista em São Paulo.*


N.º 4

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BASE
O PROGRESSO POR FIM.

VIVER PARA OUTREM VIVER ÁS CLARAS

O PARTIDARISMO POSITIVISTA

EM

SÃO PAULO

POR

José Feliciano

S. PAULO
6, Rua General Jardim, 6
ANNO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA
Outubro de 1898

Fonte: acervo pessoal do autor.

Reproduzindo Comte, Feliciano afirmou que a submissão deveria ser digna e que um chefe poderia ser substituído caso fosse corrupto; a desconfiança e a presunção teriam tomado conta de Miguel Lemos, tanto que ele se julgava o único líder supremo após Comte. Após esta experiência negativa, em que fora pesadamente atacado, Feliciano demonstrava determinação em ausentar-se por cinco anos de qualquer tipo de propaganda sistemática. Foi este um momento importante em seu direcionamento como positivista,

uma vez que o conflito fomentou uma aproximação com a execução testamentária de Comte em Paris. Conforme o mestre paulista, o momento era de recolhimento: "Para manter um ponto central de convergência religiosa, sem constrangimento, nem encargos sistemáticos, acho-me em relações com a Execução Testamentária de A. Comte, em Paris" (OLIVEIRA, 1898, p.13). Era o início de um processo que culminaria, em pouco mais de dez anos, com o convite efetivo para ser membro da execução testamentária do mestre francês, organização que havia surgido do desejo do filósofo, expresso em testamento, e que fora composta por treze membros sob a presidência de Laffitte (GENTIL, 2002, p.21-38).

Feliciano mostrou que o folheto seria também uma resposta aos ataques lançados por Miguel Lemos e Teixeira Mendes em *O Estado de S. Paulo*, em 21 e 22 de junho de 1898, em que fora taxado de uma série de adjetivos desqualificadores. A publicação de protestos contra ele na sociedade paulista, onde havia nascido e obtivera reconhecimento e ocupação de cargos públicos, não poderia ficar sem a defesa da honra respectiva. Feliciano se preocupou em republicar os textos da discussão em *O Estado de S. Paulo*, bem como outros escritos esclarecedores sobre sua conduta como positivista, a fim de defender-se publicamente. Furtado, seu principal antagonista em São Paulo, teria agido como um delegado incondicional e tendencioso de Lemos. Por meio da utilização de um texto de José Portugal Freixo de ataque pessoal, Feliciano procurou informar a opinião pública sobre o caráter do cidadão que havia motivado a escrita das cartas a Lemos que acenderam o estopim da separação.

Dentre as várias notas publicadas no jornal, muitas envolveram questões financeiras e materiais, como a de 4 de julho de 1898, na qual onze contribuintes do centro paulista, iniciando-se pelo nome de Furtado, protestaram contra o pagamento, com verba da associação, do folheto em que Lemos teria sido agredido por Feliciano. Para Feliciano, que acusou Furtado de calúnia e difamação, tendo aberto queixa no tribunal referente à primeira, e deixado a segunda para esclarecimento na imprensa, dez dos contribuintes instaladores que não protestaram aportaram quase duas vezes mais recursos do que os oito que o fizeram. Através da documentação exposta, Feliciano procuraria defender-se das várias acusações de comportamento incompatível com a moral positivista, inclusive de desvio financeiro.[39] Uma das notas revelava que no ano de 1896

[39] Em nota datada de 29 de junho de 1898 posicionaram-se em seu favor os seguintes contribuintes do centro: Gabriel O.A.Antunes, Basílio Magalhães, Eugenio Gastaldetti, Domingos T.Godinho, Fernando

foram realizadas trinta e três conferências sobre o positivismo em São Paulo, e que na última delas Furtado teria agradecido a Feliciano pela atuação ao longo do ano. Feliciano lamentou que o desentendimento exposto na imprensa, repleto de conflitos de ordem material, tivesse chegado a um ponto tão distante dos ideais filosóficos que os positivistas deveriam preservar, e desabafaria:

> Aqui não se ventilam princípios positivistas. Puseram-se em jogo os rancores da minoria protestante, que se abandoou com o prosélito Sr. G. Furtado. É do partidarismo deste homem que se tem tratado. As almas boas, que aspiram à unidade religiosa, podem sossegar. Não é o positivismo - religião suprema,- a que produz consequências tão deploráveis. É o estuar revolto das paixões mesquinhas, do zelo refalsado; é o impotente rancor dos imbecis o que agita a vasa imunda e perturba a tranquilidade dos sãos, dos bem intencionados. Não vos enganeis, almas sãs, para quem só falo, cujos sós temores pretendo aquietar, nesta agitação tremenda em que tudo se abarata e tudo se espezinha. O chefe odiento e mesmo o eminente apóstolo, que tantos serviços nos tem prestado, ficam responsáveis por não terem sabido aplacar estes ódios, por haverem concitado esta guerra infernal. A doutrina que nominalmente aqui apareceu, não pode capear tantas raivenças. Há dias, neste jornal, fervorosamente a recomendou a memória de um puro, do imortal B. Constant, também renegado pelo grêmio do Rio, também inimistado com seus chefes e por eles tido em conceito *agravadamente desfavorável*...(OLIVEIRA, 1898, p.35)[40]

Sobre a acusação de Mendes, de que estaria excessivamente interessado na exatidão da doutrina para exibição pública, em vez de zelar por sua aplicação prática, enfatizou que era preciso modificar internamente as pessoas pela educação, a fim de que se produzissem os frutos almejados na sociedade. Trata-se de uma frontal oposição ao discurso de urgência da ação demandada por Mendes, para quem o agir seria o impulso decisivo para a vitória da doutrina positivista. Além de defender-se da afirmação de que estaria obcecado pelo pedantismo intelectual, ainda acusou Lemos de dedicar-se à leitura de obras literárias modernas em detrimento do estudo da obra de Comte, revelando um claro preconceito intelectual a esse respeito.

> A opinião pública não está formada, porque não houve até hoje ensino sacerdotal que sistematicamente a esclarecesse. O culto estético, dignamente subordinado à cultura científica, é desprezado como processo de regeneração moral e as tentativas a respeito se consideram meios de perdição. Pugna-se *abstratamente* por uma regeneração de atos, sem a modificação prévia das disposições interiores, afetivas ou mentais, sem o culto e sem o dogma. Como o chefe tem perdido o seu tempo nas leituras voltaireanas das *nigologias,* como ainda hoje se

---

M. Bonilha Junior, Julio Souza, Alberto Souza, Felicio Antonio de Oliveira e Antonio Hypollito de Medeiros.

[40] A minoria protestante se refere aos positivistas paulistas que se alinharam a Godofredo Furtado.

> repasta em modernices literárias, deixando de se preparar no dogma enciclopédico, - coarctam-se as prescrições do Mestre, condena-se como "preconceito intelectual" toda tendência para melhorar a cultura própria e sobreleva-la à do chefe. (Ibidem, p.7)[41]

Feliciano procurou deixar claro que não devia a Lemos sua iniciação positivista, que teria ocorrido nos anos 1883-84 ainda em Jundiaí, com o amigo Antonio Hippolyto de Medeiros, que foi em seguida colaborador na *Revista dos Novos* por ele dirigida. Medeiros teria lhe dado as primeiras noções das matérias da Escola Normal e o introduzido no conhecimento da propaganda positivista no Brasil (Ibidem, p.37). Citou como referência de leitura de sua iniciação a obra de Luiz Pereira Barreto, *As Três Filosofias*, escrita sob a perspectiva da obra de Comte. Joaquim Ribeiro de Mendonça, fundador da primeira Sociedade Positivista do Rio de Janeiro e autor da tese *da Nutrição*, inspirada nas ideias positivistas (COSTA, 1956, p.151), foi outra leitura reconhecida por Feliciano, assim como França Leite, um dos fundadores do Instituto Politécnico em São Paulo e autor dos textos *O Progresso Material da Província de São Paulo* e *Da Educação* (LINS, 1964, p. 140-141), além de Robinet, conforme teria informado no pedido de admissão à Igreja fluminense. Feliciano aproveitaria ainda a ocasião para desmerecer em nota a obra de Lemos intitulada *Ensaios*, em oposição ao elogio de Littré, tendo-a caracterizado como "sinistra" (OLIVEIRA, 1898, p.36).

O testemunho de Feliciano ao escrever o folheto é importante para a reconstituição dos autores presentes, a construção das ideias e conflitos existentes entre os positivistas brasileiros no período. Ao procurar diminuir os supostos exageros na importância que Lemos atribuía a si próprio para a propagação do positivismo brasileiro, Feliciano defendeu que as disputas e cisões ocorridas no positivismo francês se refletiram no Brasil nas atividades de escolha de autores de referência, divulgação da doutrina, alianças e tomada de posições pelos líderes locais. Ao recompor o histórico do período, divulgou os autores importantes, entre brasileiros e europeus, para sua formação positivista.

> Desde 1874, o Positivismo religioso era aqui objeto de artigos e conferências da parte dos Drs. Barreto, Mendonça e França Leite. Bem que embrionariamente, o verdadeiro Positivismo surgia, Littré era desmascarado e o Mestre calorosamente defendido. Em 1877 e 1878, de Paris, o *"primeiro e único apóstolo"* ainda chamava ao período

[41] Nigologias: bobagens. Coarctar-se: restringir.

> religioso do Mestre "uma decadência mental", ainda desdenhava de seus anjos, ainda alcandorava C. Massin, e decretava entonadamente: "o gênio sem higiene transforma-se em loucura". Enquanto o chefe em Paris visitava "santo Littré", aqui o dr. Mendonça, inspirando-se em A. Comte, defendia a Doutrina contra os ataques do dr. G. Bueno e José Bonifácio. As obras completas do Mestre, os trabalhos de Laffite, de Robinet e Congreve eram por ele especialmente recomendados.
>
> E é esse o homem a quem mais deve o mundo positivista, depois do Supremo Par! Estes inqualificáveis exageros não se podem considerar como sinceros, e só concorrem para obscurecer os serviços reais que à propaganda prestou algum tempo o sr. Lemos (Ibidem, 1898, p.37).

Feliciano, preocupado com as possíveis repercussões da contenda no exterior, procurou prestar esclarecimentos às lideranças de Florez e Congreve, em junho e outubro de 1898. Cerca de oito meses mais tarde, em maio de 1899, conseguiu publicar o folheto *Les Habiletés de M. Lemos (À nos Correligionaires Étrangers*), como resposta à exposição negativa de seu nome por Lemos à universalidade dos positivistas no *Bulletin n°. 4*, do qual citou trechos para a defesa, inserindo interrogações e comentários:

> [...]j'ai été *obligé* (?) de l'exclure de notre noyau par suite de L'INCOMPATIBILITÉ (?) de son *attitude et de ses dispositions* (?) avec toute *subordination* (?) ENVERS MOI (ce ne pas envers la doctrine, notez bien). EN RÉPONSE *à ma circulaire annonçant son exclusión*, IL PUBLIA une brochure aussi *insensée* (?) qu' *injurieuse* (?), dont *il a aggravé* ENSUITE *la teneur par des articles* QU'IL CRUT *devoir publier* dans un journal de S. Paulo, A PROPOS d'une *protestation* (?) SIGNÉE par nos coreligionnaires de cette ville. (LEMOS apud OLIVEIRA, 1899, p.10).[42]

Feliciano declarou nunca ter se sentido tão pertencente à comunhão do positivismo quanto no momento posterior à sua exclusão pelo chefe da Igreja Positivista do Brasil. A motivação desse novo escrito seria uma vez mais a necessidade de defender-se contra a calúnia por Lemos semeada, desta vez no exterior, cerca de um ano após a exclusão da Igreja. Seria preciso, além disso, que ficasse bem claro aos estrangeiros que a ação de Lemos seria nociva ao positivismo brasileiro. Feliciano seguia na resistência,

---

[42] [...] Eu fui forçado (?) a excluí-lo do nosso núcleo devido à incompatibilidade (?) de sua atitude e de suas disposições (?) em toda a subordinação (?) a mim (não é à doutrina, note bem). Em resposta à minha circular anunciando a sua exclusão, ele publicou uma brochura tão sem sentido (?) quanto ofensiva (?), que ele agravou em seguida o conteúdo com os artigos que ele acreditava ter que publicar em um jornal de S. Paulo, a propósito de um protesto (?) assinado por nossos correligionários naquela cidade.(tradução nossa).

para mostrar que não se poderia deixar que a direção da doutrina no Brasil fosse monopolizada de forma a manter-se um círculo que a afastava do mundo, notadamente da França, berço da filosofia positivista. O mestre paulista posicionou-se como um trabalhador honesto e sofredor, um professor bem preparado que estava disposto a honrar o que havia construído e enfrentar Lemos como inimigo em nome da Humanidade.

> Même en vue des personnes qui m'honorent de leur confiance, j'ai toujours promis à M. Lemos que je ne laisserais sans défense um nom qui a éte le fruit d'un labeur très honnête et très pénible. J'étais prêt à souffrir pour l'Humanité les tracasseries pédantesques d'um litérateur, qui se veut forcémente imposer comme l'arbitre universel des questions positivistes. Je passerais les prétentions d'um orgueil, d'une vanité maladifs, qui ne trouvent de contrepoids dans une préparation scientifique et esthétique. Mais je suis un professeur de jeunes filles. J'en ai dirigé l'éducation au sein de familles respectables, où mon nom est prononcé avec une estrême bienveillance (OLIVEIRA, 1899, p.5).[43]

Feliciano invocou o caráter volúvel e intransigente de Lemos, recordando o histórico de desavenças por ele capitaneado. Laffitte, Audiffrent, Congreve, Robinet et Florez no exterior; Rio Branco e Benjamin Constant no Brasil. Sobre o exemplo de Laffitte, Feliciano afirmou que Lemos não teria tido a menor fineza de poupar um velho cego que, apesar de tudo, teria trabalhado bem para a conservação da herança de Comte. Esse comportamento de Lemos seria exatamente o oposto do que a doutrina positivista defenderia, voltada ao incentivo ao altruísmo. A ruptura de Lemos com Laffitte, em 1883, teria resultado de uma disputa política, uma vez que o líder positivista francês havia contestado a expulsão de Ribeiro de Mendonça por Lemos pela acusação de possuir escravos. Laffitte pediu, à ocasião, prudência e amor à ordem entre seus subordinados, e teria considerado que a decisão final lhe caberia como chefe da direção ocidental do positivismo, o que não foi aceito por Lemos (ALONSO, 2002, p.210-211). Em relação a Audiffrent, Congreve e Robinet, Feliciano salientou o caráter invasivo e ilegítimo do discurso de Mendes, que havia considerado que Lemos seria o mais apto a ocupar a posição de diretor geral do positivismo, pois os discípulos franceses teriam se dedicado à sociologia, sem saber aritmética.

---

[43] Mesmo considerando as pessoas que me honram com sua confiança, eu sempre prometi ao Sr. Lemos que eu não vou deixar indefeso um nome que foi o resultado de um trabalho muito honesto e difícil . Eu estava disposto a sofrer pela Humanidade o assédio pedante de um literato, que quer estabelecer-se como o árbitro universal das questões positivistas. Eu deixaria as pretensões de orgulho, de vaidade doentia, que não cabem em uma preparação científica e estética. Mas eu sou um professor de jovens mulheres. Tenho dirigido a educação em famílias respeitáveis, onde meu nome é pronunciado com extrema benevolência. (tradução nossa).

A publicação de Feliciano procurou demonstrar os supostos exageros que teriam sido cometidos por Lemos, esclarecendo aos franceses as desavenças ocorridas entre Rio e São Paulo; Lemos abusaria do fato de o português não ser língua acessível, o que dificultaria a compreensão do ocorrido. O problema da liderança de Lemos não seria discordar da doutrina positivista, mas discordar de algum posicionamento por ele emitido, o que não seria admitido. Feliciano não aceitava que Lemos o acusasse de agravar o desentendimento em função do exercício legítimo das atividades de defesa e esclarecimento dos fatos. As questões financeiras teriam sido transmitidas aos franceses por Lemos de forma tendenciosa, sem amparo na realidade dos fatos. Somente o dever de "vivre au grand jour"[44] teria feito Feliciano se envolver com disputas que ele supostamente consideraria irritantes, e que envolveram sua esposa sem que Lemos tivesse repudiado em nenhum momento tal tipo de manifestações públicas contra a família. Neste ponto, Feliciano se referiu à alusão feita por Freixo na *Seção Livre* de *O Estado de S. Paulo* à atuação da esposa do mestre paulista no desentendimento entre ambos.

> Depois disto resolveu publicar um folheto e em seu lugar publicou um pasquim que começa por um soneto [...], segue declarando despejadamente que vendeu as cadeiras, os tapetes e etc., do Centro como bem lhe aprouve...(aqui trata de um FURTO ou de um ESTELIONATO [...]
>
> Mas antes desta publicação precisava não sei porque, fazer as pazes comigo.
>
> E para isso não digo que lançasse mão de sua esposa porque uma senhora não seria capaz de um papel tão anti-feminismo mas digo que ele próprio transformou-se em sereia e procurou minha casa, uma, duas, três e quatro vezes, de princípios de abril a meados de maio, para dizer que o José Feliciano estava arrependido do que fizera comigo e etc. (FREIXO, 01/07/1898, p. 2)

A luta de Feliciano seguiria no combate ao personalismo odioso na doutrina, objeto de posse, de forma totalmente contrária ao originariamente proposto. Para ele, nessa luta haveria o benefício de vencer, o que foi mal estabelecido na Igreja Positivista por um chefe dotado de orgulho insuportável.

O desentendimento entre Feliciano e a liderança carioca de Lemos e Mendes marcou uma disputa de poder no campo do positivismo brasileiro. Neste conflito foi utilizada a estratégia de elaboração de folhetos e artigos em jornais, para obter a adesão dos simpatizantes próximos, bem como os que se encontravam no exterior. Nos escritos a ênfase de quem fala recaiu em defender a retidão do comportamento próprio por meio da

---

[44] Viver às claras.

apresentação de argumentos a fim de convencer que o oponente não tinha se comportado de forma moralmente adequada. O embate foi uma oportunidade para que Feliciano estreitasse os laços com os positivistas franceses, permanecendo fiel à ideia de conhecer a doutrina de forma cada vez mais aprofundada para expô-la ao público. Seu investimento culminou no convite para que assumisse a herança testamentária de Comte, pouco mais de uma década mais tarde.

3.2.2. A aproximação com o positivismo francês

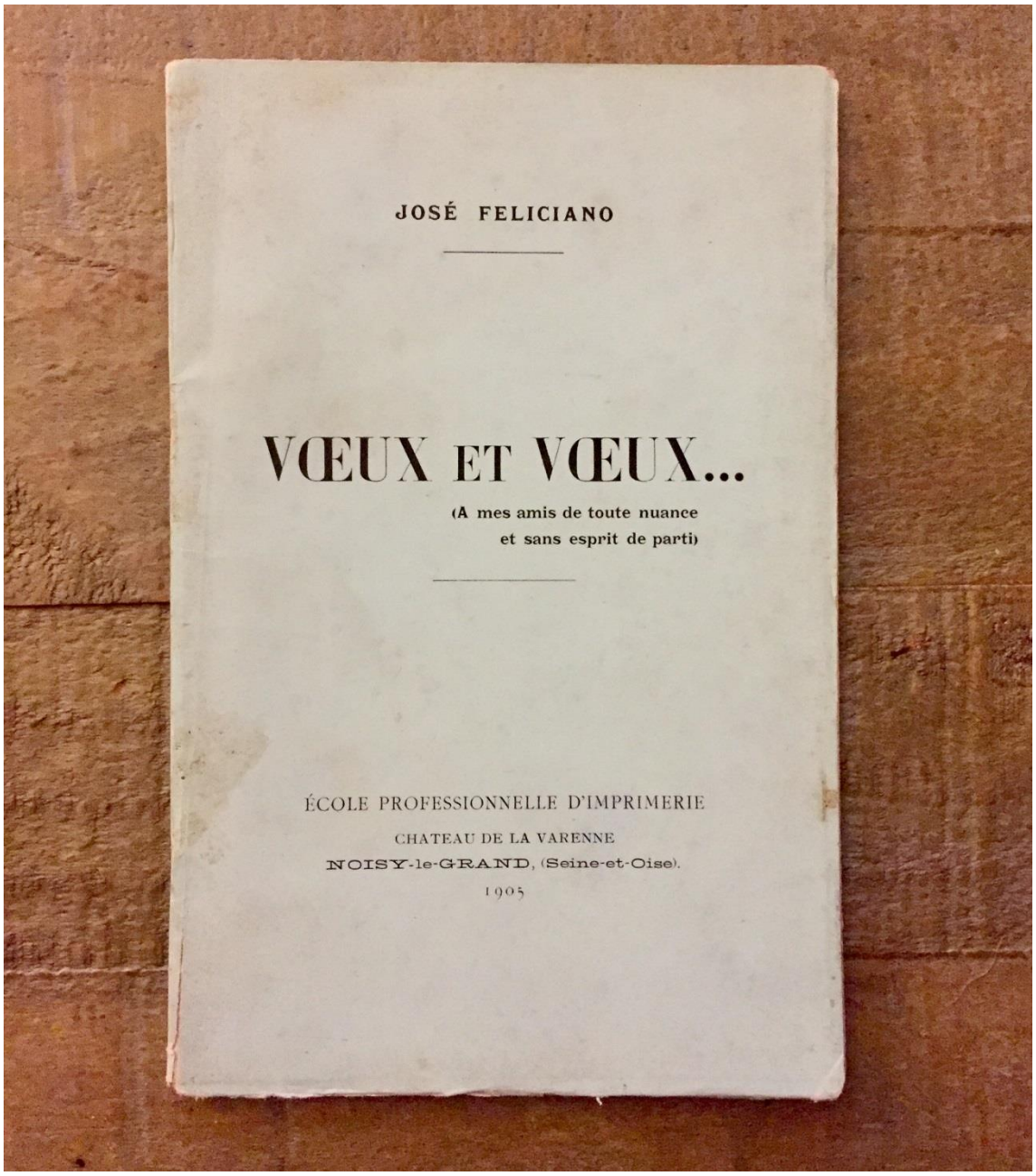
Após a ruptura com Lemos e sua expulsão da Igreja Positivista, Feliciano prosseguiu no discurso de que sua alegada missão seria atuar como agregador entre os que colocavam a doutrina acima de quaisquer divergências. Dadas as dificuldades provocadas pela ruptura, o caminho possível foi a aproximação com o berço do positivismo. A obra *Vouex et Vouex*, impressa em 1905, na França, foi dedicada "A mes amis de toute nuance et sans esprit de parti"[45] e organizada por Feliciano com quatro textos: "Deux Mots", "Premier Toast" , "Second Toast" e "Note Finale".[46] A impressão da obra em solo francês já indica que, mesmo antes de efetivamente transferir sua residência, em 1911, Feliciano já havia solidificado as relações com os positivistas locais, iniciadas desde os tempos de liderança da doutrinação em São Paulo. Trata-se de um conjunto de textos em que o então professor da Escola Normal de São Paulo procurou aumentar seu reconhecimento junto aos positivistas europeus e combater os possíveis efeitos negativos causados pelo posicionamento da Igreja Positivista do Brasil; o discurso procura marcar um lugar de independência de expressão, sem as amarras da adesão incondicional a um determinado grupo positivista. A obra foi elaborada poucos anos após a expulsão proclamada por Lemos, também rompido com a direção francesa de Laffite desde 1883, e ainda traz referências diretas àquele episódio.

---

45 Aos meus amigos de todas as nuances e sem espírito de partido. (tradução nossa).

46 Duas palavras, primeiro brinde, segundo brinde, nota final. (tradução nossa).

Fig. 16. Capa do folheto Vouex et Voeux.



Fonte: acervo pessoal do autor.

As primeiras palavras de “Deux Mots”, datado de 22 de setembro de 1905, se direcionaram para a liberdade de pensamento dentro do positivismo, sem o constrangimento de pertencimento a um grupo, nem a opressão de quem o pretendia diminuir. Agente de um intenso conflito no campo do positivismo brasileiro, Feliciano investia no tom de agente agregador e criticava o caráter excludente da Igreja Positivista

do Brasil, reforçando o argumento central de que os conflitos internos enfraqueceriam o movimento positivista na sociedade. O discurso não era deslocado do contexto francês, uma vez mais em disputa, na qual a liderança de Charles Jeannolle como substituto de Laffitte era fortemente contestada. O texto convidava os positivistas franceses a serem bons e fiéis à doutrina, que era o que realmente importava:

> Sans parti, déclassifié, déqualifié, déclassé, si l'on veut, mais point sans idées, sans mes sentiments, à moi, sans mes préoccupations personelles, civiques et universelles. Sans parti pris, sans privilège de vertu, sans noblesse préetablie, sans cantonnement égoiste, sans groupement étiqueté, exclusif, éliminatoire...- Voilá ce que je veux être, tout em conservant mes discordances d'opinion et mes désaccords par incompatibilité d'humeur ou de procédés. Voilà ce que que je serai, même em ayant mês brouilles avec des personnes qui nous froissent à l'honneur, qui nous aigrissent, qui nous en imposent et qui haissent jusqu'à se réjouir des malheurs d'autrui, jusqu'à les pousser plus en avant...(OLIVEIRA, 1905, p.9) [47]

O positivismo, para Feliciano, era uma doutrina que existiria naturalmente, uma vez que as concepções positivas viriam da experiência humana. Todos deveriam agir bem, e o próprio Comte havia declarado que o positivismo se desenvolveria melhor pelos livres esforços de seus dignos discípulos, não pela mão firme de um chefe, sempre insuficiente. "Deux Mots" convidava à união em torno da causa positivista, a fim de que ela se fortalecesse e não diminuísse em função de disputas internas, motivadas, segundo ele, pelo orgulho e pela vaidade. Certamente, era um recado contra aqueles que pensavam que o positivismo deveria ter uma chefia forte acima de tudo, como a liderança da Igreja Positivista do Brasil.

"Premier Toast" foi elaborado para um banquete de positivistas, ocorrido no Salão Tavernier, Palais Royal, em 5 de setembro de 1902, cerca de quatro meses antes da morte de Laffitte. Nesse ano, ocorrera um fato de considerável importância para o positivismo na França: a inauguração da estátua de Comte na Place de la Sorbonne, em Paris, projeto proposto por Laffitte, a 18 de maio de 1902 (GENTIL, 2002, p.21-38). No texto, procurando deixar claro sua posição independente dos grupos que se dividiam na divulgação da doutrina, Feliciano falava em nome da fraternidade que a Humanidade

[47] Sem partido, desclassificado, não qualificado, rebaixado, se quiserem, mas não sem ideias, sem os meus sentimentos, para mim, sem as minhas preocupações pessoais, cívicas e universais. Sem partido, sem privilégio de verdade, sem nobreza pré-estabelecida, sem acantonamento egoísta, sem grupo rotulado, exclusivo, eliminador ...- Eis o que eu quero ser, sempre mantendo minhas divergências de opinião e meus desacordos pela incompatibilidade de humor ou de procedimentos. Isso é o que eu vou ser, mesmo tendo brigas com pessoas que nos ferem a honra, que nos amarguram, que nos impõem e que se alegram com as desgraças dos outros, para irem mais para a frente... (tradução nossa).

deveria fomentar, reforçando o pensamento de Comte (2000, p.79) de que a vida humana deveria ser pautada pela sociabilidade. Se alguém se afastasse da vida social de forma equivocada, os positivistas deveriam ajudá-lo a encontrar o caminho de volta. Na intenção de proteger-se de possíveis ataques dos "tutores universais", recado claro à dupla Lemos/Mendes e demais que pudessem impedir o alcance de seus objetivos, Feliciano inseriu uma nota ao discurso, destinada a investir na imagem de autêntico defensor da doutrina, à parte de disputas ao redor da liderança de Laffitte.

A indicação do texto “Second Toast” é de que fora produzido para o banquete dos positivistas no Café Voltaire, em 5 de setembro de 1905, três anos depois da festa em que fora lido “Premier Toast”, o que indicia a abertura que Feliciano possuía em Paris, fortalecida após a ruptura com a direção positivista do Rio de Janeiro. Tratava-se de um momento em que, conforme Gentil (2002, p.21-38), Charles Jeannolle, designado por Laffitte como seu sucessor na direção do positivismo, enfrentava grandes problemas. Ele se preocupava com a persistência de atuação de grupos positivistas hostis ou estranhos à direção de Paris, situação que já ocorria nos últimos anos de Laffite. Acreditava ser necessário que passassem a gravitar em torno do centro para a sobrevivência do movimento positivista. A Igreja Positivista do Brasil era um forte exemplo de dissidência, tendo Teixeira Mendes ido a Paris para comprar a casa de Clotilde de Vaux[48] e transformá-la em templo, inaugurado a 12 de agosto de 1905, o que teria sido uma afronta à direção central (Ibidem, p.21-38).

Seguindo Comte, para quem o sentimento seria a inspiração sincera e habitual que incentivaria a prática do bem (2000, p. 79), Feliciano declarou agir por afeição, única razão da existência humana. Nesse discurso delimitador, mais uma vez o positivismo aparece como doutrina universal de direcionamento da conduta humana, religião da Humanidade que proporcionaria a afirmação do amor, possuidor de uma linguagem que atravessaria todas as fronteiras:

> Je viens encore pratiquer au milieu de vous la Religion de L’Amour, qui ne plane point aux vagues généralités de l’intelligence, qui ne s’assujétit pas aux intérêts industriels des nations. Elle fait des confins civiques pour mieux permettre une activité affectuese. Elle fait de la *Patrie* la douce *Matrie*, qui embrasse l’emsemble des frères *natifs*, qui les rend plus capables d’être les aides des confrères *humains*, répandus dans la planète humaine. C’est ele qui éteindra la torche de cette discorde qui ne

[48] Segundo estudo de Paul Edger, publicado em 1933, ocorreu um erro de identificação do imóvel pela Igreja fluminense. Era no numéro 7 da rue Payenne, e não no número 5, que Clotilde de Vaux morava. (GENTIL, 2002, p.21-38).

> permet pas de nous entendre au milieu des langues et des idées diverses, au milieu du cliquetis des armes, du grondement des canons, de la bagarre des cohortes acharnées (OLIVEIRA, 1905, p.22).[49]

Como estratégia para a divulgação do positivismo, Feliciano sentiu-se à vontade para sugerir aos pares franceses a criação de um centro de propaganda continuada, integral, e de uma escola positivista. Propôs também uma exposição semanal sobre o conjunto da doutrina e um curso elementar de ensino enciclopédico da filosofia positiva. Dessa forma, as crianças teriam acesso a um ensino voltado à fraternidade universal, afastando-se do ensino ministrado de forma vulgar, corruptora e fragmentada.

Na conclusão de *Vouex et Vouex* encontra-se o texto "Note Finale", no qual Feliciano reforçou a ideia de que seria necessário que os positivistas de todas as tendências se concentrassem na divulgação da doutrina como a melhor solução da Humanidade, relevando as disputas internas. Mencionou que havia informado os pares de Paris e Londres a respeito das intenções de sua visita e que, da mesma forma que em 1902, não tinha compromissos de partido. Lembrou uma vez mais os problemas ocorridos com a liderança da Igreja Positivista do Brasil, deixando claro que havia optado por deixar a propaganda sistemática de lado em São Paulo e que seu interesse era a divulgação da doutrina como professor positivista, tendo deixado os ex-companheiros à vontade para atuar em São Paulo. "Voilà plus de sept ans que j'ai laissé à S. Paulo le champ libra, pour que ces messieurs y déployassent leur influence si vantée. Eh bien! Ils n'y ont pas fait une seuel conférence et ils y ont perdu les plus chauds de leurs anciens amis...(OLIVEIRA, 1905, p.31)".[50]

Salientou também que os companheiros positivistas seguidores de Littré não deveriam ser condenados por não pertencerem à igreja positivista, uma vez que eram pessoas retas, honestas e afetuosas. Feliciano convidou a todos à leitura de Comte no original, "source toute pure"[51] (Ibidem, p.30), para que se mantivessem fiéis aos

---

[49] Eu venho ainda praticar novamente entre vocês a religião do amor, que nunca plana nas vagas generalidades da inteligência, que não se sujeita aos interesses industriais das nações. Ela traça as fronteiras cívicas para permitir uma melhor atividade afetuosa . Ela faz da Pátria a doce mãe, que abraça o conjunto dos irmãos nativos, tornando-os mais capazes de auxiliar colegas humanos, espalhados pelo planeta. Ela que vai extinguir a tocha da discórdia que não permite que nos entendamos em meio às linguagens e ideias diversas, em meio ao barulho das armas, o rugido dos canhões, a luta de nações ferozes. (tradução nossa).

[50] Já faz mais de sete anos que eu deixei o campo livre em S. Paulo, para que estes senhores implantassem a sua influência alardeada. E bem! Eles não fizeram uma só conferência e perderam os mais calorosos dos antigos amigos. (tradução nossa).

[51] Fonte com toda a pureza. (tradução nossa).

princípios, sendo que outras questões que não ajudassem na expansão do positivismo deveriam ser deixadas de lado.

A publicação da obra *Vouex et Vouex* confirmou o esforço de Feliciano para ser reconhecido como autêntico e incansável defensor do positivismo, que conhecia profundamente o conteúdo dos ensinamentos da doutrina de Comte. Para ele, ao mesmo tempo em que a doutrina precisava se fortalecer na união do que havia em comum, em detrimento das diferenças, era necessário que o positivismo se harmonizasse com outras formas de pensamento, a fim de que fosse aceito universalmente.

> Ne soyons pas positivistes d'un groupe irréductible, qui donne à ses élus une supériorité fictive. La superiorité des principes n'amène pas nécessairement la superiorité des personnes. Soyons des humains qui cherchent à être bons et en puissent les moyens dans une doctrine commune. Soyons même des humains en général, qui cherchent partout à converger vers le bien, avec les moyens que l'Humanité a libéralement donnés à tous ses enfants.
>
> Il y a des bons à la Chine avec les principles de Confucius, au Japon avec les règles japonaises ou shintoïstes, et ici avec des énsèignements positifs. Tous ces moyens, tous ces préceptes n'auront pas moins le cachet humain. Même en ayant des préjugés, des préoccupations ou des principes surnaturels, divins, on n'agit pas moins par de moyens naturels, par des règles humaines. Les Dieux même s'humanisèrent pour agir dans ce monde (Ibidem, p.13).[52]

O investimento em um discurso estratégico de união universal entre os positivistas, relevando as diferenças internas e externas à doutrina em prol da Humanidade, certamente contribuiu para que Feliciano assumisse em 1911 na França, o posto de herdeiro testamentário de Comte, concedido por eleição realizada, em 18 de fevereiro de 1908[53], em sucessão ao inglês John Bridges, falecido em 1906. Bridges foi autor de *The Unity of Comte's Life and Doctrine* (1866), obra na qual combateu a cisão entre o positivismo científico e o religioso e de *Five Discourses on Positive Religion* (1882) no qual enfatizou a importância da religião da Humanidade (MORA, 2000,

---

[52] Não sejamos positivistas de um grupo que dá a seus eleitos uma superioridade fictícia. A superioridade dos princípios não conduz necessariamente à superioridade das pessoas. Sejamos os seres humanos que procuram ser bons e buscam os meios em uma doutrina comum. Sejamos mesmos seres humanos de um modo geral, que procuram em todos os lugares a convergir em direção ao bem, com os meios que a Humanidade tem liberalmente dado a todos os seus filhos.

Há os bons na China com os princípios de Confucius, no Japão com as regras japonesas ou shintoistas, e aqui com ensinamentos positivos. Todos estes meios, todos esses preceitos não têm menos caráter humano. Mesmo com o preconceito, preocupações ou princípios sobrenaturais, divinos, não se trata menos de meios naturais, de regras humanas. Os deuses mesmo se humanizaram para atuar neste mundo. (tradução nossa).

[53] Pela regra sociocrática instituída por Comte, que era contra as formas de eleição parlamentar, o membro da execução testamentária designaria seu sucessor (GENTIL, 2002, p.21-38).

p.514). As ideias contidas nessas obras de Bridges estavam em forte harmonia com os textos positivistas elaborados por Feliciano, sendo sua escolha coerente com o que se esperava para a defesa da continuidade da doutrina.

3.2.3 A longa vivência na França e a M*aison d'Auguste Comte*

Feliciano mudou-se para a França em 1911, momento qualificado por Gentil (2002) como de declínio da divulgação da doutrina, iniciado com a morte de Laffitte em 1903, e que prosseguiria até 1939, quando houve grande desestruturação provocada pela guerra. A chegada de Feliciano deu-se em um período de grande divisão no campo do positivismo francês, polarizado desde 1906 entre a ação de Charles Jeannolle e seguidores que se tornaram os guardiães da *Maison d'Auguste Comte* e o grupo liderado por Émile Corra, fiel à tradição positivista, que desenvolveu com sucesso a *Société Positiviste Internationale*, que por sua vez editava a *Revue Positiviste Internationale*. Para o grupo de Émile Corra era muito importante a realização de reuniões sociais, em que banquetes, discursos, poemas, cantos e música tinham grande espaço.[54] (GENTIL, 2002, p.21-38). Feliciano alinhou-se à liderança de Corra, tendo se envolvido nas atividades festivas, realizado exposições públicas e escrito textos para a *Revue Positiviste Internationale*, além de ter-se correspondido com o positivista francês. Com certeza, a vivacidade com que Corra dirigia o positivismo agradava a Feliciano, adepto da mesma forma de agir para a divulgação da doutrina: com vitalidade, universalidade e moderação religiosa.

Muito tempo depois, após quarenta anos de atividades na França a cargo da herança testamentária, viria a público através de Feliciano uma desavença interna aos positivistas sobre o destino da *Maison d'Auguste Comte*. A disputa foi por ele documentada na obra *Mon Action Positiviste a Paris (A propos de la Maison d'Auguste COMTE)*, publicada em abril de 1951. A obra foi escrita também para ressaltar todo o trabalho que havia sido feito por ele em prol do positivismo, a fim de que não fosse esquecido. Feliciano era, à ocasião, a personificação de resistência da defesa de uma doutrina em decadência, que fora severamente afetada pelos acontecimentos da segunda guerra mundial, sendo ele o último representante vivo da herança testamentária de Auguste Comte.

---

[54] Gentil aderiu à proposição de que Corra era o seguidor da opção de Laffitte pela religiosidade moderada, tendo se esforçado para que as ideias positivistas se atualizassem sem as posições dogmáticas do fundador, abordando temas como a astronomia sideral, o avanço da economia política e a psicologia, respeitando o essencial da filosofia e doutrina religiosa.

Na primeira página, apresentou-se com a legitimidade de "professeur honoraire, dernier membre doyen du Conseil de l'Execution Testamentaire d"Auguste Comte e Membre de l'Institut Historique de Rio de Janeiro" (OLIVEIRA, 1951, p.1). No prefácio, o tom de Feliciano já era pesadamente áspero contra Paulo Carneiro, embaixador e então delegado do Brasil na Unesco em Paris, dados os pesados adjetivos a ele imputados, como, por exemplo, o de usurpador (Ibidem, 1951, p.3). Feliciano agia energicamente por uma alegada defesa da expressão positivista autêntica, baseada nos preceitos de Comte, obra de toda sua vida. A revolta de Feliciano foi motivada pelo de não ter sido realizado na *Maison* o quinto curso, por ele denominado *Auguste Comte et l'ensemble du Positivisme*[55], que supostamente visaria a propagar o positivismo de Comte de forma pura, sem intepretações pessoais. Em um campo como o positivismo cuja trajetória foi marcada por fortes rupturas, o pertencimento a ele por longo tempo implicou necessariamente na adesão a uma das partes em conflito, o que aconteceu no percurso de Feliciano. Desta forma, não é possível tratar a vivência com a doutrina da forma neutra como o mestre paulista apresentou; ele mesmo precisou alinhar-se na França a Émile Corra a fim de poder prosseguir com a divulgação da doutrina como almejado. Feliciano tinha plena ciência de que o positivismo havia caído em descrédito e que seria necessário um movimento bem sucedido para reavivar a doutrina.

> Je défendais mon Maître et sa Doctrine, avec chaleur, avec um vif enthousiasme, peu commun chez um octogénaire; et qui étonnait mes chers auditeurs, très attentifs et bienveillants, qui remplissaient la salle....Mon but était de relever le Positivisme d'Auguste Comte du discrédit, ou le réveiller de l'assoupissement, oú l'ont mis, dans la Maison même du Maître, tant d'usurpations, de querelles et de querelleurs (Ibidem, 1951, p.3).[56]

Paulo Carneiro foi o alvo de ataque de Feliciano, que o considerou um intruso em assuntos da *Maison*, sem a legitimidade de ter atuado sistematicamente na defesa do positivismo. Além disso, seria herdeiro do ódio fluminense que Teixeira Mendes, falecido em 1927, teria cultivado, devido à disputa com a Igreja Positivista. O precioso acervo das atividades desenvolvidas pelos positivistas teria caído em mãos estranhas. Arquivos, papeis íntimos, relíquias sagradas, mobiliário, estariam sob controle de estrangeiros, frequentemente nem positivistas, nem franceses, sem tradição com a *Maison*. Paulo Carneiro teria misturado as atividades de gestão do imóvel da *Maison* com

---

[55] Augusto Comte e o conjunto do Positivismo. (tradução nossa).

[56] Defendi meu Mestre e sua doutrina, com calor, com um vivo entusiasmo, incomum entre octogenários; isso surpreendeu meus queridos ouvintes, muito atenciosos e cuidadosos, que encheram a sala .... Meu objetivo era retirar o positivismo de Auguste Comte do descrédito, ou despertá-lo do sono, onde o colocaram, na casa mesmo do mestre, com tantos roubos, discussões e brigas. (tradução nossa).

a direção doutrinária, tendo promovido a edição de cartas do mestre, por ele confiadas aos herdeiros testamentários. Seria esta uma ação de venda de obras sem controle por aqueles que realmente entendiam da doutrina positivista. O estopim do desentendimento teria sido a recusa de ceder a Feliciano a sala de conferências para a realização de um quinto curso voltado ao sistema da indústria positiva[57], uma vez que a direção teria determinado que a *Maison* fosse transformada em museu e templo. Aos oitenta e três anos, Feliciano justificou no discurso que não combatia por causa própria, uma vez que considerava não ter a necessidade de realizar conferências para reforçar a sua reputação, tendo já realizado uma série de cursos e conferências na Sorbonne, no Institut de l'Histoire des Sciences, no Collège Libre de Sciences Sociales e na Mutualité, sempre bem recebido e jamais taxado de intruso. Através de seu texto, ele protestou contra o bloqueio da expressão positivista dentro da própria *Maison*. Sua reação foi enérgica, uma vez que sentia que o movimento pendia para uma direção radicalmente oposta ao que acreditava, o que para ele era profundamente preocupante.

> En effect, comme on l'a dèjà dit, ils sont ridicules et grotesques. Je regrette d'être obligé de m'occuper d'eux, dans une réaction nécessaire, pour sauvegarder la Maison de mon Maître. Si le Maître n'y était pas, l'affaire ressortissait à la justice et à la police judiciare, qui exigerait d'eux leurs titres de proprieté...(Ibidem, p.7)[58]

Feliciano recordou a disputa de 1898-1899 com a liderança fluminense, história adjetivada depois de tantos anos como longa, triste e pouco edificante. Ele se via como vítima de perseguição por pessoas malévolas, que se julgavam donas da doutrina. Para Feliciano, a submissão a uma liderança deveria sempre ser digna, com a manutenção da condição de homem livre, independente, sem subordinação a uma chefia de caráter partidário. Ele afirmou ainda que teria relevado os sentimentos negativos sobre a disputa com a liderança fluminense, algo que um positivista que almejava o reconhecimento precisava declarar. Segundo Feliciano, ele teria indicado o nome de Teixeira Mendes para a eleição à cadeira de herdeiro testamentário de Auguste Comte, o que não teria sido aceito pelo fluminense, pelo fato de que teriam de trabalhar conjuntamente.

Para Feliciano, a sociedade imobiliária criada para adquirir a *Maison* sob a liderança de Laffitte teria direito somente ao imóvel, sendo incumbida de sua

---

[57] Conforme Feliciano, a base para o curso seria o livro *Industria*, de Luis Lagarrigue.

[58] Na verdade, como já disse, eles são ridículos e grotescos. Lamento ter que me ocupar deles, em uma reação necessária para salvar a casa de meu Mestre. Se o Mestre não estivesse la, o assunto seria da justiça e da polícia judiciária, que exigiria deles os títulos de propriedade. (tradução nossa).

conservação, e não ao precioso acervo, que deveria estar a cargo da execução testamentária. A desestruturação da propaganda positivista, devido à segunda guerra, levou à impossibilidade de estabelecer novamente a execução testamentária; a solução para Feliciano seria o estabelecimento de uma nova sociedade verdadeiramente positivista, guardiã da *Maison* e de outra sociedade imobiliária, proprietária do imóvel. O positivismo estaria dessa forma resguardado, e poderiam ser feitas modificações graduais na doutrina para adaptá-la aos novos tempos, o que o próprio Comte teria considerado possível.

A disputa entre a gerência do imóvel que pertenceu à Comte e o controle da divulgação da doutrina vinha de longo tempo, bem anterior à disputa de Carneiro contra Feliciano. Feliciano procurou demonstrar como o conflito se estabeleceu desde o início, ao apresentar a compra do imóvel por Laffitte através de uma sociedade civil composta para essa finalidade em 1893. Efetivada a aquisição, os desentendimentos do líder do positivismo francês com a execução testamentária se acirraram, tendo Laffitte. anunciado em 1894 que os mandatos da execução testamentária se encerrariam. Conforme Gentil (2002), o modelo de treze executores testamentários representaria uma ameaça a Laffitte, pela existência de opositores como Audiffrent e Congreve. Robinet, aliado de Laffitte, opôs-se à dissolução da execução testamentária e conseguiu, com a ajuda de aliados, reverter a situação, prevalecendo a ideia de que o patrimônio de Comte não era propriedade de Laffitte. A execução permaneceria, apesar das mortes de Deullin (1897), Foucart (1898) e Robinet (1899), por meio de circulares, publicações e comemorações (GENTIL, 2002, p.21-38).

Mais recentemente, a segunda guerra teria sido um golpe muito duro, tendo sido necessário muito esforço para recuperar a propaganda positivista. Novamente, Feliciano estava disposto a fazê-lo, apesar de seus 79 anos de idade. No dia 11 de junho de 1947, Feliciano iniciou um novo curso simples de propaganda positivista na *Maison*, de caráter elementar, cujo grande interesse teria motivado sua continuidade a maio de 1948, apoiada pela divulgação nos jornais parisienses *Le Figaro* e *Le Monde*. O curso, de quatorze conferências, continuaria até a primavera de 1950. Feliciano chegava aos oitenta anos com esperanças renovadas de que o trabalho poderia prosseguir.

> Lors de mon 80º. anniversaire, je fus surpris par une manifestation, qui m'émut beaucoup. Des télégrammes et des lettres arrivèrent du Brésil et du Midi; et plusieurs discours exprimèrent la reconnaissance d'amis et d'auditeurs à l'égard du vieux professeur, qui s'efforçait encore de

> servir la cause de son Maître…M. Carneiro lui-même tint à s'associer à cet hommage…Malgré l'apparente approbation de M. Carneiro, je ne reçus jamais aucun témoignage de synpathie de la part de positivistes des groupes de Rio. Seuls São Paulo et le Chili me témoignèrent leur satisfaction et leur reconnaissance pour mon effort (*esfuerzos titanicos*), em faveur de la diffusion de notre Doctrine. Le journal *Estado de São Paulo* publia ma photographie, em acte de remercier la manifestation; et quelques-uns des discours enthousiastes...(OLIVEIRA, 1951, p.23)[59]

Na tentativa de prosseguir com novos cursos e organizar festas positivistas, Feliciano buscou o apoio de Paulo Carneiro. Em sua negativa, Carneiro teria alegado que naquela nova conjuntura política francesa seria necessário angariar apoio a um governo de feição católica, restaurador da igreja e demolidor do positivismo, o que impediria a propaganda positivista pela *Maison*. Carneiro teria sugerido que Feliciano aceitasse uma contribuição vinda do Rio de Janeiro, da *Sociedade dos Amigos de Auguste Comte*, para a realização de conferências, com aluguel comandado por Carneiro, que teria a prerrogativa de escolher os temas. Feliciano teria protestado, pois seria contra os princípios de Comte tal sujeição temporal. Diante destas alegadas dificuldades, seria preciso novamente que Feliciano se posicionasse, a fim de manter a reputação construída em prol do positivismo e afastar da causa os que exerceriam suposta influência maléfica, como Paulo Carneiro. O mestre paulista desejava um positivismo vivo, vibrante na sociedade, que não estivesse condenado ao esquecimento como peça de museu, e proclamava a resistência para enfrentar os tempos difíceis do pós-guerra.

> Restons-en là, restons positivistes d'aprés Auguste Comte, d'après la doctrine qu'il a exposée lui-même. Et attendons de meilleurs temps,-le temps du futur sacerdoce, qui pourra modifier graduellement ce qu'il y aurait de muable, de progressif dans le positivisme (Ibidem, 1951, p.35).[60]

Como contraponto à tal argumentação, é referência a versão oficial da história da *Maison d'Auguste Comte* organizada por Bruno Gentil, atualmente vice-presidente da associação internacional dedicada à *Maison*, que difere radicalmente da interpretação de

---

[59] Durante o meu 80º . aniversário, fui surpreendido por um evento que me comoveu muito. Telegramas e cartas chegaram do Brasil e do Sul; e vários textos expressaram o reconhecimento de amigos e ouvintes para o velho professor, que ainda estava tentando servir a causa do seu mestre ... M. Carneiro juntou-se a esta homenagem... Apesar da aparente aprovação do Sr. Carneiro, eu nunca recebi qualquer manifestação de simpatia do grupo de positivistas do Rio. Apenas São Paulo e Chile testemunharam para mim a sua satisfação e apreço pelo meu esforço (esfuerzos titanicos), para espalhar nossa Doutrina. O jornal *O Estado de São Paulo* publicou minha fotografia, em agradecimento ao evento; e alguns discursos entusiasmados. (tradução nossa).

[60] Resistamos, permaneçamos positivistas com Auguste Comte, de acordo com a doutrina que ele mesmo expôs. Esperemos por tempos melhores, -o tempo do futuro sacerdócio, que poderá modificar gradualmente o que haveria de mutável, de progressivo no Positivismo. (tradução nossa)

Feliciano. Apesar de seus esforços, a versão que construiu da história da Maison não prevaleceu. Oficialmente, Carneiro teria sido apaixonadamente responsável pela conservação do lugar de memória de Auguste Comte, continuando positivamente o trabalho de organização da sociedade imobiliária, começado por Laffitte em 1893, como afirmado por Gentil.

> C'est à une grande personnalité brésilienne, Paulo Carneiro, que nous devons la sauvegarde de la Maison et du patrimoine d'Auguste Comte. Tout en menant ses activités d'ingénieur chimiste à Paris puis, après la guerre de 1945 dans ses hautes fonctions à l'UNESCO, il va consacrer plus de cinquante de sa vie à restaurer, enrichir, valoriser la Maison d'Auguste Comte et lui assurer sa pérennité en tant que Musée, Bibliothèque et Centre d'archives qui occupent maintenant une place éminente dans le patrimoine culturel du 19è siècle (GENTIL, 2002, p.21-38)[61]

Assim como na disputa com a liderança do Rio de Janeiro, ocorrida em 1898, houve novamente a preocupação de Feliciano em organizar sua argumentação com referência a documentos. O estilo polêmico de defesa foi mantida nas obras, ainda que separadas por algumas décadas. O fio que as une foi observado pelo próprio Feliciano; sua posição seria a de um pensador apaixonado pelo positivismo, que precisava defender o trabalho realizado e manter a possibilidade de expressão. Em ambos os casos, Feliciano apresentou-se como defensor do positivismo autêntico, lealmente puro aos textos de Comte, que não seriam sujeitos a desvios pessoais de interpretação. A desilusão proveniente das atitudes dos opositores não o desestimulou, ao contrário, o fortaleceu na resistência pela causa em que acreditava. Defendia que aqueles que estavam do outro lado não eram somente contrários à sua atuação, mas à própria difusão universal do positivismo, solução para os problemas enfrentados pela Humanidade. Profundamente envolvido, considerava-se defensor do bem universal por ter conduzido a propaganda positivista adiante, e desejava o reconhecimento de seu trabalho.

Ao lidar com Paulo Carneiro, adversário bem situado no campo internacional do positivismo, não teve condições de reverter o processo de estabelecimento da *Maison d'Auguste Comte* como museu. Com uma vida dedicada ao estudo e às exposições

---

[61] É a uma grande personalidade brasileira, Paulo Carneiro, que devemos a proteção da casa e da herança de Auguste Comte. Enquanto conduzia suas atividades de engenharia química em Paris e, em seguida, após a guerra de 1945, as de seu alto cargo na UNESCO, vai dedicar mais de cinquenta de sua vida para restaurar, enriquecer, e aumentar a Maison d'Auguste Comte e garantir a sua permanência como museu, biblioteca e centro arquivístico que agora ocupam um lugar de destaque no património cultural do século 19 (tradução nossa).

públicas sobre a doutrina positivista, foi um pesado encargo para sua personalidade a restrição de suas atividades no lugar sagrado para os adeptos da doutrina.

3.2.4 O último apelo à consciência do positivismo como religião da Humanidade

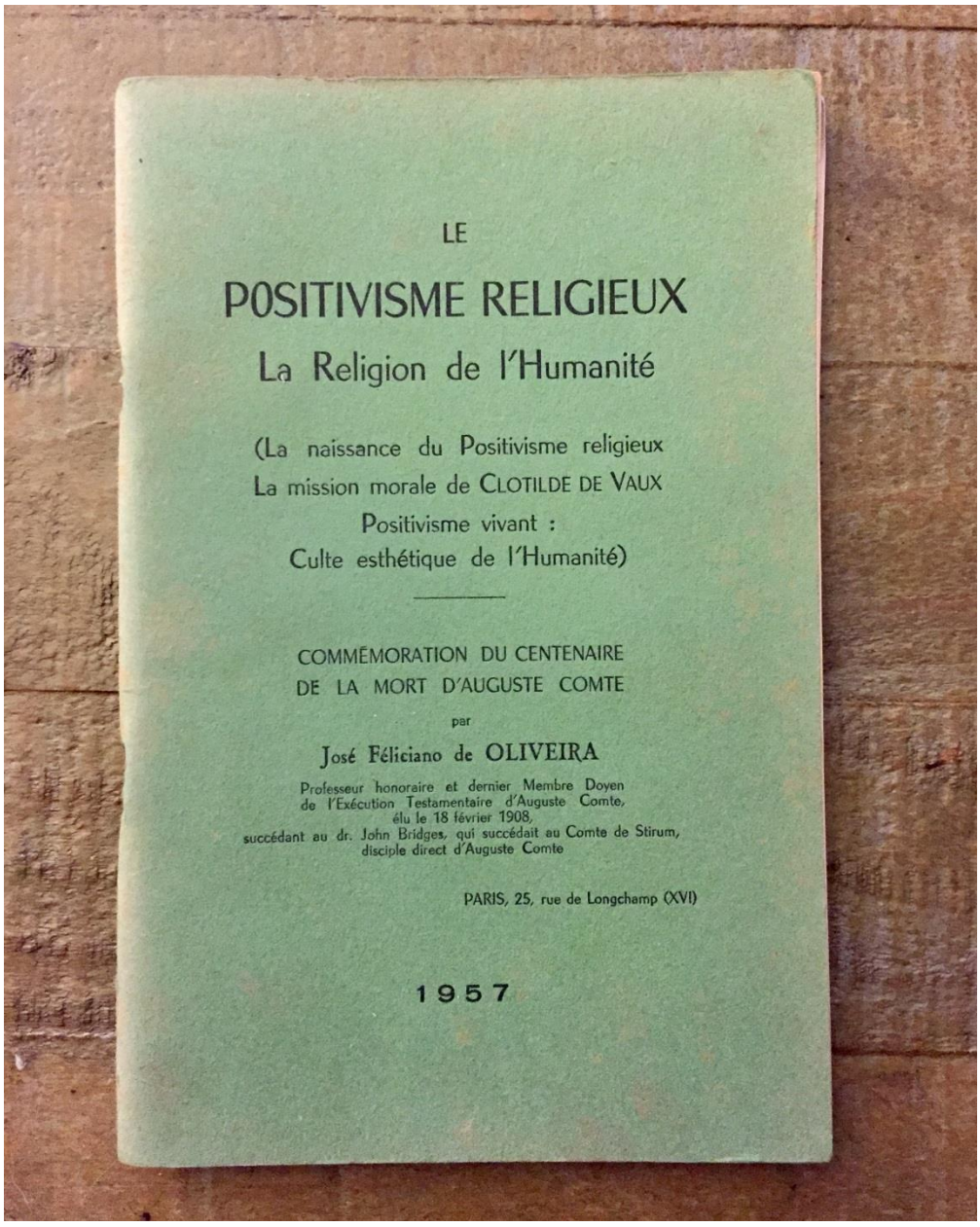
Alguns anos após a publicação da controvérsia a respeito do destino da *Maison d'Auguste Comte* e passadas mais de quatro décadas do estabelecimento de Feliciano na França, é publicada a obra *Le Positivisme Religieux - La religion de 1´Humanité*. Escrita integralmente em francês, é marca da fase de alta maturidade de Feliciano, uma resposta afirmativa às desilusões vividas e ao declínio da propaganda positivista. Impressa em 1957, para comemorar o centenário da morte de Comte[62], é mais uma prova da longeva lealdade de Feliciano ao pensamento do filósofo. Desde o início Feliciano ressaltou sua legitimidade para tratar do tema, ao se apresentar como "Professeur honoraire et dernier Membre Doyen de l'Exécution Testamentaire d'Auguste Comte, elú le 18 février 1908, succédant au dr. John Bridges, qui succédait au Comte de Stirum, disciple direct d'Auguste Comte" (OLIVEIRA,1957, p.1).[63] A obra, publicada cerca de um ano antes do regresso definitivo ao Brasil, é um manifesto em prol do positivismo, considerando experiências importantes que viveu no campo, com êxitos e desilusões relatadas. Permanecia no discurso retrospectivo o caráter excludente da atuação da liderança da Igreja Positivista do Brasil, bem como dos que o sucederam, notadamente contra Paulo Carneiro.

---

[62] O autor explica que as duas primeiras partes foram escritas em 1927 e chegaram a ser impressas, mas a falência da gráfica teria levado a impressão ao desaparecimento. O centenário da morte de Comte foi uma oportunidade para a reimpressão dos textos.

[63] Professor Honorário e último membro decano da Execução Testamentária de Auguste Comte, eleito em 18 fevereiro de 1908, sucedendo o Dr. John Bridges, que sucedeu o conde Stirum, discípulo direto de Auguste Comte. (tradução nossa).

Fig. 17. Capa do folheto *Le Positivisme Religieux*.



LE

POSITIVISME RELIGIEUX

La Religion de l'Humanité

(La naissance du Positivisme religieux
La mission morale de CLOTILDE DE VAUX
Positivisme vivant :
Culte esthétique de l'Humanité)

COMMÉMORATION DU CENTENAIRE
DE LA MORT D'AUGUSTE COMTE

par

José Féliciano de OLIVEIRA

Professeur honoraire et dernier Membre Doyen
de l'Exécution Testamentaire d'Auguste Comte,
élu le 18 février 1908,
succédant au dr. John Bridges, qui succédait au Comte de Stirum,
disciple direct d'Auguste Comte

PARIS, 25, rue de Longchamp (XVI)

1957

Fonte: acervo pessoal do autor.

O escrito foi organizado em três partes: "Naissance et Avenir du Positivisme Religieux", "Mission Morale de Clotilde de Vaux" e "Notion de 'Humanité dans um Culte Esthétique et Positif"[64]. A terceira parte deveria ser originariamente destinada a mostrar, conforme Feliciano, a vivacidade do positivismo religioso através da atuação da

[64] "Nascimento e Futuro do Positivismo Religioso", "Missão Moral de Clotilde de Vaux" e " Conceito de Humanidade no Culto Estético e Positivo." (tradução nossa).

Union Positiviste pour le Culte de l'Humanité. Há provas documentais de que a associação tenha atuado entre 1919 e 1927, e que Feliciano enviou a Émile Corra, chefe da direção positivista até 1925, correspondência a esse respeito. Na descrição de Feliciano, a associação teria sido voltada ao culto estético, em que a música e a poesia seriam a parte principal, completada por discursos breves. Feliciano tinha sido encarregado de discursar em duas festas: a da mulher e a de Homero ou da poesia antiga. Considerou que a associação pertencia ao passado e que, em função das lembranças de esperanças frustradas a ela relacionadas, decidiu-se por dedicar a terceira parte do texto à reflexão sobre a grande concepção de Humanidade. Neste ponto, apresentou-se como fiel guardião de uma doutrina que não se expandia na prática como ele pretendera, mas que necessitava ser reapresentada, a fim de que sua importância fosse compreendida como devido. Revelou ainda, aos possíveis interessados na pesquisa histórica a respeito, que a *Union Positiviste* depositara na *Maison d'Auguste Comte* seus materiais e arquivos, que foram usados para as celebrações festivas, e que os arquivos da execução testamentária também foram lá depositados durante a Segunda Guerra. Declarou, ainda, sua esperança de que a *Maison*, abusivamente transformada em museu, não se transformasse em um cemitério para todo acervo. Era o relato de um homem desiludido, mas que manifestava força para defender que todo um trabalho de divulgação da doutrina positivista não caísse no esquecimento e se reerguesse para o que acreditava ser o bem da Humanidade.

Nessa obra, Feliciano procurou escrever a história de transformação da doutrina positivista em religião por Comte, ocorrida após a relação com Clotilde de Vaux, que provocou o crescimento da importância social da mulher para o desenvolvimento do positivismo (LEPENIES, 1994, p.21). Ao mesmo tempo em que apresentava uma série de informações baseadas em textos de Comte e em sua correspondência com Clotilde de Vaux, procurou emocionar os ouvintes e salientar o sacrifício de ambos em prol da construção do positivismo. O triunfo da religião, o culto sistemático da Humanidade, atuaria em prol da união, unidade e continuidade de todos o seres do planeta. Feliciano salientou que Comte teria sido o grande filósofo do século XIX, autor de uma síntese universal realizada às custas de grandes sacrifícios e fortes privações pessoais:

> Trente ans de travaux continus, - des plus fortes, des plus pénibles méditations philosophiques, - où de passagères satisfactions intelectuelles n'ont jamais pu compenser les souffrances de sa vie privée, de son "triste isolement"!...Une ouvre unique, où, pour la première fois depuis Aristote, l'emsemble du savoir humain se condensait philosophiquement dans um seul cerveau...L'enseignement

> le plus enchaîné et synthétique, où toutes les catégories de connaissances humaines, depuis la mathématique jusqu'à la morale, dans um imposant ensemble, gravitaient vers um centre, vers um foyer qui tout éclaire lumineusement...(OLIVEIRA, 1957, p.17)[65]

Clotilde de Vaux era mais uma vez exaltada como mártir, exemplo para as mulheres, tendo proposto a Comte um amor altruísta em função de seus impedimentos conjugais[66]. Sua elevação moral feminina teria possibilitado na relação com Comte a evolução do mestre, o que promoveu a transformação do positivismo em religião. Feliciano a considerava uma musa a ser adorada; aquele que não fosse capaz de amar uma mártir como Clotilde não poderia amar a Humanidade. Ao final dessa parte da obra, dedicada à personificação da mulher exemplar, concluiu que seria necessário recomeçar a propaganda positivista, que se encontrava em estado agonizante, por meio de um culto estético da Humanidade, com o uso da música e poesia adaptadas a cada festa, que deveria ter também uma breve explanação. Para Comte, as mulheres, que encarnavam a beleza física, intelectual e moral, deveriam ser as guardiãs da arte (LEPENIES, 1994, p.31). A *Union Positiviste pour le Culte de l'Humanité* teria mostrado que o culto estético seria um caminho adequado para atingir o público, o que teria acontecido na Inglaterra. Para ser eficaz, o culto deveria ser completado por cursos sistemáticos sobre o conjunto do positivismo, como os quatro cursos realizados por ele entre 1947 e 1950[67], na sala de conferências da *Maison d'Auguste Comte.* Nesse período, teria feito uma proposta de guarda dos arquivos e de uma sociedade para a gestão do imóvel, o que fora barrada, em injustiça que teria motivado a obra *Mon Action Positiviste à Paris.*

A terceira parte da obra foi composta por um discurso pronunciado na "festa da Humanidade", celebrada em 07 de janeiro de 1939 no Collège Libre des Sciences Sociales, em Paris. Nesse texto Feliciano tratou, partindo de Comte, da noção de Humanidade como o ser mais complexo e harmônico, um autêntico grande ser. Lembrou que Comte dizia que os dois maiores mestres seriam a Terra, superior em potência, e a

---

[65] Trinta anos de trabalho contínuo – com as mais fortes, mais dolorosas meditações filosóficas - onde as transitórias satisfações intelectuais nunca puderam compensar o sofrimento na vida privada, "o isolamento triste"...Uma obra única, onde, pela primeira vez desde Aristóteles o conjunto do conhecimento humano seria condensado filosoficamente em um único cérebro...o ensino encadeado e sintético, onde todas as categorias do conhecimento humano, da matemática à moral, num conjunto imponente, gravitaram em direção a um centro, a um espaço onde tudo se ilumina claramente. (tradução nossa).

[66] Contribuiu para a construção de Clotilde de Vaux como mártir o falecimento prematuro, ocorrido aos 31 anos de idade, devido à tuberculose.

[67] Feliciano não entrou em maiores detalhes no texto sobre os cursos ministrados, dizendo apenas que abrangiam a vida e obra de Comte. Eles serão objeto de investigação, tão logo sejam encontradas novas fontes.

Humanidade, em dignidade. Esta seria o mediador indispensável entre o homem e o meio terrestre. Defenderia, nesse discurso, mais uma vez que a concepção de Humanidade como ordem fundamental seria o único remédio à anarquia reinante. O positivismo seria a doutrina mais inteligível, a mais demonstrável e feita de noções reais, sem hipóteses utópicas, nem buscas inúteis das causas, assim como fora apontado por Comte (2000, p. 26). Os proletários e as feministas deveriam se esclarecer na filosofia positivista antes de formular opiniões sem base científica, as quais poderiam comprometer o equilíbrio social. A imagem da Humanidade seria contemplada pela figura feminina; a mãe como passado, a esposa como presente e a filha como futuro. Conclui, conclamando que todos fossem dignos servidores da Humanidade, respeitando e cultuando os mortos.

> Soyons donc les dignes serviteurs de l'Humanité, par le respect, le culte des Morts; par les services en faveur de ceux qui vivent et sourtout de ceux qui vivront encore. Aspirons ainsi à montrer vers le ciel positif d'une véritabel immortalité, l'imortalité d'une vie subjective, la vie du souvenir, dans le couer et l'esprit de nos successeurs. (OLIVEIRA, 1957, p.51).[68]

No apêndice da obra, Feliciano lembrou a ação da *Union Positiviste pour le Culte de l'Humanité*, apagada por divergências, disputas e pela ação funesta da segunda guerra.[69] O culto estético fora recomendado por Comte na obra *Discours sur l'ensemble du Positivisme*, e Feliciano havia apoiado a *Union Positiviste* nas iniciativas de realização de festas cívicas. Além disso, tinha sido escolhido em 1934 para ser porta-voz de todos os grupos de Paris, visando a uma união para que a ação de propaganda fosse eficaz na *Maison d'Auguste Comte*. As iniciativas de realização de cursos na *Maison* teriam sido combatidas por Paulo Carneiro, considerado por Feliciano como opositor, representante herdeiro do espírito de disputa do grupo do Rio de Janeiro. Declarou, uma vez mais, sua permanente devoção ao positivismo, que durava setenta e três anos, sem variação de opinião. Aos noventa anos, ao mesmo tempo que desabafava, expondo os problemas ocorridos na atividade de divulgação da doutrina, devidos a tantas disputas, mantinha a

---

[68] Sejamos dignos servos da Humanidade, pelo respeito, pelo culto aos mortos; por serviço a aqueles que vivem e sobretudo daqueles que virão. As piremos assim a demonstrar o céu positivo de uma verdadeira imortalidade, a imortalidade de uma vida subjetiva, a vida da memória, do coração e do espírito dos nossos sucessores.

[69] Feliciano falou brevemente em *Mon Action Positiviste a Paris* sobre os estragos para a propaganda positivista causados pela segunda guerra; após seu término, a execução testamentária estava parada, apesar dos esforços do secretário Paul Edger. Ele próprio havia se encarregado em 1943 de restaurar a tumba de Comte.

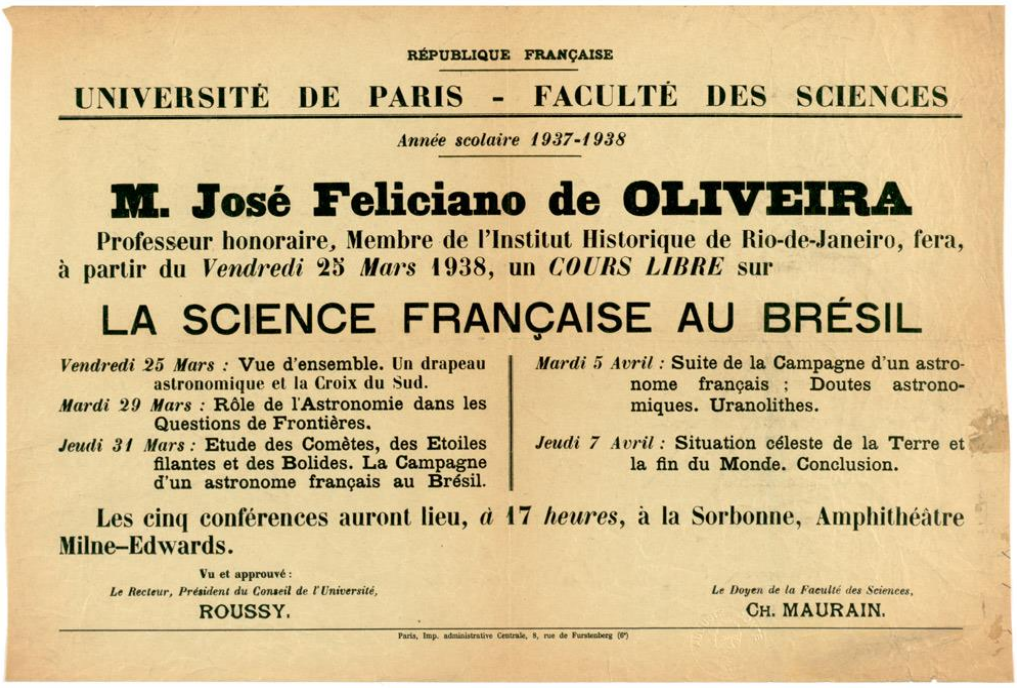
confiança de que ela era a solução adequada para os problemas da Humanidade e que sua transmissão deveria ser comandada por mestres experientes, que pudessem preparar adequadamente os jovens aspirantes. Assim como havia feito na década de 1880, declarava a confiança de uma boa preparação na juventude para a divulgação do positivismo.

Fig. 18. Cartaz de divulgação festiva em Paris.

Fonte: *Maison d'Auguste Comte*.

A obra *Le Positivisme Religieux - La religion de 1´Humanité* teve a característica de apresentar uma visão retrospectiva natural para a idade avançada do mestre paulista, tendo sido a última escrita por Feliciano sobre a doutrina, um retorno aos ideais de juventude para a divulgação da obra de Comte em prol da Humanidade.

Fig. 19. Cartaz do curso livre ministrado em 1938 sobre a ciência francesa no Brasil, exemplo do persistente esforço de Feliciano ao longo da vida em divulgar a importância da França para a construção nacional brasileira.



RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

UNIVERSITÉ DE PARIS - FACULTÉ DES SCIENCES

Année scolaire 1937-1938

M. José Feliciano de OLIVEIRA

Professeur honoraire, Membre de l'Institut Historique de Rio-de-Janeiro, fera, à partir du *Vendredi* 25 *Mars* 1938, un *COURS LIBRE* sur

LA SCIENCE FRANÇAISE AU BRÉSIL

Vendredi 25 Mars : Vue d'ensemble. Un drapeau astronomique et la Croix du Sud.

Mardi 29 Mars : Rôle de l'Astronomie dans les Questions de Frontières.

Jeudi 31 Mars : Etude des Comètes, des Etoiles filantes et des Bolides. La Campagne d'un astronome français au Brésil.

Mardi 5 Avril : Suite de la Campagne d'un astronome français ; Doutes astronomiques. Uranolithes.

Jeudi 7 Avril : Situation céleste de la Terre et la fin du Monde. Conclusion.

Les cinq conférences auront lieu, *à* 17 *heures*, à la Sorbonne, Amphithéâtre Milne-Edwards.

Vu et approuvé :
Le Recteur, Président du Conseil de l'Université,
ROUSSY.

Le Doyen de la Faculté des Sciences,
CH. MAURAIN.

Paris, Imp. administrative Centrale, 8, rue de Furstenberg (6e)

Fonte: *Maison d'Auguste Comte.*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de sistematização da obra de Feliciano é complexo, dada a grande quantidade de assuntos abordados pelo mestre paulista. A adoção de um modelo linguístico para a proposta de classificação da produção bibliográfica contribuiu para que se avançasse no entendimento de um autor tão insuficientemente estudado. Ficou clara a opção de Feliciano de impor a visão positivista sobre a realidade, dada a crença absoluta na doutrina que incorporou a ciência, os estudos da sociedade e o sentimento para a regeneração social. Voltado à construção racional do social de cima para baixo, sua obra não entrou efetivamente no imaginário popular, com suas manifestações e símbolos. Apesar da exaltação da importância do negro e do índio na colonização portuguesa, não houve o interesse em dedicar-se aos estudos de folclore e festividades como outros pesquisadores brasileiros o fizeram para o entendimento do caráter nacional. Prevaleceu o interesse em escrever sobre temas históricos tradicionais desde o período imperial e investir no cultivo de personagens brasileiros que se encaixavam adequadamente na perspectiva positivista, conjuntamente com a interpretação republicana das questões nacionais e internacionais.

A formação de Feliciano foi fruto de uma mentalidade paulista voltada ao progresso, onde havia grande presença da cultura francesa no meio social letrado. Interessava-lhe a construção nacional devidamente ordenada com um governo forte, na qual não havia espaço para revoltas populares. Ainda que apresentasse aspectos de uma visão avançada por acreditar no progresso através dos estudos e na incorporação à sociedade de forma digna de todos os componentes do povo brasileiro, mostrou-se conservador nas questões as quais não era permitida a defesa por um positivista, como o trabalho feminino que não fosse o magistério, insistentemente combatido. A defesa do abolicionismo na juventude era uma bandeira comum aos republicanos de seu tempo, algo muito natural aos positivistas a fim de que a sociedade brasileira não fosse tão marcada pela injustiça social.

Adepto da polêmica, não hesitou em manifestar-se publicamente quando necessário para combater o pensamento e ações dos opositores. A disputa com a liderança carioca de Lemos e Mendes perdurou por um tempo considerável após o estopim da

expulsão de Feliciano, uma vez que havia interesse em neutralizar a ação dos inimigos, tendo em vista a desejada ascensão no berço da doutrina. Aqueles que não lhe eram simpáticos o acusaram de pedantismo intelectual, vaidade excessiva e exagerado apego à doutrina de Comte, em detrimento da preocupação com o agir efetivo para a regeneração da sociedade. O papel de professor que se dedicava a elaborar discursos para impressionar plateias o acompanhou desde a escola Normal até a Franca, na dedicação à divulgação da doutrina positivista e dos temas brasileiros aos europeus. Ele próprio se retratou como Dom Quixote, no sentido de sempre procurar obstinadamente nos textos a fidelidade ao que acreditava, como no caso da operação de enquadramento da vida de Tiradentes nos moldes aceitos pelo positivismo.

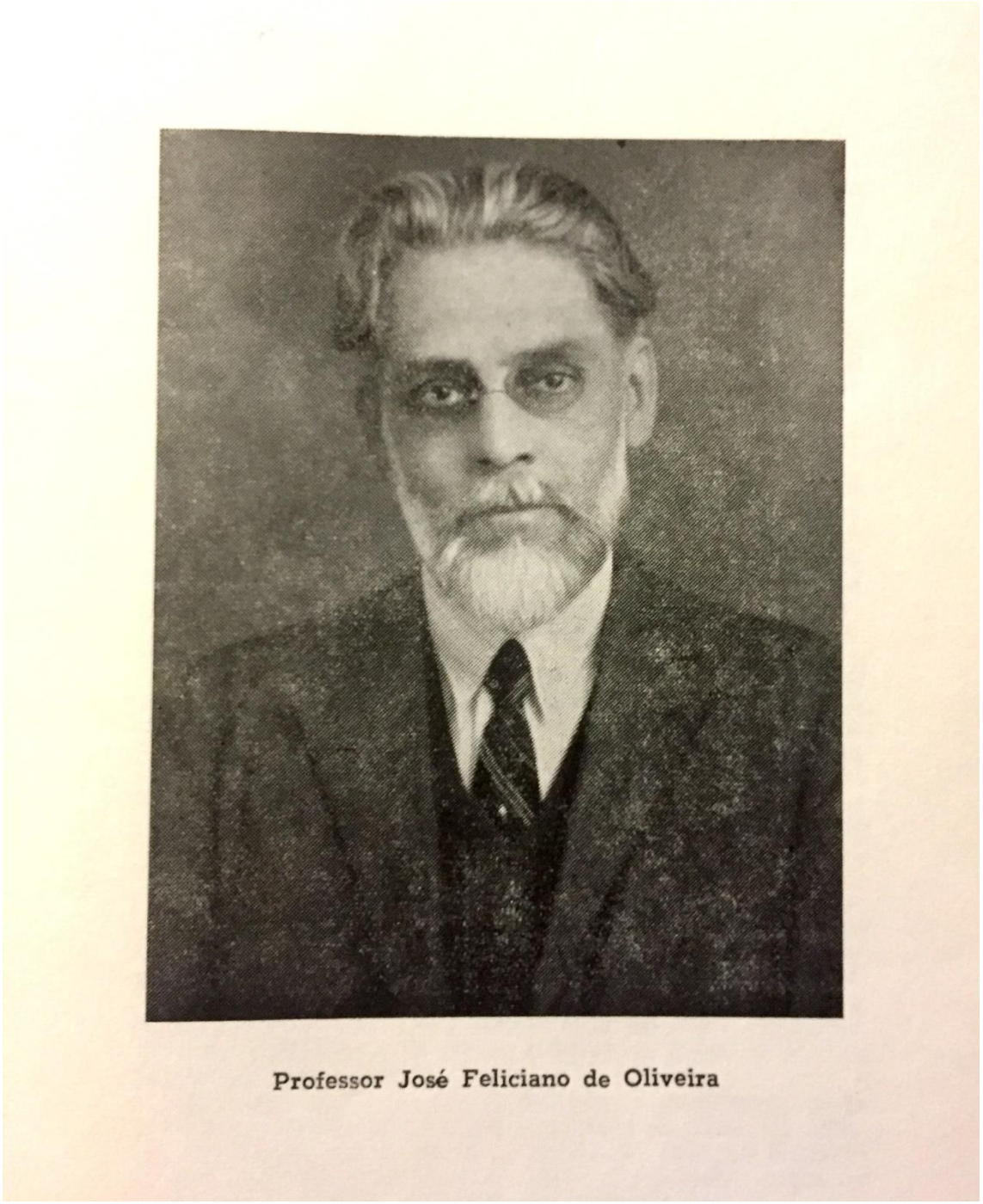
Soube se inserir nas instituições disponíveis aos intelectuais brasileiros de seu tempo, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o congênere paulista e a Academia Paulista de Letras, uma vez que a vida universitária no Brasil surgiria somente algumas décadas após a decisão de mudança definitiva para a França. A decisão de investir no conhecimento da doutrina positivista de forma planejada a fim de que pudesse atingir maiores posições compatíveis com o apostolado, aliada à habilidade em construir relações com as lideranças europeias da doutrina lhe permitiram penetrar em um campo carregado de disputas desde quando Comte ainda era vivo.

A busca pelo reconhecimento do investimento pessoal na construção do capital cultural foi uma marca ao longo da vida, o que carregou tensões pelo fato do subjetivismo ser combatido no discurso doutrinário dos positivistas. Feliciano procurou encontrar o lugar almejado em meio ao equilíbrio difícil entre o foco no interesse social e a glória de ser institucionalizado com o devido reconhecimento sem ser acusado de individualismo. A manifestação na imprensa escrita republicana que buscava o esclarecimento da opinião pública foi uma estratégia que o acompanhou durante toda a trajetória intelectual. A tardia preocupação com a permanência da vasta obra textual em suportes mais perenes, acompanhada da falta de inserção universitária, certamente prejudicaram o intuito de que sua obra fosse mais conhecida pelas gerações que o sucederam, caminhando para o esquecimento. A longa permanência na Franca foi outro fator que não contribuiu para a construção das pontes que pudessem conduzir à continuidade da divulgação de sua obra para a construção nacional brasileira, ainda que investisse no envio de correspondências a personalidades ilustres.

A ligação profunda com a doutrina positivista não ajudou Feliciano no aspecto de incorporar efetivamente na obra os constantes avanços de comunicação no planeta, que fizeram com que a informação fluísse cada vez mais em direções variadas. Com o tempo, foi sendo dificultada a imposição positivista de um modelo normativo baseado essencialmente na ciência que regulasse com disciplina toda a vida em sociedade, incorporando toda a emoção humana. Como demonstrado na disputa com Paulo Carneiro, permaneceu fiel ao modelo de professor normalista, que deveria se dirigir como autoridade do conhecimento a seu público.

Permanecem ainda lacunas a ser preenchidas com a continuidade de pesquisas no Brasil e na Europa. O ineditismo desta proposta de abordagem do conjunto da obra do mestre paulista pretendeu abrir possibilidades de investigação que considerem os variados aspectos da atuação dos positivistas na construção nacional. A continuidade da exploração da ampla produção textual para a imprensa brasileira e francesa trará novas contribuições para o entendimento da vida e obra do mestre paulista, assim como os escritos de sua rede de relacionamentos. Ainda que o movimento doutrinário positivista tenha perdido força ao longo do tempo, o legado para a história brasileira permanece e precisa ser convenientemente estudado. A vasta produção intelectual de Feliciano é um exemplo de diálogo de um positivista com o repertório da época em que viveu e que requer permanente esforço para a contextualização histórica que contemple adequadamente os acontecimentos e personagens a eles relacionados.

Fig.20. Retrato de Feliciano.



Fonte: Campos, s.d., acervo pessoal do autor.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento. A Geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARARIPE, Tristão Alencar de. " Indicações sobre a História Nacional". In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1895.

BARROS, Roque Spencer Maciel de Barros. *A Ilustração Brasileira e a Ideia de Universidade.* São Paulo, SP: Seção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1959.

BARROS, Roque Spencer Maciel de Barros. *Ensaios sobre Educação*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editorial Grijalbo ltda, 1971.

BONTEMPI Júnior, Bruno. *Modelos de Instrução e Cultura Política: os países estrangeiros no Inquérito sobre a instrução pública no estado de São Paulo e suas necessidades de 1914*, In: *History of Education & Children's Literature.* Itália: Edizioni di Maserata, 2008.

BONTEMPI Júnior, Bruno. "Brasileiros e não yankees: americanismo e patriotismo e"a educação nacional" (1890)". In: *Revista Educação em Foco*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

BOSI, Alfredo. "O Positivismo no Brasil: Uma Ideologia de Longa Duração". In: *Do Positivismo à Desconstrução: Ideias Francesas na América*. PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). São Paulo: EDUSP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. "O Capital Social – Notas Provisórias"; "Os Três Estados do Capital Cultural".. In: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) *Pierre Bourdieu. Escritos em Educação.* Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMPOS, Moacyr. *Um Grande Mestre (José Feliciano de Oliveira),* snt.

COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1956)

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Os Bestializados.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *A Formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Pontos e Bordados: escritos de história e política.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARVALHO, Rosana Areal de; MACHADO, Raphael Ribeiro. "Educação Intelectual, Moral e Física: as influências de Herbert Spencer na criação do programa de ensino primário mineiro de 1906". In: *ANAIS - VI Congresso Brasileiro da História da Educação*, Vitória, ES, 2011. Disponível em:
http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/416.pdf
Acesso em 24/01/2016.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. " A Caixa de Utensílios e a Biblioteca: pedagogia e práticas de leitura." In: *Brasil 500 anos: tópicas em história da educação*/ Diana Gonçalves Vidal, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (organizadoras). São Paulo: Edusp, 2001.

CATANI, Denice. *Educadores à Meia-Luz (Um Estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: (1902-1918).* Tese de doutorado apresentada à Faculdade de educação da USP, São Paulo, 1989.

CATANI, Denice. "Memória e Biografia: o poder do relato e o relato do poder" na História da Educação. In: CATANI, D.B. *Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil.* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.p.73-80.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL,

Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*; tradução Fulvia M.L.Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e Apagar*; tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CHARTIER, Roger. *Origens Culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COMTE, Auguste. "Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo". Tradução: José Arthur Giannotti In: *Os Pensadores -Auguste Comte*. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 2000.

COMTE, Auguste. "Curso de Filosofia Positiva". Tradução: José Arthur Giannotti. In: *Os Pensadores -Auguste Comte.* São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 2000.

COMTE, Auguste. "Catecismo Positivista". Tradução e notas: Miguel Lemos. In: *Os Pensadores -Auguste Comte.* São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 2000.

COSTA, Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olimpio,1956.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. " Gêneros e Progressão em Expressão Oral e Escrita – Elementos para Reflexões sobre uma Experiência Suíça (Francófona)". In: *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DURKHEIM, Émile. *A Educação Moral.* Tradução: Raquel Weiss. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Tradução Salma Tanus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIXO, José Portugal. "O Positivismo em S. Paulo". In: O Estado de S. Paulo, 30/06/1998, p. 2.

FREYRE, Gilberto. "Prefácio da Edição Brasileira" In: *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira.* Oliveira Lima. São Paulo: Publifolha, 2000.

GENTIL, Bruno, La maison d'Auguste Comte, témoin de l'histoire du positivisme , Bulletin de la Sabix [En ligne], 30 | 2002, mis en ligne le 05 novembre 2010, consulté le 24 april 2017. URL : http://sabix.revues.org/341

GIANNOTTI, José A. "Vida e Obra". In: *Auguste Comte.* São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 2000. [*Os Pensadores*].

GONÇALVES JUNIOR, Ernando Brito. "Intelectuais e República: Educação Integral no pensamento de Dario Vellozo". In: *Temporalidades – Revista discente* – UFMG, 2012. Disponível em:
http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/07p154.pdf . Acesso em 24/01/16

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios.1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780. Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HORCH, Rosemairie E. "Biblioteca José Feliciano de Oliveira". In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, no. 19, 1977.

LEMOS, Miguel. *Circular e Documentos Relativos à Exclusão de um Membro de Nossa Igreja*. Rio de Janeiro: sede central da Igreja Positivista do Brasil, 1898.

LEPENIES, Wolf. *Las Tres culturas. La Sociología entre la literatura y la ciencia*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.

LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LUCA, Tania Regina. " Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos". In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanesi Pinsky (org.) São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MEDEIROS, Antonio Hippolyto de. "As mulheres emancipam-se". In: *Revista dos Novos* no. 2. São Paulo, 1885.

MENDES, Teixeira. *A Direção do Positivismo no Brasil.* Carta Dirigida ao Cidadão Godofredo Furtado. Rio de Jnaiero, 1898.

MENEZES, Maria Cristina (org.) *Educação, memória, história.* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

MICELI, Paulo. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sergio. "Por Uma Sociologia das Ciências Sociais". In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. Sergio Miceli (org.) São Paulo: Editora Sumaré, 2001.
MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: o corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça. O Lado Noturno das Luzes.* Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2000)

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Os Sentidos da Alfabetização*. (São Paulo/1876-

1994). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NERY, Ana Clara Bortoleto; VIEIRA, Cesar Romero Amaral. "Universidade Popular de Piracicaba: a vulgarização do ensino". In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013. Disponível em:
http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/UNIVERSIDADE%20POPULAR%20DE%20PIRACICABA.pdf
Acesso em 24/01/2016.

OLIVEIRA, Dolores C. Feliciano de. "Prefacio". In: *Os Precursores da Aviação. (Seus Pais e seus Avós).* São Paulo: Fundação Santos Dumont, 1966.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *A Bandeira Nacional*. São Paulo: Typ. Augusto Siqueira & Cia., 1907-1908.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *A Educação e a Urbanidade*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1952.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *A Propaganda Positivista em S. Paulo. (Explicação decisiva aos amigos e correligionários)*, São Paulo, Rua General Jardim, 6, 1898.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *A Revolução Francesa e a Educação Universal*. São Paulo: Typ. Visconti, Del Frate & C., 1906.

OLIVEIRA, José Feliciano de. "Centenário de uma Aula Normal - Escola Normal, Reminiscências, parte I." In: O Estado de S. Paulo, 02/06/1946, p.8.

OLIVEIRA, José Feliciano de. "Cartinha e Cartilha para Aprender a Ler (Reminiscências para ensino verdadeiro)" In: O Estado de S. Paulo, 25/12/1946, p.6.

OLIVEIRA, José Feliciano de. "Crônica do mês". In: *Revista dos Novos* no. 5. São Paulo,

1885.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *Evolução Moral e seus Aspectos Educativos (considerações gerais).* In: O Estado de S. Paulo, 03/12/1909, p.4.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *José Bonifácio e a Independência*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *L'Humanité*. Paris: Societé Positiviste Internationale, 1939.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Le Positivisme Religieux. La Religion de l'Humanité*, snt, 1957.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Les Habiletés de M. Lemos (À Nos Coreligionnaires Étrangers)*, São Paulo: Rue General Jardim, 6, 1899.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Mon Action Positiviste a Paris (A propos de la Maison d'Auguste Comte)*. Paris: Chez lauteur, 25, Rue de Longchamp,1951.

OLIVEIRA, José Feliciano de. "Notas Esparsas" (1907); "Ensino Integral" (1910), "A Vulgarização do Ensino" (1910). In: O Ensino – Notas Esparsas, snt.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Notas Civilistas*. São Paulo: Gráfica São José, s.d.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *O Descobrimento do Brasil*. São Paulo: Espindola, Siqueira & C, 1900.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *O Ensino em S. Paulo.* (*Algumas Reminiscências*). São Paulo: TYP Siqueira, 1932.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *O Novo Culto. A Mulher e a Arte*, snt, 1899.

OLIVEIRA, José Feliciano de. *O Novo Regime*. Snt, 1889-1890.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *O Supremo Par*. São Paulo: Typ. e Lith. da Comp. Centro Industrial de S. Paulo, 1891.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *O Partidarismo Positivista em São Paulo*. São Paulo: Rua General Jardim, 6, 1898.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Os Pais da República e Seus Primeiros Dias*. São Paulo: Editora Logos, 1957.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Os Precursores da Aviação. (Seus Pais e seus Avós).* São Paulo: Fundação Santos Dumont, 1966.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Tiradentes*. São Paulo: EDAMERIS, 1966.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Vulgarização do Ensino*. São Paulo: Tipografia Brazil de Rothschild & Cia, 1910.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. "Vulgarizacao do Ensino". In: OESP, 04/09/1910.

OLIVEIRA, José Feliciano de Oliveira. *Voeux et Voeux*. Noisy-le-Grand: École Professionelle d'Imprimerie – Chateau de la Varenne, 1905.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Introdução" In: *Do Positivismo à Desconstrução: Ideias Francesas na América*. PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). São Paulo: EDUSP, 2004.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. "Capistrano de Abreu (1907) O Surgimento de um *Povo Novo*: o povo

brasileiro". In: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH-USP, 1998.

REIS Filho, Casemiro do Reis. *A Educação e a Ilusão Liberal*. São Paulo: Cortez: Autores Associados,1981.

RODRIGUES, João Lourenço. *Um retrospecto. Alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

ROMERO, Silvio. *Doutrina contra Doutrina. O evolucionismo e o positivismo na República do Brasil.* Rio de Janeiro: J.B. Nunes, 1894.

SCWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Norma Felicidade Lopes da Silva. *A Idéia de Educação em José Feliciano de Oliveira.* 1988. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: construção do currículo da escola primária no Brasil. In: Cadernos Cedes, ano XX, no 51, novembro/2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a02v2051.pdf
Acesso em 24.01.2016

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: A implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).* São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. "O Significado de "Raízes do Brasil". In: *Raízes do Brasil.* Sergio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPENCER, Herbert. *Education: Intellectual, moral, and physical*. London: G. Manwaring, 8, King William Street, Strand, 1861.

TANURI, Leonor Maria. *O Ensino Normal no Estado de São Paulo. 1890-1930*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1979.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *O Liberalismo Demiurgo. Estudo sobre a reforma educacional nos Pareceres de Rui Barbosa.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves,1906.

VIÑAO, Antonio. “Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres”. In: MENEZES, Maria Cristina. *Educação, memória, hsitória: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.